

VALÉRIA FARIA CARDOSO

ASPECTOS MORFOSSINTÁTICOS DA LÍNGUA KAIOWÁ (GUARANI)

Tese apresentada ao Instituto de Estudos da Linguagem da
Universidade Estadual de Campinas como requisito parcial
para a obtenção do Título de Doutora em Lingüística.

Orientadora: Prof^a.Dr^a. Lucy Seki

CAMPINAS

2008

Ficha catalográfica elaborada pela Biblioteca do IEL - Unicamp

C179a

Cardoso, Valéria Faria.

Aspectos morfossintáticos da língua Kaiowá (Guarani) / Valéria Faria Cardoso. -- Campinas, SP : [s.n.], 2008.

Orientador : Lucy Seki.

Tese (doutorado) - Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Estudos da Linguagem.

1. Índios Kaiowá - Línguas. 2. Índios - Línguas - Morfossintaxe. 3. Gramática comparada e geral - Casos. 4. Voz inversa. I. Seki, Lucy. II. Universidade Estadual de Campinas. Instituto de Estudos da Linguagem. III. Título.

tjj/iel

Título em inglês: Morphosyntactic aspects of Kaiowá (Guarani) language.

Palavras-chaves em inglês (Keywords): Indians Kaiowá – Language; Indians – Language – Morphosyntax; Grammar, comparative and general – Case; Inversion voice.

Área de concentração: Lingüística.

Titulação: Doutor em Lingüística.

Banca examinadora: Profa. Dra. Lucy Seki (orientador), Prof. Dr. Dercir Pedro de Oliveira, Prof. Dr. Frantomé Bezerra Pacheco, Profa. Dra. Tânia Maria Alkmin, Profa. Dra. Cristina Martins Fargetti.

Data da defesa: 08/08/2008.

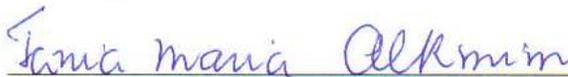
Programa de Pós-Graduação: Programa de Pós-Graduação em Lingüística.

BANCA EXAMINADORA:

Lucy Seki



Tânia Maria Alkmim



Cristina Martins Fargetti



Dercir Pedro de Oliveira



Frantomé Bezerra Pacheco



Angel Humberto Corbera Mori

Jonas de Araújo Romualdo

Maria Bernadete Marques Abaurre

À MINHA AMADA MÃE **LUZIA** (IN MEMORIAM);
AOS MEUS AMADOS: PAI **ANTÔNIO** E IRMÃOS **WELITON** E **FÁBIO**;
E AOS MEUS AMADOS FILHOS: **SOFIA** E **JOÃO VITOR**; DEDICO.

AGRADECIMENTOS

Aos Kaiowá, pela acolhida em suas comunidades e pela generosidade ao transmitirem ensinamentos sobre a cultura e a história de seu povo. Em especial, à Floriza de Souza Filho (Nhandesy), ao Helio Jorge da Silva (Nhanderu), ao Ernesto Fernandes Ortiz, ao Eliel Benites e à Zélia Regina Benites Duarte, informantes, amigos e colaboradores da pesquisa.

À minha orientadora, Profa. Dra. Lucy Seki, que entendendo as particularidades dos momentos vividos ao longo do processo, soube ser paciente e consentir, soube ser amiga e incentivar. Com carinho e admiração, meus sinceros agradecimentos.

À Profa Dra. Cristina Martins Fargetti e ao Prof. Dr. Frantomé Bezerra Pachêco, pelas várias sugestões e preciosa participação na banca de qualificação da tese.

Às Profas. Dras. Maria Bernadete Marques Abaurre e Maria Filomena Sândalo e ao Prof. Dr. Angel Cobera Mori, pela orientação e valiosas sugestões feitas na qualificação fora de área de tese, área de Fonética e Fonologia.

Aos Profs. Drs. Dercir Pedro de Oliveira, Frantomé Bezerra Pachêco, Angel Humberto Corbera Mori, Jonas Araújo Romualdo e às Profas. Dras. Cristina Martins Fargetti, Tânia Maria Alkmin e Maria Bernadete Marques Abaurre, por terem aceito compor a banca de defesa desta tese.

Aos Profs. Drs. Angel Corbera Mori, Jairo Morais Nunes, Lucy Seki, Mary Kato, Maria Bernadete Marques Abaurre, Maria Filomena Sândalo, Ingedore Koch, Edwiges Morato e Eduardo Guimarães, professores da Unicamp, pela ampla contribuição para formação lingüística.

Ao amigo Antônio José Filho, pela apresentação ao povo Kaiowá.

Ao Prof. Dr. Dercir Pedro de Oliveira, pela amizade e pelo apoio e incentivo desde o mestrado na UFMS.

Aos companheiros de área de pesquisa: Ilda de Souza, Antônia Alves Pereira, Raynice Geraldine Pereira da Silva, Mônica Veloso Borges, Frantomé Bezerra Pacheco, Gláucia Vieira Cândido, Flavia Alves, Maria Pankararu, Namblá Gakran, Rogério Vicente Ferreira, Vitória Spanghero-Ferreira, Mateus Coimbra de Oliveira, Walquíria Neiva Praça, Manoel Gomes dos Santos, entre outros, pelos bons momentos no IEL.

Ao setor de Pós-Graduação do IEL/Unicamp, pelo competente desempenho de suas funções.

À CAPES, pelo auxílio concedido (Bolsa PQI), que permitiu o desenvolvimento das atividades desta pesquisa.

À Universidade do Estado de Mato Grosso (Unemat), pela concessão de licença e pelo incentivo para cursar o doutorado, e aos colegas de trabalho do Departamento de Letras do Campus Universitário de Alto Araguaia.

À Profa. Cássia Regina Tomanin, pela amizade, pela leitura e sugestões oferecidas ao trabalho.

Aos amigos: Marlon Leal Rodrigues, Roberto Leiser Baronas, Hélio Clementino dos Santos, Osmar Quim, Albano Dalla Pria, Edileusa Gimenes Moralis, Rosimar Rodrigues de Oliveira, Cássia Regina Tomanin, Gislaine Aparecida de Carvalho e Gilberto Cardoso da Fonseca, pela torcida e pelo companheirismos de sempre.

Às amigas de sempre: Maria da Conceição Carvalho dos Santos, Ilda de Souza, Vanilda Guimarães, Custódia de Souza e Marinalva Corrêa pelas preces e pelas palavras de encorajamento.

Aos meus pais: Antônio Tiburcio Cardoso e Luzia de Faria Cardoso (in memoriam), por todo amor consagrado e pela compreensão e incentivo que souberam dedicar sempre.

Ao meu irmão Weliton Cardoso, pelo estímulo, pelo carinho e pelo exemplo de dedicação aos estudos.

Ao meu irmão Fábio Augusto Cardoso, à minha cunhada Amanda Zotelli e à minha sobrinha Lorena Zotelli Cardoso, pelo carinho, incentivo e apoio de sempre.

Aos meus amados filhos: Sofia Cardoso Göergen e João Vitor Cardoso Clementino, pelo amor dedicado, pela companhia e pela felicidade proporcionada cotidianamente.

E, principalmente, ao meu Deus, o meu Senhor.

RESUMO

A presente tese tem por objetivo oferecer uma descrição e análise de aspectos fundamentais da morfossintaxe do Kaiowá (Guarani), que permita um conhecimento plausível de sua gramática. Inicialmente, a tese traz considerações à respeito do povo Kaiowá e sua língua, além de tratar da metodologia empregada na pesquisa lingüística de campo. Posteriormente, é apresentada a descrição seguida de análise gramatical do Kaiowá que projetou a pesquisa a uma análise primeira da marcação de caso e de voz inversa. Neste trabalho, defende-se a idéia de que o Kaiowá é uma língua Ativa/Inativa (Cisão Intransitiva), e que a marcação de caso intra-clausal apresenta cisões motivadas por operações morfossintáticas e pela pragmática, o que resulta em diferentes configurações da marcação de caso na língua: nominativo/acusativo, ergativo/absolutivo ou ergativo/acusativo. Quanto à voz inversa, pode-se concluir que a análise sobre inversão proposta por Payne (1994) para as línguas Tupi-Guarani, aplica-se ao Kaiowá, e, pelo que se observa pelas análises, essa é uma língua de inversão semântica motivada pela hierarquia de pessoa.

PALAVRAS-CHAVE: 1. Kaiowá (Guarani); 2. Línguas Indígenas; 3. Morfossintaxe; 4. Caso; 5. Inversão.

ABSTRACT

In this dissertation a description and an analysis of fundamental aspects of Kaiowá (Guarani) morphosyntax are presented. It results in a plausible knowledge of the grammar of this language. First, considerations on Kaiowá people and its language are made. It is also presented a discussion on the methodology adopted in the fieldwork of linguistic research. Second, the description is presented followed by grammatical analysis of Kaiowá that projected the research to a first analysis of case marking and inverse voice. In this dissertation, the idea of Kaiowá as an Active/Inactive (Split-S) is claimed. Splits motivated by morphosyntactic operation and by pragmatics are presented in intra-clausal case marking. It results in different configurations of case marking in the language: nominative/accusative, ergative/absolute or ergative/accusative. Concerning the voice inverse it is possible to conclude that Payne's (1994) analysis of inversion on Tupi-Guaraní languages is to Kaiowá. The semantic inverse motivated by the person hierarchy was also revealed through the analysis.

Key-words: 1. Kaiowá (Guaraní); 2. Indigenous Language; 3. Morphosyntax; 4. Case; 5. Inversion.

LISTA DE QUADROS

Quadro 1. Consoantes	26
Quadro 2. Vogais	27
Quadro 3. Realização e representação dos fonemas	27
Quadro 4. Categoria de posse	34
Quadro 5. Pronomes clíticos	35
Quadro 6. Prefixos relacionais	38
Quadro 7. Tipos semânticos de “adjetivos”	62
Quadro 8. Séries de prefixos e clíticos pronominais marcadores de pessoa	67
Quadro 9. Categoria de Voz	80
Quadro 10. Organização dos morfemas de Tempo	89
Quadro 11. Aspecto	90
Quadro 12. Advérbios temporais	99
Quadro 13. Advérbios locativos	100
Quadro 14. Advérbios Interrogativos	101
Quadro 15. Pronomes pessoais e Pronomes Clíticos	104
Quadro 16. Pronomes Dêíticos	107
Quadro 17. Pronomes interrogativos	108
Quadro 18. Posposições em posição de adjunto	111
Quadro 19. Posposições em posição de complemento	114
Quadro 20. Séries de prefixos e clíticos pronominais marcadores de pessoa e caso	140
Quadro 21. Prefixos da série I e relacionais marcadores da não-pessoa do discurso e caso	140
Quadro 22. Marcadores de pessoa no predicado	167
Quadro 23. Séries de marcadores de pessoa e caso	168
Quadro 24. Alinhamento em Guarani Antigo	170
Quadro 25. <i>Portmanteau</i>	171

Quadro 26. Marcadores de caso	177
Quadro 27. Estratégias de codificação de caso	178
Quadro 28. Codificação de (A) e (O)	183
Quadro 29. Cisão de caso e inversão semântica em Kaiowá	184

ABREVIATURAS E SÍMBOLOS

A	sujeito de predicados transitivos
Abs	absolutivo
Acus	acusativo
Adv	advérbio (adverbial)
Alat	alativo
Asp	aspecto
At	ativo
aten	atenuativo
Benif	benefactivo
cf.	confira
Caus	causativo, causa
Comit	comitativo
Compl	completivo
Cons	consecutivo
Cop	cópula
Dat	dativo
Desc	descritivo
Det	determinante
dim	diminutivo
Dir	direcional
Erg	ergativo
excl	exclusivo
Foc	foco
Fut	futuro
hip	hipotético
Imin	iminentivo
Imp	imperativo

Inat	inativo (estativo, descritivo)
incl	inclusivo
ind	indefinido
Iness	inessivo
Inf	informante
Int	intensificador
Inter	interrogativo
Instr	instrumental
Loc	locativo
N	nome
Nom	nominativo
neg	negação
O	objeto
OI	objeto indireto
Ptc	partícula
Pass	passado
Perl	perlativo
Perm	permissivo
Pres	presente
pl	plural
Pont	pontual
poss	posse (possessivo)
Posp	posposição
rec	recíproco
refl	reflexivo
rel	relacional
rem	remoto
rep	reportivo
sg	singular
S	sujeito intransitivo

Sa	sujeito intransitivo ativo
SAdj	sintagma adjetival
SAdv	sintagma adverbial
SN	sintagma nominal
So	sujeito intransitivo descritivo
SP	sintagma posposicional
SV	sintagma verbal
Subj	subjuntivo
T	tempo
TAM	tempo, aspecto e modo
Top	tópico
V	verbo
Vintr	verbo intransitivo
∅	zero (morfema) ou categoria vazia (núcleo de sintagma)
[]	realização fonética
//	representação fonológica
{ }	morfema
=	cliticização
-	fronteira de morfema
ʔ	/ ʔ/ (obstruinte glotal)
*	agramatical
~	variação, alternância

SUMÁRIO

Resumo

Abstract

Lista de Quadros

Abreviaturas e Símbolos

1 INTRODUÇÃO	1
2 KAIOWÁ: O POVO E SUA LÍNGUA	5
2.1 Os Guarani	5
2.2 Os Kaiowá: demografia e localização	8
2.3 Aspectos sócio-histórico-culturais dos Guarani Kaiowá	10
2.4 Os Kaiowá e sua nova realidade	13
2.5 Filiação genética e estudos lingüísticos prévios sobre o Guarani e o Kaiowá	16
2.5.1 Estudos realizados sobre o Guarani	18
2.5.2 Estudos lingüísticos sobre o Kaiowá	19
3 CONSIDERAÇÕES SOBRE A PESQUISA LINGÜÍSTICA	23
3.1 Metodologia e Técnicas da Pesquisa de Campo	23
3.1.1 O Corpus	25
3.1.2 Colaboradores	25
3.2 Apresentação dos dados no corpo do trabalho	26
4 CLASSES DE PALAVRAS	31
4.1 Nomes	32
4.1.1 Categoria de Posse	33
4.1.1.1 Pronomes clíticos marcadores de pessoa e número	35
4.1.1.2 Prefixos Relacionais	36

4.1.2 Categoria de Número	41
4.1.3 Categoria de Gênero	42
4.1.4 Marcação de Caso	44
4.1.5 Breves considerações sobre a Categoria de Tempo Nominal	47
4.1.6 Outras operações derivacionais	51
4.1.7 Propriedades estruturais dos nomes	53
4.1.8 Propriedades distribucionais dos nomes	54
4.1.9 Negação do nome	58
4.2 Verbos	59
4.2.1 Tipos de verbos	59
4.2.1.1 Verbos Transitivos	60
4.2.1.2 Verbos Intransitivos	60
4.2.1.2 Verbos Intransitivos Ativos	60
4.2.1.3 Verbos Intransitivos Inativos	61
4.2.1.4 Cópula	66
4.2.2 Categoria de pessoa e número	66
4.2.2.1 Marcadores de pessoa e número no verbo transitivo	67
4.2.2.2 Marcadores de pessoa e número no verbo intransitivo	72
4.2.2.2.1 Marcadores de pessoa e número no verbo intransitivo ativo	72
4.2.2.2.2 Marcadores de pessoa e número no verbo intransitivo inativo	73
4.2.2.2.3 Marcadores de pessoa e número no verbo copulativo	75
4.2.3 Prefixos de Relacionais: uma outra alternativa de análise	77
4.2.3.1 Prefixos Relacionais: como Categoria de Voz em verbos transitivos	77
4.2.4 Categorias de Tempo, Modo e Aspecto (TAM)	80
4.2.4.1 Categoria de modo	81
4.2.4.1.1 Indicativo	81
4.2.4.1.2 Imperativo	82
4.2.4.1.3 Subjuntivo	84
4.2.4.1.4 Consecutivo	85

4.2.4.2 Tempo	85
4.2.4.2.1 Tempo Passado	85
4.2.4.2.2 Tempo Futuro	87
4.2.4.3 Aspecto	90
4.2.4.3.1 Aspecto Pontual {ma} ‘já’	90
4.2.4.3.2 Aspecto Completivo {-pa} com variação alomórfica {-mba} ‘acabar, terminar’	91
4.2.4.3.3 Aspecto Iminentivo {-pota} ‘querer, poder’	91
4.2.4.3.4 Aspecto Permissivo {-katu} ‘poder’	92
4.2.4.3.5 Aspecto Atenuativo {mĩ} ‘por favor’	92
4.2.5. Outros morfemas afixados no verbo	93
4.2.5.1 Morfema Causativo {-mo} – Transitivizador	93
4.2.5.2 Morfema Causativo Comitativo {ŋwere- ~ re-} – com verbos copulativos	93
4.2.5.3 Morfema Causativo {-uka} – com verbos transitivos	94
4.2.5.4 Morfema descontínuo de negação {na- ... -i}	95
4.2.5.5 Morfema desiderativo {-se}	96
4.2.6 Propriedades estruturais dos verbos	97
4.3 Advérbios	98
4.3.1 Subclasses de Advérbios	99
4.3.1.1 Temporais	99
4.3.1.2 Locativos	100
4.3.1.3 Advérbios interrogativos	101
4.4 Pronomes	103
4.4.1 Pronomes pessoais	103
4.4.2 Pronomes pessoais clíticos	105
4.4.3 Pronomes dêiticos	107
4.4.4 Pronomes interrogativos	108
4.5 Posposições	110
4.5.1 Tipos de posposições	110
4.5.1.1 Posposições em posição de adjunto	110

4.5.1.2	Posposições em posição de complemento	113
4.6	Partículas	116
4.6.1	Partícula {ete} ‘de verdade, mesmo, realmente’	116
4.6.2	Partícula {reŋ} ‘a toa, sem razão, por nada’	117
4.6.3	Partícula {etereŋ} ‘intensiva’	117
4.6.4	Partícula {tee} ‘próprio, verdadeiro’	118
4.6.5	Partícula {te} ‘foco’	118
4.6.6	Partícula {awe} ‘também’	119
4.6.7	Partícula {hikwaŋ} ‘todos’	119
4.6.8	Partícula {hinã} ‘continuativo’	119
4.6.9	Partícula {kweɾɨ} ‘pluralizadora’	120
4.6.10	Partículas {añ} ‘negação’	120
4.6.11	Partículas {tɨ(po)}, {pa}, {nipo} ‘interrogação’	121
4.6.12	Partículas inter-clausais {waʔe}, {ramõ}, {rire} e {ha}	122
4.6.13	Partículas de tempo/aspecto {mõʔã}, {kuri}, {arã}, {mĩ} e {mã}	123
5	MORFOSSINTAXE INTRA-CLAUSAL	125
5.1	Identificação de Predicados	125
5.1.1	Predicados Verbais	125
5.1.1.1	Predicado Verbal Transitivo	126
5.1.1.2	Predicado Verbal Intransitivo	127
5.1.1.2.1	Predicado Verbal Intransitivo Ativo	127
5.1.1.2.2	Predicado Verbal Intransitivo Inativo	128
5.1.1.3	Predicado Verbal Copulativo	129
5.1.2	Predicados Não-Verbais	130
5.1.2.1	Predicados Possessivos	130
5.1.2.2	Predicados Equativos	131

5.1.2.3 Predicados Locativos	131
5.2 Identificação dos Argumentos	132
5.2.1 Funções Gramaticais Nucleares dos SNs	132
5.2.1.1 Funções gramaticais nucleares internas dos SNs	133
5.2.1.1.1 SN em função de (A)	133
5.2.1.1.2 SN em função de (Sa)	134
5.2.1.1.3 SN em função de (O)	135
5.2.1.1.4 SN em função de (So)	138
5.2.1.2 Funções gramaticais nucleares oblíquas do SN	139
5.2.2 Funções Gramaticais Periféricas dos SNs	141
5.2.2.1 SN em função de tópico	141
5.2.2.2 SN em função de foco	142
5.3 Ordem dos Constituintes	143
6 MORFOSSINTAXE DA SENTENÇA	147
6.1 Orações Independentes	147
6.1.1 Orações Declarativas	147
6.1.1.1 Orações Declarativas Afirmativas	147
6.1.1.2 Orações Declarativas Negativas	149
6.1.2 Orações Interrogativas	150
6.1.3 Orações Imperativas	153
6.2 Orações Dependentes	154
6.2.1 Completivas	155
6.2.2 Relativas	156
6.2.2.1 relativização de (S)	156
6.2.2.2 relativização de (A)	157
6.2.2.3 relativização de (O)	157
6.2.2.4 relativização de Oblíquo	157
6.2.3 Adverbiais	158
6.2.3.1 Temporais	158

6.2.3.2 Causais	159
6.2.3.3 Condicionais	160
6.2.4 Coordenadas	160
6.2.4 1 por justaposição (parataxe)	160
6.2.4 2 por partícula coordenativa {ha}	160
6.2.4.2.1 Conjuntiva	161
6.2.4.2.2 Disjuntiva	161
6.2.4.2.3 Coordenação de Constituintes	161
7 CISÕES NA MARCAÇÃO DE CASO E INVERSÃO SEMÂNTICA	163
7.1 Sistema Ativo/Inativo, Split-S, Ativo/Agentivo	163
7.2 Marcação de caso entre predicados bi e monoargumentais em Kaiowá	165
7.3 Marcação de Caso Intra-clausal	168
7.3.1 Aspectos morfossintáticos dos prefixos da série III	171
7.3.2 Cisão acusativa e o caso marcado pela série III	173
7.3.3 Estratégias de marcação de caso intra-clausal	176
7.3.3.1 Marcadores de pessoa e caso	177
7.3.3.2 Cisões no caso morfológico	177
7.4 Inversão Semântica em Kaiowá	180
8 CONSIDERAÇÕES CONCLUSIVAS	187
REFERÊNCIAS	191
APÊNDICE	201
Sistematização da Fonologia Kaiowá: nasalização e/ou oralização	203
ANEXOS	249
Anexo A: Mapa - Localização das áreas Kaiowá/Guarani no MS	251
Anexo B: Texto Kaiowá	253
Anexo C: Fotos Kaiowá	259

1 INTRODUÇÃO

A ciência da linguagem, tendo como objetivo a compreensão da natureza da linguagem humana, fenômeno que se caracteriza pela unidade na diversidade, manifestando-se em cada língua de forma particular, deve apoiar-se em ampla base empírica, partindo-se do princípio de que para conhecer a linguagem humana é necessário conhecer os limites de sua variação, o que pode ser alcançado através do estudo de suas diferentes manifestações. O conhecimento dos fenômenos de novas línguas ou leva à confirmação de princípios estabelecidos com base em dados de línguas já estudadas, ou, ao revelar a existência de fenômenos não considerados nas formulações teóricas, contribui para o desenvolvimento da ciência ao possibilitar, com a incorporação destes fenômenos, a introdução de reajustes e/ou reformulações de hipóteses e teorias. (SEKI, 2003 p.2).

A presente tese tem por objetivo oferecer à comunidade acadêmica uma proposta de descrição e análise de aspectos fundamentais da morfossintaxe do Kaiowá¹ (Guarani), que lhe permitam um possível conhecimento de sua gramática. Com o desenvolvimento desta pesquisa, buscamos contribuir para o conhecimento de dialetos e línguas indígenas da Família Tupi-Guarani, bem como de outra filiação genética, além de procurarmos cooperar com o desenvolvimento de novas formulações teóricas, ou ainda, “possibilitar (...) reajustes e/ou reformulações de hipóteses e teorias” (Seki, op. cit).

Com este trabalho de documentação de aspectos gramaticais do Kaiowá, esperamos também subsidiar a elaboração de dicionários, gramática de referência e materiais de leitura visando auxiliar trabalhos em escolas de educação bilíngüe das comunidades indígenas de Mato Grosso do Sul e de outras localidades.

A descrição e análise de aspectos fundamentais da morfossintaxe do Kaiowá projetaram-nos a uma análise primeira de seu sistema de marcação de caso e de marcação de voz. A abordagem lingüística que nos propomos seguir se fundamenta na perspectiva teórica tipológico-funcional, e deste ponto de vista, a língua é tomada como um sistema de ação social comunicativa. De tal modo, a língua é tanto uma ferramenta usada pelas pessoas num processo comunicativo, como um sistema simbólico formal. Portanto, a

¹ O termo Kaiowá é uma variação de ‘**kaagwa**’ “habitantes da mata”. Observamos grafias alternativas para o nome Kaiowá: Caiuá, Kaiwá, Kaajova e Kaiová.

conceptualização e a descrição de uma língua envolvem analisar suas propriedades sistemáticas formais e sua interpretação, levando em conta o caráter comunicativo e interacional da linguagem.

Nossa proposta de analisar aspectos morfossintáticos da língua Kaiowá, numa abordagem tipológico-funcional, ampara-se, basicamente, nos trabalhos de: Givón (1984, 1990, 1994); Andrews (1985), Dixon (1979, 1994); T. Payne (1997); D. Payne (1994); Seki (2000); Palmer (1994); Comrie (1989); Croft (1991); entre outros.

Como o trabalho consiste na descrição de aspectos da gramática Kaiowá, não há, a rigor, uma ordem temática a ser obedecida. Assim, as análises morfossintáticas apresentam-se divididas em tópicos que constituem quatro capítulos desta tese, seguindo os dois capítulos introdutórios: Kaiowá: o Povo e sua Língua e Considerações sobre a Pesquisa Lingüística; findando com o capítulo que traz as considerações conclusivas, além do artigo “Sistematização da Fonologia Kaiowá: nasalização e/ou oralização” (Cardoso, 2007), em apêndice, que é resultado da qualificação em Fonética e Fonologia, sob orientação da Profa. Dra. Maria Bernadete Marques Abaurre (IEL/Unicamp). A proposta de sistematização da Fonologia Kaiowá não integra como capítulo desta tese, por entendermos que o aporte teórico (não-linear) destoe da perspectiva tipológica-funcional que ampara o presente trabalho. A necessidade de anexar a referida análise fonológica está no fato de a utilizarmos na apresentação dos dados do Kaiowá (cf. 3.2 e apêndice).

Desta forma, o texto que ora se inicia, apresenta-se da seguinte maneira:

No capítulo intitulado “Kaiowá: o Povo e sua Língua”, apresentamos fatos da história do povo Guarani e de suas dispersões do ponto de vista geográfico, demográfico e lingüístico, além de tratamos de estudos precedentes que, na área da linguagem, referem-se ao Guarani e ao Kaiowá, para, posteriormente, tratarmos da distinção entre língua e/ou dialeto Kaiowá. Estes aspectos são baseados, principalmente, em trabalhos de historiadores e antropólogos, como: Schaden (1974), Mélia (1992), Brand (1997, 1998), Vietta (1998), Pereira (1999), entre outros, e de lingüistas como Rodrigues (1984/5, 1994), Grannier (2002), Guedes (1991), entre outros.

No capítulo “Considerações sobre a Pesquisa Lingüística”, tratamos aspectos relacionados à metodologia e técnicas de pesquisa de campo, à coleta de dados, ao corpus

utilizado na descrição e análise lingüística, além de referirmos à apresentação desses dados no corpo do trabalho.

No capítulo de número quatro, desenvolvemos a caracterização formal das “Classes de Palavras” do Kaiowá, a partir de propriedades morfossintáticas prototípicas apresentadas por Payne (1997): *as propriedades estruturais e as propriedades distribucionais*.

As propriedades estruturais, por meio do exame das operações flexionais e derivacionais, exibem a estrutura interna de diferentes categorias (ou classe de palavras) como raízes e seus marcadores gramaticais. *As propriedades distribucionais* fazem com que as categorias sejam distribuídas em sintagmas, cláusulas e textos. Por exemplo, o nome serve como núcleo de sintagmas nominais, sujeitos e objetos de cláusulas e tópicos de textos.

O capítulo quinto, intitulado “Morfossintaxe Intra-clausal”, tratamos de identificar predicados e constituintes sintagmáticos (argumentos) de orações independentes. Com relação aos *constituintes sintagmáticos*, mais especificamente sobre as funções gramaticais dos SNs, tomamos por base teórica o trabalho de Andrews (1985) que, em seu texto intitulado “The major functions of the noun phrase”, identifica funções gramaticais internas (nucleares e oblíquas) e funções gramaticais periféricas (presas e livre), *co-relacionadas* às funções semânticas e pragmáticas. As relações gramaticais estão, freqüentemente, sendo pensadas como relações entre argumentos e predicados em nível de estrutura lingüística, independentes de influências semânticas e pragmáticas. Entretanto, para a descrição lingüística, o importante é reconhecer que as relações gramaticais têm funções universais na comunicação e, que ao mesmo tempo podem ser definidas em termos de propriedades formais específicas de cada língua. As propriedades formais mais diretamente ligadas às relações gramaticais são as seguintes: a marcação de caso; a concordância verbal (ou cross-reference) e a ordem de constituintes.

No sexto capítulo, tratamos de aspectos elementares da morfossintaxe da sentença. Apresentamos uma descrição dos tipos de orações independentes seguida das orações dependentes, apontando para a existência de morfemas nominalizadores e de partículas que incidem em orações subordinadas e/ou coordenadas. As estratégias de combinações e de

contrastes entre orações principais e subordinadas necessitam de trabalhos aprofundados e não configuram como objeto do presente trabalho de tese.

No sétimo capítulo, “Cisões na Marcação de Caso e Inversão Semântica”, analisamos as estratégias de marcação de caso intra-clausal, tendo como apoio teórico, basicamente, os trabalhos de Dixon (1979 e 1994). Quanto a proposta de análise de construções inversas e diretas para o Kaiowá, apoiamos-nos no texto de Payne (1994) e nos trabalhos de Givon (1994) e Gildea (1994). De acordo com Dixon (1994), os termos referentes à marcação de caso: ergativo e ergatividade, assim como, acusativo e acusatividade, podem ser usados: i) para descrever o caminho que as funções sintáticas (gramaticais) são marcadas em clausulas simples (orações independentes) transitivas e intransitivas, que podem ser ergativamente morfológica ou acusativamente morfológica (ou intra-clausal), e ii) para descrever contrastes sintáticos numa língua em que se pode combinar clausulas simples com sentenças complexas, por meio da coordenação, subordinação, complementação, etc, caracterizando-a como acusativa sintática ou ergativa sintática (ou inter-clausal). O primeiro destes dois caminhos é o que basicamente norteia trabalho da presente tese.

Nas “Considerações Conclusivas”, resumimos os principais pontos discutidos na tese.

O trabalho inclui ainda três “Anexos”, contendo: no anexo A- mapa da localização das áreas Kaiowá/Guarani; no anexo B - o texto Kaiowá: *mĩtã kupã ha paɣwarete* “A menina (moça) e a onça”, com glosas e tradução livre; e no anexo C – Fotos de ambientes e pessoas das comunidades indígenas: Jaguapiru e Bororó (Dourados-MS), Amambai (Amambai-MS) e Caarapó (Caarapó-MS).

2 KAIOWÁ: O POVO E SUA LÍNGUA

Neste capítulo trazemos informações gerais a respeito da comunidade indígena Guarani. Fatos da história desse povo e de suas dispersões do ponto de vista demográfico, geográfico e lingüístico, que decorreram nos seguintes grupos Guarani: Mbyá, Nhandewa e Kaiowá (Brasil).

2.1 Os Guarani

Na época da chegada dos primeiros europeus ao Brasil, o número de línguas indígenas era em maior número do que é hoje. A causa maior desta redução foi o desaparecimento dos povos que as falavam, em consequência das campanhas de extermínio ou caça a escravos, movida pelos europeus, ou em virtude das epidemias de doenças contagiosas trazidas por estes, deflagradas involuntariamente (em alguns casos voluntariamente) no seio de muitos povos indígenas; ou pela redução progressiva de seus territórios de coleta, caça e plantio, ou, ainda, pela assimilação, forçada ou induzida, aos usos e costumes dos colonizadores.

Cada língua indígena brasileira não só reflete, assim, aspectos importantes da visão de mundo desenvolvida pelo povo que a fala, mas constitui, além disso, a única porta de acesso ao conhecimento pleno dessa visão de mundo que só nela é expressa. As múltiplas visões de mundo dos povos indígenas brasileiros - com todo o complexo cultural, social e emocional a elas associado - têm importância crítica para o conhecimento humano por se ter desenvolvido, durante alguns milhares de anos, com total independência histórica em relação às tradições culturais asiáticas e européias, que caracterizam a civilização ocidental. (RODRIGUES, 1994. p. 27)

Historicamente, os Guarani mantiveram contato com os europeus nas duas primeiras décadas do século XVI e esse convívio foi se ampliando e intensificando nas décadas seguintes. Os colonizadores portugueses os contataram, primeiramente, no litoral sul de São Paulo e, a partir daí, foram desbravando as comunidades mais meridionais, até a costa sul de Santa Catarina.

Os exploradores e colonizadores espanhóis tiveram contato com grupos Guarani também na costa catarinense e, posteriormente, entrando pelo Rio da Prata, na confluência dos rios Paraguai e Paraná e, mais ao norte, na região de Assunção.

Em meados do século XVI, os espanhóis instituíram, no Paraguai, o sistema de *encomiendas*², legítima escravização dos índios, provocando as primeiras revoltas indígenas do Cone Sul e movimentos messiânicos dos Guarani.

Nos dois séculos que se seguiram, grupos Guarani foram alvo de práticas de escravização, caça por bandeirantes e objeto de ação missionária, sobretudo no sistema jesuítico das Reduções³. Esses aspectos reunidos e associados aos diversos movimentos migratórios dos Guarani, configuraram diferenças lingüísticas e culturais que permitem distinguir, entre os Guarani atuais, pelo menos quatro grandes grupos e dialetos: os Nhandewa, os Mbyá e os Kaiowá, presentes no território brasileiro, e os Chiriguano, presentes na Bolívia.⁴ Há grupos Mbyá, também, na Argentina, além de no Brasil e no Paraguai.

Segundo Schaden (1974), “Os Guarani do Brasil Meridional podem ser divididos em três grupos: os Ñandéva (aos quais pertencem os Apapokúva, que se tornaram famosos pelo trabalho de Curt Nimuendajú), os Mbüá e os Kayová”.⁵ Estes grupos são também denominados no Brasil e no Paraguai, como Kaiowá ou Paĩ-tavyterã; Mbyá ou Kayguã; Nhandeva ou Chiripá Guarani.

² O termo *encomiendas* refere-se ao sistema cuja finalidade era “organizar a utilização da mão-de-obra indígena. (...). Esse sistema, que regulamentava os serviços prestados pelos índios aos conquistadores, teria representado uma ruptura nas relações menos normatizadas e pautadas por mecanismos de aliança e parentesco, que até então vigia entre os poucos espanhóis e os muitos Guarani (Necker 1979). A implantação das *encomiendas* talvez responda, assim, pela intensificação das rebeliões indígenas, que já haviam sido violentamente reprimidas desde, pelo menos, o início dos anos 1540.” (FAUSTO, 2005).

³ Reduções eram aldeamentos indígenas controlados por padres jesuítas com a finalidade de desenvolver o trabalho de disseminação de hábitos e de costumes europeus e a catequese. A redução era uma forma de retirar os índios de seu convívio comum e natural entre os nativos e lhes dar a oportunidade de se transformarem em bons cristãos.

⁴ Informações obtidas no site: <http://www.labeurb.unicamp.br/elb/indigenas/guarani.html> e registradas por Wilmar da Rocha D'Angelis. (acesso em 25 de outubro de 2007).

⁵ A grafia do alfabeto “Guarani” usada nas 22 áreas indígenas da região da Grande Dourados é emprestada do Guarani Paraguaio. Assim sendo, vale elucidar que as palavras Ñandéva, Mbüá e Kayová, expressas por Schaden, têm as respectivas correspondentes: Nhandewa, ou ainda, Nhandewa/Chiripá; Mbyá e Kaiowá.

Os grupos Guarani, aqui tratados como Nhandewa, Mbyá e Kaiowá são tidos, respectivamente, por Melià (1992) como: Avá katú eté, Mbyá e Paĩ-Tavyterã⁶.

Ressaltamos que, no Paraguai também se fala o Guarani Jopara, o Guarani “mesclado” como o Castelhana, que é falado, sobretudo, pela população camponesa.

No Brasil, esses grupos Guarani vivem nos estados de Mato Grosso do Sul, Rio Grande do Sul, Santa Catarina, Paraná, São Paulo, Rio de Janeiro e Espírito Santo.

A presença de índios Guarani em regiões tão extensas se explica por uma tradição de migração atribuída à busca da “Terra Sem Males”⁷, informa Melià (1992). Essa ampla dispersão populacional denuncia conseqüentemente que a dispersão da língua Guarani não é um fato contemporâneo.

“(…) do ponto de vista geográfico e demográfico, o Guarani era, às vésperas da chegada dos europeus neste continente, a língua mais geral que se falava na bacia do Rio da Prata (...). Além de, no século XVI, dominar também vasta região do interior dos atuais estados do Sul do Brasil” (MELIÀ, 1992, p.37).

Pela dispersão acima descrita, é difícil estabelecer o número de falantes do Guarani (mesmo excluindo-se o Guarani paraguaio). Segundo Almeida & Mura (2003)⁸, há no Brasil perto de 90 áreas Guarani oficialmente reconhecidas, afora dezenas de outras com maior ou menor informação e que, somente, em território brasileiro, as estimativas da população Guarani giravam em torno de 34 mil pessoas para o começo desta década. Citamos:

⁶ A palavra *Paĩ-tavyterã* faz “(...) clara alusion a su modo de ser reliгиозo: *paĩ* sería el título com que dioses y habitantes Del paraíso saludan y se dirigen la palabra, y *tavyterã*: (los futuros habitantes del poblado del centro de la tierra)”. (MELIÀ, 1992, p. 247).

⁷ Paraíso mítico Guarani localizado ao leste, ao sol nascente, segundo definição de Borges (2000).

⁸ Estas e outras informações de Almeida e Mura (2003) podem ser obtidas no site de ISA: http://www.socioambiental.org/pib/epi/guarani_kaiowa/pop.shtm, acesso em novembro de 2007.

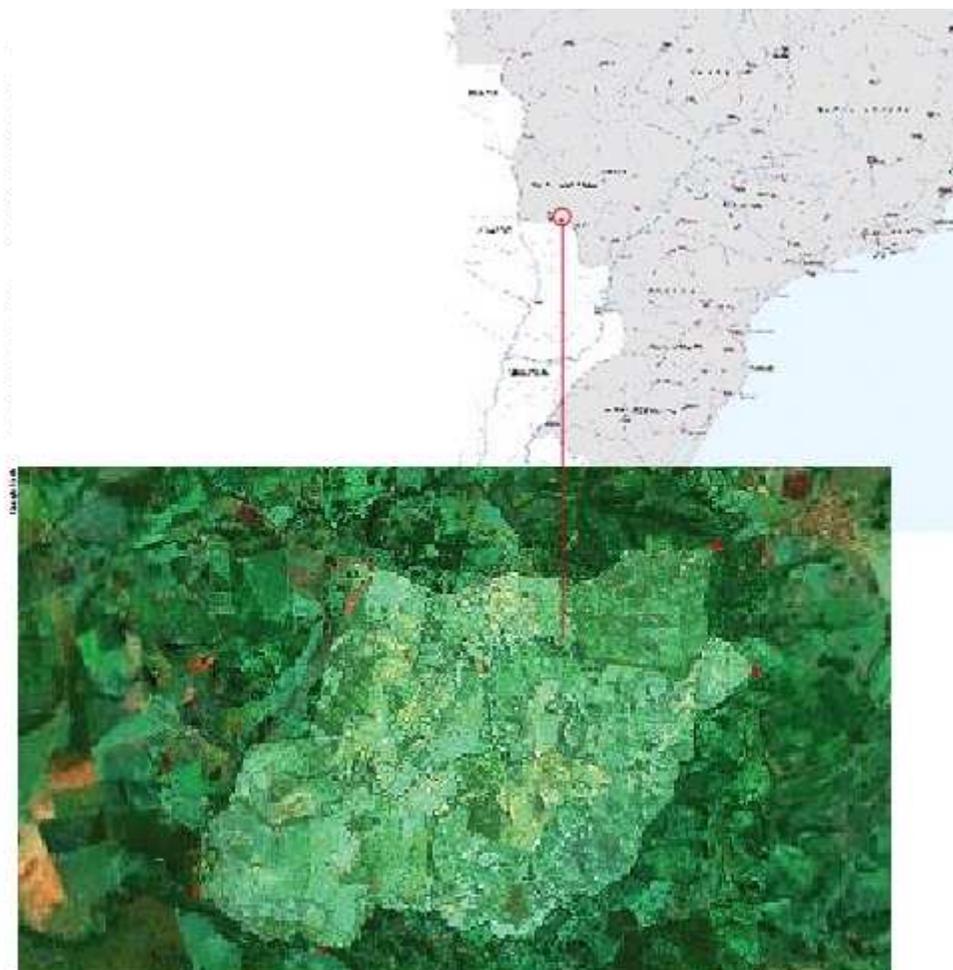
Apesar da ausência de recenseamentos ou pesquisas demográficas mais acuradas, há indícios, por amostragem de áreas onde foi possível censo bem aplicado, de que os Guarani apresentem, de um modo geral, altas taxas de fecundidade e crescimento populacional. No Brasil, tomando-se por base, sempre, cálculos aproximados, haveria aproximadamente 34.000 indivíduos, sendo entre 18.000 e 20.000 Kaiowa, entre 8.000 e 10.000 Nandeva e entre 5.000 a 6.000 Mbya, localizados principalmente no Mato Grosso do Sul. Na Argentina a população guarani é quase exclusivamente Mbya e concentra-se na província de Misiones em torno de 4.000 pessoas. A população Mbya atual estaria, segundo essa projeção, em torno de 14.000 a 15.000 pessoas. Cada subgrupo e cada região dentro dos territórios guarani apresentarão, no entanto, especificidades quanto a sua situação demográfica ou na relação entre espaço disponível a uma determinada comunidade e a extensão de terra existente. (ALMEIDA & MURA, 2003, p.1)

2.2 Os Kaiowá: demografia e localização

A população Guarani (Kaiowá e Nhandewa) em Mato Grosso do Sul, segundo Brand (1998), “está distribuída em oito reservas e quatorze aldeias, totalizando 22 áreas indígenas e é estimada em 25 mil pessoas”. Essas áreas indígenas estão situadas em uma faixa de terra de cerca de 150 quilômetros de cada lado da região de fronteira do Brasil com o Paraguai, o que compreende, hoje, a porção leste setentrional do Paraguai e o Mato Grosso do Sul.

O mapa abaixo aponta para a região sul do Mato Grosso do Sul, na fronteira do Brasil com a Paraguai, e a imagem captada por satélite delinea o território tradicional do povo Kaiowá.⁹

⁹ A página do *site* da FUNAI da qual retiramos o referido mapa e a imagem de satélite: http://www.funai.gov.br/ultimas/Brasil%20Indigena/Revista%20Funai_01.pdf



Fonte: FUNAI (2008).

Num outro mapa (Anexo A), podemos observar a localização (com a denominação) de cada uma das áreas indígenas Kaiowá/Guarani no Mato Grosso do Sul.

Vale ressaltar que temos a presença de grupos familiares Nhandewa em praticamente todas as reservas¹⁰ e aldeias da região da Grande Dourados¹¹, especialmente em duas reservas Porto Lindo, Jacareí e Pirajuí. Os Nhandewa são os únicos que se autodenominam Guarani.

¹⁰ Segundo Brand (1998, p.21), o termo “reserva” designa extensões de terra demarcadas pelo governo brasileiro entre os anos de 1915 a 1928.

¹¹ Lê-se em Brand (1998, p. 21): “A região da Grande Dourados compreende aqui um total de 30 municípios, localizados hoje dentro do que, historicamente, é considerado território tradicional Kaiowá/Guarani.”

2.3 Aspectos sócio-histórico-culturais dos Guarani Kaiowá

Historicamente, os Kaiowá têm buscado refúgio nas regiões de mata, onde constroem suas aldeias. A destruição destas aldeias está relacionada diretamente ao avanço do desmatamento e à implantação das fazendas.

Segundo Almeida e Mura (2003), os Guarani jamais se organizaram no espaço territorial de forma homogênea, estruturados em “aldeias” redondas, semicirculares ou em fileiras de casas como concebido no imaginário do homem ocidental. Os *ava* contemporâneos estão assentados em núcleos comunitários constituídos – idealmente – por 3 a 5 grupamentos macro familiares que conformam divisões autônomas por eles denominadas, hoje em dia, de *tekoha*.¹²

Por intermédio de documentos da FUNAI (BRASIL, 2004), referimos que:

Os Kaiowá vivem organizados em parentelas (*te'yi*). Essa unidade pode ser descrita como: a) um grupo de residência, já que ocupa uma parte das terras de uma aldeia *-tekoha* e detém uma noção clara da porção de terra que ocupa; b) um grupo de atuação econômica, pois no seu interior desenvolve-se intenso intercâmbio de bens e serviços, dentro dos princípios que regem a economia de reciprocidade kaiowá; c) um grupo de atuação política, pois é a base do sistema de representação por intermédio do cabeça de parentela (*hi'u*), que reúne seus descendentes e aliados pelo carisma, representa-os e por eles fala nas reuniões gerais (*aty*), as quais reúnem os representantes de todas as parentelas (*te'yi*) que dividem uma mesma aldeia (*tekoha*), devendo defender os interesses do seu grupo familiar acima de qualquer outro interesse. (BRASIL, 2004)

¹² De acordo com o documento da FUNAI (BRASIL, 2004), a palavra *tekoha*, etimologicamente, é composta pela fusão de *teko*, sistema de valores éticos e morais que orientam a conduta social, ou seja, tudo o que se refere à natureza, condição, temperamento e caráter do ser e proceder Kaiowá, e *ha*, que como sufixo nominador, indica a ação que se realiza. Assim, *tekoha*, pode ser entendido como o lugar (território), no qual uma comunidade Kaiowá (grupo social composto por diversas parentelas) vive de acordo com sua organização social e seu sistema cultural (cultura). (FUNAI 2004). Para o antropólogo Pereira, “o *tekoha* é um espaço “preche de significados. Fora dos limites do seu *tekoha*, sim, tudo está repleto de vazios, não há vida Guarani”. (PEREIRA, 1995, apud BRAND, 1998, p.23). Para além deste *tekoha* estaria apenas “um lugar da imortalidade, a chamada Terra sem Mal – *yvy marã ey*, espaço onde a condição humana é abandonada, para que, no homem, possa realizar-se a condição de deus” (MELIÀ, 1989, apud. BRAND, 1998, p 23).

Informamos o que acrescenta Pereira (1999) a respeito do *tekoha*:

No discurso dos kaiowá, os parentes consangüíneos aparecem como os principais operadores na constituição e manutenção de uma parentela *te'yi* e mesmo do *tekoha*. Os casamentos realizam alianças com outros grupos familiares, o que resulta na sua consolidação, ampliação e fortalecimento.” (PEREIRA, 1999, p.97).

Entre estes *tekoha* e por todo o território Guarani, processam-se as mais variadas formas de efervescente movimento de traslados, orientados por relações familiares. Esse constante caminhar (*oguata*) pode representar visitas, mudanças, passagem, casamentos etc. Entretanto, esta movimentação não deve ser confundida com migração ou “nomadismo”.

Na Aldeia Jaguapiru, circunvizinha à cidade de Dourados (MS), pudemos conhecer uma moradia tipicamente Kaiowá, a “casa grande”, denominada pela comunidade de *tapé Xi gwasu* (cabana grande) ou *oga dzekutu* (casa fincada). (cf. Foto de Cardoso, 2006).



“A casa grande, construção típica de numerosas tribos do grupo Tupi-Guarani, é dos elementos mais imponentes da cultura material dos Kayová.” (SCHADEN 1974, p. 26).
FOTO: por Valéria Faria Cardoso (2006).

Tradicionalmente, os Kaiowá são agricultores de floresta tropical, praticando a caça como principal fonte de alimento protéico, sendo a pesca e a coleta, atividades subsidiárias. O desenvolvimento de atividades produtivas está diretamente conectado com as unidades sociológicas a partir das quais essa sociedade está organizada.

De acordo com seus saberes tradicionais, os Kaiowá conhecem e fazem uso de recursos de fauna e flora que ainda estão presentes no ambiente. O grupo menciona e classifica em sua própria língua um grande número de animais e plantas, especificando suas características, propriedades e formas de uso.

O calendário econômico anual está intrinsecamente relacionado ao calendário das festas e rituais religiosos. Além do milho e da mandioca, cultivam amendoim, alguns tipos de feijões, cana-de-açúcar, carás, batatas, *mbakuku* (uma espécie de tubérculo), e algumas plantas frutíferas como o mamão, a melancia e plantas introduzidas como a manga, a laranja e a banana. Cultivam também algumas espécies não comestíveis como o urucum, o fumo e o algodão.

Os Kaiowá são reticentes ao dar informações sobre sua vida cerimonial, mas algumas cerimônias continuam a ser efetuadas, como *nīmōngarari*, festa dos primeiros frutos, realizada em janeiro. Tradicionalmente, ocorre a **Festa da Chicha** que dá-se por meio de trabalhos coletivos que reúnem elementos de várias famílias. A *chicha* é uma bebida fermentada, de baixo valor alcoólico, feita de milho, ou ainda, de caldo de cana fermentado, misturado com milho ou batata.

Segundo Schaden, o cultivo do milho, entre os Guarani, assume importância incomparavelmente superior a qualquer outra espécie vegetal, uma vez que, “Todas as atividades que se referem à produção de milho constituem ou podem constituir ensejo para cerimônias religiosas, mormente entre os Kayová. [...] Em suma, tudo o que diz respeito ao milho se associa ao mundo sobrenatural.” (SCHADEN, 1974, p. 37)

A tinta do urucum (*ĩrukũ*) também é considerada sagrada entre os Kaiowá, que ponderam sobre seu uso, uma vez que, o abuso pode acarretar sanções sobrenaturais. Schaden menciona o fato de que:

Todos os objetos cerimoniais dos Kayová, inclusive a cruz (*kurusú*) usada pelos homens e o bastão (*takuá*) das mulheres, o banquinho (*apyká*) e o altar (*yvyrá*), são esfregados com urucu depois de se raspar um pouco a superfície das peças para a tinta pegar melhor. (SCHADEN, 1974, p.45).

Por fim, registramos o fato de que os Kaiowá, em suas cerimônias religiosas, colorem também o rosto com uma camada de urucum.

2.4 Os Kaiowá e sua nova realidade

O confinamento da população Kaiowá e Nhandewa dentro destas reservas e aldeias tem demonstrado ser uma política altamente desastrosa, não só para este, mas também para outros grupos indígenas, pois o crescimento demográfico e sua superpopulação aumentam a pressão extrativista dos recursos naturais, principalmente para o preparo das roças itinerantes que, aos poucos, vão extinguindo a vegetação natural, provocando a degradação do meio ambiente.

Conforme Teodoro (1998):

A situação dos Kaiowá/Guarani modificou-se no momento em que suas terras foram invadidas pela população não-índia: primeiro a exploração da erva mate, pela Mate Laranjeiras e depois, a criação da política do povoamento, promovida, pelo SPI a partir de 1915. Mais tarde, o governo Vargas implantou um processo de colonização dessas áreas, no projeto conhecido como ‘marcha para o oeste’, com o intuito de proteger essas terras contra o avanço dos estrangeiros. O propósito era, também, o de incrementar a produção agrícola. Terras indígenas invadidas, ataques armados por vingança, índios “escravizados” por fazendeiros, vivendo em condições subumana, foi o resultado desse projeto governamental. (TEODORO, 1998, p.136)

De acordo com Brand¹³:

O confinamento dentro das Reservas, que atinge seu auge nas décadas de 1980 e 1990, cria uma realidade altamente complexa, onde se destacam problemas novos como a superpopulação, a sobreposição de aldeias e chefias, a restrição na mobilidade geográfica, o gradativo esgotamento dos recursos naturais, entre outros. Estes elementos colocam em cheque antigas práticas e vivências sociais, gerando a necessidade de reordenação do modelo de organização social, tendo em vista absorver esta nova realidade. (BRAND, 2007. p.1).

e, assim sendo, Brand complementa que:

... junto com a perda do território, vieram as escolas e as Igrejas Evangélicas, em especial as Igrejas Neopentecostais, preocupadas em ajudar os índios a viverem, ou melhor, a sobreviverem em um cenário no qual o seu modo de vida e seus saberes historicamente acumulados pelos antepassados tornaram-se supérfluos e imprestáveis. Este processo histórico, extremamente desfavorável aos Kaiowá/Guarani, está na base dos inúmeros problemas atualmente vivenciados por eles, destacando-se o intenso consumo de bebidas alcoólicas e o elevado número de suicídios. (BRAND, 2007, p.1)

Na opinião de Vietta, trata-se de:

... repensar o estatuto das lideranças políticas, as práticas religiosas, a produção econômica, a concepção da família extensa como elemento estruturador, frente a emergência de um novo modelo de organização que se impõe. Ou seja, procurar novos lugares para as coisas, dar significado próprio a nova realidade. (VIETTA, 1997, p.70).

A atual situação vivenciada, pelos Kaiowá/Guarani é de extrema dificuldade, pois são inúmeros os problemas relacionados, particularmente, com a quebra de valores e papéis tradicionais. Citamos:

¹³ O texto intitulado: “Memória e História como elementos fundamentais na formação dos professores indígenas Kaiowá e Guarani” de Brand, está disponível no site: <http://www.mestradoeducacao.ucdb.br/projeto21.htm>. Acesso em dezembro de 2007.

... alto índice de suicídio e alcoolismo; a reprodução da organização familiar; as dificuldades para garantir a produção econômica, o que gera um alto índice de desnutrição, especialmente entre as crianças, bem como a permanência de um quadro generalizado de doenças relacionadas direta ou indiretamente, à baixa qualidade alimentar; a maciça entrada das Igrejas Neopentecostais, especialmente nestes últimos anos, frente à desestruturação das práticas religiosas tradicionais; o papel da escola formal e o baixo aproveitamento de seus alunos, entre outros. (VIETTA & BRAND, 1998, p.11).

Os Kaiowá/Guarani exercem trabalho assalariado realizado sob forma de contratos coletivos em usinas de produção de álcool, como cortadores de cana-de-açúcar, ou ainda, em fazendas (fora das áreas indígenas), como cultivadores de roças.

De acordo com Vietta & Brand (1998), os problemas atualmente vivenciados pelos Kaiowá/Guarani estão intimamente ligados ao extremo contato deles com a sociedade envolvente, tendo, como conseqüências mais comuns: a perda de parte significativa do território tradicional; o confinamento de um grande contingente populacional nas reservas indígenas; a degradação ambiental das áreas ocupadas e; conseqüentemente, a necessidade de garantir a maior parte da economia fora da aldeia.

Gressler, em seu texto intitulado “Aspectos históricos do povoamento e da colonização do Estado de Mato Grosso do Sul” de 1988, afirma que:

Politicamente, os Kaiowás (sic) nunca foram uma unidade, no sentido em que encaramos um grupo como um todo, com um chefe único. O poder político estava diretamente relacionado às lideranças religiosas, lideranças essa a cargo dos chefes de família extensas, ou seja, quanto maior a família, maior o prestígio de seu líder, prestígio este ampliado, se o líder fosse um grande Paí (chefe religioso), cantador e curador. Assim, o poder político estava dividido, embora essa organização não implicasse num enfraquecimento do grupo como totalidade. Com a penetração das frentes econômicas da sociedade nacional em sua área, um desses líderes era escolhido para servir de intermediário entre Kaiowás (sic) e civilizados, tomando, posteriormente, o título de “Capitão”. (GRESSLER, 1988, p. 49).

Vietta (1998) confere à representação simbólica das aldeias, para as comunidades indígenas Kaiowá/Guarani¹⁴, como sendo um espaço que não oferece mais as condições necessárias para a reprodução das relações sociais que ainda estão presentes no imaginário destas comunidades. Segundo a autora:

Neste novo quadro, os *caciques* passam a ocupar uma posição secundária, não lhes cabendo mais o envolvimento em questões políticas ou de caráter mais estrutural. Nas reservas, e menos nas aldeias menores, os rituais (*rezas*) que deveriam ser cotidianos acontecem com pouca frequência, e quando ocorrem, atraem um pequeno número de pessoas, na maioria, ligadas ao grupo familiar do *rezador*. (...) Os rituais de passagem foram abandonados e o papel dos *rezadores* nas práticas de cura também foi profundamente relativizado. Alguns atribuem o abandono das *rezas* ou práticas de cura ao fato dos *caciques* utilizarem bebidas alcoólicas industrializadas durante os rituais, porém, este é apenas um dos elementos neste quadro de mudança. (VIETTA, 1998, p. 56-57).

2.5 Filiação genética e estudos lingüísticos prévios sobre o Guarani e o Kaiowá

Do ponto de vista genético¹⁵, o Kaiowá é considerado dialeto da língua Guarani, pertencente ao subgrupo I da família Tupi-Guarani. Esta família é constituída de um conjunto de línguas que se reconhece descenderem de uma língua anterior, neste caso pré-colombiana e não documentada historicamente. Convencionou-se chamar Proto-Tupi-Guarani a língua ancestral da família Tupi-Guarani, sendo sua existência concluída a partir de correspondências sistemáticas entre os sons, as gramáticas e os vocabulários das línguas desta família.

A família Tupi-Guarani e outras nove famílias lingüísticas indígenas “são reconhecidas como aparentadas geneticamente num nível mais remoto, constituindo um conjunto adjacente, a que se chama tronco lingüístico, nesse caso o tronco Tupi.

¹⁴ Vietta (1998), ao utilizar a expressão Kaiowá/Guarani, refere-se aos aspectos comuns aos dois grupos Guarani que vivem no Mato Grosso do Sul, os Kaiowá e os Nhandewa.

¹⁵ Critério lingüístico que permite “classificar as línguas em conjuntos com origem comum mais próxima ou mais remota, as 180 línguas indígenas brasileiras se distribuem por pouco mais de 40 conjuntos, a que se costuma dar o nome de famílias lingüísticas.” (Rodrigues, 1999).

No que se refere à língua Guarani, devemos considerar *a priori* a distinção comumente feita entre Guarani Antigo e Guarani Atual.

Grannier, em sua tese intitulada “Aspectos da morfossintaxe do Guarani Antigo”, assume o termo “Guarani Antigo” como sendo:

... a denominação corrente para as variedades da língua Guarani faladas e documentadas nos séculos XVII e XVIII em regiões sob o controle da Coroa Espanhola, que correspondem hoje ao norte da Argentina (Provincia de Misiones), ao Paraguai e ao oeste do Sul do Brasil (Estados do Paraná a Rio Grande do Sul). (GRANNIER, 2002, p. 5).

Devido à dispersão geográfica, demográfica e lingüística do Guarani, acreditamos não ser possível estudar o Guarani Atual, senão tratando de cada “falar” especificamente: o dos Kaiowá, dos Nhandewa ou dos Mbyá.

Segundo Rodrigues (1984/5a), a família Tupi-Guarani é um grupo de moderada diferenciação interna, dentro do qual se podem distinguir pelo menos oito subgrupos. O primeiro subgrupo da família Tupi-Guarani é constituído pelo Guarani Antigo e pelas línguas e/ou dialetos “Mbyá, Xetá, Nandéva, Kaiwá, Guarani Paraguaio, Guayabí, Tapieté, Chiriguano e Izoceño”. (RODRIGUES, 1984/5, p.27)

Para além da classificação genética do Guarani, tido como língua, e do Kaiowá, tido como dialeto desta língua, podemos considerar relevantes outros critérios em busca de uma melhor definição para o que vamos considerar o Kaiowá, **língua** ou **dialeto**.

Consideramos que em se tratando de linguagem indígena, a distinção entre língua e dialeto necessita ter seus termos revistos. Guedes (1991) afirma que: "em relação aos povos autóctones ou às minorias étnicas do Brasil dificilmente questões relativas à distinção entre língua e dialeto são colocadas. Assume-se que são **línguas**"

Ao tratar das classificações genéticas das línguas indígenas do Brasil, Rodrigues expõe que: “Se as línguas de um mesmo subgrupo, ou mesmo de subgrupos distintos devem ser chamadas de "línguas" distintas ou de "dialetos" de uma mesma "língua" é

questão muito relativa, porque relativos são os conceitos de "língua." (RODRIGUES, 1984/5b, p.1).¹⁶

Do ponto de vista político-social, a relatividade entre considerar o Kaiowá uma língua ou um dialeto Guarani, assume proporções nada relativas, uma vez que a denominação do falar assume um papel importante nas reivindicações culturais e políticas dos povos indígenas. Citamos alguns aspectos que estão diretamente ligados à identificação da linguagem dos Kaiowá e que devem ser garantidas: a reconquista de terras, a busca da auto-identificação, a valorização de sua cultura e o desenvolvimento de sua língua.

Como se tem visto, a questão da delimitação língua/dialeto é mais uma questão política do que lingüística, ou seja, o que faz uma variedade lingüística adquirir status de língua é o desenvolvimento cultural e o reconhecimento do povo que a utiliza.

Ressaltamos, aqui, que os Kaiowá auto-denominam sua fala como sendo **língua Kaiowá**. Assim sendo, doravante, assumimos que a variedade falada por 20 à 25 mil Kaiowá, que vivem no Mato Grosso do Sul (Brasil), é a língua Kaiowá.

2.5.1 Estudos realizados sobre o Guarani

Os primeiros estudos da língua Guarani datam já do século XVI, mas o primeiro trabalho publicado, e de grande envergadura, foi a obra do missionário jesuíta Antonio Ruiz de Montoya, distribuída em dois conjuntos: *Tesoro de la lengua Guarani* (Madrid, 1639) e *Arte y Vocabulario de la lengua guarani* (Madrid, 1640). A Arte de Montoya serviu de base para publicações de uma nova gramática do Guarani, nas próprias missões jesuíticas, em 1724, por obra de Pe. Paulo Restivo (cf. Melià, 1992). O Guarani, da época das missões jesuíticas, operou como língua geral em uma significativa parcela dos domínios espanhóis até o século XVIII, incluído parte do sul do Brasil.

¹⁶ O texto intitulado: "As Línguas Gerais Sul-Americanas". de Aryon Rodrigues (1984/5b), está disponível no site: <http://www.unb.br/il/lablind/lingerais.htm>, acesso em: 20 de novembro de 2007.

Segundo Grannier (2002), na primeira metade do século XX, foram publicadas diversas gramáticas e dicionários do Guarani, como por exemplo, *El Idioma Guarani*, do padre Antonio Guasch, em 1944, no Paraguai; *Breve Dicciónario Guaraní-Castellano Castellano-Guaraní*, de Antonio Ortiz Mayans, em 1941, na Argentina; *El idioma guarani metodo practico para la enseñanza elemental*, de Eduardo Saguier, em 1946, na Argentina.

De acordo com Grannier (op. cit), nas últimas décadas, outros dicionários e gramáticas foram publicados sobre a língua Guarani: *Dicciónario guaraní-español y español-guaraní*, de Peralta e Osuna (1950); *La Gramática de la Lengua Guarani*, de Krisvoshein de Canese (1983); *Gran Diccionario*, de Ortiz Mayans (1990); *Guarani a su alcance*, de Melià (et. al. 1992) e a importante obra *La lengua guarani del Paraguai (1992)*, também de Melià. Para a autora, nessa obra Melià “faz um admirável estudo da história da língua guarani, analisando as mudanças sociolingüísticas ocorridas no Paraguai em consequência do contanto com o guarani e o espanhol.” (GRANNIER, 2002, p 35). Num outro texto intitulado: “O Guarani: uma bibliografia etnológica”, Melià, Saul & Muraro (1987, apud GRANNIER, op. cit) elencam vários tipos de estudos e a quantidade de publicações disponíveis sobre o Guarani.

No que se refere a outros trabalhos de análise do Guarani realizados com objetivos científicos, destacamos aqui o trabalho de Emma Gregores e Jorge Suárez, publicado em 1967, com o título *A Description of Colloquial Guarani*, referente ao Guarani paraguaio, o de Maura Velázquez-Castillo, também sobre o Guarani paraguaio, publicado em 1996, o livro é intitulado *The Grammar of Possession: Inaliability, Incorporation and Possessor Ascension in Guarani* e os trabalhos de Grannier: *Fonologia do Guarani Antigo*, de 1990 e *Aspectos da Morfossintaxe do Guarani Antigo*, de 2002.

2.5.2 Estudos lingüísticos sobre o Kaiowá

Atualmente, as comunidades indígenas da Região da Grande Dourados, em suas escolas de ensino bilíngüe, utilizam a Convenção Ortográfica Guarani adotada pelo Ministério de Educação do Paraguai (oficializada neste país na década de 50), além de

tomarem gramáticas oriundas desta língua¹⁷ como modelo no processo ensino aprendizagem, o que evidencia a necessidade de se consolidar um estudo sistemático do dialeto Kaiowá, que busque fundamentar o fortalecimento da identidade cultural deste povo.

Os estudos lingüísticos sobre o Kaiowá, de modo geral, são poucos. Os principais materiais existentes foram escritos por membros do *Summer Institute of Linguistics* (SIL). No Brasil, os principais estudos lingüísticos realizados pelos missionários são: Bridgeman (1960, 1961 e 1981) e Harrison & Taylor (1958 e 1971) e Taylor & Taylor (1966a) e um vocabulário médico pode ser encontrado em Garcia (2000). Narrativas em Kaiowá podem ser encontradas em Taylor & Taylor (1966b), em Taylor (1997) e em Garcia (2003). Apresentamos, sumariamente, os assuntos tratados em alguns destes textos, dentre outros.

Bridgeman escreveu os artigos intitulados: *Kaiwá (Guarani) phonology* (1961) e *A Note on Stress in Kaiwá* (1960). Naquele, a autora trata de vários aspectos da estrutura fonológica, tais como: os fonemas com atestação, descrição, especificação inter-fonêmica, aspectos da prosódia, fatores paralingüísticos, acento, ritmo, entre outros; neste, Bridgeman discute a tensão entre *acento "lexical"* e *acento "sentencial"* de discursos (textos) em Kaiowá.

Bridgeman escreveu o livro "O Parágrafo na fala dos Kaiwá-Guarani" (1981), em que descreve aspectos relativos ao discurso (texto), período e parágrafos gramaticais do Kaiowá, com enfoque tagmêmico.

John Taylor, em 1984, publica dois artigos sobre o Kaiowá, um intitulado "Marcação temporal na língua kaiwá" e outro "A interrogação na língua kaiwá". Num outro artigo intitulado *Nasalization in Kaiwá* (1971), Taylor trabalha com Harrison, e fazem referência ao processo de *retrocesso de nasalização* em Kaiowá, isto é, as vogais orais que antecedem uma vogal nasal tônica não se nasalizam. Para esses autores, nasalidade é tida como um traço pertencente aos morfemas, tidos como unidades super-segmentais.

¹⁷ Citamos algumas destas Gramáticas do Guarani do Paraguai: Guasch (1996); Ortiz (1994) e Guasch & Ortiz (1991).

Harrison & Taylor antes de tratarem de aspectos relativos ao processo de nasalização em Kaiowá, escreveram o texto intitulado *Kaiwá phonemes and syllable structure*, em 1958.

O livro intitulado “*Nhande rembypy: Nossas origens*”, organizado por Garcia (2003) compõe “transcrições” e traduções de textos da cultura Guarani, produzidos pelo índio Kaiowá, Aniceto Ribeiro.

Temos o conhecimento de dois livros produzidos por falantes Kaiowá/Guarani: o primeiro livro¹⁸: *Upéicha rohai: ore kuation ñe'e peteíha*, por Gonsalves et al. (1993) – é constituído de 35 textos que abrangem aspectos históricos, sociais e culturais dos falantes desta língua e o segundo: *Tesai ome'é vy'a: saúde dá alegria*, por Peralta et al. (1998) – disserta, basicamente, sobre a prevenção da população indígena quanto à contaminação por doenças sexualmente transmissíveis.

Em Cardoso (2001), sob o título “Um estudo de categorias sintagmáticas da língua Kaiowá/Guarani”, realizamos um estudo sobre categorias sintagmáticas amparada no modelo de Princípios e Parâmetros da Teoria da Gramática Gerativa (Chomsky, 1986), correlacionando-o aos estudos sobre a tipologia das línguas (Greenberg, 1966). Neste trabalho, tomamos como objeto específico de estudo a ordenação paramétrica (Stowell, 1989) das categorias sintagmáticas lexicais: SN, SV, SA e SP, e funcionais: SFl (SAgr e ST) e SDet.

Em 2005, José Filho defende a tese intitulada “A Performatividade na Linguagem da resistência Kaiowá/Guarani”, na qual trata da resistência cultural e lingüística implementada pelos Kaiowá como objeto de análise no domínio da performatividade da linguagem.

Lembramos, também, dos trabalhos de análise lingüística realizados para o *Mbyá*, por Guedes (1991) e por Martins (1996 e 2003) e para o *Nhandewa*, por Costa (2003a e 2003b) e por Dooley (1982a, 1982b, 1991a, 1991b e 1999).

Destacamos, por fim, que a análise dos dados, a formulação e a verificação de nossas hipóteses teve o suporte teórico lingüístico baseado na já mencionada perspectiva

¹⁸ Os autores dos livros em Kaiowá, assim como, as escolas indígenas da Região da Grande Dourados adotam uma grafia semelhante à grafia do Guarani paraguaio de forma consensual e não convencional.

tipológico-funcional, e que a pesquisa lingüística, também, contou com leituras sobre outras línguas ameríndias, tais como: Kamaiurá, por Seki (2000, 1990); Ikpeng, por Pachêco (2001); Guarani Antigo, por Grannier (2002); Tupinambá, por Rodrigues (1990, 1996); Panará, por Dourado (2001); Aguaruna, por Corbera (1994, 1998); Kadiwéu, por Sândalo (1997 e 2004); Avá-Canoeiro, por Borges (2006); Shanenawá, por Cândido (2004); Wapixana, por Santos (2006); Kinikinau, por Souza (2008); Satere-Mawé, por Silva (2005); Asurini do Xingu, por Pereira (2004); entre outros.

No capítulo que segue, tratamos da metodologia e técnicas utilizadas na pesquisa lingüística de campo.

3 CONSIDERAÇÕES SOBRE A PESQUISA LINGÜÍSTICA

A pesquisa lingüística realizada *in loco* é baseada numa metodologia de trabalho de campo proposta por autores descritivistas como: Kibrik (1977); Comrie & Smith (1977); Bouquiaux (1992); Samarin (1967); entre outros.

Segundo Samarin (1967), o trabalho lingüístico de campo é, principalmente, um modo de obter dados para a análise de fenômenos lingüísticos, que envolve considerações sobre os aspectos: *comunidade* – comportamento sócio-cultural; *participantes* – o(s) informante(s) (falante nativo) e *pesquisador lingüístico* envolvidos por meio de contato social, além de considerações a cerca da metodologia a ser usada durante a pesquisa de campo.

Acreditamos que o *corpus* lingüístico não deve ser reduzido a processos mecânicos para a análise de estruturas gramaticais, bem como os textos coletados não devem obter traduções literais. Primamos pelos diferentes tipos de obtenção de dados em busca da mais completa caracterização do *corpus* lingüístico.

3.1 Metodologia e Técnicas da Pesquisa de Campo

Nossa pesquisa lingüística sobre a língua Kaiowá foi realizada junto às comunidades indígenas Jaguapiru e Bororó, ambas aldeias circunvizinhas ao município de Dourados, e na reserva indígena de Caarapó. O povo Kaiowá vive em 22 comunidades indígenas na Região da Grande Dourados, Estado de Mato Grosso do Sul (Brasil). Segundo Brand (1998), a população Kaiowá, no estado, é estimada entre 20.000 e 25.000 pessoas.

As técnicas de coleta de dados envolvem sempre a observação e compreensão seletiva por parte do investigador, no entanto, especificamos melhor outros aspectos das técnicas que foram por nós utilizadas nesta etapa da pesquisa:

i) *técnica de elicitación de nomes de objetos e conceitos* que pertencem à competência do informante. Tal técnica valoriza a nomeação por meio de palavras contextualizadas;

ii) *técnica de elicitación interativa*, que possibilitara a coleta de textos por meio de perguntas de tipo: O que é isto?; Como é feito isto?; Como chama esta parte?; A mulher pode usar isto?; entre outras;

iii) *técnica de elicitación por meio de questionário* previamente elaborado. Tal questionário possibilitou a coleta de paradigmas mais completos à cerca da morfologia flexional de nomes e verbos Kaiowá; entre outros, e

iv) *técnica de utilização de material de apoio* que permitam a coleta de maior variedade na nomeação, como por exemplo: livros com imagens do corpo humano; fotos de familiares; livros com imagens diversas, entre outros;

Destacamos que a coleta de dados foi realizada, principalmente, por meio de gravações de textos produzidos numa situação bastante natural, pois assim, nos asseguramos do real uso da intuição lingüística do falante. Entre os tipos textuais podemos mencionar os mitos, as histórias pessoais, costumes, relatos do cotidiano da comunidade, entre outros.

Por fim, vale mencionar que, por meio da técnicas (nº. iii), coletamos dados de assuntos específicos, cuja análise ainda não estava suficientemente esclarecida.

Fez parte de nossos procedimentos metodológicos a seleção de informantes, pois os falantes, com os quais realizamos a pesquisa lingüística, foram aqueles que se auto-identificaram como pertencentes ao grupo indígena Kaiowá.

Realizamos a gravação de nossos dados com o auxílio de diferentes tipos de equipamentos. Utilizamos, simultaneamente, um gravador analógico, com uso de fitas cassetes; um gravador digital e um *notebook*, no qual instalamos o programa computacional *audacity*¹⁹, que nos possibilitou a coleta de dados em *wave*, esse operando como elemento facilitador na etapa de transcrição dos dados. A utilização precavida de diferentes tipos de equipamentos nos permitiu a obtenção de dados com qualidade acústica, uma vez que, falhando um dos equipamentos, o(s) outro(s) continuava(m) a captar os dados.

Coletamos dados falados por pessoas do sexo feminino e masculino, de diferentes faixas etárias. Num segundo momento, realizamos, em conjunto com professores indígenas

¹⁹ Este programa computacional pode ser obtido por meio do site: <http://audacity.sourceforge.net/download/>.

bilíngües, parte da transcrição e da elaboração de glosas lingüísticas e, por fim, a análise dos dados pode ser feita como o apoio destes profissionais. Ressaltamos, por fim, a generosidade e a sabedoria deste povo.

3.1.1 O Corpus

O corpus utilizado na análise consiste em um conjunto de dados coletados em diferentes momentos da pesquisa de campo. Dados coletados, entre os anos 1998 a 2000, foram, previamente, por nós utilizados na análise resultante na dissertação de mestrado intitulada “Um estudo de categorias sintagmáticas da língua Kaiowá/Guarani, (Cardoso, 2001). Estes dados, especificamente, foram coletados junto aos falantes Kaiowá que vivem na Reserva Indígena Caarapó, município de Caarapó-MS. Os dados coletados, entre 2003 a 2006, foram coletados junto a falantes Kaiowá das aldeias Jaguapirú e Bororó, circunvizinhas à cidade de Dourados-MS e junto a uma informante da comunidade indígena de Amambai, município de Amambai-MS.

O conjunto de dados coletados em pesquisa lingüística de campo incluem textos, questionários previamente elaborados e dados elicitados, o que gera um relevante banco de dados da língua Kaiowá.

3.1.2 Colaboradores

Para obtenção de dados lingüísticos contamos com o apoio e auxílio de vários falantes da língua Kaiowá, todos bilíngües (Kaiowá – Português). Em relação à coleta de dados coletados na Reserva de Caarapó, pudemos contar com o auxílio dos professores Kaiowá:

- 1. Alécio Soares Martins (professor da Escola Mbokaja)*
- 2. Rogério V. Mota (professor da Escola Loides Bonfim)*
- 3. Eliel Benites (professor da Escola Nhandejara)*
- 4. Ládio Cavalhero Veron (professor da Escola Mbokaja)*

Quanto à obtenção de dados nas aldeias circunvizinhas à cidade de Dourados, pudemos contar com outros colaboradores também bilíngües (Kaiowá – Português):

5. *Helio Jorge da Silva (Nhãnderu - chefe espiritual de uma parentela)*
6. *Floriza de Souza Filho (Nhãndesy – auxiliar em trabalhos espirituais e esposa do Nhãnderu)*
7. *Ernesto Fernandes Ortiz (Professor da Escola Ara Porâ)*

Em Amambai, contamos com a colaboração da professora Kaiowá:

8. *Elda Vasques Aquino (única informante da aldeia de Amambai-MS)*

3.2 Apresentação dos dados no corpo do trabalho

A presente tese conta com dados do Kaiowá transcritos foneticamente, na primeira linha. Na segunda, apresentamos uma transcrição morfofonológica, em que as palavras morfossintáticas estão separadas por espaços, os morfemas afixais por hífen (-) e os clíticos por meio do sinal (=). Por fim, a terceira linha traz as glosas e uma tradução livre que se encontra alinhada à direita, entre aspas simples.

Como mencionamos anteriormente, nossa proposta de sistematização da fonologia Kaiowá (Cardoso, 2007) encontra-se em anexo. Por ora, expomos quadros sínteses desta proposta.

O sistema fonológico consonantal do Kaiowá é constituído de quinze fonemas, sendo: cinco obstruíntes, cinco sonorantes e outros cinco fonemas contínuos. Apresentamos o lugar de articulação de cada fonema no quadro (1) abaixo:

Quadro 1. Consoantes

	Bilabial	Alveolar	Palato- alveolar	Palatal	Velar	Lábio- velar	Glotal
Obstruínte	p	t			k	kw	ʔ
Sonorante	m	n		ɲ	ŋ	ŋw	
Contínuo	w	s r	ʃ				h

O Kaiowá tem um sistema de seis vogais que podem ser orais ou nasais:

Quadro 2. Vogais

VOGAIS ORAIS				VOGAIS NASAIS			
	Anterior	Central	Posterior		Anterior	Central	Posterior
Fechada	i	ɨ	u	Fechada	ĩ	ɨ̃	ũ
Aberta	e	a	o	Aberta	ẽ	ã	õ

No quadro (3), apresentamos os fonemas, seus fones (ou alofones) e exemplos respectivos à realização de cada um desses fones.

Quadro 3. Realização e representação dos fonemas

Fonema	Fone/alofone	Realização Fonética e Fonológica		‘tradução’
/p/	[p]	[pĩʔe'ta]	/pĩʔeta/	‘caracol’
/t/	[t]	[tara've]	/tarawe/	‘barata-do-mato’
/k/	[k]	[mõ'kõ]	/mokõɲ/	‘dois’
/kw/	[kw]	[kwa'a]	/kwaa/	‘saber’
/ʔ/	[ʔ]	[so'ʔo]	/soʔo/	‘carne’
/m/	[m]	[kũnũ'mĩ]	/kununĩ/	‘menino’
	[mb]	[tukũ'mbõ]	/tukũmo/	‘corda’
	[b]	[bopi'ri] ~ [mbopi'ri]	/mopiri/	‘morcego’
/n/	[n]	[ʃĩrĩ'nõ]	/ʃirinõ/	‘beija-flor’
	[nd]	[mãndĩ'dʒu]	/mãniɲu/	‘algodão’
	[d]	[de] ~ [nde]	/ne/	‘você, 2 ^a .sg’

/ɲ /	[ɲ] [dʒ] [j] [ʃ]	[ɲã'nde] [dʒa've] ['mboj] [kã'ʔã]	/ɲãne/ /ɲawe/ /moɲ/ /kãʔãɲ/	'nós, 1 ^a .pl' 'quando' 'cobra' 'pimenta'
/ŋ /	[ŋ] ²⁰ [ŋg] [g]	[tũŋgu'su] [ga'ʔu]	/tũŋusu/ /ŋaʔu/	'pulga' 'desejo'
/ŋw /	[ŋw] [w̃] [ŋgw] [gw]	[ŋwã'hê] [wã'hê] [itɛŋgwa'ra] [gwa'ʔa]	/ŋwãhê/ /ŋwãhê/ /itɛŋwara/ /ŋwaʔa/	'chegar' 'chegar' 'narina' 'arara'
/w /	[w] [v]	[para'kaw] ['vaj] ~ ['waj]	/para'kaw/ /waj/	'papagaio' 'ruim, feio'
/s /	[s]	[há'sê]	/hasê/	'choro'
/r /	[r]	[rɛgwa'su]	/rɛŋwasu/	'galinha'
/ʃ /	[ʃ]	[ʃi'ĩ'nõ]	/ʃi'ĩnõ/	'beija-flor'
/h /	[h]	[ta'hɛj]	/tahɛɲ/	'formiga'
/i /	[i]	[hu'ʔi]	/huhi/	'beiju'
/ĩ /	[ĩ]	[mĩ'ʃĩ]	/mĩ'ʃĩ/	'pequeno'
/ɛ /	[ɛ]	['ɛ]	/ɛ/	'água'
/ɛ̃ /	[ɛ̃]	[ɲãtɛ'ʔũ]	/ɲãtɛ̃hũ/	'pernilongo'
/u /	[u]	[pu'ku]	/puku/	'comprido'
/ũ /	[ũ]	[hũ]	/hũ/	'preto'
/e /	[e] [ɛ]	[te'dʒu] ~ [tɛ'dʒu]	/teɲu/	'calango'
/ẽ /	[ẽ] [ɛ̃]	[ɲẽ'ʔẽ] ~ [ɲɛ'ʔɛ̃]	/ɲẽʔẽ/	'falar'

²⁰ O segmento [ŋ] ocorre apenas antecedendo as obstruintes velares, quando essas são antecedidas de vogais nasais.

/o/	[o] [ɔ]	[koʔi] ~ [kɔʔi]	/koʔi/	‘queixada’
/õ/	[õ] [ɔ]	[ʃõrõʔrõ] ~ [ʃɔrɔʔrɔ]	/ʃororõ/	‘espécie de nambu’
/a/	[a]	[akuʔt̃]	/akut̃/	‘cotia’
/ã/	[ã]	[ãndaʔi]	/ãnaʔi/	‘abobora’

No capítulo que segue, principiamos à descrição e análise de aspectos morfossintáticos referentes às classes de palavras da língua Kaiowá.

4 CLASSES DE PALAVRAS

Este capítulo traz uma proposta de descrição de classes de palavras da língua Kaiowá, as quais se distinguem a partir de critérios formais, tendo por base as propriedades morfossintáticas prototípicas acenadas por Payne (1997).

Se entendermos que a descrição de uma língua envolve além da análise de suas propriedades sistemáticas formais, também a interpretação do caráter essencialmente comunicativo e interacional da linguagem, não podemos desconsiderar critérios de ordem semântica e pragmática. Assim sendo, são esses os critérios utilizados para amparar e até determinar classes que não se distinguem apenas por critérios formais.

A descrição e análise de aspectos morfossintáticos de fatos lingüísticos do Kaiowá conta com a caracterização formal de classes de palavras, a partir de propriedades morfossintáticas prototípicas: as propriedades estruturais e as propriedades distribucionais.

As propriedades estruturais, por meio do exame das operações flexionais e derivacionais, exibem a estrutura interna de diferentes classes de palavras: como raízes e seus marcadores gramaticais. As propriedades distribucionais fazem com que as categorias sejam distribuídas em sintagmas, cláusulas, e textos.

Entendemos que, no âmbito das propriedades estruturais, a distinção da estrutura morfológica derivacional e flexional das classes de palavras, propiciará a identificação de morfemas codificados para o uso exclusivo de cada uma das classes e de morfemas que podem estar presentes em mais de uma classe de palavra. A respeito deste último caso, vale mencionar a existência de um importante aspecto lexical das línguas Tupi-Guarani que está relacionado à flexão de um conjunto de morfemas prefixais que ocorrem: com verbos marcando o sujeito de predicados intransitivos e objeto em predicados transitivos, com nomes em construções possessivas; com posposições marcando objeto indireto; além de funcionar também como formas livres resultantes de pronomes núcleos de sintagmas nominais (SN).

Levando em conta que a determinação das classes de palavras constitui-se num meio de operar a descrição da língua fundada exatamente nos critérios oferecidos pela própria língua (Seki, 2000:53) e segundo os critérios acima apresentados, propomos para o

Kaiowá seis classes de palavras: nomes, verbos, advérbios, pronomes, posposições e partículas, sendo, as três primeiras classes pertencentes à classe aberta e as três últimas, à classe fechada (Schachter, 1985).

4.1 Nomes

Os nomes em Kaiowá distinguem-se de palavras de outras classes por possuírem as seguintes características:

- i) a categoria de posse alienável ou inalienável é expressa por pronomes clíticos;
- ii) são marcadas para o caso acusativo em sua estrutura morfológica;
- iii) distinguem a categoria de número por meio de uma partícula pluralizadora ou por palavras quantificadoras;
- iv) a categoria de gênero: não é morfológicamente marcada, é expressa por intermédio de itens lexicais distintos;
- v) a categoria de tempo nominal é marcada morfológicamente;
- vi) apresenta o processo de incorporação nominal;
- vii) sintaticamente, ocupam a posição de núcleo de um sintagma nominal, ocorrendo como argumento de predicados verbais e não-verbais e também como constituinte de um sintagma posposicional;
- viii) podem, também, ocorrer como núcleo predicator.

Segundo Payne (1997:33), as categorias gramaticais maiores, nome e verbo, podem ser, prototipicamente, identificadas a partir de critérios semânticos.²¹

Givon (1984) postula que as línguas possuem a noção semântica de *time-stable* (maior ou menor estabilidade temporal) para distinguir determinadas classes de palavras.

²¹ As categorias gramaticais maiores tratadas por Payne, aqui são referidas como classes abertas ou principais, que incluem, o nome, o verbo e o advérbio.

Para esse autor, as “palavras” que expressam maior *time-stable* (estabilidade temporal) são os nomes, como por exemplo, “pedra”, “casa”, “montanha”, “árvore” etc,

A partir desse critério, consideramos que as palavras da língua Kaiowá, que a princípio expressam mais conceito *time-stable*, são prototipicamente *nomes*. São exemplos: [i'ta] ‘pedra’, [ɔ'ga] ‘casa’, [ɨwɨ'ra] ‘árvore’, [ɨ'wɨ] ‘terra’, [kwara'hɨ] ‘sol’ etc.

4.1.1 Categoria de Posse

Outro critério semântico é usado aqui para distinguir os tipos de nomes. Neste, levamos em conta a *Categoria de Posse* que distingue os nomes que são possuídos, alienável ou inalienavelmente, dos nomes não-possuídos.

Tal distinção semântica pode ser evidenciada por propriedades morfossintáticas como, por exemplo, o fato dos *nomes possuídos* apresentarem um argumento obrigatório expresso em sua estrutura morfológica (cf: 1 e 2), e os *nomes não-possuídos* não apresentarem tal argumento em função de possuidor, como podemos observar em: [ɨ] ‘água’; [gwɨ'ra] ‘pássaro’; [mbɔre'wɨ] ‘anta’, [dʒa'sɨ] ‘lua’ etc.

(1) [adʒa'po ʃerɔ'ga]

a- ɲapo ʃe- r- oŋa

1^asg-fazer 1^asg-Rel-casa

‘(eu) faço minha casa’

(2) [nde'sɨ a'kã]

ne= ø- sɨ akã

2^asg-Rel-mãe cabeça

‘cabeça da tua mãe’

A classe dos nomes não-possuídos opõe-se aos nomes possuídos, morfológicamente, por não receberem pronomes clíticos marcadores de pessoa e número (cf. quadro 5) e nem prefixos relacionais em sua estrutura morfológica, uma vez que não

apresentam um argumento possuidor obrigatório. Os nomes não-possuídos, em geral, designam elementos da natureza, animais, plantas, nomes de pessoas, entre outros que podem também ocupar a posição nuclear de sintagma nominal genitivo (cf. 3 e 4).

(3) [tu'dʒa karã'ŋgwe mǒrǒ'tẽ]

tupa karãŋwe mǒrǒ'tẽ

velho cabelo branco

'cabelo branco do velho'

(4) [kũnũ'mĩ otĩ'ra ka'ʔi ru'gwaj]

kunũmĩ o-tĩra **kaʔi** r-uŋwaj

menino 3ª.puxar macaco rel-rabo

'o menino puxou o rabo do macaco'

Os nomes possuíveis são divididos em duas subclasses semânticas: *nomes inalienavelmente possuídos* e *nomes alienavelmente possuídos*, porém não há diferenças morfossintáticas entre as mesmas.

Os nomes possuídos alienável e inalienavelmente apresentam um argumento possuidor, identificados por meio de pronomes clíticos marcadores de pessoa e número e prefixos relacionais. Os nomes possuídos alienavelmente designam manufaturas, objetos de uso doméstico, armas e ferramentas, já os nomes possuídos inalienavelmente designam partes do corpo, parentesco e animais domésticos.

Os dados abaixo exemplificam nomes não-possuíveis, nomes possuíveis alienavelmente e nomes possuíveis inalienavelmente.

Quadro 4. Categoria de posse

Nomes não-possuíveis		Nomes possuíveis alienavelmente		Nomes possuíveis inalienavelmente	
kwarahĩ	'sol'	huʔĩ	'sua flecha'	ʃetẽ	'meu nariz'
tata	'fogo'	ʃeroŋa	'minha casa'	imẽnã	'seu marido'
awati	'milho'	nekĩse	'tua faca'	ʃesĩ	'minha mãe'
kupã	'mulher'	ʃeŋãʔẽ	'minha panela'	nerãŋ	'teu dente'
ĩwĩ	'terra'	ikĩha	'sua rede'	nenãmi	'tua orelha'
ĩwĩra	'árvore'	oreŋwĩrapa	'nosso arco'	ʃeraʔĩ	'meu filho (pelo pai)'

4.1.1.1 Pronomes clíticos marcadores de pessoa e número

Em nomes possuídos, os marcadores de pessoa e número são cliticizados à raiz e ocupam a primeira posição na estrutura morfológica desta, sendo seguidos apenas por prefixos relacionais. Observemos a quadro (5), no qual apresentamos os pronomes que são cliticizados à raiz nominal possuída.

Quadro 5. Pronomes Clíticos

1ª singular	ʃe-
2ª singular	ne- [nde- ~ nẽ- ~de-]
1ª plural (incl)	ɲãne- [ɲãnde- ~ ɲã-]
1ª plural (excl)	ore-
2ª plural	pẽne- [pẽnde- ~ pẽnẽ-]

O inventário de pronomes clíticos²² empregado a estes nomes possuídos é o mesmo conjunto de pronomes empregados nos predicados transitivos, codificando a função de objeto (O), e nos predicados intransitivos, codificando a função de sujeito inativo (So), além de também ocorrerem em sintagmas posposicionais (SP), em funções oblíquas e periféricas.

Seguem dados que exemplificam raízes nominais possuídas do Kaiowá, apresentados de acordo com o paradigma de pessoa e número do quadro (5).

(5) [ʃe ahe'ʃa ʃeru'pe]

ʃe a- h- eʃa ʃe- r- u-pe

Eu 1ªsg-rel-ver 1ªsg- rel- pai-Acus

‘eu vi meu pai’

(6) [ndera'pe te'e]

ne- r- ape tee

2ªsg- rel- caminho próprio

‘teu próprio caminho’

²² Os pronomes clíticos serão tratados em maior detalhe na seção 4.4.2.

(7) [amõ ñã'ndeɾεko'ha pe]

amõ ñãne- r- ekoha pe

aquele 1ªpl (incl)-rel.-aldeia posp

‘naquela nossa aldeia’

(8) [a'pɨ ete'rej oɾeɨwɨ mĩʃi]

apɨ etereɲ oɾe-ø-ɨwɨ mĩʃi

aqui Ptc 1ª.pl (excl)-rel-terra pequena

‘aqui nossa terra (é) muito pequena’

(9) [pẽnde'pɨ kwε'ra]

pẽne-ø- pɨ kwεra

2ª.pl-rel- pé pl

‘pés de vocês’

(10) [imẽnã'rã]

i- mẽnã-rã

3ª./- rel-esposo-Fut

‘seu futuro esposo’

Em Kaiowá, bem como em outras línguas da Família Tupi-Guarani, a terceira pessoa não é codificada por meio de pronomes clíticos, mas sim por meio de prefixos relacionais { i- ~ h-}, (cf. 10).

4.1.1.2 Prefixos Relacionais

Os nomes possuíveis em Kaiowá, como em outras línguas da família Tupi-Guarani, expressam a relação entre o possuidor e o nome possuído por marcas morfológicas, tradicionalmente, denominadas de *prefixos relacionais*.

A análise lingüística do Kamayurá, feita por Seki (2000), leva a autora a interpretar o fenômeno que envolve os prefixos relacionais dentre os nomes possuídos, os verbos e as posições, considerando tais aspectos comuns:²³

- i) a referência do possuidor ser específica ou indefinida, considerando sua função na construção;
- ii) o tipo de referência expressa e
- iii) o tipo de construção.

Levando em conta esses aspectos elencados por Seki (2000, p.55) e as observações dos dados do Kaiowá, assumimos que entre os nomes possuídos, os prefixos relacionais exercem a função - *especificação do possuidor*, por intermédio dos prefixos relacionais { r- ~ ø-} e { i- ~ h-}, em que se pode especificar o tipo de pessoa que preenche o argumento nominal (possuidor) e a função - *indefinitude do possuidor*, por meio do prefixo relacional { t-}, em que não se pode especificar a pessoa do possuidor que, então, fica indefinido.

Os prefixos relacionais de especificação do possuidor fazem referência às pessoas que compõem a posição de argumento possuidor. O Guaraní Paraguaio, segundo Velazquez-Castillo (1996), apresenta:

As for the alternation between the r-form and the h-form, in a nominal possessive structure, the alternation is determined by whether or not the possessor is 3rd person, i.e., if the possessor is first or second person the r-form is used (e.g., che-rera 'my name'), otherwise the h-form is used (e.g., hera 'his/her name') (VELAZQUEZ-CASTILLO, 1996, p.10).

²³ A análise, tradicionalmente adotada para a interpretação dos prefixos relacionais, é aquela apresentada nos trabalhos de Rodrigues (1990, 1996, 2001) e de outros pesquisadores de línguas Tupi-Guarani (cf. Cabral (1997 e 2000), que considera que a contigüidade ou não do possuidor ao nome possuído condiciona a ocorrência dos prefixos relacionais de uma ou de outra classe. Neste trabalho, tal análise não será adotada tendo em vista que adotamos as análises de Seki (2000) e de Velazquez-Castillo (1996), por estas melhor interpretarem o fenômeno de especificação e referência do argumento nominal possuidor.

Observemos um exemplo da alternância entre os prefixos relacionais em um mesmo radical nominal possuído:

tape (t- possuidor indefinido = caminho de alguém);

rape (r- com possuidor de 1ª e 2ª pessoa = meu ou teu caminho) e

hape (h- com possuidor de 3ª pessoa = (seu) caminho /caminho (dele)).

Em Kaiowá, os prefixos relacionais, que se afixam aos nomes possuídos, exercem a função - *especificação do possuidor*, por intermédio dos prefixos relacionais {r- ~ ø-} e {i- ~ h-}, pois especificam o tipo de pessoa que preenche a posição de argumento nominal (possuidor),

Seki (2000) inclui o prefixo reflexivo {o-} dentre os prefixos cujo possuidor é especificado, no caso, prefixos {r- ~ ø-} e {i- ~ h-}, entretanto, esse prefixo reflexivo codifica apenas um possuidor de terceira pessoa.

Os dados coletados do Kaiowá também apresentam o prefixo {o-} afixado ao núcleo nominal possuído. Esse prefixo só codifica a terceira pessoa, que aqui é tratada como uma não-pessoa do discurso.

Quanto ao prefixo relacional indefinido {t-}, trataremos desse por intermédio da abreviação do termo indefinido (**ind**).

De modo similar às análises propostas por Seki, para o Kamaiurá, e por Velazquez, para o Guaraní Paraguaio, a respeito dos prefixos relacionais, temos o seguinte quadro para o Kaiowá, no qual reunimos os prefixos relacionais e seus alomorfes.

Quadro 6. Prefixos relacionais

Com Especificação do Possuidor			Com possuidor indefinido
Possuidor de 3ª pessoa co-referente	Possuidor expresso no sintagma nominal genitivo, sendo ele de 1ª ou 2ª pessoa	Possuidor de 3ª pessoa deslocado da posição original	
o-	r- ø-	h- i- t-	t-

Observemos os dados do Kaiowá com a ocorrência deste prefixos:

i) o prefixo { o- }

O fato desse prefixo codificar um possuidor de terceira pessoa co-referente ao sintagma nominal em função de sujeito (A, Sa ou So) da oração, o torna reflexivo (**refl**).

(11) [haʔe ogwaʔta oʔsẽ ndive]

haʔe o- ŋwata o- sɨ niwe
 ele 3ª - anda 3ª.refl- mãe Posp ‘ele anda com sua (própria) mãe’

(12) [oʔu okoʔkwe gwi]

o-u o- kokwe ŋwi
 3ª.-vir 3ª.refl-roça Posp ‘vem da sua (própria) roça’

ii) o prefixo { r- }

O prefixo relacional { r- } é condicionado morfofonologicamente pelo 1º segmento fonético do radical nominal. Assim, se o radical nominal for iniciado por vogal receberá a marcação relacional por meio do alomorfe [r-], mas se for iniciado por consoante receberá o alomorfe [∅].

Observemos os dados em (13 a e b), já mostrados em (1) e (2).

O alomorfe [r-] (_ V)

(13)

a) [adʒaʔpo ʃeʔroga]

a- ŋapo ʃe= r- oŋa
 1ªsg-fazer 1ªsg-rel-casa ‘(eu) faço minha casa’

O alomorfe [∅-] (__ C)

b) [nde'si akã]

ne= ∅- si akã

2ªsg-rel-mãe cabeça

'cabeça da sua mãe'

iii) o prefixo { i- }

O prefixo relacional { i- } possui três alomorfes: { i- ~ h- ~ t- }, este parece ocorrer somente com termos de parentesco. Observemos:

O alomorfe [i-]

O alomorfe [i-] possui outras variações foneticamente condicionadas: [i-] pode variar em [ĩ-], [iŋ-], [iɲ-] e [∅-].

(14) [ĩɲã'kã'waj]

i- akã waj

3ª./rel-cabeça ruim

'cabeça (dela) ruim'

O alomorfe [h-]

(15) [ha'si ha'gwa mbi'ki ete'ɾɛj]

h- asi ha-ɲwa miki etereɲ

3ª./rel-lua Nom.Fut curto Ptc

'lua que (será) muito breve (minguante)'

O alomorfe [t-]

(16)

a) [ta'ʔiɾa he'ʔi]

t- aʔi ra h- eʔi

rel- filho Posp rel- dizer

'para o filho (dele) disse (o pai)'

b) [tamõj]

t- amõj

rel- avô

‘avô (dele)’

iv) o prefixo { t- }

O prefixo relacional de possuidor não-especificado { t- } codifica um argumento possuidor indefinido. Segundo Seki (2000), a referência a este argumento indefinido pode ocorrer num contexto extratextual, em Kamaiurá.

(17)

a) [teko'ha gwa'su]

t- ekoha ŋwasu

ind-aldeia grande

‘aldeia grande (de uma parentela)’

b) [aripa'rama'ʃe ta'pe ru'pi]

a- rirara-mã ʃe t- ape ru'pi

1^a.sg-correr -Asp eu ind-caminho posp

‘Eu já corri pelo caminho’

c) [haʔe ogwa'tamã ta'pe ru'pi]

haʔe o-ŋwata-mã t- ape ru'pi

ele 3^a.anda-Asp ind- caminho posp

‘ele já anda pelo caminho’

4.1.2 Categoria de Número

Alguns nomes são caracterizados pela categoria de **Número**, com as propriedades: singular ou plural, pela ocorrência da partícula pluralizadora *kwerɛ̃* [kwerɛ̃ ~ kwera ~ ŋwera] e a ausência dessa indica o singular. Esta partícula pluralizadora também ocorre com os pronomes pessoais livres.

Vejamos alguns exemplos de nomes com a partícula pluralizadora:

(18)

a) [pɪrɐ kwɛˈrɨ]

pɪrɐ kwɛrɨ

peixe pl

‘peixes’

b) [mĩˈtã ŋgwɛˈrɐ]

mĩtã kwɛrɐ

criança pl

‘crianças’

As expressões desta categoria, em Kaiowá, podem ser manifestas por meio de numerais e palavras quantificadoras. Exemplos: *peteʔĩ* ‘um, uma’; *mõkõi* ‘dois, duas’; *(h)eta* ‘muito(s), muita(s)’ etc.

Ao questionarmos sobre a variação entre [kwɛrɨ ~ kwɛrɐ], o professor indígena Ernesto Fernandes Ortiz descreve que a forma de palavra **kwɛrɨ** é mais usada pelos falantes Kaiowá e que a outra forma, **kwɛrɐ**, é preferida pelos Nhandewa (Guarani, autodenominação). Tal observação deverá ser averiguada em trabalhos futuros, considerando, ainda, a hipótese de que a classe de nomes em Kaiowá requeira sua pluralidade marcada em certos tipos semânticos e não em outros.

4.1.3 Categoria de Gênero

A categoria de gênero, é considerada pela tradição gramatical como uma das propriedades que se associam aos nomes. Em Kaiowá, bem como em outras línguas da Família Tupi-Guarani, tal associação não ocorre, uma vez que a distinção entre os gêneros feminino e masculino não é morfologicamente marcada entre os nomes. Geralmente, essa distinção é expressa por intermédio de itens lexicais diferentes, ou ainda, inferidas pelo contexto lingüístico ou extralingüístico.

(19)

a) -u	‘pai’	-sɨ	‘mãe’
-embireko	‘esposa’	-mena	‘esposo’
-aʔɨ	‘filho (dito pelo pai)’	-adʒɨ	‘filha (dito pelo pai)’

b) [taʔɨɨra heʔi]

t- aʔɨ -ra h- eʔi

rel-filho -Posp rel- dizer

‘para o filho (dele) disse (referindo-se ao pai)’

Outro recurso é expressar essa categoria por meio das palavras: **kupã** ‘mulher/fêmea’ e **kũɲmaʔe** ‘homem/macho’, ou ainda por meio de empréstimo do português ‘macho’.

(20)

a) -mẽ mɨ kũɲmaʔe	‘filho (dito pela mãe)’	-mẽ mɨ kupã	‘filha (pela mãe)’
-ɲaɲwarete kũɲmaʔe	‘onça macho’	ɲaɲwarete kũɲã	‘onça fêmea’

b) [ʔɨ paraʔkaw kũʔɲã]

o- ʔɨ paraʔkaw kũʔɲã

3ª.Cop papagaio fêmea

‘tem papagaio fêmea’

c) [haʔe ndodʒuʔkai dʒagwareʔte ʔmaʃo]

haʔe n- o- ø- ɲuka -i ɲaɲwarete maʃo

ele neg- 3ª.- rel-matar-neg onça macho

‘Ele não matou a onça macho’

O Kaiowá possui, segundo Pereira (1999), um complexo sistema de parentesco, que intervém na nomeação de filhos, irmão, e outros elementos deste sistema. Observando os dados coletados com informantes de ambos os sexos, pudemos apreender algumas particularidades da língua.

O professor indígena Ernesto Fernandes Ortiz (vinte e três anos), pai de Douglas (três anos), refere-se ao filho como \int eraʔi ‘meu filho’. Já Dona Floriza de Souza Filho, mãe de Luana (dez anos), refere-se à filha como \int emẽmĩ kuʔã ‘minha filha’. Quando se trata de um filho de uma outra pessoa, no caso um pai, diz-se taʔi ‘filho dele’.

Há também particularidades referentes aos termos irmão e irmã, pois diferenças quanto à idade desses são relevantes. Temos em nosso *corpus* as seguintes ocorrências:

(21)

Possuidor Mulher			Possuidor Homem		
\int ekĩwĩ	‘meu irmão’	+ novo ou + velho	nereni	‘tua irmã’	+ nova ou + velha
nerĩke	‘tua irmã’	+ velha	\int erĩwĩ	‘meu irmão’	+ velho
nekĩpĩʔĩ	‘tua irmã’	+ nova (pequena)	\int erĩkeʔĩ	‘meu irmão’	+ novo (pequeno)

4.1.4 Marcação de Caso

Algumas línguas Tupi-Guarani, como o Tupinambá (Rodrigues, 1996), o Kamaiurá (Seki, 2000) e o Avá-Canoeiro (Borges, 2006), apresentam um sufixo {-a} marcador de caso nuclear.

Em Kamaiurá, segundo Seki (op.cit, p.109), o caso nuclear é usado para marcar nominais em função de sujeito de transitivos e intransitivos e também em função de objeto, dentre orações com predicados verbais. Nessa língua, essas funções se distinguem por outras estratégias de codificação como ordem e concordância.

Segundo Andrews (1985), os sintagmas nominais que exercem **funções internas nucleares** (A, S e O) e que são marcadas por caso, codificam casos gramaticais (ergativo, absoluto, nominativo etc), já os sintagmas nominais, pré/posicionados (SP) ou não, que exercem **funções internas oblíquas** são marcados por casos semânticos (benefactivo, instrumental, locativo etc).

Considerando tais informações e a análise dos dados do Kaiowá, podemos constatar que os SNs dessa língua, ao exercer funções internas nucleares de (A), (Sa), (So), não receberem marcação morfológica de caso, não apresentando, por exemplo, o sufixo {-a} marcador de caso nuclear.

Em Kaiowá, somente o SN em função nuclear (O) é marcado por caso gramatical, por meio do sufixo {-pe}, que marca o **caso acusativo**.

(22)

a) [haʔe odʒuʔka dʒagwajʔrape ʔha odʒuʔka boreʔvipe]

haʔe o- ø- ɲuka ɲaɲwaɲɾa-pe ha o- ø- ɲuka morewi-pe

ele 3^a-rel-matar jacaré -Acus e 3^a-rel- matar anta -Acus

‘ele matou jacaré e matou anta’

b) [kũʔnã ohajʔhu kũɲmbaʔʔepe]

kũɲnã o- h-aɲhu kũɲmaʔʔe-pe

mulher 3^a-rel-amar homem -Acus

‘A mulher ama o homem’

c) [haʔe oheʔʃa ʔãɲgwɛʔpe]

haʔe o- h- eʃa i-ãɲwe-pe

ele 3^a-rel-ver rel-alma-Acus

‘Ele viu sua foto’

O sufixo {-pe} é afixado ao nominal núcleo do SN em função de (O). No entanto, sendo o núcleo deste SN um pronome, por exemplo de 3^a. pessoa, o sufixo usado é a forma {-ʃupe}, como ocorre no exemplo abaixo:

d) [ʔdʒuãw ohajʔhu iʃuʔpe]

ɲuãw o-h-aɲhu i-ʃupe

João 3^a.rel-ama 3^a.rel-Acus

‘João a ama’

O relacional { i-}, quando ocorre prefixado à forma {ʃupe}, sintaticamente, se constitui como núcleo de um SN em função de (O) ou em função de (OI), tendo em vista, os dois tipos diferentes de construções em que ocorre: i) construções com predicados transitivos e ii) construções com predicados bi-transitivos. (cf. em 23 e 24)

(23) {iʃupe} em função de (O)

[ʃe ahaj'hu iʃu'pe 'vɔj]

ʃe a- h- aɲhu i- ʃupe woɲ

eu 1^a.sg-dir-amar 3^a./rel-Acus mesmo

‘eu o amo mesmo’

(24) {iʃupe} em função de (OI)

[ʃe amẽʔẽ ãwa'dʒu iʃu'pe]

ʃe a- ø- mẽʔẽ ãwa aɲu i- ʃupe

eu 1^a.sg-dir-dar fruta madura 3^a./rel-Dat

‘eu dei uma fruta madura para ele/a’

Por ora, interpretamos que essa forma em função de (OI) pode ser entendida como uma posposição (cf. 5.2.1.1.3).

Por fim, vale ressaltamos que a não presença deste sufixo de caso acusativo {-pe} implica na mudança de estratégia de codificação do SN em função de (O). A ordem dos constituintes também pode codificar esse SN acusativo, que, em geral, ocorre de acordo com a ordem preferencial (SVO). Desse modo, no exemplo (22b), o sufixo marcador de caso acusativo {-pe} é opcional. Observemos outro exemplo com essa mesma ordem de constituinte, mas sem a marca morfológica da caso.²⁴

(25) S V O

[ha'ʔe ndodʒu'kai dʒagware'te 'maʃo]

haʔe n- o- ɲuka -i ɲaɲwarete maʃo

ele neg-3^a. matar-neg onça macho

‘ele não matou a onça macho’

²⁴ Sobre as estratégias de codificação de SNs em Kaiowá, confirmam os Capítulos 5 e 7.

4.1.5 Breves considerações sobre a Categoria de Tempo Nominal

Ao classificar palavras entre nomes e verbos, tradicionalmente, tem-se reconhecido como característica morfológica da classe de nomes - a possibilidade de categorizar em gênero, número e caso e para a classe de verbos – a possibilidade de categorizar tempo, modo, aspecto (TAM). Entretanto, estudos lingüísticos tipológicos mostram que uma distinção universal entre as classes de palavras, como nomes e verbos, é questionada, uma vez que, em línguas distintas, reconhecemos uma classe como a mesma com base em critérios formais particulares a cada língua.

Considerando que análises lingüísticas do Guaraní Paraguaio apontam para a ocorrência de morfemas que expressam a noção de tempo junto à classe de nomes e que estudos lingüísticos tipológicos apontam para a necessidade de se reconhecer uma classe de palavra segundo critérios particulares de cada língua, assumimos, aqui, que em Kaiowá (Guaraní), alguns nomes também podem ser categorizados em *tempo*.

Apresentamos a seguir, dados do Kaiowá, com morfemas sufixais de categoria de tempo e suas respectivas propriedades: {-kwe ~ -ŋwe} (passado), {-rã} (futuro) e {-rãŋwe} (fut. pretérito).

(26)

i) Sufixo {-kwe} “passado”

a) oŋa-kwe “ex-casa”

b) tẽmirẽko-kwe “ex-esposa”

ii) Sufixo {-rã} “futuro”

c) imẽnã-rã ‘seu futuro marido’

d) [ĩwĩ'ra oga'rã]

ĩwĩra oga-rã

madeira casa-fut

‘futura casa de madeira’

e) [ʃẽmbaʔerã dzoʔtĩ]

ʃe= ø- maʔe-**rã** notĩ

1^a.sg=rel-coisa -Fut ainda

‘coisa que ainda será minha’

iii) Sufixo {-**rãŋwe**} “futuro do pretérito”.

f) ʃemaʔe-**rãŋwe**

‘coisa que seria minha’

g) imẽnã-**rãŋwe**

‘seria seu esposo’

Assumirmos que, em Kaiowá, o fato de ocorrer a marcação de relações temporais junto a raízes nominais, traz nos dificuldade de análise aos buscarmos definir a operação que a determina. Ou seja, a categoria de tempo nominal se relaciona a um processo flexional ou derivacional?

Segundo Anderson (1985), a dificuldade em definir a categoria de tempo nominal como uma operação flexional está no fato de faltar-lhe, em geral, a produtividade e a uniformidade semântica características da flexão. Sendo assim, assumimos, por ora, que o tempo nominal deve ser tratado como sendo uma operação derivacional.

Os sufixos indicadores de tempo nominal também ocorrem com verbos nominalizados pela forma {**ha-**}.²⁵

Em Kaiowá, as orações são complementizadas por meio do sufixo nominalizador {**ha-**} que pode ocorrer seguido da categoria de tempo nominal, o que sugere uma estratégia de complementização por nominalização. (cf. capítulo 6).

(27) tempo nominal e o morfema nominalizador {-ha}

-**ha** (com morfema {ø- } para o presente

[gwĩʔra mõrõʔtĩ gwaʔsu piʔra uʔha]

ŋwĩra mõrõʔtĩ ŋwasu pira u -**ha-ø**

pássaro branco grande peixe comer –Nom-Pres

‘pássaro branco grande comedor de peixe’

(martim pescador)

²⁵ Payne (1997, p.25) distingui duas operações de mudança de categoria gramatical (classes de palavras): a *Denominalização*, que muda o nome para uma outra classe, e a *Nominalização*, que é a mudança na forma de uma outra classe para um nome.

(28) **hãŋgwe** e **hare** (com os morfemas {-kwe ~ -ŋgwe} e {-re} para o passado)

a) [kaʔitĩ'tĩkwe odʒapohã'ŋgwe dodʒa'poi]

kaʔitĩ-kwe o-ŋapo **-ha-ŋwe** n-o-ŋapo-i

farinha-Pass 3^a.-fazer Nom.Pass neg-3^a.-fazer-neg

‘(chicha) que era feita de farinha, não fazia’

b) [õmõndaha're]

o- mõna-**ha** -re

3^a.sg-roubar-Nom-Pass

‘ex-ladrão’

(29)-**hãŋwã** e **harã** (com os morfemas {-ŋwã} e {rã} para o futuro)

a) [ĩta'ku õmõ'ʔĩ 'odʒa pe okosinahã'ŋwã]

ĩ t -aku o-mõ'ʔĩ oŋa pe o- kosi'na **-ha-ŋwã**

água ind-quente 3^a.-colocar panela Loc 3^a.-cozinhar-Nom-Fut

‘água quente na panela que (logo) cozinhará’

b) [ʔe ha'ʔe porahejha'rã]

ʔe ha'ʔe porahej-**ha** -rã

eu ‘ser’ cantar -Nom-Fut

‘eu serei cantor’

O morfema {-∅} indica em (27) a noção de presente (nominal). O sufixo de futuro {-rã} (29b) indica o futuro (hipotético) tanto em nomes possuídos, bem como em verbos intransitivos ativos nominalizados pelo morfema {-ha}. A nominalização de verbos transitivos ativos por esse morfema toma o sufixo {-ŋwã} para indicar o futuro (próximo), como em (29a). Já o tempo pretérito, em verbos nominalizados por {-ha}, é indicado pelos sufixos de tempo nominal {-re/ -ŋwe ~ kwe}, como em (28a). A respeito da categoria de tempo verbal, bem como da categoria de tempo nominal (com verbos nominalizados), confira a seção (4.2.4.2).

Os sufixos indicadores de tempo nominal também ocorrem com verbos nominalizados pela partícula {waʔe}. (cf. capítulo 6)

Em Kaiowá, as orações relativas apresentam a partícula *wa(ʔe)*, que pode ocorrer seguida da categoria de tempo “nominal”, resultando em *{wa(ʔe)-ø}* para o presente, *{waʔe-kwe}* para o passado e *{waʔe-rã}* para o futuro, o que sugere uma estratégia de relativização por nominalização.

(30)

a) [ʃe aheʃa vaʔe wɔj iʃuʔe kwɛrɛ̃]

ʃe a- h- eʃa **waʔe-ø** wɔj i- ʃupe kwɛrɛ̃

eu 1ª.sg-dir- ver Nom-Pres sempre 3ª./rel-Acus pl ‘eu que sempre vejo eles’

b) [kũjmbaʔe o- i- nupã o- ø-ɲuka moɲ-pe o- i- suʔu **waʔe-kwe** kunũmĩ-pe]

kũjmbaʔe o- i- nupã o- ø-ɲuka moɲ-pe o- i- suʔu **waʔe-kwe** kunũmĩ-pe

homem 3ª.-dir-bater 3ª.-dir-matar cobra-Acus 3ª.-dir-picar Nom-Pass menino-Acus

‘o homem bateu e matou a cobra que mordeu o menino’

c) [ʃe aŋwereʔko vaʔerã pẽtẽʔĩ ʔoga pĩʔaʔhu]

ʃe a- ŋwere- ko **waʔe-rã** peteʔĩ ʔoga pĩʔaʔhu

eu 1ª.sg- caus comit-ter Nom-Fut uma casa nova

‘eu que farei estar comigo uma casa nova’
(‘eu terei uma casa nova’)

Em se tratando de nominalizadores em Kaiowá, vale apresentar outro nominalizador, o prefixo *{temi-}* (em 31). Desde já, informamos que não encontramos essa forma sendo usada com sufixos indicadores de tempo nos dados de que dispomos.

(31) *{temi-}* “nominalizador prefixal”

a) [tẽmbiʔu]

temi-ʔu

Nom-comer

‘comida’

b) [ĩpõrãʔha kɔ tẽmbiaʔpɔ]

i- porã-ha ko **temi-apo**

3ª./rel-bom-Nom este Nom-fazer

‘é bom a feitura deste trabalho’

4.1.6 Outras operações derivacionais

A formação de nomes, em Kaiowá, além de contar com derivação por meio da categoria de tempo, conta com outras operações derivacionais que não alteram de classe as novas palavras formadas.

Em busca de melhor interpretar a estrutura geral dos nomes, examinaremos a possibilidade de formação de novas palavras por intermédio da derivação e da composição de nomes Kaiowá.

Observemos algumas operações derivacionais via afixação que, significativamente, alteram o conceito básico expresso pela raiz nominal. (Payne, 1997). Estes afixos expressam nomes no **diminutivo** e no **coletivo**, como ilustram os dados abaixo.

(32) {-ʔi ~-ʔĩ} “diminutivo”, o último com segmento nasal

ita-ʔi ‘pedra pequena’

(33) {-mĩʃĩ ~-mĩ} “diminutivo”

mĩtã-mĩʃĩ ‘criancinha’

(34) {-tĩ} “coletivo ou abundancial²⁶”

a) [pakowa'tĩ]

pakowa-tĩ

banana-Col

‘bananal, plantação de banana’

b) [kapiʔi'tĩ]

kapiʔi-tĩ

capim-Col

‘pasto’

Observemos em (35) a operação derivacional por **composição** que ocorre por combinação entre raízes e/ou radicais nominais.

²⁶ Seki (2000:372) é que se refere ao termo abundancial ao descrever o sufixo {-typ} do Kamauirá.

(35)

a) [pɪrɑ'ɾã̃]

pɪrɑ- ɾ- ã̃ɲ

peixe-rel-dente

'piranha'

b) [hesɑ'ĩ]

h- esɑ- ĩ

rel-olho-água

'lágrima'

Dentre as operações derivacionais por composição, incluímos dados de *incorporação nominal*, por estes exibirem as mesmas características dos compostos nominais. (cf. Payne 1997, p.231). Vejamos exemplos de incorporação nominal em (36)²⁷:

(36)

a) [dʒapikĩ'pɔj hã'ɲwã]

ɲɑ- pikĩ -pɔɲ hɑ-ɲwã.

1ªpl(incl)-lambari-pescar Nom-Fut

'para pescarmos lambari'

b) [dʒɑĩ'ʔu hã'ɲwã]

ɲɑ- ĩ -ʔu hɑɲwã

1ªpl(incl)-água-beber Nom-Fut

'para bebermos água'

De modo geral, a significação resultante da operação de composição e de incorporação é mais específica do que a significação individual das partes.

²⁷ Sobre incorporação nominal na língua Guaraní do Paraguai confira Velazquez-Castillo (1996) e no Mbyá, confira Martins (1996).

4.1.7 Propriedades estruturais dos nomes

Dentre as propriedades morfossintáticas prototípicas do nome, Payne (1997) aborda as propriedades estruturais que exibem as estruturas internas dos nomes, com a raiz e seus marcadores gramaticais.

Segundo Velazquez-Castillo (1996), as palavras da língua Guaraní do Paraguai não são, necessariamente, formadas por seqüências de formas (raiz + afixos), tendo em vista que a conexão morfológica entre estas seqüências é relativamente frouxa, o que possibilita, a um morfema raiz, ter a capacidade de significar sozinho.

Em Kaiowá, a estrutura interna do nome também pode ser composta apenas do morfema raiz, bem como pode ser acrescida por afixos, além de clíticos, requeridos em operações derivacionais e flexionais.

Postulamos que o nominal não-possuído, em Kaiowá, apresente uma estrutura interna como a mostrada no diagrama abaixo e os exemplos em (37):

RADICAL		FLEXÃO	
DERIVAÇÃO	Raiz (Raízes)	DERIVAÇÃO	Caso
(37) [tẽmbiʔu]		/ tẽmi-ʔu/	‘comida’
[oga´rã]		/oŋa-rã/	‘futura casa’
[ohaj´hu dʒuse´pe]		/o-hajhu ɲuse-pe/	‘(ele/a) ama José’

Os nomes possuídos, morfossintaticamente, recebem os marcadores flexionais de pessoa e número que identificam, semanticamente, o possuidor. Esses marcadores são cliticizados à raiz nominal e ocupam a primeira posição na estrutura interna desta, sendo seguidos pela codificação prefixal que identifica, pragmaticamente, ser o possuidor uma pessoa do discurso.

Postulamos que o nome cujo possuidor seja de 1ª ou 2ª pessoa, singular ou plural, apresente uma estrutura interna como a mostrada no diagrama abaixo o exemplo em (38):

FLEXÃO		RADICAL		FLEXÃO
Marcadores de pessoa e número	Relacional	Raiz (Raízes)	DERIVAÇÃO (Tempo)	Caso

(38) [nēm̃baʔe' rãŋwe]	/ne-∅-maʔe-rãŋwe/	‘coisa que seria tua’
[ʃe ahajhu ʃemēm̃bipe]	/ʃe ahajhu ʃe-∅-mēm̃i-pe/	‘eu amo minha filha’
[ʃemē'mb̃i kwε' r̃i]	/ʃe-∅-mēm̃i kwεr̃i/	‘meus filhos’

O diagrama abaixo demonstra a estrutura interna dos nominais possuídos por uma não-pessoa do discurso:

FLEXÃO	RADICAL		FLEXÃO
Marcador de não-pessoa do discurso (relacional)	Raiz (Raízes)	DERIVAÇÃO (tempo)	Caso

(39) [ɔŋē' ʔē' imēm̃bi' pe kwε' r̃i]	/o-ŋēʔē' i-mēm̃i-pe kwεr̃i/	‘(ele) falou a seus filhos’
[has̃ihã' ŋwã m̃i' k̃i]	/h-as̃i-ha-ŋwã m̃i' k̃i/	‘lua que será breve (minguante)’
[odʒa' po hoga' r̃ã]	/o-ŋapo h-oŋa-r̃ã/	‘fará sua futura casa’

4.1.8 Propriedades distribucionais dos nomes

Levando em conta as propriedades estruturais apresentadas acima, procuramos definir formalmente as propriedades distribucionais dos dois tipos semânticos nominais do Kaiowá. Salientamos que, em Cardoso (2001 e 2005a), tratamos de aspectos relacionados à constituição interna de SN e a ordem entre os constituintes sintagmáticos da língua Kaiowá.

De modo geral, tanto os nomes não-possuídos quanto os possuídos desempenham a função de núcleo sintagmático, que relacionados a outros sintagmas constitui construções sintáticas mais complexas (predicados, frases, sentenças independentes e/ou dependentes).

Apresentamos em (40) sintagmas nominais (SN) constituídos de núcleo nominal não-possuído e em (41) sintagmas nominais possessivo com núcleo nominal possuído alienavelmente (41.i), inalienavelmente (41.ii), ou por intermédio da justaposição (41.iii).

(40) SN não-possuído

a) [gwĩra'kwɛra o- ø- wewe]

ɠwĩra kwɛra o- ø- wewe

pássaro pl 3^a.-rel-voar

‘os pássaros voam’

b) [pě'mboj odzupĩ iwĩ'ra ra]

pe moɲ oɲupĩ **iwĩra ra**

essa cobra 3^a.-subir árvore Posp

‘essa cobra sobe na árvore’

(41) SN possuído

i) alienável

a) [ʃe'roga piʔa'hu]

ʃe- r- **oŋa** piʔa'hu

1^a.sg-rel-casa nova

‘minha casa nova’

b) [he'ta õĩ nãndeĩ'wĩ]

heta o-ĩ **nãne-** ø- **iwĩ**

muito 3^a.cop 1^a.pl (incl)-rel-terra

‘tem muita terra nossa’

ii) inalienável

c) [ʃere'sa]

ʃe- r- **esa**

1^a.sg-rel-olho

‘meu olho’

d) [adzohe'ʔei ʃe'pĩ]

a-ɲoheʔɛɲ **ʃe-** ø- **pĩ**

1^a.sg-lavar 1^a.sg-rel-pé

‘lavo meu pé’

iii) posse por justaposição

e) [ɛwɛ́ ʔa ro ʔgwe pɛ́ ʔa ʔhu]

ɛwɛ́ ʔa ro ʔgwe pɛ́ ʔa ʔhu

árvore folha nova

‘folha nova da árvore’

f) [tudʒa kaɾã ʔgwe mǒ rǒ ʔtɛ́]

tudʒa kaɾã ʔgwe mǒ rǒ ʔtɛ́

velho cabelo branco

‘cabelo branco do velho’

Os SNs com núcleos nominais possuídos alienavelmente ou inalienavelmente (41.i e 41.ii) ocorrem com marcadores de número e pessoa, seguidos de prefixo relacional. Semanticamente, o nominal de posse alienável distingue-se do nominal de posse inalienável, quando o item possuído está ligado de modo contingente ao possuidor, uma vez que, na posse inalienável, o item possuidor está ligado de maneira necessária ao possuidor.

A respeito das funções exercidas pelos SNs dentro de orações com predicados transitivos, intransitivos, copulativos ou predicados não-verbais, confira a seção (5.2), em que tratamos da identificação dos argumentos.

No que se refere à ordem dos constituintes internos de SN em Kaiowá, verificamos que algumas palavras modificadoras antecedem o núcleo nominal, como quantificadores (numerais) e dêiticos (cf. 4.4.3), e outras pospõem-se ao mesmo, como modificadores inativos.

Observemos dados com modificadores que antecedem o nome:

(42) Mod + N

a) **heta** tēmítɛ́ ha **heta** hoɾwe

‘muitas sementes e muitas folhas’

b) **Amǒ** kwatia

‘aquele papel’

c) **mǒ kǒ** ɲ ʃepo

‘duas (minhas) mãos’

d) [dʒadʒa ʔpo i ʃu ʔgwi opa mba ʔɛ]

ɲa-ɲapo i-ʃu-ɲwi . **opa** maʔe1^apl-fazer 3^a/rel-Posp todo coisa

‘fazemos todas as coisas (com) (d)ela’

e) [ʃeˈraɲ oĩ tɕnĩˈrũj]

ʃe= raɲ oĩ **tɕnĩrũp**

1^a.sg-dente 3^a.-ser seis

‘meus dentes são seis (ou mais que seis)’

f) [mõˈkõj mẽ mbohaˈpɕiˈwe ma]

mõkõj-mẽ mohapɕi-we mā

dois -dual três -Int Pont

‘duas vezes dois, mais três (sete)’

Em (43), expomos os seis itens numéricos enunciados por falantes mais idosos do Kaiowá:

(43)

Numerais	‘tradução’
[petẽˈʒĩ]	um
[mõˈkõj]	dois
[mbohaˈpɕi]	três
[iɾũˈndɕi];	quatro
[teʒiowa], [teɲoˈʒa]	cinco
[tɕnĩˈũ]; [tinĩrũj]	seis

Supomos que, em Kaiowá, o sistema numérico consista de seis itens que podem funcionar também como multiplicativos, quando afixados pelo sufixo dual {-mẽ}, e somatórios, quando ocorrem com os sufixo {-we} ‘intensificador’ e, opcionalmente, pelo morfema {-mã} ‘pontual’ (cf. 42f).

Em análises de línguas da família Tupi-Guarani, os “numerais/quantificadores” geralmente são caracterizados os como uma subclasse de advérbio por ocorrerem no modo circunstancial (cf. Seki, 2000). Entretanto, não identificamos, em Kaiowá, o modo circunstancial, o que parece impossibilitar tal subclassificação para os numerais/quantificadores. Considerando, ainda, a restrita identificação de itens numéricos

para a língua Kaiowá, assumimos, por ora, que esses itens não constituem uma classe de palavras em separado. Assim sendo, a análise e (sub)classificação de numerais/quantificadores do Kaiowá ficará para trabalhos futuros.

Observemos dados com modificadores que se pospõe ao núcleo nominal:

(44) **N + Mod**

- | | |
|----------------------|-----------------------|
| a) iṅãkã rãṅwe pu'ku | ‘seu cabelo comprido’ |
| b) iṅã ʔẽ pãa'hu | ‘sua panela nova’ |
| c) tuṅwĩ pĩtã | ‘sangue vermelho’ |
| d) maʔe waṅ | ‘coisa ruim’ |

Em (44), o SN é constituído de um nome seguido de um modificador que, por ora, classificamos como sendo um inativo (descritivo) (cf. 4.2.1.3). Novas pesquisas lingüística de campo nos permitirá melhor analisar esse tipo de ocorrência (44), que sugere a existência de **uma pequena classe de palavras adjetivas**, em Kaiowá.

4.1.9 Negação do nome

Destacamos dois tipos de negação que afetam os nomes em Kaiowá. A negação do núcleo nominal marcado pelo sufixo {-eʔĩ} e a negação do nome em função de predicado (não-verbal) marcado pelo morfema descontínuo {na- ... -i}

(45)

a) **negação com {-eʔĩ}**

[he'saeʔĩ]

h-esa-eʔĩ

rel-olho-neg

‘sem olho’

b) **negação com {na- ... -i}**

[ha'ʔεkwεra nda'hogai]

haʔe kwera na- h- oṅa -i
 ele pl. neg- rel- casa -neg

‘eles não tem casa’

4.2 Verbos

Os verbos em Kaiowá seguem o padrão prototípico no que se refere a suas propriedades morfossintáticas: estruturais e distribucionais. Esses distinguem-se de palavras de outras classes por possuírem as seguintes características:

i) categoria de número/pessoa que marca as pessoas que estão envolvidas na atividade (ou inatividade) verbal;

ii) presença das categorias de tempo, modo e aspecto (TAM);

iii) categoria de voz;²⁸

iv) possibilidade de receber afixos derivacionais que podem alterar sua classe de palavra, ou ainda, mudar sua valência e,

v) sintaticamente, o verbo pode funcionar como predicador e, por apresentar a categoria de número e pessoa, pode ser o único constituinte da oração.

A transitividade da ação verbal associada à oposição semântico-lexical: atividade vs. inatividade, resulta na classificação dos verbos Kaiowá em três subclasses: verbos transitivos ativos, verbos intransitivos ativos e verbos intransitivos inativos (ou descritivos)²⁹. Há ainda uma quarta subclasse verbal: verbos copulativos, que não se distingue segundo esses mesmos critérios oposicionais.

4.2.1 Tipos de verbos

O verbo é flexionado por meio de prefixos e clíticos marcadores de número e pessoa e prefixos relacionais. Há quatro subclasses de verbos em Kaiowá: transitivo (ativo), intransitivo ativo, intransitivo inativo e cópula. Os verbos transitivos possuem, prototipicamente, dois argumentos e os intransitivos apenas um argumento.

²⁸ Nesta seção propomos que os denominados prefixos relacionais sejam classificados como propriedades que denotem a categoria de voz. Ressaltamos que as propriedades denotadas pela categoria de voz aplicam-se apenas a verbos transitivos e estão associadas à hierarquia de pessoa (1>2>3), (cf. Cap.7).

²⁹ “ A term like ‘descriptive verb’ may be used instead (for example, Seki 1990, 2000 on Kamaiurá, Tupí-Guaraní branch of Tupí family).” (DIXON, 2002 p. 22).

4.2.1.1 Verbos Transitivos

Os verbos transitivos se distinguem morfossintaticamente das outras subclasses verbais, bem como de elementos de outras classes de palavras pela capacidade de receberem os prefixos da série III (*portmanteau*) (cf. quadro 8) e, sintaticamente, pode ocorrer com dois argumentos nominais, ou ser o único constituinte da oração.

Neste trabalho, distinguimos, somente entre construções com verbos transitivos, a categoria de voz: reflexiva, recíproca, direta e inversa (cf. capítulo 7).

Alguns verbos transitivos são: *-nũpã* (bater); *-(r)echa* (ver); *-ɲuka* matar; *-suʔu* (morder); entre outros.

4.2.1.2 Verbos Intransitivos

Os verbos intransitivos, além de diferenças morfológicas, distinguem-se, semanticamente, por meio da oposição ativos vs. inativos.

Segundo Klímov (1974), a principal oposição lexical entre os verbos de línguas da família Tupi-Guarani, como o Kamaiurá, não está associada à transitividade da ação, mas sim associada à atividade e inatividade verbal.

4.2.1.2 Verbos Intransitivos Ativos

Os verbos intransitivos ativos marcam a categoria de pessoa e número com os prefixos da série I (cf. quadro 8), no que se assemelha aos verbos transitivos, mas diferentemente destes: não ocorrem com prefixos da série III (*portmanteau*), não admitem os pronomes clíticos da série II, bem como não admitem prefixos relacionais. Sintaticamente, admitem apenas um argumento.

Os verbos intransitivos ativos possuem propriedades semânticas indicativas de ações, processo, eventos etc. São exemplos de verbos intransitivo ativos na língua Kaiowá:

-*po raheɲ* (cantar); -*ɣwata* (caminhar); -*mãõ* (morrer); -*ɲěsu* (dançar); -*ɾipaɾa* (correr); entre outros.

4.2.1.3 Verbos Intransitivos Inativos

O verbo intransitivo inativo marca a categoria de pessoa com os pronomes clíticos da série II (cf. quadro 8.), no que se assemelha à marcação de objeto (O) em verbos transitivos. Mas diferentemente deste, não ocorrem com prefixos da série I e III. Do mesmo modo que os verbos intransitivos ativos, os intransitivos inativos recebem um argumento apenas, o sujeito. Este argumento externo vem marcado por pronomes clíticos da série II e prefixos de relacionais, de modo bastante similar aos nomes possuíveis do Kaiowá.

Os verbos inativos possuem propriedades semânticas indicativas de estado, atributo ou qualidade, condição etc. São verbos intransitivos inativos no Kaiowá: (*ɾ*)*asẽ* chorar; *poɾã* (ser bom); (*ɾ*)*i'ajnu* (estar madura); entre outros.

Seki (2000) trata das diferenças formais entre verbos intransitivos ativos e descritivos (intransitivos inativos), em Kamaiurá, correlacionando-os a uma distinção semântica, considerando que os intransitivos ativos contêm verbos tipicamente volicionais, embora inclua também verbos não volicionais, e os verbos descritivos, em sua maioria, predicam qualidades e relações.

Segunda a autora, os descritivos:

Em grande parte, os elementos dessa classe exprimem conceitos que em Português e outras línguas indo-européias são expressos por adjetivos. [...], incluem-se entre os descritivos itens pertencentes aos sete tipos semânticos proposto por Dixon (1982:16) para a classe de adjetivos. (SEKI, 2000, p.67).

Em Kaiowá, pudemos identificar seis desses tipos semânticos de “adjetivos”, não identificamos apenas a *velocidade*.³⁰

Quadro 7. Tipos semânticos de “adjetivos”

Tipos Semânticos	Adjetivos Kaiowá	‘tradução’
1. Dimensão	[pu'ku] [bɛ'kɛ] [ɛva'te] [mĩ'ʃĩ]; [ʔĩ] [tudʒa'ʃa]; [gwa'su]	comprido curto alto pequeno grande
2. Idade	[tudʒa] [pɛ'a'hu]	velho novo
3. Valor	[põ'rã] [vaj] [ʔe]	bom, bonito ruim gostoso
4. Cor	[hũ] [mõ'rõ'tĩ] [pɛ'tã] [ho'wɛ]	preto branco vermelho/laranja verde/azul
5. Propriedade física	[pɔhɛ'i] [hã'tã] [ha'ku] [hoʔɛ'sã] [sãĩ] [po'ʔĩ] [po'guasu] [pɛ'tũ]	Pesado duro quente frio liso fino grosso escuro

³⁰ Vale lembrar que a propriedade semântica *idade* também pode ser expressa pela classe de nomes, em geral, possuídos e denotadores de parentesco (cf. 4.1.3, exemplo (21)).

6. Propriedade humana	[a-wĩ ʔa]	(alegre – v. intr. ativo)
	[vaʝ]	ruim, feio
	[po ʃi]	bravo, nervoso
	[mbĩ a ʼsĩ]	triste, doente
	[kĩ hĩ ʼdʒe]	medo
	[ka ʔĩ]	fraco

Dixon (2002), propõe que as línguas podem ser, tipologicamente, distintas em quatro tipos, segundo a propriedades associadas aos adjetivos:

- I) adjetivos ligados às propriedades dos verbos;
- II) adjetivos ligados às propriedades dos nomes;
- III) adjetivos ligados às propriedades dos verbos e dos nomes e
- IV) adjetivos não-ligados às propriedades dos verbos e nem dos nomes.

Dixon (op. cit.p.25-37) também propõe cinco critérios para distinguir verbos de adjetivos:

O critério (1) difere as classes de acordo com a possibilidade dessas exercerem a **função de predicado**.

Considerando esse primeiro critério, pudemos constatar que o Kaiowá não difere verbos de “adjetivos”, uma vez que os itens lexicais expostos no quadro (7), assim como os verbos ativos, exercem a função de predicado. Os verbos ativos marcam, por meio dos prefixos pessoais da série I, a co-referência com o argumento externo, o sujeito (A) (cf. 46a) e os “adjetivos” marcam o argumento externo, sujeito (So), por meio dos pronomes clíticos da série II, ambos seguidos de prefixos de relacionais (cf. 46b).

(46)

a) [ʔe awɪ ʔa]

ʔe a-wɪ ʔa

eu 1^a.sg-alegre

‘eu estou alegre’

b) [ʔe ʔepõ ʔrã]

ʔe ʔe-porã

eu 1^a.sg=bom

‘eu sou (estou) bom (bem)’

Ressaltamos que a mesma série de clíticos pronominais que marca o argumento (So) junto aos verbos inativos (até então, denominados de “adjetivo”)³¹, marcam também o possuidor junto ao núcleo nominal, mas que nestes não há transitividade.

O segundo critério, estabelecido por Dixon (2002), refere-se à diferentes possibilidades para a *transitividade*.

O verbo ativo pode ser usado transitivamente (47a) ou intransitivamente (47b), enquanto que os verbos inativos, apenas intransitivamente (48a). Tal aspecto pode ser averiguado, considerando que o morfema causativo {-uka}, próprio de verbos transitivos, não pode ocorrer com verbos inativos, e que esses só podem receber o morfema causativo {-mo} (48b).

(47) **verbos ativos**

a) [haʔe ndodʒuʔkai dʒagwareʔte ʔmaʃo]

haʔe n- o- ø- ɲuka -i ɲaɲwarete maʃo

ele neg- 3^a.- rel-matar-neg onça macho

‘ele não matou a onça macho’

b) [haʔe ʔkwerɪ opɔra ʔhei]

haʔe kwerɪ o-porahei

3^a. Pl 3^a-cantar

‘Eles cantam’

³¹ Vale mencionar que os itens lexicais do quadro (7) são tidos, aqui, como verbos inativos que exercem a função de modificadores nominais, expressando noções semânticas de “adjetivos”.

(48) **verbos inativos**

a) [pɨha'ɾe imɨ'kɨ]

pɨhaɾe i= mɨkɨ

noite 3^a.-curta

'a noite é curta'

b) [ma'ɾia ɨmboa'ku'ɨ]

maɾia i= mo- aku ɨ

maria 3^a.-Caus-quente água

'Maria esquentou a água'

O critério (3) refere-se possibilidade de exercer a função de *modificador dentro de um SN*.

Os verbos ativos nunca exercem a função de modificador dentro de um SN. Quanto aos inativos, estes exercem a função de modificador nominal em Kaiowá, bem como em Kamaiurá (Seki, 1990, 2000) e em Mbyá (Martins, 2003).

O quarto critério trata das diferentes possibilidades em *construções comparativas*.

Em Kaiowá, o parâmetro de comparação ocorre apenas com inativos em função predicativa.

Nas construções comparativas, os verbos inativos recebem o sufixo intensificador {-we}, que co-ocorre com a posposição {-(he)ɨwi} 'do que', que se afixa ao núcleo nominal (ou pronominal) do SN objeto da posposição.(49 a-b).

(49)

a) [haʔe ipuku've 'voi dʒu'sɛgwi]

haʔe i= puku -we woi dʒuse-ɨwi

ele 3^a./rel-comprido-Int sempre José-comp

'ele é sempre mais alto do que José'

b) [ʔe ʃepu'kuve dehe'gwi]

ʃe ʃe=puku-we ne=heɨwi

eu 1asg-alto/comprido-Int 2^a.sg=comp

'eu sou mais alta do que você'

O quinto e último critério trata das diferentes possibilidades para *formar advérbios*.

Em Kaiowá, alguns inativos podem ocorrer em construções exercendo uma função que nos parece ser de auxiliar de um verbo ativo, ou ainda, de modificador do verbo ativo – advérbio (50). No entanto, em uma análise mais aprofundada, com um número maior dados com este tipo de construção, poderemos afirmar ou refutar hipóteses.

(50) [u'pei ʃe apɛ́'ta põrã'ta]

upei ʃe a-pɛ́ta **porã**-ta

‘depois eu ficarei boa’

depois eu 1^a.sg-ficar boa -Fut

Os critérios propostos por Dixon (2002) para distinguir verbo e adjetivo, nos permite considerar o Kaiowá como uma língua do tipo I) “adjetivos ligados às propriedades dos verbos” e, por ora, tomarmos os inativos (“adjetivos”) como uma sub-classe de verbos.

4.2.1.4 Cópula

Os verbos {iko ~ ko} ‘ter, estar, ser’ e {ĩ ~ ãĩmẽ} ‘estar, haver, ser, ter’ funcionam como cópula e são flexionados como um verbo intransitivo ativo por meio dos prefixos pessoais da série I. O verbo cópula {ko}, mais especificamente, pode receber o morfema {ɲwere- ~ re-} causativo comitativo (cf. 4.2.2.2.3 e 4.2.5.2).

Passemos a apresentar os aspectos morfossintáticos que caracterizam essas subclasses de verbos em Kaiowá.

4.2.2 Categoria de pessoa e número

A língua Kaiowá, morfologicamente, flexiona o verbo por meio de prefixos e clíticos pronominais marcadores de pessoa e número.

No quadro (8), apresentamos os prefixos e clíticos pronominais marcadores de pessoa de verbos independentes da língua Kaiowá agrupados em séries.

Quadro 8. Séries de prefixos e clíticos pronominais marcadores de pessoa

Pessoa/ Número	Prefixos da Série I	Clíticos da Série II	Prefixos da Série III
1 sg	[a-]	[ʃe=]	-
2 sg	[re-]	[nde= ~ ne=]	[oro- ~ ro]
1 pl (incl)	[dʒa-]	[ɲãnde= ~ ɲãně=]	-
1 pl (excl)	[ro-]	[ore=]	-
2 pl	[pe-]	[pěnde= ~ pěně=]	[opo- ~ po-] ³²
3	[o-]	i- [i- ~ ø] ~ h-	-

4.2.2.1 Marcadores de pessoa e número no verbo transitivo

O verbo transitivo, que ocupa o núcleo de predicados verbais, possui um argumento na função nuclear de (A) e outro na função nuclear de (O). A concordância de número e pessoa com o SN em função de (A)³³ dá-se por intermédio dos prefixos da Série I; a concordância com SN em função de (O) é marcada com clíticos pronominais da Série II, ocorrendo, ainda, a concordância simultânea de (A) e (O), codificada pelos prefixos da Série III (*Portmanteau*).

Vejamos algumas ocorrências de verbos transitivos em sentenças independentes:

³² Esses prefixos marcam a 1ª. pessoa, singular ou plural, e distinguem em número somente as segundas pessoas. Segundo Jensen (in: Derbyshire & Pullum (1998), a forma dos prefixos *portmanteau* varia entre as línguas da Família Tupi-Guarani, mas geralmente ocorre a forma {oro- ~ ro-}, para 2ª pessoa do singular, e {opo- ~ po-}, para 2ª pessoa do plural.

³³ (A) é o rótulo dado a função de sujeito de verbos transitivos e (O) representa a função de objeto, bem como (S) é o rótulo usado para o sujeito do verbo intransitivo. (cf. Dixon, 1994 e Andrews, 1985).

i) Série I - codifica (A):

com verbo iniciado em consoante

(51) [ʃe aĩnũ'pã iʃu'pe]

ʃe a- i- nũpã i-ʃupe

eu 1ªsg- rel-bater 3ª-/rel-Acus

‘eu bato nele’

(52) [ʔore roĩnũ'pã iʃu'pe kwe'ɾɿ]

ore ro- i- nũpã i-ʃupe kweɾɿ

nós (excl) 1ªpl(excl)- rel- bater 3ª/rel-Acus pl

‘nós (excl) batemos neles’

(53) [dʒo'se odʒu'ka pedro'pe]

ɲose o- ø- ɲuka pedro-pe

José 3ª- rel-matar Pedro-Acus

‘José matou Pedro’

(54) [ha'ʔe odʒu'ka mboj'pe]

haʔe o- ø- ɲuka moɲ-pe

ele/a 3ª- rel-matar cobra-Acus

‘ele/a mata a cobra’

com verbo iniciado em vogal

(55) [ɲã'nde dʒahe'ʃa iʃu'pe kwe'ɾɿ]

ɲãne ɲa- h- eʃa i-ʃupe kweɾɿ

nós (incl) 1ªpl(incl)- rel- ver 3ª/rel-Acus pl

‘nós os vemos’

(56) [pẽ'ẽ pehe'ʃa iʃu'pe kwe'ɾɿ]

pẽ pe- h- eʃa i-ʃupe kweɾɿ

vocês 2ªpl- rel- ver 3ª/rel-Acus pl

‘vocês os veêm’

ii) Série II – *codifica (O)*

Os verbos transitivos, quando são marcados pelos clíticos pronominais da série II, codificam o objeto (O). Observemos os dados do Kaiowá:

(57) [ʼndɛ ʃɛraʼpɨ]

ne ʃe- r- apɨ

você 1^asg- rel- queimar

‘Você me queimou’

(58) [pěě kwɛrɨ orenũʼpã]

pěě kwɛrɨ ore- ø- nũpã

vocês pl 1^apl (excl)- rel- bater

‘Vocês nos batem’

(59) [haʼʔe nẽnũʼpã]

haʼʔe ø ne- ø- nupã

ele sg 2^asg- rel-bater

‘Ele te bate’

(60) [haʼʔɛ kwɛʼrɨ orenũʼpã]

haʼʔɛ kwɛrɨ ore- ø- nũpã

ele pl 1^apl(excl)- rel- bater

‘Eles nos batem’

(61) [haʼʔe kwɛra nãnde nũʼpã]

haʼʔe kwɛra nãne- ø- nũpã

ele pl 1^apl(incl)-rel.- bater

‘Eles nos batem’

(62) [haʼʔɛ kwɛʼrɨ pẽnderɛʼʃa]

haʼʔɛ kwɛrɨ pẽne- r- eʃa

ele pl 2^apl- rel- ver

‘Eles vêem vocês’

Na sentença de número (58), o SN em função de (A) tem o núcleo constituído pelo pronome pessoal de 2ª pessoa do plural ‘*pěẽ*’ ocorrendo com o morfema pluralizador ‘*kwerĩ*’, tornando redundante a pluralidade deste pronome.

A operação flexional que ocorre em verbos transitivos por meio dos clíticos pronominais da Série II, codifica o objeto (O), quando (O) é maior que (A) na hierarquia de pessoa (1 > 2 > 3) (cf. Cap.7). Assim, temos a marcação apenas do objeto na morfologia verbal quando, hierarquicamente: (A) 2ª < (O) 1ª; (A) 3ª < (O) 1ª e (A) 3ª < (O) 2ª, estejam as pessoas no plural ou no singular.

iii) Série III - codificação simultânea de (A) e de (O)

Os verbos transitivos também recebem operação flexional por meio dos prefixos pessoais da série III, que codificam (A) e (O) simultaneamente (*portmanteau*), nas situações em que (A) é de primeira pessoa e (O) é de segunda pessoa do singular {-oro ~ -ro}³⁴ ou quando (A) é de primeira pessoa e (O) de segunda pessoa do plural {-opo ~ -po}. Seguem dados do Kaiowá:

(63) [ʃe roinũ pá ʃe pɔ ru pĩ]

ʃe ro- i- nupã ʃe -po rupĩ
eu 1ª/2ªsg- rel-bater 1ª.sg-mão Instr

‘Eu te bato com minha mão’

(64) [ʔoro orodʒa pi ita pe]

oro oro- ø-napi ita pe
1ª./2ª.sg- rel-acertar pedra Posp

‘Eu acertei uma pedra em você’

(65) [ʃe poĩnũ pãta]

ʃe po- i- nũpã -ta
1ª.sg 1ª/2ªpl- rel- bater -Fut

‘Eu baterei [em] vocês’

³⁴ O prefixo {-oro} tem como alomorfe {-ro} e este é formalmente idêntico ao prefixo de primeira pessoa exclusiva da série I.

(66)

a) [´ore pɔhẽ´ndu-ma]

ore **po-** h- ĩnu mã
 nós (excl) 1^a/2^apl- rel- escutar Asp

‘nós já escutamos vocês’

b) [o´re rohẽ´numa pẽĩ´pe]

ore **ro-** h- ĩnu mã pẽ-pe
 nós (excl) 1^a/2^apl- rel- escutar Asp vocês-Acus

‘nós já escutamos vocês’

(67) *[nã´nde poĩnũ´pã]

nãne **po-** i- nupã
 nós (incl) 1^a/2^apl- rel- bater

‘Nós batemos em vocês’

Nas sentenças de (63-66), temos os prefixos da série III marcando, simultaneamente, o sujeito (A) e objeto (O) em verbos transitivos. O dado (67), onde (A) é preenchido pelo pronome pessoal de 1^a. pessoa plural inclusiva {nãne}, é considerado agramatical pelos informantes Kaiowá.³⁵

Em (66), apresentamos as duas possíveis formas de uso quando (A) é de 1^a. pessoa do plural e a (O) é de 2^a. pessoa também do plural. Em (66a), a categoria de pessoa e número é marcada na estrutura verbal pelo prefixo da série III {(o)**po-**}, codificando simultaneamente (A e O). Em (66b), a categoria é marcada no verbo pelo prefixo da série I {-(o)**ro**}, codificando (A), sendo (O) identificado no SN de caso acusativo.

Os prefixos da série III são também denominados prefixos *portmanteau* e estão presentes na maioria das línguas da família Tupi-Guarani. Seki (2000), para o Kamiurá, acena para uma restrição à hierarquia de pessoa (1>2>3), que igualmente pode ser observada entre os dados do Kaiowá. Citemos a autora:

³⁵ De acordo com Jensen (in: Derbyshire & Pullum (1998, p. 520)), em Urubú-Kaapor, tem sido eliminada a distinção entre a 1^a pessoa plural inclusiva e a exclusiva, ocorrendo apenas o prefixo inclusivo [–**dʒa**] (Série I).

[...] uma restrição deve ser acrescentada à hierarquia que opera em Kamaiurá: a primeira pessoa tem precedência sobre a segunda se é superior em número. Nas demais situações, a primeira e a segunda pessoa são marcadas simultaneamente por prefixos *portmanteau*. (SEKI, 2000, p.140).

4.2.2.2 Marcadores de pessoa e número no verbo intransitivo

Dixon (1994) refere-se à dupla forma de marcar o sujeito de **verbos intransitivos** como *Split-S*, ou seja, “Sujeito intransitivo cindido”, uma vez que (S) se comporta como (A), sendo marcado pelos clíticos da Série I, o resultado equivalente é (S)=(A), indicado por (Sa) e quando (S) se comporta como (O), sendo marcado por clíticos da Série II, esta equivalência é indicada por (So).

Os marcadores de categoria de número/pessoa de verbos intransitivos de sentenças independentes da língua Kaiowá foram organizados em paradigmas de acordo com as séries:

- a) Séries I (marcado Sa) em verbos intransitivos ativos;
- b) Série II (marcando So) em verbos intransitivos inativos (descritivos).

4.2.2.2.1 Marcadores de pessoa e número no verbo intransitivo ativo

São tidos como **verbos intransitivos ativos** na língua Kaiowá: *purahéi* (cantar); (*r*)*iparpá* (correr); *vy'a* (alegrar); entre outros.

Série I – *codifica (Sa) verbos intransitivos ativos*

(68) [ʃe avɨʔa]

ʃe a- wɨʔa

1^a. sg 1^asg- alegrar

‘Eu sou alegre’

(69) [ʼnde rɛpuraʼhej]

ne rɛ- puraheɲ

2^a.sg 2^asg-cantar

‘Você canta’

(70) [ɲãʼnde dʒaripaʼra]

ɲãne ɲa-rɪpara

1^a. pl(incl) 1^apl-correr

‘Nós corremos’

(71) [haʔeʼkwɛrɪ opɔraʼhej]

haʔe kwɛrɪ o-pɔraheɲ

3^a. pl 3^a-cantar

‘Eles cantam’

A estrutura verbal intransitiva ativa, diferente da transitiva, não recebe prefixos relacionais (cf. 72), bem como, não recebe os prefixos da série III (cf. 73), esses próprios de verbos transitivos. Assim sendo, são agramaticais as seguintes sentenças:

(72) *[haʼʔɛ oipuraʼhej]

haʔe ø o- i- pɔraheɲ

3^a. sg 3^a-rel-cantar

‘*Ele/a canta ele/a’

(73) *['ʃe poiɔraʼhej]

ʃe po- i- pɔraheɲ

1^a. sg 1^a./2^apl/-rel.- cantar

‘*Eu canto vocês’

4.2.2.2 Marcadores de pessoa e número no verbo intransitivo inativo

Enfatizamos que a conjugação de **verbos intransitivos inativos** é efetuada por meio dos clíticos pronominais da Série II, com a função de marcar o sujeito (So), além de

receberem prefixos relacionais. Assumimos que esses clíticos e prefixos ocorrem entre os verbos intransitivos inativos de forma análogo a sua ocorrência entre os nomes possuídos.³⁶

São tidos como verbos intransitivos inativos na língua Kaiowá: *-(r)asẽ* chorar; *-porã* (ser bom); *-(r)i'apu* (estar madura); entre outros.

Série II – codifica (So) verbos intransitivos inativos

(74) [ʃe ʃepo'rã]

ʃe ʃe= ø- porã

eu 1^a.sg-rel-bom

‘eu sou bom’

(75) [o're orea'sẽ]

ore ore= r- asẽ

nós (excl) 1^apl(excl)-rel-chorar

‘nós choramos’

(76) [ha'ʔe ha'sẽ]

ha'ʔe h-asẽ

ele 3^a./rel-chorar

‘ele chora’

(77) [sãndi'a hia'dʒu]

sãnia h-iaɲu

melancia 3^a./rel-madura

‘A melancia (está) madura’

Como descrito no dado de número (74), em que temos um inativo em função predicativa, um nome possuído também pode ocupar a posição nuclear predicativa, como se vê em (78).

³⁶ Em suma, a ocorrência do prefixo relacional {r- ~ ø-} pressupõe ser o possuidor (ou (So)) uma das pessoas do discurso (1^a. ou 2^a.) e a do prefixo relacional {h- ~ i-[i- ~ ø-]}, uma não-pessoa do discurso (3^a.).

(78) [ʃe ʃe' rɔga]

ʃe ʃe- r- oŋa

eu 1^a.sg-rel-casa

‘eu (tenho) minha casa’

Levando em conta os dados (74 e 78), vale elucidar que nomes possuídos, assim como núcleos inativos, podem ocupar a posição nuclear predicativa, no entanto, esses são classificados como predicados verbais intransitivos inativos e aqueles como um subtipo de predicado, uma vez que, juntamente com outros tipos de construções, constituem diferentes tipos de predicados não-verbais (cf. 5.1.2.1).

A substituição dos pronomes clíticos da série II por prefixos de outras séries, torna os verbos intransitivos inativos agramaticais, como mostram os exemplos (79 e 80):

(79)* [ʃe apo' rã]

ʃe a- porã

1^a.sg 1^asg-estar bom

(80)* [ʃe pora'sẽ]

ʃe po- r- asẽ

eu 1^a/2^a.pl-rel-chorar

4.2.2.2.3 Marcadores de pessoa e número no verbo copulativo

Em Kaiowá, há dois verbos copulativos {iko ~ ko} ‘ter, estar, ser’, {-ĩ ~ -ĩmẽ} ‘estar, haver, ser, ter’ que são flexionados como os verbos intransitivos ativos.

Série I – *codifica o sujeito em verbos copulativos*

(81)

a) [ʃe ndaikomõ ʔãĩ mboʔe'harĩ]

ʃe n- a- iko-mõ ʔã -i moʔe-ha -rĩ

eu neg-1^a.sg- ser-Fut rem -neg ensinar-Nom-Fut

‘eu não serei professor’

b) [nã'nde te'ʔi'kwɛra he'ta ave dzare'ko ri'ɾɛ i'wɛ dzawɛ'ʔave a'rã mo'ʔã]

nãne teʔi'kwɛra heta awe na- re- ko riɾɛ iwɛ na-wɛʔa-we arã moʔã

nós índio pl muito também 1^a.pl-caus comit-ter Cons terra 1^a.pl-feliz-Int Fut hip Fut rem

‘somos muitos índios também, se fizéssemos estar (se ficássemos) com a terra, seríamos mais felizes’

(82)

a) [apɛ oĩ pe'tĩ]

apɛ o-ĩ petĩ

aqui 3^a.-estar fumo

‘aqui tem fumo’

b) [oĩdzagwarɛ'te maʃo tuvi'ʃa oĩ dzagwarɛ'te ku'nã'ave]

o-ĩ naɲwarete maʃo tuwi'ʃa o-ĩ naɲwarete kũnã awe

3^a.-ter onça macho grande 3^a.-ter onça fêmea/mulher Ptc

‘tem onça macho grande (e) tem onça fêmea também’

Encontramos entre os dados da língua Kaiowá várias ocorrências do pronome {**haʔe**} sendo usado para também indicar as noções ‘ser, estar’ de verbos copulativos, expressando o sentido de ‘ser’.³⁷

(83)

a) [ʃe ha'ʔe puɾaheiharã]

ʃe **haʔe** puɾahei-ha -rã

eu ‘ser’ cantar -Nom-Fut

‘eu serei cantor’

b) [ha'ʔe ndaha'hei a'va]

haʔe na- **haʔe**-i awa

ele neg-‘ser’ -neg índio

‘ele/aquele não é índio’

³⁷ Em Kamaiurá, de acordo com Seki (2000, p.71), o demonstrativo {**a'e**}, sufixado com {-**ram**} ‘atributivo’, também pode ser usado no lugar do verbo copulativo.

4.2.3 Prefixos de Relacionais: uma outra alternativa de análise

Na seção (4.1.1.2), propomos que, dentre os nomes possuídos, os prefixos relacionais expressem a função - *especificação do possuidor*. De modo análogo, propomos que esses prefixos em Kaiowá também possam especificar o argumento, neste caso, verbal.

Levando em conta a subclassificação que distingue os verbos em: transitivos; intransitivos ativos; intransitivos inativos e cópula, apresentamos uma análise alternativa para esses prefixos.

Considerando as subclasses de verbos intransitivos, destacamos que os ativos não são codificados com prefixos de relacionais, bem como não podem receber marcadores de pessoa e número das séries II e III, elementos morfossintáticos que os diferenciam dos verbos transitivos. Já os verbos intransitivos inativos recebem os prefixos relacionais³⁸ e codificam o argumento externo (So) por meio dos clíticos pronominais da série II, do mesmo modo que os verbos transitivos codificam seus argumentos internos (O), porém não são marcados com prefixos da série I e da série III (*portmanteau*).

Quanto à presença destes prefixos relacionais junto aos verbos transitivos, propomos que tais relacionais possam indicar propriedades próprias da categoria de voz.

4.2.3.1 Prefixos Relacionais: como Categoria de Voz em verbos transitivos

Neste estudo, assumimos que os prefixos relacionais indicam a categoria de voz dentre os verbos transitivos, seguindo a proposta apresentada por Payne (1994).

Payne (op. cit.) propõe, que as línguas Tupi-Guarani que apresentam construções com conjunto 2 (série II, do Kaiowá), seguido do morfema r- (const Conj 2/r-) são línguas que possuem um Sistema Inverso. Nestas línguas, a mudança de uma construção direta para uma construção **inversa** é completamente gramaticalizada em termos da Hierarquia de

³⁸ Vale elucidar que não é objeto do presente trabalho de tese tratar, sob a óptica da inversão, das ocorrências de prefixos relacionais em construções nominais possuídas ou em construções com verbos intransitivos inativos, o que, segundo Payne, não contradiz com sua hipótese de inversão em línguas Tupi-Guarani, uma vez que, essas construções em que os relacionais ocorrem são: “P-oriented, or are at least non-A oriented” (PAYNE, 1994, p.335).

Pessoa (1>2>3), e quando estão envolvidas duas 3^{as} pessoas, a construção é gramaticalizada como **direta**, sendo marcada invariavelmente com o conjunto 1 e não marcada com o morfema indicador de inverso **r-**.

A partir da proposta de Payne (op. cit.), passamos a analisar os dados do Kaiowá e assumimos que esta é uma língua de sistema inverso. Entretanto, nossa análise traz algumas outras ‘nuances’ em relação à análise proposta por Payne por considerarmos a ocorrência dos prefixos relacionais { i- ~ h- ~ ø- }³⁹, como indicadores de **voz direta**, com prefixos da série III, que marcam simultaneamente (A/O). Para os demais aspectos que envolvem marcação de caso e de voz, em Kaiowá, (cf. o Capítulo 7).

O Kaiowá codifica o argumento externo (A), junto a verbos transitivos de sentenças independentes, por meio dos prefixos da série I, seguido do morfema { i-}, quando (A) é hierarquicamente, mais alto que o argumento interno (O), e codifica o argumento interno nestas sentenças, por meio dos clíticos pronominais da série II, seguido do marcador de voz inversa { r-}.

Assim sendo, as construções marcadas com a série II/r- são tidas como construções **inversas**, tendo o morfema { r-} como marcador de **inverso**, e quando as construções são marcadas com a série I/i-, são tidas como construções **diretas**, tendo o morfema { i-} como marcador de voz **direta**.

(84)

a) [deʃereʃa aʻve]

ne ʃe- r- eʃa awe

você 1^a.sg-inv-ver Ptc

‘você me vê também’

b) [ʃe ahaiʻhu maʻriape]

ʃe a- h- aɲhu maria-pe

eu 1^a.sg-dir-amar maria-Acus

‘eu amo Maria’

³⁹ Vale lembrar que o prefixo relacional { i-} apresenta variação alofônica [i- ~ ĩ- ~ ĩɲ- ~ iɲ- e ø-] e alomórfica { i- ~ h- ~ t-}, sendo que este último alomorfe ocorre apenas com núcleos nominais possuídos.

Ressaltamos, por ora, que além da alternância da codificação das pessoas do discurso, a categoria de voz também processa redução de valência entre os verbos transitivos por meio da voz reflexiva e voz recíproca.

Na língua Kaiowá, como em outras da família Tupi-Guarani, ocorrem processos de redução de valência de verbos transitivos, que derivam em verbos intransitivos. Um destes processos morfossintáticos de intransitivização dá-se por intermédio da propriedade reflexiva ou recíproca, ambas propriedades relacionadas à categoria de voz.

A **voz reflexiva**, prototipicamente, ocorre, segundo Payne (1997) em construções em que o sujeito e o objeto são a mesma entidade, incidindo, assim, uma redução na valência gramatical e semântica do verbo .

(85)

Pessoa e Número	REFLEXIVO	‘TRADUÇÃO’
1 ^a . sg	[ʃe adʒedzoʻhei] ʃe a- ne- noheɲ eu 1 ^a .sg-refl- lavar	‘eu me lavo’
2 ^a . sg	[nde rɛ̃pɛ̃kɛ̃ʻtʃi] ne re- ne- kɛ̃tʃi você 2 ^a . sg- refl- cortar	‘você se cortou’
1 ^a . pl (incl)	[nãnde nãpɛ̃kɛ̃ʻtʃi] nãne na- ne- kɛ̃tʃi nós 1 ^a pl(incl)- refl- cortar	‘nós nos cortamos’
1 ^a . pl (excl)	[oʻre rɔ̃pɛ̃kɛ̃ʻtʃi] ore ro- ne- kɛ̃tʃi nós 1 ^a pl(excl)- refl- cortar	‘nós nos cortamos’
2 ^a . pl	[pẽ̃ẽ pẽ̃pɛ̃kɛ̃ʻtʃi] pẽ̃ẽ pe- ne- kɛ̃tʃi vocês 2 ^a .pl- refl- cortar	‘vocês se cortaram’
3 ^a .	[haʻʔɛ̃ odʒedzoʻhej] haʔe o -ne- noheɲ ele 3 ^a .-refl-lavar	‘ele si lavou’

O prefixo de **voz recíproca** {**no-**} indica que duas entidades participantes da sentença são ao mesmo tempo agente e paciente, agindo um sobre o outro.

(86) [ha'ʔe 'kweɾɪ ðɲõrãj'ɾõ]

haʔe kweɾɪ o- no-ɾaɲɾõ

ele pl 3^a.-rec-brigar

'eles brigam uns com outros'

Apresentamos um quadro sumário dos morfemas que indicam a categoria de voz em Kaiowá:

Quadro 9. Categoria de voz

Voz Direta	<i>i-</i> <i>h-</i>
Voz Inversa	<i>ɾ-</i> <i>ø-</i>
Voz Reflexiva	<i>ɲe-</i>
Voz Recíproca	<i>no-</i>

Nos dados de (84) a (86), pudemos observar que o morfema indicador de voz direta { **i-** } e de voz inversa { **ɾ-** } ocorrem na mesma posição da estrutura morfológica verbal em que também ocorrem os morfemas de voz reflexiva { **ɲe-** } e de voz recíproca { **no-** }.⁴⁰

4.2.4 Categorias de Tempo, Modo e Aspecto (TAM)

Os verbos em Kaiowá ocorrem prototipicamente como predicadores e estão associados às categorias de tempo, aspecto e modo, as quais são marcadas na raiz verbal, ou por meio de partículas⁴¹ que ocupam determinadas posições na sentença.

⁴⁰ Doravante, os prefixos relacionais, entre os verbos transitivos, serão identificados por sua capacidade de marcar a categoria de voz: { **i-** } 'direta'(dir), { **ɾ-** } 'inversa' (inv).

Em Kaiowá, algumas sentenças têm palavras adverbiais que faz referência ao tempo, como *ko ʔē* ‘amanhã’, *kwehe* ‘ontem’, *aĩ* ‘agora’, e as partículas podem ser omitidas. Assim, a identificação do tempo em relação ao momento da enunciação dá-se por meio do contexto.

4.2.4.1 Categoria de modo

Quanto á categoria de modo, temos distintas maneiras de marcá-la, considerando sua ocorrência em orações independentes ou dependentes. Segue a subclassificação dessa categoria.

A categoria de modo, em sentenças independentes, não apresenta morfemas afixais especiais, distingue-se por meio das diferentes modos de marcar os clíticos pronominais e diferentes marcas morfológicas de negação.

Em uma análise preliminar, pudemos observar que em sentenças dependentes (inter-clausais), a categoria de modo é dada por morfemas sufixais ou partículas acrescentadas ao radical verbal, que também funcionam como elementos adverbializadores. Alguns desses elementos indicam também a categoria temporal (cf. 4.2.4.1.3 e 4.2.4.1.4).

Em orações independentes (intra-clausais), distinguimos os modos: Indicativo; Imperativo (imperativo propriamente dito e o exortativo); Subjuntivo e Consecutivo.

4.2.4.1.1 Indicativo

O modo indicativo não apresenta uma forma específica e apresenta, na forma negativa, o morfema descontínuo {**na- ...-i**}.

⁴¹ As partículas são consideradas formas dependentes, por não ser possível seu enunciado isolado, fora de um contexto oracional. As partículas têm, em geral, uma posição fixa na oração, precedendo ou seguindo palavras de diferentes categorias morfossintáticas (cf. 4.6).

(87)

a) [mĩ'tã kũjmba'ʔε ɔdʒu'ka 'boj]

mĩtã kũjmbaʔe o- ø- ɲuka moɲ

criança macho/homem 3^a.-dir-matar cobra

'o menino matou a cobra'

b) [ha'ʔẽ ndoidʒu'kai gwi'ra]

haʔe n- o- i- ɲuka -i ɲwi'ra

ele neg-3^a.-dir-matar-neg pássaro

'ele não matou o passarinho'

Os verbos no modo indicativo marcam o argumento externo (A ou Sa), por meio dos prefixos da série I; o argumento interno (O) ou argumento externo de predicado intransitivo inativo (So), por meio de clíticos pronominais da série II ou marcam ainda (A/O), simultaneamente, por meio dos prefixos da série III (cf. quadro 8).

4.2.4.1.2 Imperativo

Em Kaiowá, identificamos duas formas de imperativo: o imperativo (propriamente dito) e o exortativo.

O modo imperativo propriamente dito caracteriza-se por apresentar prefixos pessoais apenas de segundas pessoas: {eɾe- ~ e-} '2^a. sg'; {pe-} '2^a. pl' e por apresentar a partícula de negação {añ} para negar a ação verbal.

(88)

a) [e-purahej'mi]

e- puraheɲ-mĩ

2^a.sg imp.-cantar -Asp

'cante'

b) [eɾese'kaĩnde'pĩ]

eɾe- seka ne -pĩ

2^a.sg-imp- secar 2a.sg-pé

'seque seus pés'

c) [pepurahej'mi]

pe- porahej-mĩ

2ª.pl imp- cantar -Asp

‘cantai’

d) [añ era'sẽ]

añ e-rasẽ

añ 2a.sg imp-chorar

‘não chore’

Como os exemplos demonstram, os verbos no modo imperativo marcam as segundas pessoas por meio de prefixos pessoais próprios, não ocorrendo, assim, marcadores de pessoa e número da série I, II ou III.

O modo imperativo exortativo é marcado pelo proclítico {t-} ligado à raiz verbal. A negação, por meio da partícula {añ}, altera o tipo de modo imperativo, passando a configurar o imperativo propriamente dito (89c).

(89)

a) [tɛre'ho e'kwama]

t- ere - ho e- kwa-mã

imp-2ª.sg- ir 2ª.sg imp- ir-Asp

‘vá, vá já’

b) [pẽ'ẽ tẽmbose'ka]

pẽẽ t-e- mo-seka

vocês imp-2ª.-Caus-secar

‘fazei secar’

c) [a'ñ re'ho]

añ re- ho

não 2ª.sg imp- ir

‘não vá’

Em (89a), supomos que verbo {-ho} ‘ir’, quando está no modo imperativo propriamente dito, ocorre sob a forma {-kwa}.

4.2.4.1.3 Subjuntivo

O modo subjuntivo é marcado pela posposição da forma {**ramõ**} ao radical verbal. Essa forma, traduzida por ‘quando, enquanto, logo que, desde que, se, porque’ etc, é usada em orações adverbiais de semântica temporal, causal e condicional.

(90)

a) [oheʃa ʔpedrupe oʃsẽmã rãʔmõ]

(haʔe) o- h-eʃa Pedro -pe o- ø-sẽ -mã **ramõ**

(ele) 3^a.-dir-ver Pedro Acus 3^a.-dir-sair- Asp Subj ‘(ele) viu Pedro quando saiu’

b) [maʔria oʔhomã rãʔmõ ʔdzuãʔ haʔsẽ eteʔrej]

maria o- h- o-mã **ramõ** puão h- asẽ eteʔrej

Maria 3^a.dir-ir-Asp Subj João 3^a.dir-chorar Ptc

‘porque Maria saiu, João chorou muito’

c) [ʔãĩ ruʔpi raʔmõ odʒepoʔta rãʔmõ mĩʔtã kũʔnã kweʔriʔrehe]

ãĩ ruʔpi ramõ o-ʔepota **ramõ** mĩtã kuʔnã kweʔriʔrehe

agora posp Subj 3^o-‘encarnar’ Subj criança mulher/fêmea pl. posp

‘de hoje em diante, se (jaguarete/onça) encarnar na menina (moça)...’

A forma adverbial {**ɲawe**} ‘quando, no momento que’ pode exercer a mesma função inter-clausal da forma {**ramõ**} em orações dependentes adverbiais, trazendo ainda noções temporais.

(91) [ʔe akaʔru eteʔrej ʔẽmĩʔtã dʒaʔve]

ʔe a- karu eteʔrej ʔe- mĩtã **ɲawe**

eu 1sg-comer Ptc 1^a.sg=criança quando

‘eu comia muito quando eu (era) criança’

4.2.4.1.4 Consecutivo

O modo consecutivo constitui-se pela posposição da forma {*rire*} ‘depois de, depois que’ ao radical verbal. Essa forma, da mesma maneira que a forma {*ramõ*} do modo subjuntivo, é usada em sentenças adverbiais, mas exprime apenas a noção semântica temporal.

(92)

a) [haʔe nãnde dʒaʔi riʔre oripaʔra]

haʔe nãne- napi rire o-ripara

ele 1ª.pl(incl)- acertar Cons 3ª.-correr ‘ele nos acertou depois correu’

b) [nãnde teʔiʔi kwɛra heʔta ave dʒareʔko riʔre iʔwi dʒawiʔave aʔrã moʔã]

nãne teʔiʔi kwɛra heta awe na- re- ko rire iʔwi na-wiʔa-we arã moʔã

nós índio pl muito também 1ª.pl-caus comit-ter Cons terra 1ª.pl-feliz-Int Fut hip Fut rem

‘somos muitos índios também, se fizéssemos estar (se ficássemos) com a terra, seríamos mais felizes’

(‘somos muitos índios também, se tivéssemos a terra, seríamos mais felizes’)

4.2.4.2 Tempo

Em Kaiowá, o morfema que marca o tempo presente é zero { \emptyset } e está em contraste com aos outros afixos e partículas referentes a outros tempos. Esses podem ser observados no quadro (10) no final desta seção.

4.2.4.2.1 Tempo Passado

Como marca de passado recente (ou não-futuro), encontramos a partícula {*kuri*}.

(93)

a) [ʃe a'ha ku'ri teko'ra]

ʃe a- ha **ku'ri** teko'raeu 1^a.sg-ir Pass aldeia

'eu fui à aldeia'

b) [ha'ʔe ihu'ʔu ku'ri]

ha'ʔe i-hu'ʔu **ku'ri**

ele 3-tossir Pass

'ele tossiu'

Outras formas podem indicar o tempo passado em Kaiowá. Em sentenças com verbos nominalizados pelo morfema {-**ha**}, o afixo marcadores de tempo passado é {-**re**} e {-**ŋwe**} e em outras sentenças com verbos nominalizados por {wa'ʔe}, o sufixo indicador de passado é {-**kwe**} (cf. 4.1.5).

(94)

a) [õmõnda'hare]

o- mõna-**ha** -**re**3^a.sg-roubar-Nom-Pass

'ex-ladrão'

b) [ka'ʔi'tikwe odʒapohã'ŋgwε dodʒa'poi]

ka'ʔi'ti-kwε o-ʒapo -**ha-ŋwε** n-o-ʒapo-ifarinha-Pass 3^a.-fazer Nom.Pass neg-3^a.-fazer-neg

'(chicha) que era feita de farinha, não fazia'

c) [dʒagware'te ra'ʔi aipî'hî va'ʔe'kwe okã'nã]

dʒagwarete r-a'ʔi aipî'hî **wa'ʔe-kwε** o-ka'nãonça rel-filho 1^a.sg-dir-agarrar Nom-Pass 3^a.-fugir

'o filhote de onça que eu agarrei, fugiu'

4.2.4.2.2 Tempo Futuro

Como marca de futuro próximo, temos o sufixo {-ta} (95), para marcar o futuro hipotético, a partícula {arã} (96) e de futuro remoto, a partícula {mõʔã} (97):

(95)

a) [haʔe oho'ta õsẽndi've]

haʔe o-ho-**ta** o- sẽ niwe

ela 3^a.-ir-Fut 3^a.refl-mãe Posp

‘ela/e irá com sua própria mãe’

b) [kõʔẽ rãmõ oka'ruta]

koʔẽ rãmõ o-karu-ta

amanhã Subj 3^a.-comer-Fut

‘amanhã (ele) comerá’

(96)

a) [roipo'ruã'rã roho'ha pe oreʔẽ'ʔẽ'ha kwati'a rupi ave]

ro- i- poru **arã** ro- ho-ha pe ore- ʔeʔẽ ha kwatia rupi ave

1^apl (excl)-dir-‘emprestar’ Fut hip 1^a.pl (excl)-ir-Nom esse 1^a.pl(excl)-falar e papel Posp também

‘...(que) iremos emprestar nossa fala e neste papel também’

b) [ʃe agwere'koã'rã petẽ'ʔĩ'õga]

ʃe a- ʔwere- ko **arã** peteʔĩ õga

eu 1sg-caus comit-ter Fut hip um casa

‘eu faria estar comigo minha casa’

(‘eu teria a casa para mim’)

(97) [haʔe odʒu'ka odʒu'ka mõʔã dʒa'gwa oisu'ʔumã]

haʔe o- ø- ʔuka o- ø- ʔuka **mõʔã** ʔagwa o- i- suʔu-mã

ele 3^a.-dir-matar 3^a.-dir-matar Fut rem cachorro 3^a.-dir-morder-Asp

‘ele mataria o cachorro que mordesse’

A partícula {mõʔã}, além de indicar tempo futuro remoto, parece indicar uma certa noção de volição.

Na sentença (98) reapresentada abaixo, mostramos a co-ocorrência das partículas de futuro: {arã} e {mõʔã}.

(98) [nãnde teʔij kwera he'ta ave dzare'ko ri'riε ìwì dzawì'ʔave ā'rã mõʔã]

nãne teʔij kwera heta awe ña-re- ko rire ìwì ña-wìʔa-we arã mõʔã

nós índio pl muito também 1ª.pl-caus comit-ter Cons terra 1ª.pl-feliz-Int Fut hip Fut rem

‘somos muitos índios também, se fizéssemos estar (se ficássemos) com a terra, seríamos mais felizes’

(‘somos muitos índios também, se tivéssemos a terra, seríamos mais felizes’)

Em sentenças dependentes com verbos nominalizados com o afixo {-ha} ou com a partícula {waʔe}, o afixo marcador de tempo futuro é o sufixo {-rã}. Em sentenças dependentes com verbos nominalizados por {-ha}, também, pode ser usado o sufixo {-ŋwã} para expressar o futuro próximo, ou o sufixo {-rɛ} para expressar o futuro remoto (cf. 4.1.5).

(99)

a) [õmboʔe'harã]

o-moʔe -ha -rã

3ª.-ensinar-Nom-Fut

‘(será/futuro) professor’

b) [ɛta'ku õmõʔi'odʒa pe okosinahã'ŋwã]

ɛ t -aku o-mõʔi oʒa pe o-kosi'na -ha-ŋwã

água ind-quente 3ª.-colocar panela Loc 3ª.-cozinhar-Nom-Fut

‘água quente na panela que (logo) cozinhará’

c) [ʔe ndaikomõʔã mboʔe'harɛ]

ʔe n- a- iko-mõʔã -i moʔe-ha -rɛ

eu neg-1ª.sg- ser-Fut rem -neg ensinar-Nom-Fut

‘eu não serei professor’

John Taylor, no texto intitulado: “Marcação temporal na Língua Kaiowá” de 1984a, ao tratar da categoria de tempo em diferentes classes de palavras, expressa que existem marcadores temporais explícitos para o passado e futuro. Segundo o autor, o verbo *o-ho* 'ele-ir', sem nenhum marcador de tempo, pode ser traduzido no presente ('ele vai'), ou passado ('ele foi'), dependendo do contexto, mas nunca no futuro ('ele irá'), por isso, o verbo sem marcadores temporais pode ser considerado num tempo verbal não-futuro.

Citamos Taylor ao argumentar a favor da oposição temporal fundamental do Kaiowá – **futuro vs. não-futuro**:

John Lyons (1979:321), falando sobre as diversas categorizações temporais que constam nas línguas do mundo, diz o seguinte: "São possíveis várias categorizações. O 'ponto-zero teórico' – o 'agora' do enunciado – poderia ser reagrupado com o 'passado' ou com o 'futuro', do que resultaria, por um lado, a dicotomia entre 'futuro' e 'não-futuro', e por outro lado, a entre 'passado' e 'não-passado'." Os dados do Kaiowá acima demonstram que, nesta língua, a categorização principal é entre o futuro e o não-futuro, enquanto no (...) inglês, segundo Lyons (op. cit.), a categorização principal é entre o passado e o não-passado. (TAYLOR, 1984a, p. 56).

No quadro (10), abaixo, apresentamos uma proposta de organização para os morfemas de tempo (aspecto), a partir da oposição *futuro vs. não-futuro* proposta por Taylor (1984a) para o Kaiowá.

Quadro 10. Organização dos morfemas de Tempo

NÃO-FUTURO		FUTURO	
Presente/passado	{ \emptyset }	Futuro Próximo	{-ta}
		Futuro Remoto	{mõʔã}
Passado	{kuri}	Futuro Hipotético	{arã}
Passado com verbo nominalizado com {-ha}	{-re / ɲwe}	Futuro Próximo com verbo nominalizado com {-ha}	{-ɲwã}
Passado com verbo nominalizado com {waʔe}	{-kwe}	Futuro Remoto com verbo nominalizado com {-ha}	{-rɛ}
-	-	Futuro Hipotético com verbo nominalizado com {-ha} e {waʔe}	{-rã}

4.2.4.3 Aspecto

As distinções de aspecto são marcadas na língua por meio de raízes verbais sufixadas ao verbo principal ou por partículas. Portanto, a noção de aspecto em Kaiowá não é expressa por um mecanismo uniforme, mas por vários. As partículas que marcam aspecto podem vir combinadas com as partículas de tempo, ou ainda, de modo (modalidade). Inspirados na análise sobre a categoria de aspecto, bem como as de tempo e modo, que Seki⁴² (2000) faz para o Kamaiurá (Tupi), apresentamos, no quadro abaixo, os diferentes tipos de partículas de aspecto que encontramos nos dados da Língua Kaiowá (Tupi-Guarani).

Quadro 11. Aspecto

ASPECTO	Partículas/Raízes verbais
Pontual	{ <i>mã</i> }
Completivo	{ <i>-pa</i> }
Iminentivo	{ <i>-pota</i> }
Permissivo	{ <i>-katu</i> }
Atenuativo	{ <i>mĩ</i> }

4.2.4.3.1 Aspecto Pontual {*ma*} ‘já’

A partícula {*mã*}⁴³ marca o aspecto pontual, traduzida por ‘já’. Vem posposta a palavras de diferentes classes, estando essas no tempo futuro ou não-futuro. Em alguns dados do Kaiowá, essa partícula aparece cliticizada à palavra que “qualifica”.

(100)

⁴² Para o Kamaiurá, Seki (2000, pp 133-135) toma: o sufixo verbal {-pap} como sendo o elemento que exprime o aspecto “completivo”; a raiz verbal {-potat} ou o morfema {-wep} para expressarem o aspecto “iminentivo”; a raiz verbal {-katu} para exprimir o aspecto “perfectivo”, entre outros.

⁴³ A variação alofônica existente em {-mã} – [mã ~ ma], em {-mĩ} – [mĩ ~ mi], entre outras, deverá ser tratada em trabalhos fonológicos futuros.

a) [õmẽ ʔẽmã]

o- mẽʔẽ =mã

3^a.-dar -Pont

‘já dá, já deu’

b) o-ho-ta -mã

3^a.-ir -Fut-Pont

‘já irá’

d) mohapĩ -mã

três -Pont

‘já três’

e) ʃe-mã

eu-Pont

‘já eu’

4.2.4.3.2 Aspecto Completivo {-pa} com variação alomórfica {-mba} ‘acabar, terminar’

A raiz verbal {-pa ~ -mba} ‘acabar, terminar’, quando posposta a outra raiz verbal principal, indica o aspecto completivo.

(101)

a) haʔe n- o- u -pa -mã

ele neg-3^a.-comer-Compl -Pont

‘ele não comeu já tudo’

b) o-poraheɲ-pa -mã

3^a.-cantar -Compl-Pont

‘já cantou tudo’

4.2.4.3.3 Aspecto Iminentivo {-pota} ‘querer, poder’

A raiz verbal {-pota} ‘querer, poder’, quando posposta a outra raiz verbal principal, indica o aspecto iminentivo. A partícula {pota} também é usada para expressar esse aspecto.

(102)

a) h-iʔaŋu -pota

3^a.-madura-Imin

‘está quase madura/(ela) pode estar quase madura’

b) haʔe ne- r- aihu ɲotɨ

ele 2^asg-inv-amar Imin

‘ele ainda te ama/ele pode estar te amando’

4.2.4.3.4 Aspecto Permissivo {-katu} ‘poder’

A raiz verbal {-katu} ‘poder’, quando posposta ou anteposta a outra raiz verbal principal, indica o aspecto permissivo.

(103)

a) pe- sě katu

2^a.imp-sair Perm

‘podei sair’

b) ore katu ro-i-nũpã

nós (excl) Perm 1^apl-dir-bater

‘nós podemos bater’

4.2.4.3.5 Aspecto Atenuativo {mĩ} ‘por favor’

Em Kaiowá, encontramos a partícula {mĩ} que se pospõe ao verbo e parece indicar o aspecto atenuativo.

(104)

a) [e-puraʔhejmi]

e- poraheɲ-mĩ

2^a.sg imp.-cantar -Aten

‘você cante’

b) [pepuraʔhejmi]

pe- porahei-mĩ

2^a.pl imp- cantar -Aten

‘cantai’

4.2.5. Outros morfemas afixados no verbo

4.2.5.1 Morfema Causativo {-mo} - Transitivizador

O morfema causativo {-*mo*} funciona como transitivizador de verbos intransitivos indicando que houve o acréscimo de um argumento *Causar* à estrutura básica de oração. Assim esse morfema altera a valência verbal.

(105) **com verbos ativos (Sa)**

a) [ãmbopoʃi'harã]

a- mo- poʃi -ha -ra

1^a.sg-Caus-bravo-Nom-Fut

‘(eu) farei ficar bravo (nervoso)’

b) [ãmbodʒe'ra]

a- mo- nera

1^a.sg-Caus-desatar

‘eu fiz desatar’

(106) **com verbos inativos (So)**

[ʃẽmboku'ʔe]

ʃe- mo- kuʔe

1^a.sg-Caus-mexer

‘(eu) faço mexer’

Ressaltamos que os morfemas: reflexivo {-*ne*} e recíproco {-*no*} também indicam mudança de valência verbal, mas nesses casos, a diminuição da mesma.

4.2.5.2 Morfema Causativo Comitativo {*ɲwere* ~ *re*} – com verbos copulativos

O causativo comitativo forma-se com o prefixo {-*ɲwere* ~ *re*-} acrescentando ao verbo copulativo {*ko*} e é pouco produtivo em relação ao causativo com {-*mo*} e {-*uka*}.

(107)

a) [ʃe aŋgwere'ko vaʔerã pětě'ʔĩ 'oga piʔa'hu]

ʃe a- ɲwere- ko waʔe-rã peteʔĩ oŋa piʔahu

eu 1^a.sg-caus comit-ter Nom-Fut uma casa nova

'eu farei estar comigo uma casa nova'

('eu terei uma casa nova para mim')

b) [na'nde te'ʔĩj'kwera he'ta ave dzare'ko ri'riε i'wi dzawĩ'ʔave a'rã mo'ʔã]

nãne teʔĩj kwera heta awe na- re- ko ri'riε i'wi na-wiʔa-we arã mo'ʔã

nós índio pl muito também 1^a.pl-caus comit-ter Cons terra 1^a.pl-feliz-Int Fut hip Fut rem

'somos muitos índios também, se fizéssemos estar (se ficássemos) com a terra, seríamos mais felizes'

('somos muitos índios também, se tivéssemos a terra, seríamos mais felizes')

Em (107a-b), o *Causer* é codificado como A, o sujeito original ocorre como *Causee*, ocupando a posição de objeto direto do verbo {ko} 'estar, ser, ter', assim sendo, o morfema causativo comitativo {ɲwere ~ re}, assim como o morfema causativo {mo-}, transitiviza o verbo.

4.2.5.3 Morfema Causativo {-uka} – com verbos transitivos

O morfema causativo {-uka} une-se a radicais verbais transitivos, alterando a estrutura oracional derivada, pois tal morfema indica a mudança na função do argumento externo (A), uma vez que o *Causer* assume essa função, o sujeito original passa a assumir a função de dativo e o objeto (O) mantém-se em sua posição original.

(108)

a) [dʒuãw̃ odʒeheʃau'ka pedru'pe ha õ'sẽ]

puãõ o- ne- h- eʃa-uka pedru-pe ha o -sẽ

João 3^a.-refl-dir-ver-Caus Pedro-dat e 3^a.-sair

'João fez Pedro ver-lhe e saiu'

b) [aheʃau'ka kwatĩ'a]

a- h-eʃa -**uka** kwatĩa

1ª.sg-dir-ver-Caus papel

'eu mostro (faço ver) o papel (caderno)'

4.2.5.4 Morfema descontínuo de negação {*na- ... -i*}

O morfema descontínuo {*na- ... -i*} é utilizado para negar todos os tipos de predicados verbais. Apresentamos a ocorrência deste morfema de negação com verbo transitivo, intransitivo ativo, intransitivo inativo e cópula.

(109)

a) com verbo transitivo

[ʔaʔẽndaika'tui oka'ru]

haʔe **na-** i- katu -**i** o-karu

ele neg-3ª./rel-pode-neg 3ª.-comer

'ele não pode comer'

b) com verbo intransitivo ativo

[ʃẽ ndawĩ'ʔai]

ʃe **n-** a- wiʔa-**i**

eu neg-1ª.sg-alegre-neg

'eu não estou alegre'

c) com verbo intransitivo inativo

[gwĩ'ra ndaipe'poi]

ŋwĩra **na-** i- pepo-**i**

pássaro neg-rel-asa -neg

'o pássaro (que) não tem asa'

d) com verbo copulativo

[ʃẽndaɾe'koi ʃe'roi]

ʃe **n-** a- re- ko-**i** ʃe-roi

eu neg-1ª.sg-caus comit-ter-neg 1ª.sg-casa

'eu não fiz estar comigo minha casa'

('eu não tive minha casa')

Vale lembrar que somente entre verbos no modo imperativo que a negação de predicados verbais não ocorre com o morfema descontínuo {*na- ... -i*}, mas sim por meio da partícula de negação {*añĩ*}.

(110) [‘añĩ ɛredʒu‘ka mboj‘pe]

añĩ ɛre- nuka moʒ -pe

neg 2^a.sg imp-matar cobra-Acus

‘não mate a cobra’

4.2.5.5 Morfema desiderativo {-se}

O Kaiowá emprega o morfema sufixal {-*se*}, glossado como desiderativo, para expressar as noções de ‘desejo’ e ‘querer’, que, em Português como em outras línguas indo-européias, são expressas por raízes verbais.

(111)

a) [‘ʃe ahai‘se kɔ kwatĩ‘aha]

ʃe a- h- ai -se kɔ kwatĩa-ha

eu 1^a.sg-dir-escrever-querer esse papel -nom

‘eu que quero escrever esse caderno’

b) [‘ʃe au‘se mãndi‘ɔ]

ʃe a-u-se mãnio

eu 1^a.sg-comer-querer mandioca

‘eu quero comer mandioca’

O morfema descontínuo de negação {*na- ... -i*} estende-se por toda a estrutura verbal, incluindo o morfema desiderativo.

(112) [nde ndarekaru‘sei]

ne na- ɾe- karu -se -i

você neg-2^a.sg-comer-querer-neg

‘você não quer comer’

4.2.6 Propriedades estruturais dos verbos

O verbo Kaiowá é formado de uma raiz que pode ser precedida de:

- i) morfemas que expressam o modo (imperativo);
- ii) prefixos marcadores de pessoa e número co-referentes ao argumento externo (A ou Sa);
- iii) por pronomes clíticos que codificam o argumento externo (So), ou ainda, argumento interno (O);
- iv) prefixos indicadores de relacionais (em verbos intransitivos), ou voz (verbos transitivos);
- v) além de morfemas derivacionais como o de negação (o descontinuo), os morfemas causativos e incorporações nominais.

A mesma raiz verbal pode ser sufixada por morfemas:

- iv) nominalizadores e
- v) indicadores das categorias de TAM.

Postulamos que os **verbos transitivos** em Kaiowá apresentem uma estrutura interna como a mostrada no diagrama abaixo:

FLEXÃO			RADICAL			FLEXÃO
Modo Imperativo	Prefixos/Clíticos número pessoal	Voz	Derivação (causativa, incorporação nominal)	RAIZ	Derivação (nominalização)	TAM

Quanto aos **verbos intransitivos ativos**, postulamos que apresentem uma estrutura interna como a mostrada no diagrama abaixo:

FLEXÃO	RADICAL			FLEXÃO
Prefixos número pessoal – série I	Derivação (causativa)	RAIZ	Derivação (nominalização)	TAM

Por fim, a estrutura interna dos **verbos intransitivos inativos** pode ser representado por este outro diagrama:

FLEXÃO		RADICAL			FLEXÃO
Clítico pronominal – série II	Relacional	Derivação (causativa)	RAIZ	Derivação (nominalização)	TAM

4.3 Advérbios

No Kaiowá, os advérbios constituem uma classe aberta, assim como os nomes e os verbos.

Para Payne (1997), a classe de advérbios é uma classe bastante heterogênea, pois, do ponto de vista do significado, advérbios não podem ser identificados em termos de uma escala de estabilidade temporal (*time-stable*) ou de qualquer outro parâmetro semântico bem definido. Segundo Givón (1984), esta constitui uma classe de palavra semântica, morfológica e sintaticamente mista.

De modo geral, as características morfológicas e semânticas dos advérbios variam, geralmente, em função das palavras de outras classes das quais são derivados.

As palavras com função adverbial, em Kaiowá, são invariáveis (não flexionáveis) e independentes, e não possuem traços morfossintáticos específicos, sendo caracterizadas por suas propriedades distribucionais, aos quais distinguem por sua mobilidade dentro da sentença e por sua função de modificador de verbos ativos ou inativos, ou ainda, de outro advérbio.

Nos dados de que dispomos da língua Kaiowá, pudemos identificar palavras adverbiais que expressam propriedades semânticas temporais, locativas, interrogativas e negativas, que estão sub-classificadas na seção seguinte.

4.3.1 Subclasses de Advérbios

4.3.1.1 Temporais

Foram encontrados junto aos dados da língua os seguintes advérbios temporais:

Quadro 12. Advérbios temporais

Adverbial	‘tradução’
[kwe’he]	‘ontem’
[ko’ʔẽ]	‘amanhã’
[ãĩ]	‘agora’
[ete’ria]	‘hoje’
[ara]	‘dia’
[p̃ha’re]	‘noite, madrugada’
[araka’ʔe]	antigamente
[woi]	‘cedo, sempre’
[dzave]	‘quando’
[mẽmẽ]	‘sempre’
[u’pej]	‘depois’

A seguir, apresentamos alguns exemplos contendo advérbios temporais:

(113)

a) [kwe’he rōŋwã’he]

kwehe r o- wãhẽ

ontem 1a.pl (excl)-chegar

‘chegamos ontem’

b) [ʃe agwa’ta mẽmẽ]

ʃe a-ŋwata **mẽmẽ**

eu 1ª.sg-caminhar sempre

‘eu caminho sempre’

c) [ete'ria pĩhá'reve Œe a'ha agwa'ta lu'ãñã ani've]

eteria pĩhare-we Œe a- ha a- gwata lu'ãñã a -niwe

hoje noite -Int eu 1ª.sg-ir 1ª.sg-caminhar lu'ãñã 1ª.sg-Posp

‘hoje de madrugada (cedo), eu fui caminhar com o Luana’

d) [upe oṛõmbiã'ti ha?e kwe'ra hi'kwaj araka'pe].

upe o-ṛõ-mbiãti ha?e kwe-ra hikwaṇ **araka?e**

Esse 3ª.-rec-reunir ele plural plural antigamente

‘antigamente, todos reuniam uns com os outros’

4.3.1.2 Locativos

Nos dados da língua Kaiowá, foram encontrados os seguintes advérbios locativos:

Quadro 13. Advérbios locativos

Adverbial	‘tradução’
[hĩ?ã'ṛwĩ]	‘perto, aí’
[a'pĩ]	‘aqui’
[a'mõ]	‘ali, lá’
[mõmbĩ'rĩ]	‘longe’

Apresentamos em (114) alguns exemplos contendo advérbios locativos:

(114)

a) [bo?e'harĩ hi?ã'wĩ]

mo?e -ha -rĩ **hi?arwĩ**

ensinar-Nom-Posp perto

‘perto da escola’

b) [dʒagwapi'ru nãmõmbĩ'rĩetei]

ṛarwapi-ru na-**mõmbĩ'rĩ**-ete -i

jaguapiru neg-longe -mesmo-neg

‘Jaguapiru não é longe mesmo’

c) [ʼapɨ ɔĩ petɨ]

apɨ o- ɨ petɨ

aqui 3^a.-estar fumo

‘o fumo está aqui’

Em (114b), podemos observar a negação do advérbio [*mõmbɨ ʼrɨ*] ‘longe’ sendo negado por meio do morfema descontínuo {*na-* ... *-i*}, funcionando como predicado locativo (cf. 5.1.2.3).

4.3.1.3 Advérbios interrogativos

Os itens lexicais interrogativos da classe dos advérbios expressam tempo, lugar, modo e causa. No quadro abaixo, apresentamos os advérbios interrogativos do Kaiowá:

Quadro 14. Advérbios interrogativos

Adverbial	‘tradução’
[<i>araka ʼʔe tɨ ʼpɔ</i>] [<i>mbɔ ʼwɨ</i>]	quando?
[<i>kɨ ʼpɨ</i>] [<i>mõ ʼʔõ(pɨ)</i>]	onde?
[<i>kɨ ʼrupɨ</i>]	por onde?
[<i>mãmõ</i>]	para onde?
[<i>kɨ ʼgwɨ</i>]	de onde?
[<i>kɨ ʼpɨgwa</i>]	por quê?
[<i>mba ʼʔeʃa</i>]	como?
[<i>mã ʼʔẽrã</i>]	para quê?

Apresentamos em (115) alguns exemplos contendo advérbios interrogativos:

(115)

a) [arakaʔe tɨpo oʔhota puʔelo pɨ]

arakaʔe tɨpo o- ho-ta pɨelo pɨquando Inter 3^a.-ir-Fut cidade Posp

‘quando ele irá para a cidade?’

b) [kɨ pɨ tɨ po reʔhota redʒoʔo iwɨ wɨ kwa]

kɨ pɨ tɨ po re- ho-ta re-poʔo iwɨ wɨ kwaonde Inter 2^a.sg-ir-Fut 2^a.sg-cavar terra buraco

‘onde você irá cavar o buraco?’

c) [mã mɔ tɨ po oʔho ñãnde ru]

mã mɔ tɨ po o- ho ñãnde=rupara onde Inter 3^a.-ir nosso-pai

‘para onde foi a Nhanderu?’

d) [baʔe ʃã nde rewã hẽta]

mãʔe ʃã ne re-ɲwã hẽ-ta

como você 2a.sg- chega-Fut

‘como você irá chegar?’

e) [mã ʔẽrã tɨ po odʒu ka ka ʔi]

mã ʔẽrã tɨ po o- ɲuka ka ʔipara que Inter 3^a.-matar macaco

‘para quê ele matou o macaco?’

O estudo dos advérbios interrogativos, acima arrolados, será feito no item (6.1.2), onde trataremos das orações interrogativas.

Nos seguintes subtópicos trataremos das classes fechadas que pudemos identificar junto aos dados do Kaiowá. São elas: os **Pronomes** (pronomes pessoais, pronomes clíticos, pronomes dêiticos e pronomes interrogativos); as **Posposições** e as **Partículas**.

4.4 Pronomes

Proforma é a denominação que engloba as palavras que substituem ou uma palavra com sentido lexical, ou um sintagma, ou mesmo uma oração ou sentença. Os pronomes são tidos como pró-formas, por poderem substituir uma palavra da classe de nomes que se constitui como núcleo de um sintagma nominal (SN).

O Kaiowá possui duas séries de pronomes pessoais: uma de pronomes independentes (livres) e outra de pronomes clíticos (também tidos como clíticos pronominais). Aqueles são morfologicamente livres e funcionam sozinhos preenchendo a posição núcleo de um SN, enquanto esses não são livres morfologicamente, devem ser afixados a outras palavras como nomes (possuíveis), verbos e posposições.

4.4.1 Pronomes pessoais

Os pronomes pessoais, por indicarem as propriedades de número e de pessoa, podem constituir sozinhos sintagmas nominais.

Os pronomes pessoais independentes ocorrem como núcleo de SN de predicados verbais transitivos, intransitivos ativos e inativos, ocupando a posição de sujeito (A, Sa e So), ou ainda, como argumento externo de predicados nominais. Esses pronomes podem ser omitidos devido à presença de marcadores de número e pessoa na estrutura verbal.

Observaremos os pronomes pessoais que estão apresentados, no quadro abaixo, em conjunto com os pronomes clíticos (cf. quadro 15).

Quadro 15. Pronomes Pessoais e Pronomes Clíticos

Número e pessoa	Pronome Pessoal	Pronome Clítico
Singular		
1ª	<i>ʃe</i>	<i>ʃe=</i>
2ª	<i>ne</i>	<i>ne=</i>
3ª	<i>ha ʔe</i>	<i>i= ~ h=</i>
Plural		
1ª(i)	<i>ɲãne</i>	<i>ɲãne=</i>
1ª(e)	<i>ore</i>	<i>ore=</i>
2ª	<i>pẽẽ</i>	<i>pẽene=</i>
3ª	<i>ha ʔe kwerc ã</i>	<i>i= ~ h=</i>

Os pronomes pessoais livres podem ser apagados quando ocorrem prefixos pessoais na estrutura morfológica de predicados verbais.

Os dados abaixo apresentam pronomes pessoais ocorrendo como núcleo de SN em função de:

(116)

a) **Argumento externo de predicado verbal transitivo (A)**

[ʃe aheʃa iʃupe]

ʃe a- h- eʃa i-ʃupe

eu 1ª.sg-dir-ver 3ª./rel-Acus

‘eu vejo ele’

b) **Argumento externo de predicado verbal intransitivo ativo (Sa)**

[haʔe oripaʃa ʋoj]

haʔe o-ripara woɲ

ele 3ª.-correr sempre

‘ele corre sempre’

c) **Argumento externo de predicado verbal intransitivo inativo (So)**

[ʃe ʃerãʃẽ terejã]

ʃe ʃe- r-asẽ etereɲ-mã

eu 1ª.sg-rel-chorar Ptc -Pont

‘eu já chorei muito’

d) Argumento externo de predicado não-verbal

[dɛtɨ́pɔ nãñmẽ́mbɨ́i]

ne tɨ́po na-ne-mẽmbɨ́-i

você Inter neg-2^a.sg-filho-neg

‘você não tem filho?’

4.4.2 Pronomes pessoais clíticos

No âmbito da pesquisa lingüística, os pronomes clíticos tem sido alvo de muitas discussões, pois representam um ponto de encontro entre morfologia, sintaxe e fonologia. Os clíticos, diferentemente, de palavras independentes e de afixos, são formas dependentes⁴⁴ que se prendem, fonologicamente, a outra palavra, que é seu hospedeiro. A ausência de acento tônico diferencia os semelhantes pronomes: livres e clíticos (cf. quadro 15).

Em Kaiowá, os clíticos constituem-se como uma sub-classe dentro da classe de pronomes. Seki também trata os clíticos do Kamaiurá como formas pronominais e não como prefixos, porque os clíticos: “em todas as suas funções se comportam como o nome, ocorrendo imediatamente antes do radical nominal, posposicional ou verbal, prefixado com o relacional {-r}.” (SEKI, 2000, p. 63). Ainda segundo a autora, os clíticos “são regularmente associados, sob o ponto de vista fonológico e semântico, às formas dos pronomes livres.” (SEKI, op. cit., p.83-84).

Os pronomes clíticos, em Kaiowá, têm uma distribuição sintática diferente dos pronomes livres. A distribuição sintática dos pronomes clíticos compreende a ocorrência destes como co-referentes de argumento externo de predicados verbais inativos (So), como co-referentes de argumento interno de predicados verbais transitivos (O), ou ainda, em sintagmas posposicionados, denotando diferentes funções semânticas como: dativo, locativo, comitativo, entre outros (cf. seção 4.5).

⁴⁴ Os pronomes clíticos não podem ser classificados como palavras, pois não ocorrem livremente, em qualquer posição sintática e não podem ocorrer isoladamente.

Lembramos ainda que os pronomes clíticos também são cliticizados a nomes marcando a categoria de posse: alienável ou inalienável (cf. 4.1.1).

Seguem os dados que apresentam pronomes clíticos funcionando, morfossintaticamente, como: indicador de posse em SN com núcleo nominal possuído (117a); cliticizados no predicado verbal (117 b e c) e, juntamente, com posposições (117d), com a função de objeto posicionado.

(117)

a) [ʃe aheʃa ʃe'ru pe]

ʃe a- h- eʃa ʃe- r- u pe
eu 1ªsg- dir.- ver 1ªsg- rel -pai Acus

‘Eu vi meu pai’

b) [haʔe itu'dʒa]

haʔe i=tuʒa
ele 3ª./rel-velho

‘ele está velho’

c) [ʃe ndehajhu voj]

ʃe ne=haʒhu voj
eu 2ª.=amar Adv

‘eu te amo sempre’

d) [nãnõ'ti há'ŋwa o'pa mba'ʔe nã'ndeve]

nã- ø- nõtî há'ŋwa opa maʔe nãne=we
1ªpl (incl)- 3ªdir.- plantar para tudo coisas 1ªpl = posp

‘Para plantarmos todas as coisas para nós’

Como já mencionamos, a terceira pessoa não é codificada por meio de pronomes clíticos, mas sim por dos prefixos relacionais { i- ~ h-}, como apresentado em (117b), abreviadamente com **3ª./rel**.

4.4.3 Pronomes dêíticos

Os pronomes dêíticos em Kaiowá são distribuídos de acordo com o parâmetro de proximidade relativa entre o falante e o ouvinte. Esses pronomes também distinguem a categoria de número.

O exame do corpus da língua Kaiowá, proporcionou a elaboração do quadro (16), que representa os dêíticos mais utilizados pelos falantes Kaiowá.

Quadro 16. Pronomes dêíticos

	Dêíticos	
	singular	Plural
Próximo ao falante	<i>ko</i> ‘este’	<i>koʔa</i> ‘estes’
Próximo ao ouvinte	<i>(u)pe, (u)pea</i> ‘esse, isso’	<i>umĩ</i> ‘esses’
Distante de ambos	<i>amõ</i> ‘aquele(s), ali’	

Em Kaiowá, algumas formas são predominantemente pronomes, substituindo um nome, mas também podem ser usadas como modificadores de nomes núcleos de SN, ou ainda, antepondo-se ao núcleo de um SP.

Seguem exemplos de uso de pronomes dêíticos:

(118) [upe´a ŋwĩ amboka´tu ko kwa´tia ɲẽ´ʔẽ]

upea ŋwĩ a- mo- katu ko kwatia ɲẽʔẽ
 esse Pospo 1ªsg-Caus-poder este papel falar ‘desses, posso fazer este livro’

(119) [ãĩ okakwa´a va´ʔε umi nĩ´tã kwεrĩ he´ta ete´rej]

ãĩ o-kakwaa-waʔe **umĩ** nĩtã kwεrĩ heta etereɲ
 agora 3º-‘crescer’-Nom essas criança pl muito Ptc
 ‘atualmente, que essas crianças estão aumentando/nascendo muitíssimo’

(120) [a'mõ ñã'nde rεko'ha pe]

amõ ñãne- r- ekoha pe

aquela 1^apl incl rel.-aldeia posp

‘naquela nossa aldeia’

Por fim, esses demonstrativos codificam os núcleos nominais de SNs de modo a determinar propriedades semântico/pragmáticas distintas como: quantificação e dêixis.

4.4.4 Pronomes interrogativos

As principais palavras interrogativas do Kaiowá são tidas como advérbios já mencionados. No entanto, outras palavras interrogativas comportam-se como nominais e aqui são tratadas como pronomes interrogativos.

Em Kamaiurá, como observa Seki (2000), as palavras interrogativas podem substituir qualquer constituinte da oração, com exceção do verbo, o que também ocorre em Kaiowá.

Os pronomes interrogativos, ocorrem em perguntas nas quais o constituinte interrogado é um nominal em função de argumento externo (A ou S) ou de argumento interno (O).

São pronomes interrogativos em Kaiowá:

Quadro 17. Pronomes interrogativos

Interrogativos	‘tradução’
[kɛ(vaʔe) tɛpɔ]	‘o que?’
[ma(va)ʔe]	
[mava(ʔe)]	‘quem?’
[kɛvaʔe pe tɛpɔ]	‘a quem?’

Seguem exemplos de uso de pronomes interrogativos em Kaiowá:

(121) **pronome interrogando o constituinte em função de (A).**

['māwapa odʒu 'ka mboj]

māwa-pa o- ɲuka moɲquem-Inter 3^a.-matar cobra

‘quem matou a cobra?’

(122) **pronome interrogando o constituinte em função de (S).**

[kɪva 'ʔe tɪpo ohotɑ kɔ 'ʔɛ rãmõ]

kɪ -waʔe tɪpo o-ho-ta koʔe ramõquem-Nom Inter 3^a.ir-Fut amanhã

‘quem (que) irá amanhã?’

(123) **pronome interrogando o constituinte em função de (O).**

a) [kɪva 'ʔe tɪ 'po ʃere 'nõj]

kɪ -waʔe tɪpo ʃe- r- enõɲquem-Nom Inter 1^a.sg=rel-chamar

‘quem (que) me chamou?’

b) [kɪva 'ʔepe tɪ 'po oisu 'ʔu]

kɪ -waʔe-pe tɪpo o- i- suʔuquem-Nom-Acus esse Inter 3^a.-dir-picar

‘a quem a cobra picou?’

c) [bava 'ʔe oikwa 'a]

ma-waʔe o-i-kwaao que-Nom 3^a.-dir -saber

‘o que ele sabe?’

A partícula {*tɪpo*}, em geral, é usada com palavras que estão sendo interrogadas, mas também se pospõe a pronomes interrogativos, como em (122, 123 a-b). Para outros aspectos relativos à interrogação, em Kaiowá, (cf. Cap. 6).

4.5 Posposições

As posposições, morfologicamente, recebem marcadores de pessoa da série II basicamente da mesma maneira que marcam: o possuidor pronominal em nomes possuídos; o argumento externo dos verbos intransitivos inativos (So) e o argumento interno dos verbos transitivos (O).

As posposições, em Kaiowá, se constituem sintaticamente como núcleo de sintagmas posposicionais (SP) e apresentam, obrigatoriamente, um sintagma nominal anteposto, quando o núcleo do SN é um nominal, ou prefixados, quando o núcleo do SN é um pronome clítico (série II).

Segundo Andrews (1985), as posposições são núcleos de sintagmas posposicionais (SP) e exercem funções internas oblíquas marcando casos semânticos e não casos gramaticais.

4.5.1 Tipos de posposições

Considerando os dados coletados da língua Kaiowá, apresentamos os tipos de posposições encontradas nesses. Classificamos, provisoriamente, os sintagmas posposicionais (SP) segundo a posição em que ocorrem nas orações:

i) em posição de adjunto marca tematicamente: locativo, instrumental, direcional, alativo, entre outros, e

ii) em posição de complemento, marcam tematicamente: dativo, comitativo, benefactivo, fonte, entre outros (cf. quadro 19).

4.5.1.1 Posposições em posição de adjunto

No quadro (18), apresentamos as posposições que ocorrem como núcleo de sintagmas posposicionais (SP) em posição de adjunto e que marcam, tematicamente, os casos: locativo, instrumental, direcional, alativo, entre outros.

Quadro 18. Posposições em posição de adjunto

Posposições	‘Tradução’	Caso(s) semântico(s)
<i>pɛ̃</i>	‘em, no, na’ ‘com’	Locativo Instrumental
<i>ɾupi</i>	‘pelo, por meio de’	Perlatoivo
<i>ɾupɛ̃</i>	‘com’	Instrumental
<i>pi</i>	‘ao, a’	Direcional
<i>ɾenõne</i>	‘em frente’	Locativo
<i>ari</i>	‘em cima’	Locativo
<i>pɛ̃ɾe</i>	‘embaixo, dentro’ (da água)	Inessivo
<i>ɾa</i>	‘em’	Locativo
<i>pe</i>	‘para’	Locativo
<i>kupepɛ̃</i>	‘atrás, ao lado’	Locativo
<i>ɾehe</i>	‘em, por’	Locativo
<i>ɳwɛ̃</i>	‘de, para’	Alativo

Seguem construções que apresentam sintagmas posposicionais (SP) em posição de adjunto:

(124) **posposição {pɛ̃}**

a) [ore ɾõɳõ ʔí ava ʔtɛ̃ oreɛ̃ wɛ̃ pɛ̃]

ore ɾo-ɳõʔí awatɛ̃ ore=ɛ̃wɛ̃ pɛ̃

nós 1^a.pl(excl)-plantar 1^a.pl(excl)-terra Loc

‘nós plantamos milho em nossa terra’

b) [pẽ ẽ dapedze ʔgwai ẽ ɾũ kũ pɛ̃]

pẽ ẽ na- pe- dzegwa-i ẽ ɾukũ pɛ̃

vocês neg-2^a.pl-pintar -neg urucum Instr

‘vocês não pintaram com urucum’

(125) **posposição {rupi}**

[kamĩɲãũ ðĩmẽ ta'pẽ mbĩ'te ru'pi]

kamĩɲãũ o-ĩmẽ t-ape-mĩte **rupi**caminhão 3^a.-estar ind-caminho-meio Perl

'o caminhão está no meio do caminho'

(126) **posposição com {rupĩ}**

[ha'ʔe něnũpã opɔrupĩ]

ha'ʔe ne= ø- nũpã o- po **rupĩ**ele 2^a.sg-rel-bater 3^a.refl-mão Instr

'ele te bateu com sua própria mão'

(127) **posposição {pi}**

[dʒu'ãw ha so'fia o'ho la'guna pi]

ɲuãõ ha so'fia o-ho laguna **pi**João e Sofia 3^a.-ir lagoa Dir

'João e Sofia foram para lagoa/açude'

(128) **posposição {renõne}**

[ha'ʔe oha'sa ʃeroĩ renõ'nde]

ha'ʔe o- hasa ʃe= r- oĩ **renõne**ele 3^a.-passar 1^a.sg-rel-casa Loc

'ele passou na frente da minha casa'

(129) **posposição {ari}**

[pa'ʔiraru ðĩmẽ ɲã'nde 'ari e'te]

pa'ʔiraru o-ĩmẽ ɲãne **ari** etesol (mítico) 3^a.-estar nós Loc Ptc

'o sol está realmente acima de nós'

(130) **posposição {pĩre}**

[pi'ra ðĩ'mete ĩrĩ'ʔe pĩ're]

pĩra o-ĩmẽ -te ĩ- rĩ'ʔe **pĩre**peixe 3^a.-estar-Foc água-barriga Iness

'o peixe, (ele) está embaixo da água'

(131) **posposição {ra}**

[pe mboj odʒu'pi ðwɨ'ra'ra]

pe moŋ o-nupi ðwɨ'ra **ra**essa cobra 3^a.-subir árvore Loc

'essa cobra subiu na árvore'

(132) **posposição {pe}**

[ko'ʔɛ rãmõ a'hata 'ʃe amã'mbai pe]

koʔe-rãmõ a- ha-ta 'ʃe amã'maŋ **pe**amanhã-Subj 1^a.sg-ir-Fut eu Amambai

'amanhã eu irei à Amambai'

(133) **posposição {kupepɨ}**

[mĩtãŋgwɛ'ra oĩmẽ 'oga ku'pepɨ]

mĩtã ŋwɛra o-ĩmẽ oŋa **kupepɨ**criança pl 3^a.estar casa Loc

'as crianças estão ao lado/atrás da casa'

(134) **posposição {rehe}**

[ha'ʔɛ oiko pɨ'elo re'he]

haʔe o-iko pɨ'elo **re'he**ele 3^a.-ter cidade Loc

'ele vive pela cidade'

(135) **posposição {ŋwɨ}**

[ha'ʔɛ ou mõmbɨ'rɨ gwɨ ta'pe ru'pi]

haʔe o-u mõmɨ'rɨ **ŋwɨ** tape ru'piele 3^a.-vir longe Alat caminho Perl

'ele veio de longe pelo caminho'

4.5.1.2 Posposições em posição de complemento

No quadro (19), apresentamos as posposições que ocorrem como núcleo de sintagmas posposicionais (SP) em posição de complemento e que marcam, tematicamente, os casos: dativo, benefactivo, comitativo, fonte, entre outros.

Quadro 19. Posposições em posição de complemento

Posposições	‘Tradução’	Caso(s) semântico(s)
<i>pe ~ ſupe</i>	‘para, a’	Dativo, benefactivo
<i>mě</i>	‘por’	Dativo
<i>rehe</i>	‘por, em’	Dativo, causa ou locativo
<i>niwe</i>	‘com, em companhia de’	Comitativo
<i>ŋwi</i>	‘de’	Fonte
<i>we</i>	‘para, a’	Benefactivo

Seguem construções contendo sintagmas posposicionais em posição de complemento:

(136) **posposição {pe ~ ſupe}**

a) [haʔe o měʔě ʔě okwatiʔa pe kũ ʔã pe]

haʔe o-měʔě o- kwatia pe kũ ʔã **pe**ele 3^a.-dar 3^a.refl-papel essa mulher Benef

‘ele deu seu próprio papel/caderno para essa mulher’

b) [de reměʔě ɛwoʔtɛ maʔria pe]

ne re-měʔě ɛwotɛ maria **pe**você 2^a.sg-dar flor Maria Benef

‘você deu flor para Maria’

c) [ʔe aměʔě ɛwaʔdʒu iʔuʔpe]

ʔe a- měʔě ɛwa ʔu i-**ſupe**eu 1^a.sg-dar fruta madura 3^a./rel.-Dat

‘eu dei fruta madura para ela’

(137) **posposição {mẽ}**

[ore roisuʔu pẽ ẽ mẽ]

ore ro- i- suʔu pẽ mẽ

nós 1^a.pl(excl)-dir-morder vocês Dat

‘nós mordemos em vocês’

(138) **posposição {rehe}**

[ʔnde nẽ rã ʔsẽ ave ʃerehe]

ne ne=r-asẽ awe ʃe= rehe

você 2^a.sg-inv-chorar também 1^a.sg= Caus

‘você chora também por minha causa’

(139) **posposição {niwe}**

a) [haʔe oʔota osĩ ʔndive]

haʔe o-ho-ta o-sĩ niwe

ele 3^a.ir-Fut 3^a.refl-mãe Comit

‘ele irá com sua própria mãe’

b) [dʒuʔe ʔho bororo pi ʃẽndiwe]

puse o-ho mororo pi ʃe niwe

José 3^a.ir bororó Dir 1^a.sg Comit

‘José vai para Aldeia Bororó comigo’

(140) **posposição {ɲwi}**

[haʔe okĩhĩ ʔdʒe mboj gwi]

haʔe o-kĩhĩɲe moɲ ɲwi

ele 3^a.-ter medo cobra fonte

‘ele tem medo de cobra’

(141) **posposição {we}**

[haʔe omẽʔẽ huʔĩ ɲãndewe]

haʔe o-mẽʔẽ huʔĩ ɲãnde we

ele 3^a-dar flecha 1^a.pl(incl) Benef

‘ele dá a flecha para nós’

Algumas construções são largamente utilizadas e parece que as posposições foram lexicalizadas, como é o caso das posposições: **pĩ** ‘locativo, instrumental’; **pe** ‘dativo, benefactivo’ e sua forma homófona ‘locativa’; **pi** ‘direcional’; **rupĩ** ‘perlatrivo’ e **rupi** ‘instrumental’.

4.6 Partículas

As partículas⁴⁵ constituem uma classe fechada de elementos não flexionados e que, geralmente, ocupam posições relativamente fixas nas sentenças. Desempenham funções gramaticais ou discursivas. Semanticamente, é uma classe heterogênea, incluindo marcas de modalidade, de tempo/apecto, de negação, evidencialidade e ênfase.

Apresentamos, abaixo, algumas partículas que pudemos identificar junto aos dados do Kaiowá, entretanto, não dispomos de um levantamento amplo e de um tratamento exaustivo destes elementos. Assim sendo, vale ressaltar que muitos desses elementos podem fazer parte de outras classes, como por exemplo, da classe de advérbios.

4.6.1 Partícula {ete} ‘de verdade, mesmo, realmente’

A partícula {ete} ocorre geralmente em posição interna ao constituinte e indica algo real e verdadeiro. Observemos o exemplo a seguir:

(142) [dʒagwapi ʔru nãmõbir ĩ ʔetei]

naɲwapi ru nã-mõmir ĩ-ete-i

jaguapiru neg-longe-Ptc-neg

‘a aldeia Jaguapiru não é longe mesmo’

Em construções com sintagmas posposicionais, a partícula {ete} ocorre após a posposição locativa, como no exemplo abaixo:

⁴⁵ Para um estudo sobre partículas, confira Seki (2000).

(143) [paʔiraru õĩmẽ nãnde ʔari eʔte]

paʔiraru o-ĩmẽ nãne=ari **ete**

sol (mítico) 3^a.-estar nós- Loc Ptc

‘o sol está realmente acima de nós’

4.6.2 Partícula {reɲ} ‘a toa, sem razão, por nada’

A partícula {reɲ}, geralmente, ocorre após o predicado e indica que a ação/evento/estado é “inútil”, “sem razão”, conformidade ao que diz o professor indígena Ernesto: significa “a toa”.

(144) [ndaikatu ʔirĩ õsẽ o ʔsẽ ʔrej]

na- i-katu -i -rĩ o-sẽ o-sẽ **reɲ**

neg-3^a./rel- poder-neg -Fut 3^o-sair 3^a-sair a toa

‘não poderá sair, sair a toa (sem razão)’

4.6.3 Partícula {eterɲ} ‘intensiva’

A partícula {eterɲ} parece derivar de uma composição a partir das partículas {ete} e {reɲ}, mas a noção que indica destoa das noções indicadas por essas. A partícula {eterɲ} indica intensidade e corresponde a “muito”. Sintaticamente, ocorre em posição final de sentenças ou após o constituinte que “precisa” ser intensificado.

(145)

a) [haʔe ikĩ ʔa ete ʔrej]

haʔe i- kĩ ʔa **eterɲ**

ele 3^a./rel-sujo Ptc

‘ele está muito sujo’

b) [ma'ria o'homã rã'mõ 'dʒuãw̃ ha'sẽ e'terej]

maria o- h- o-mã ramõ nuão h- asẽ **eterej**

Maria 3^a.dir-ir-Asp Subj João 3^a./dir-chorar Ptc

‘porque Maria saiu, João chorou muito’

4.6.4 Partícula {tee} ‘próprio, verdadeiro’

Essa partícula ocorre após o predicado e corresponder a “próprio, verdadeiro”

(146) [ndera'pe te'e]

ne r- ape **tee**

2^asg rel- caminho próprio

‘teu próprio caminho’

4.6.5 Partícula {te} ‘foco’

A partícula {te} pode ocorrer após o predicado verbal ou cliticizado a esse e indica a função pragmática de foco (cf. 5.2.2.2).

(147)

a) [pi'ra õĩ'mete i'ri'ʔe pi're]

pira o-ĩmẽ **te** i- ri'ʔe pi're

peixe 3^a.-estar Foc água-barriga Iness

‘é o peixe, que está embaixo da água’

b) [aikwa'a ʃe dʒagwa ʃeru'ʔuta te voj]

a-i-kwaa ʃe naɲwa ʃe- ø-suʔu -ta **te** woj

1^a.sg-dir-saber eu cachorro 1^a.sg-inv-morder-Fut Foc Adv

‘sei eu, é cachorro que sempre me morde’

4.6.6 Partícula {awe} ‘também’

A partícula {awe} ocorre após o constituinte verbal, nominal, pronominal indincando que a ação/evento/estado já ocorreu e corresponde a “também”, em português.

(148) [õĩ mbe´ru´ʔi ave]

o-ĩ meru-ʔi **awe**

3^a.-ter mosca-dim também

‘tem mosca pequena também’

4.6.7 Partícula {hikwap} ‘todos’

Essa partícula ocorre após o predicado verbal assinalando referência completiva:

(149) [oho´pama hi´kwaj]

o-ho-pa mã **hikwap**

3^a.-ir-Comp-Pont todos

‘já foram todos’

4.6.8 Partícula {hinã} ‘continuativo’

A partícula {hinã} ocorre após o predicado verbal, expressa uma ação contínua e indica que o evento iniciado no passado perdura no momento da fala. Pode ser traduzida por “ainda”.

(150)

a) [ʃe´ru õĩ´mẽ ho´u hi´na tupi´ʔa ´ha so´ʔo]

ʃe= ru o-ĩmẽ h-ou **hina** t-upiʔa ha soʔo

1^a.sg=pai 3^a.-estar 3^a./rel-comer ainda rel-ovo e carne

‘meu pai ainda está comendo ovo e carne’

b) [ʃe rohaʔa´rõ hi´na]

ʃe ro-haʔarõ **hina**

Eu 1^a./2^a.sg-esperar ainda

‘eu ainda (estou) esperando você’

4.6.9 Partícula {kwerɨ} ‘pluralizadora’

A partícula {kwerɨ ~ kwera} ocorre após núcleos nominais ou pronominais e pode ser seguida pela partícula {hikwaj} que traz referência cumulativa.

(151)

a) [pěẽ kwe'ɾɨ orenũ'pã]

pěẽ **kwerɨ** ore- ø- nũpã

vocês pl 1^apl (excl)- rel- bater

‘Vocês nos batem’

b) [upe oɲõmbiã'ti haʔe kwe'ra hi'kwaj araka'ʔe].

upe o-ɲõ-mbiãti haʔe **kwera hikwaj** arakaʔe

Esse 3^a-rec-reunir ele plural plural adv

‘antigamente, todos reuniam uns com os outros’

4.6.10 Partículas {añ} ‘negação’

A partícula que indica negação {añ}, em geral, ocorre quando o predicado verbal está no modo imperativo, uma vez que, o predicado no modo indicativo ou modo subjuntivo é negado pelo morfema descontínuo {n(a)- ... -i}.

(152)

[añ ẽɾã'sẽ]

añ e-ɾasẽ

añ 2a.sg imp-chorar

‘não chore’

4.6.11 Partículas {tĩ(po)}, {pa}, {nipo} ‘interrogação’

As partículas funcionais {tĩ(po)} e {pa} ocorrem após um pronome interrogativo ou após o constituinte interrogado, implicam probabilidade e dúvida e parecem ser partículas de segunda posição. Apresentamos dados de cada uma delas (cf. 4.3.1.5 e 4.4.4):

(153) {tĩ(po)}

a) [mãʔẽrã tĩ'pɔ ndokwa'ai]

mãʔẽrã **tĩpo** n-o-kwaa-i

para que Inter neg-3^a.-saber-neg

‘(ele) não sabe para quê?’

b) [mã'ʔẽrã tĩ'pɔ odzɔ'ka ka'ʔi]

mãʔẽrã **tĩpo** o-ɲuka kaʔi

para que Inter 3^a.-matar macaco

‘para quê ele matou o macaco?’

(154) {pa}

[mãwapa odzɔ'ka mboj]

mãwa **pa** o-ɲuka moɲ

quem Inter 3^a.-matar cobra

‘quem matou a cobra?’

A partícula {nipo} ocorre após o constituinte interrogado e implica expectativa de resposta verdadeira.

(155) {nipo}

[ha'ʔɛ ndoikwa'ai kĩva'ʔɛ nipo odzɔ'ka 'boj]

haʔe n- o-i- kwaa-i kĩ- vaʔe **nipo** o-ɲuka moɲ

ele neg-3^a.-dir-saber-neg quem-Nom Inter 3^a.-matar cobra

‘ele não sabe quem matou a cobra?’

4.6.12 Partículas inter-clausais {waʔe}, {ramõ}, {rire} e {ha}

As partículas inter-clausais são elementos que interligam orações em sentenças subordinadas ou coordenadas. Ocorrem no início da oração coordenadas com {ha} e após o predicado da oração dependente: da relativa com {waʔe} e das adverbiais com {ramõ} ou {rire}. (cf. Capítulo 6). Reapresentamos abaixo exemplos de ocorrência dessas partículas.

(156) {waʔe}

[kuĩmbaʔe ʔe ɔĩnũ ʔã odʒuʔka mbojpe oisuʔu vaʔe kwe kũnũ ʔmĩpe]

kũnmaʔe o- i- nũpã o- ø-nuka moʒ-pe o- i- suʔu waʔe-kwe kũnũmĩ-pe

homem 3^a.-dir-bater 3^a.-dir-matar cobra-Acus 3^a.-dir-picar Nom-Pass menino-Acus

‘o homem bateu e matou a cobra que mordeu o menino’

(157) {ramõ}

a) [oheʔa ʔa ʔedrupe oʔsẽmã rã ʔmõ]

(haʔe) o- h-eʔa Pedro -pe o- ø-sẽ -mã ramõ

(ele) 3^a.-dir-ver Pedro -Acus 3^a.-dir-sair- Asp Subj ‘(ele) viu quando Pedro saiu’

(158) {rire}

b) [nãnde teʔĩj kweɾa heʔta ave dʒareʔko riʔre ìwĩ dʒawĩ ʔave aʔrã moʔã]

nãne teʔĩj kweɾa heta awe na- re- ko rire ìwĩ na-wĩ ʔa-we arã moʔã

nós índio pl muito também 1^a.pl-caus comit-ter Cons terra 1^a.pl-feliz -Int Fut hip Fut rem

‘somos muitos índios também, se fizéssemos estar (se ficássemos) com a terra, seríamos mais felizes’

(‘somos muitos índios também, se tivéssemos a terra, seríamos mais felizes’)

(159) {ha}

[maʔria õɲwãhẽ ha oheʔa dʒuãw ʔpe]

maria o-ɲwãhẽ ha o- h- eʔa dʒuãw-pe

Maria 3^a. chegar e 3^a.-dir-ver João-Acus

‘Maria chegou e (ela) viu João’

4.6.13 Partículas de tempo/aspecto {mõʔã}, {kuri}, {arã}, {mĩ} e {mã}

Neste capítulo, nas seções (4.2.4.2 e 4.2.4.3), identificamos essas partículas de tempo e aspecto e, por ora, rerepresentaremos exemplos de ocorrência dessas partículas, que, em geral, ocorrem após o predicado verbal.

(160) {mõʔã}

[ha'ʔe odʒu'ka odʒu'ka mõʔã dʒa'gwa oisu'ʔumã]

haʔe o- ø- ʒuka o- ø- ʒuka **mõʔã** ʒagwa o- i- suʔu-mã

ele 3^a.-dir-matar 3^a.-dir-matar Fut rem cachorro 3^a.-dir-morder-Asp

‘ele mataria o cachorro que mordesse’

(161) {arã}

[ʃe agwere'ko ã'rã petẽ'ʔĩ 'oɔga]

ʃe a- ɲwere- ko **arã** peteʔĩ oɲa

eu 1sg-caus comit -ter Fut hip um casa

‘eu faria estar comigo uma casa’

(‘eu teria uma casa para mim’)

(162) {kuri}

[ʃe a'ha ku'ri teko'ra]

ʃe a- ha **kuri** tekora

eu 1^a.sg-ir Pass aldeia

‘eu fui à aldeia’

(163) {mĩ}

[e-pura'hejmi]

e- poɾaheɲ-mĩ

2^a.sg imp.-cantar -Aten

‘você cante’

(164) {mã}

[õmẽ'ʔẽmã]

o- mẽʔẽ -mã

3^a.-dar -Pont

‘já dá, já deu’

Por fim, entendemos que o Kaiowá possui três classes de palavras maiores (abertas): os nomes, os verbos e os advérbios e três classes de palavras menores (fechadas): os pronomes, as posposições e as partículas.

No capítulo que segue, buscamos identificar núcleos de predicados e de argumentos e as funções que exercem junto à morfossintaxe intra-clausal.

5 MORFOSSINTAXE INTRA-CLAUSAL

Neste capítulo, trataremos do nível Morfossintático Intra-clausal, no qual buscamos descrever e analisar diferentes tipos de predicados e argumentos (SNs, SPs) que incidem em orações independentes do Kaiowá, com base nos trabalhos de Dixon (1994), Givón (1984,1990), T. Payne (1997), Andrews (1985), D. Payne (1994) e Comrie (1989).

A descrição do comportamento morfossintático de tipos básicos de predicados em orações independentes dar-se-á a partir dos parâmetros: diferentes tipos semânticos de predicados (verbais e não-verbais) e diferentes estruturas argumentais desses predicados.

Os tipos de relações que se estabelecem entre argumentos e predicados são, seguindo Andrews (1985) tratados no momento em que identificamos os SNs e suas funções gramaticais internas e periféricas.

No que se refere à identificação das funções gramaticais internas (nucleares e oblíquas) dos SNs, contamos com as estratégias de codificação: ordem dos constituintes, marcação de caso e concordância. Consecutivamente, correlacionamos tais funções gramaticais às funções semânticas e pragmáticas.

Após tratarmos dos tipos de predicados e das funções dos SNs, abordamos, em um subtópico separado, a ordem dos constituintes de predicados transitivos e intransitivos.

5.1 Identificação de Predicados

Os predicados em Kaiowá podem ser expressos por verbos – predicados verbais- ou por elementos de outras classes de palavras, aqui denominados de predicados não-verbais.

5.1.1 Predicados Verbais

As orações com predicado verbal dividem-se, basicamente, em **transitivas** e **intransitivas**, segundo o tipo de estrutura argumental de que cada verbo dispõe. O Kaiowá,

como outras línguas da família Tupi-Guarani, possui um terceiro tipo de predicado verbal, o predicado **copulativo**.

5.1.1.1 Predicado Verbal Transitivo

As orações com predicado verbal transitivo são constituídas, obrigatoriamente, por um verbo transitivo e por dois argumentos com funções internas nucleares (A e O) e, opcionalmente, por mais um argumento, mas este com função interna oblíqua (OI).

Há concordância entre os SNs argumentos nucleares (A e O) e o verbo transitivo. Os argumentos externos ou argumentos com função de (A) concordam com verbos transitivos codificados com prefixos pessoais da série I, os argumentos internos ou argumentos com função de (O) concordam com verbos transitivos codificados com pronomes clíticos da série II. Em Kaiowá, bem como em Kamaiurá (Seki, 2000), há verbos transitivos que concordam com ambos argumentos. Os prefixos que codificam tanto (A) quanto (O) na estrutura verbal transitiva são morfemas cumulativos, também denominados de *Portmanteau*, que aqui foram apresentados com prefixos da série III. (cf. quadro 8). Observemos os dados abaixo.

(165) verbo transitivo concordando com argumento em função de (A) - série I

[mĩ'ã kwɛrɨ ohai'hu eterej dʒu'sɛpe]

mĩã kwɛrɨ o- h-ɹhu etereɲ ɲuse-pe

criança pl 3^a.-dir-amar muito José-Acus 'as crianças amam muito José'

(166) verbo transitivo concordando com argumento em função de (O) - série II

[dʒagware'tɛ dere'ʃa ma]

ɲaɲwarete ne- r- eʃa mã

onça 2^a.sg-inv-ver-Pont 'a onça já viu você'

(167) **verbo transitivo concordando com argumento em função de (A/O) - série III**

[ʃe ɾoto'pata ko'ʔẽrãmõ]

ʃe **ɾo-topa**-ta ko'ʔẽ-ɾamõeu 1^a./2^a.sg-encontrar-Fut amanhã-Subj

'eu te encontrarei amanhã'

5.1.1.2 Predicado Verbal Intransitivo

As orações com predicado verbal intransitivo subdividem-se em **intransitivas ativas e intransitivas inativas**. Ambas possuem um argumento externo em função interna nuclear (S) e diferem-se conforme as noções semânticas expressas pelos verbos e por diferentes marcadores de pessoas que com eles ocorrem.

5.1.1.2.1 Predicado Verbal Intransitivo Ativo

As orações intransitivas ativas são compostas por um verbo intransitivo ativo, codificado com prefixos pessoais da série I.

O argumento em função nuclear dessas orações intransitivas (S) concorda com o verbo intransitivo ativo, do mesmo modo com que o argumento em função nuclear (A) concorda com o verbo transitivo (ativo), isto é, por meio dos prefixos da série I. Deste modo, o argumento externo de predicados verbais intransitivos ativos passam a ser indicado por (Sa).

(168) **verbo intransitivo ativo concordando com argumento em função de (Sa) –série I**

a) [dʒu'se oɾipa'ra 'voj]

ɲuse **o -ɾipara** wojjosé 3^a.-correr sempre

'José corre sempre'

b) [ãĩ voj nã'nde dʒagwa' tãmã]

ãĩ voj nãne **na-ŋwata** mã

agora mesmo nós (incl) 1ª.pl (incl)-caminhar-Pont

‘agora mesmo nós já caminharemos/partiremos’

5.1.1.2.2 Predicado Verbal Intransitivo Inativo

As orações intransitivas inativas são compostas por um verbo intransitivo inativo, flexionando com pronomes clíticos da série II, seguidos por prefixos relacionais, e pelo fato do argumento em função nuclear (S) comportar-se como o argumento em função de (O). Esta equivalência é indicada por (So). Havendo duas formas de marcar o argumento em função de (S), um (Sa) e outro (So), há uma cisão intransitiva em Kaiowá. Esse tipo de Cisão é denominada por Dixon (1994) por Split-S (Cisão Intransitiva).

(169) verbo intransitivo inativo concordando com argumento em função de (So) –série II

a) [dʒu'ãw hã'sẽ ete'reĩmã]

nuão **h-** **asẽ** eterep-mã

João 3ª./rel -chorar muito-Pont

‘João já chorou muito’

b) [ha'ʔε voj ikĩ'ra]

haʔe voj **i-kĩra**

ele mesmo 3ª./rel-gordo

‘ele engordou mesmo’

c) [dɛtĩ'pɔ nãněmẽ'mbĩi]

ne tĩpo na-**ne-mẽmbĩ-i**

você Inter neg-2ª.sg-filho-neg

‘você não tem filho?’

O dado (169c) apresenta um exemplo de predicado possessivo entendido como um subtipo de predicado inativo, uma vez que diferentemente desses, os predicados possessivos são constituídos por núcleos nominais, tidos como predicados não-verbais. (cf. 5.1.2.1).

5.1.1.3 Predicado Verbal Copulativo

As orações com predicados copulativos são constituídas por um verbo copulativo, um argumento em função de (Sa) e um complemento ou objeto da cópula.

Como já mencionamos, em Kaiowá, há dois verbos copulativos {iko ~ ko} ‘ter, estar, ser’, {ĩ ~ ĩme} ‘estar, haver, ter, ser’ que são flexionados por meio dos prefixos pessoais da série I, como ocorre com os verbos intransitivos ativos (170a-b). A flexão da cópula por meio de pronomes clíticos da série II torna a oração agramatical (170c).

(170)

a) [haʔẽndogwereʔkoi ave hoĩ]

haʔe n- o- ŋwere- ko -i ave hoĩ

ele neg-3ª.-caus comit-ter -neg também casa

‘ele também não fez estar consigo a casa’

(‘ele também não terá sua casa’)

b) [ĩ taʔhĩjʔi]

o-ĩ tahĩj-ŋi

3ª.-ser formiga-dim

‘é/tem formiguinha’

c) *ʃe na- ʃe- ŋwere- ko-i hoĩ

eu neg-1ª.sg-caus comit-ter -neg casa

*‘eu não **fiz** estar comigo a casa’

Lembramos que o pronome {haʔe} também é usado para indicar as noções de verbos copulativos, expressando o sentido de ‘ser , estar e ter’.

(171) [dahaʔei ʃemẽmbĩ]

na-haʔe-i ʃe-mẽmbĩ

neg-ser -neg 1ª.sg-filho

‘não é meu filho’

5.1.2 Predicados Não-Verbais

Os predicados não-verbais são aqueles cujos núcleos não são constituídos por verbos, e estabelecem relações de *posse, identidade e locação*.

Em orações com predicados não-verbais (possessivos e equativos), a flexão número e pessoa dá-se por meio do conjunto de pronomes clíticos da série II, que ocorrem pospostos por prefixos relacionais e ambos são afixados ao núcleo não-verbal.

5.1.2.1 Predicados Possessivos

Como já mencionamos, os predicados possessivos são constituídos de núcleos nominais. Abaixo apresentamos outro dado desse tipo de predicado.

(172) [ma'ria ãmẽ'mbĩ]

maria i- mẽmĩ

maria 3^a./rel-filho

'Maria tem filho'

Diferentemente das orações intransitivas inativas, o núcleo das orações com predicados possessivos, o nominal, estabelece uma relação de posse com o argumento em função de (So), neste caso, um possuidor. No entanto, os predicados possessivos também são negados por intermédio do morfema descontínuo {**na- ... -i**}

(173)

a) [gwĩra naipe'poi]

gwĩra na-i- pepo-i

pássaro neg-3^a./rel-asa-neg

'o pássaro não tem asas'

b) [dɛ tĩpɔ nãñẽmẽ'mbĩi]

ne tĩpo na- ne- mẽmĩ-i

você Inter neg-2^a.sg-filho -neg

'você não tem filho?'

5.1.2.2 Predicados Equativos

As orações com predicado equativo garantem que o argumento SN em função de (So) é idêntico ao ente especificado no predicado não-verbal, havendo, então, uma relação de identidade.

(174)

a) [ʃe'ru dʒa'ra]

ʃe- ru para

1^a.sg-pai dono/chefe

‘meu pai é dono’

b) [ha'ʔe vaʔe'kwe nãnde'ru]

haʔe waʔe-kwe nãne- ru

ele Nom -Pass 1^a.pl (incl)-pai

‘é ele que era nosso pai (espiritual)’

5.1.2.3 Predicados Locativos

As orações com predicados locativos são constituídas por um SN em função de (S) e de um núcleo adverbial em função de predicado. Essas orações são negadas por meio do morfema descontínuo de negação {**na- ... -i**}, que em geral negam predicados.

(175)

a) [boʔe'harɨ hĩnã'wĩ]

moʔe- ha -rɨ hĩnãwĩ

ensinar-Nom-Fut perto

‘a futura escola (será) perto’

b) [dʒagwapi'ru nãmõmbɨ'rɨetei]

ɲaɲwapi ru na- mãmɨrɨ-ete -i

jaguapuru neg-longe -muito-neg

‘Jaguapiru não é muito longe’

c) [lagũnã mĩmbĩ' rĩ]

laŋũnã mĩmbĩ' rĩ

lagoa longe

‘a lagoa/açude é longe’

5.2 Identificação dos Argumentos

Os argumentos externo e interno (e oblíquo) aqui serão tratados segundo suas propriedades distribucionais e suas funções.

Tendo aqui desenvolvido a descrição da estruturação interna de nomes possuídos e não-possuídos do Kaiowá (cf. 4.1.1), passamos a tratar de nomes enquanto constituintes sintagmáticos, ou melhor, enquanto elementos que se constituem, morfossintaticamente, núcleos de construções **sintagmáticas nominais** (SNs)⁴⁶.

Payne (1997) explica que as propriedades distribucionais fazem com que as palavras sejam distribuídas em sintagmas, cláusulas (orações) e textos, por exemplo, o nome serve como núcleo de sintagmas nominais, em função gramatical de sujeito (A, S) ou de objeto (O) de cláusulas (orações), ou ainda, em uma função periférica.

A identificação das propriedades distribucionais dos SNs em orações independentes do Kaiowá é aqui tratada de acordo com Andrews (1985). Assim sendo, os SNs são aqui identificados segundo a função gramatical que exercem.

Em suma, os SNs podem exercer uma função gramatical nuclear (interna (A, S ou O) ou oblíqua (OI)) ou periférica de tópico e foco.

Segue a identificação das funções dos SNs em Kaiowá.

5.2.1 Funções Gramaticais Nucleares dos SNs

Como já mencionamos, para identificação das funções gramaticais dos SNs contamos com as estratégias de codificação: ordem dos constituintes, marcação de caso e concordância, correlacionadas às funções semânticas e pragmáticas dos mesmos.

⁴⁶ Neste trabalho, não estendemos nossa descrição aos elementos que juntamente com os núcleos constituem os sintagmas (SN, SV, SA(dj) e SP), uma vez que a constituição e a ordem desses constituintes sintagmáticos do Kaiowá já foram formalmente tratados em Cardoso (2001 e 2005a).

5.2.1.1 Funções gramaticais nucleares internas dos SNs

Vale aqui referirmos novamente ao fato de que, em Kaiowá, o sujeito de verbos intransitivos possui dupla forma de marca (S), pois um (S) se comporta como (A), sendo marcado pelos prefixos da Série I, cujo resultado equivalente é (S)=(A), indicado por (Sa) e o outro (S) se comporta como (O), sendo marcado com prefixos da Série II e esta equivalência é indicada por (So). (cf. capítulo 7).

Assim sendo, temos (A), (Sa), (So) e (O) exercendo funções gramaticais nucleares internas em Kaiowá. Passemos a tratar dos SNs e suas função internas.

5.2.1.1.1 SN em função de (A)

Os SNs em função de (A) têm como núcleo um nome ou um pronome, ou ainda, podem ser nulos (com categoria vazia). Os SNs podem ou não concordar em número e pessoa marcados na morfologia do predicado.

O SN concorda com os predicados marcados com um conjunto de prefixos pessoais da série I (cf. 176).

(176) [ʃe amẽʔẽ ìwadʒu iʃu'pe]

ʃe a- ø- mẽʔẽ ìwa ɲu i- ʃupe
eu 1^a.sg(A)-dir-dar fruta madura 3^a./rel-Dat ‘eu dei uma fruta madura para ele/a’

O SN não concorda com os predicados marcados com o conjunto de pronomes clíticos da série II que, por sua vez, codificam a função de (O) (cf. 177).

(177) [‘de ʃedʒa’pi i’tapi]

ne ʃe -ø-ɲapi ita pi
você 1^a.sg(O)-inv-atirar pedra Instr ‘você me atirou/acertou com (uma) pedra’

Os SN em função de (A) não possuem caso marcado morfologicamente.

Considerando que SNs em função de (A) não possuem caso morfologicamente marcado e não possuem ordem fixa, postulamos que os SNs que concordam com os predicados transitivos marcam **caso nominativo** e os SNs que não concordam com os predicados transitivos marcam **caso ergativo**.

Salientamos que os predicados transitivos que concordam ou não em número e pessoa com os SNs em função de (A) também são marcados por prefixos relacionais que, no subtópico (4.2.3.1), assumimos ser estes prefixos marcadores da categoria de voz em predicados transitivos.

5.2.1.1.2 SN em função de (Sa)

Os SNs em função de (Sa) têm como núcleo um nome ou um pronome, ou ainda, podem ser nulos. Os SNs concordam em número e pessoa com predicados intransitivos ativos e predicados copulativos. A flexão dessa categoria é indicada pelo conjunto de prefixos pessoais da série I e não ocorrem com prefixos de relacionais.

(178) [ʃe ãŋgwã'hēma]

ʃe a- ŋwãhe~ma

eu 1^a.sg(Sa)-chegar-Pont

‘eu já cheguei’

Os SN em função de (Sa) também não possuem caso marcado morfologicamente, além de não possuírem ordem fixa (SVint ou Vint S).

(179)

a) ʃe a- rɪpara

eu 1^a.sg(Sa)-correr

‘eu corro’

b) a-ripara ʃe

1^a.sg(Sa)-correr eu

‘corro eu’

Considerando que SNs em função de (Sa) concordam com predicados intransitivos ativos (e copulativos), do mesmo modo que SNs em função de (A), postulamos os SNs em função de (Sa) também são marcados com o **caso nominativo**.

5.2.1.1.3 SN em função de (O)

Os SNs em função de (O) têm como núcleo um nome ou um pronome, ou ainda, uma elipse de argumento (categoria vazia [\emptyset]).

Esses SNs não concordam em número e pessoa marcados na morfologia de predicados transitivos, quando esse codifica (A), com a série I (cf. 180). Como já mencionamos, quando os predicados transitivos são marcados com pronomes clíticos da série II, esses indicam o objeto da oração transitiva e o SN é uma [\emptyset] (cf. 181).

(180) [mĩ'tã kwε' rɛ̃ ohaj'hu ete'rej dzuse'pe]

mĩ'tã kwε' rɛ̃ o- h- aɲhu ete-reɲ **ɲuse-pe**
 criança pl 3^a.(A)-dir-amar Int-Part José-Acus 'as crianças amam muito José'

(181)

a) [ha'ʔe něnũ'pã opɔ ru'pɛ̃]

ha'ʔe **ne-** ø- něpã o- po ru'pɛ̃
 ele 2^a.sg(O)-inv-bater 3^a.refl-mão Instr 'ele te bateu com sua própria mão'

b) [haʔε ʃεrajhu]

haʔε **ʃe-** r-aɲhu
 ele 1^a.sg(O)-inv-amar 'ele me ama'

Em (180), o SN em função de (O), que não concorda com predicados transitivos, possui morfologicamente caso marcado por intermédio do morfema sufixal **{-pe}**. Em suma, os SNs que possuem caso morfológico, ocorrem quando o predicado transitivo

concordam com o SN em função de (A) com caso nominativo. Entendemos que esses SNs, em função de (O), são marcados com o **caso acusativo** por meio dos sufixos {-*pe*}, quando o núcleo desse SN é preenchido por um nominal, ou por meio da forma {*supe*}, se o núcleo é pronominal e de terceira pessoa. Reapresentamos os dados (23 e 24) em (183 e 184)

(183) {i*supe*} em função de (O)

[ʃe ahaj'hu iʃu'pe 'vɔj]

ʃe a- h- aɲhu i- **supe** wɔɲ

eu 1^a.sg(A)-dir-amar 3^a./rel-Acus mesmo

‘eu o amo mesmo’

(184) {i*supe*} em função de (OI)

[ʃe amẽʔẽ ðwa'dʒu iʃu'pe]

ʃe a- ø- mẽʔẽ ðwa aɲu i- **supe**

eu 1^a.sg(A)-dir-dar fruta madura 3^a./rel-Dat

‘eu dei uma fruta madura para ele/a’

Assumimos que a forma {*supe*} marca, morfológicamente, o caso acusativo ou dativo em núcleos pronominais de SNs em terceira pessoa, quando esses, sintaticamente funcionam como (O) ou (OI).

Demonstramos em Cardoso (2001) que é opcional o uso do morfema marcador de caso acusativo {-*pe*} quando essas orações transitivas obedecem a ordem SVO, postulada como preferencial em Kaiowá.

Em (181), as orações transitivas preenchidas por predicados que codificam o argumento em função de (O) por meio do conjunto da série II não ocorrem com SNs em função de (O), aqui, considerados como categorias vazias [∅].

Postulamos que nas orações transitivas, em que o conjunto da série II codifica a função (O) no predicado e não há um SN preenchido na posição de (O), temos a **marcação casual absoluta** indicada pelos pronomes clíticos da série II.

No subtópico (4.1.1.1), expomos que a terceira pessoa (singular/plural) não é codificada por meio de pronomes clíticos da série II, mas sim por meio dos prefixos relacionais { i- ~ h-}. Entretanto, se faz necessário esclarecer que esses prefixos relacionais não codificam (O), junto a predicados transitivos, porque a terceira pessoa (O) é hierarquicamente menor que (A) e, assim sendo, (A) é que deve vir codificado junto à estrutura morfológica verbal transitiva. Deste modo, os prefixos relacionais { i- ~h-} codificam a terceira pessoa junto a predicados intransitivos inativos, sintagmas posposicionais e nominais possuídos.

Vale observar que os prefixos relacionais, entendidos aqui como codificadores da categoria de voz, seguem esses pronomes clíticos (série II), bem como os prefixos pessoais da série I, na estrutura morfológica verbal transitiva.

Em Kaiowá, há uma outra forma de codificar a categoria de número e pessoa em predicados verbais transitivos, aquela que flexionada por prefixos da série III (*Portmanteau*).

Consideramos até então que, neste tipo de oração transitiva, os marcadores de número e pessoa (série III) codificam simultaneamente com os SNs em função de (A) e de (O). Porém, tal consideração afasta-nos da possibilidade destes prefixos indicarem caso, uma vez que estariam indicando caso “duplo”: nominativo/absolutivo, ou ainda nenhum destes, pois o conjunto de prefixos da série III é distinto do conjunto da série I (nominativo) e da série II (absolutivo). Por ora, confiamos ao leitor que nossa proposta de análise para essa problemática encontra-se no capítulo 7.

Por fim, nos reportamos ao SN em função de (O) que é incorporado à estrutura verbal transitiva. Em Kaiowá, o núcleo do **SN incorporado** intransitiviza o verbo.

(185)

a) [u'mi ìsì'rì pe nõmẽʔe'í dzai'ú hã'ŋgwã]

umĩ ìsìrì pe n- o- mẽʔě-i ña- ì -u ha-ŋwã

esses correnteza Loc neg-3^a-dar -neg 1^{pl} (incl)-água-beber Nom-Fut

‘nessas correntezas não dá para beber água’

b) [dʒa'ha vaʔε'kwe umi i:sɨ'rɨ pe dʒapikɨdʒo'poi hã'ŋgwã]

na- ha waʔe-kwe umĩ i:sɨ'rɨ pe na -**pikɨ**- ɲopoi ha-ŋwã

1ªpl (incl)-ir Nom -Pass esses correnteza Loc 1ª.pl (incl)-lambari-pescar Nom-Fut

‘nessas correntezas nós íamos para pescar lambari’

Em (16a), o nominal incorporado é **ɨ** ‘água’ e em (16b) é **pikɨ** ‘lambari’. Esse processo de incorporação nominal intransitivisa, respectivamente, os verbos **u** ‘beber’ e **ɲopoi** ‘pescar’.

5.2.1.1.4 SN em função de (So)

Os SNs em função de (So) podem ocorrer com um núcleo nominal ou pronominal, ou ainda, podem ser nulos. Os SNs concordam em número e pessoa com predicados intransitivos inativos e com predicados não-verbais (possessivos e equativos). A flexão dessa categoria é indicada por intermédio do conjunto de pronomes clíticos da série II, seguidos por prefixos relacionais⁴⁷.

Os SNs em função de (So) podem ocorrer antecidos ou pospostos aos predicados intransitivos inativos, geralmente, ocorrem antes dos predicados.

(186)

a) [ʔe ʃepo'rã]

ʃe ʃe= ø- porã

eu 1ª.sg(So)-rel-bom

‘eu sou bom’

b) [o're o'reã'sẽ]

o're o're= r- asẽ

nós (excl) 1ªpl(excl)(So)-rel-chorar

‘nós choramos’

⁴⁷ Como já mencionamos, não é objeto do presente trabalho tratar, sob a óptica da inversão, das ocorrências de prefixos relacionais em construções nominais possuídas ou em construções com verbos intransitivos inativos, o que, segundo Payne, não contradiz com sua hipótese de inversão em línguas Tupi-Guarani, uma vez que, essas construções em que os relacionais ocorrem são: “P-oriented, or are at least non-A oriented” (PAYNE, 1994, p.335).

Considerando que SNs em função de (So) concordam com predicados intransitivos, do mesmo modo que a função de (O) é indicada na estrutura verbal transitiva, sendo assim, postulamos que os SNs em função de (So) também são marcados para o **caso absolutivo**.

Dentre os dados do Kaiowá encontramos um exemplo com um nominal em função de (So) incorporado ao predicado inativo.

- (187) [tẽmĩ 'tĩ koʔa'ga ndahĩwapõ 'rãĩ]
 temĩ-tĩ koʔaga na-h-ĩwa-porã-i
 coisa-Col horta neg-rel-fruta-boa-neg ' (na) horta, a fruta não é boa'

5.2.1.2 Funções gramaticais nucleares oblíquas do SN

Uma oração com predicados verbais transitivos pode ter como núcleo um verbo trivalente que possui uma estrutura argumental que exige três argumentos: dois com função gramatical nuclear interna, um em função de (A) e outro em função de (O) e um com função nuclear oblíqua que corresponde a um objeto indireto (OI).

- (188)
 a) [ha'ʔe omẽ'ʔẽ okwati'ape kũ'nã pe]
 ha'ʔe o- ø- mẽ'ʔẽ o- kwatia-pe **kũ'nã pe**
 ele 3^a.(A)-rel-dar 3^a.refl-papel -Acus mulher Dat
 'ele deu seu próprio papel/livro para mulher'
- b) [ʃe amẽ'ʔẽ ãwa'dzu iʃu'pe]
 ʃe a- ø- mẽ'ʔẽ ãwa aʃu i- **ʃupe**
 eu 1^a.sg(A)-rel- dar fruta madura 3^a./rel-Dat
 'eu dei uma fruta madura para ele/a'

Um SN em função gramatical nuclear oblíqua (OI) possui como núcleo um nominal (em 188a) ou um pronominal (em 188b), entretanto, naquele SN ocorre associado a um SP, cujo núcleo é a posposição de caso semântico benefativo {*pe*}, neste o relacional indicador

de 3^a. pessoa (não-pessoa) é afixado à posposição {*ʃupe*} que marca o caso semântico dativo. Em (189), o pronome clítico de 2^a.sg {*ne*} ocorre afixado à posposição {*ɲwi*} que marca caso semântico alativo.

(189) [ʃe ǎmẽ ʔẽ haipɛ́ rɛ ndɛ́ gwi]

ʃe a- mẽ ʔẽ-ta h- ai- pɛ́ rɛ **ne-ɲwi**
 eu 1^a.sg(A)-dar -Fut rel-rabiscar/escrever-Iness 2^a.sg-alativo

‘eu dei o escrito para você’
 (‘eu dei o caderno para você’)

O SN, ou melhor, um SP em função nuclear oblíqua (OI) geralmente pospõe-se ao objeto direto em orações com predicados trivalentes.

Por fim, rerepresentamos o quadro de marcadores de pessoa e número, mas agora explicitamos o tipo de caso que as mesmas codificam nos predicados de sentenças independentes do Kaiowá.

Quadro 20. Séries de prefixos e clíticos pronominais marcadores de pessoa e caso

Pessoa/ Número	Prefixos da Série I	Clíticos da Série II
	Caso Nominativo (A e Sa)	Caso Absolutivo (O e So)
1 sg	[a-]	[ʃe-]
2 sg	[re-]	[nde- ~ nẽ-]
1 pl (incl)	[dʒa-]	[ɲãnde- ~ ɲãnẽ-]
1 pl (excl)	[ro-]	[ore-]
2 pl	[pe-]	[pẽnde- ~ pẽnẽ-]

Quadro 21. Prefixos da série I e relacionais marcadores da não-pessoa do discurso e caso

Não-pessoa	Prefixos da Série I	Relacionais
	Caso Nominativo (A e Sa)	Caso Absolutivo (So)
3	[o-]	[i- ~ h-]

Seguimos com a análise das funções gramaticais periféricas do SNs em Kaiowá.

5.2.2 Funções Gramaticais Periféricas dos SNs

De modo elementar, tratamos de SNs em função gramatical periférica, entendidos como constituintes de orações marcadas pragmaticamente.

Segundo Payne (1997), os ajustes de *status* pragmáticos mais comuns são: entoação, ordem das palavras (ou dos constituintes), operações morfossintáticas e construções clivadas (clefts).

Apresentamos abaixo SNs que nos parecem desempenhar as funções pragmáticas de tópico e foco, segundo seus status pragmáticos.

5.2.2.1 SN em função de tópico

Vê-se em Li & Thompson (1976, apud. Payne (1997)) que o SN topicalizado funciona como um *frame* conceitual ou referencial a que se refere o resto do predicado. Em Kaiowá, o SN em função de tópico é aqui identificado por meio de operações morfossintáticas que ocorrem em orações declarativas independentes.

(190)

a) [pe'dru ha'ʔe imã ʔẽndu'ʔa dzuãw̃rɛ'hɛ]

pedru haʔe i- mã ʔẽnuʔa dzuãu rehe

Pedro ele 3^a.(So)-pensa João Dat

‘Pedro, ele pensa em João’

b) [baraka'dza'hũ ha'ʔɛ o'po oi'ke ru'pi]

marakapa hũ haʔe o- po o -ikẽ ru pi

gato preto ele 3^a-refl-mão 3^a.(Sa)-entrar Posp

‘o gato preto, ele entrou com suas próprias patas’

Em (190a), podemos observar a topicalização do SN cujo núcleo é o nome próprio ‘Pedro’ e, em (190b), a topicalização do SN preenchido por núcleo nominal *marakapa* ‘gato’ e seu modificador inativo *hũ* ‘preto’. Ambos os SNs topicalizados sofreram o deslocamento à esquerda, deixando em sua posição original uma marca, o pronome pessoal *ha?e* ‘ele’, que passa a ser o núcleo do SN em função nuclear de (So) em (190a) e (Sa) em (190b). Morfossintaticamente, há co-referência entre os SNs pronominais em função nuclear e os SNs em função periférica de tópico.

Os dados acima revelam que o SN topicalizado é deslocado para esquerda da sentença (simbolizada S), seguindo o seguinte esquema proposto por Payne (1997): [SN S]_S.

5.2.2.2 SN em função de foco

O termo foco é usado aqui para descrever uma condição de orações marcadas pragmaticamente, considerando que outras orações podem ser consideradas de foco-neutro ou sem focalização. (Payne 1997, p.267).

O SN focalizado em Kaiowá pode ocorrer por dois tipos de status pragmáticos: por operador morfossintático, a partícula *{te}* (191) ou por construções clivadas (192).

(191) partícula de foco {te}

a) [pi'ra õĩ'mẽ te i- ri?e pi're]

pira o-ĩmẽ te i- ri?e pi're

peixe 3^a.-estar Foc água-barriga Iness

‘é peixe que está embaixo da água’

b) [dʒa'gwa ʃeru'ʔuta te 'voj]

naŋwa ʃe- ø-su?u -ta te woj

cachorro 1^a.sg-inv-morder-Fut Foc sempre

‘é cachorro que me morde sempre’

(192) **construções clivadas**

a) [bɔɾe'vi tuwi'ʃa va'ʔɛ adʒu'ka]

moɾewi tuwiʃa waʔe a-ɲukaanta grande Nom 1^a.sg-matar

'foi anta grande que matei'

b) [ʃe haʔɛ awi'ʔa va]

ʃe haʔe a- wi'ʔa waʔe

eu Cop 1^a.sg-alegre Nom

'eu é que estou feliz'

5.3 Ordem dos Constituintes

No que se refere à ordem dos constituintes maiores da língua Kaiowá, tomaremos como referência a nossa dissertação de mestrado, Cardoso (2001), que sumariamente expomos aqui.

Para Greenberg (1966), as línguas podem ser caracterizadas tipologicamente por apresentarem uma ordem dominante:⁴⁸

The vast majority of languages have several variant orders but a single dominant one. Logically, there are six possible order: SVO, SOV, VSO, VOS, OSV and OVS. Of these six, however, only three normally occur as dominant orders. The three which do not occur at all, or at least are excessively rare, are VOS, OSV and OVS. (GREENBERG, 1966 p.76)

Hawkins (1982), sob um enfoque quantitativo, re-analisa os dados das 30 línguas estudadas por Greenberg, apresentando novas tabelas e novas leituras sobre as categorias sintagmáticas.

Na tabela de nº 1 do texto de Hawkins (1982), tem-se a descrição do Guarani como uma língua SVO, posposicional, com nome seguido de relatores e adjetivos, com genitivo e determinante, seguidos de nome e de verbo seguido de auxiliar.

⁴⁸ Segundo Mori (1998) "El concepto de orden dominante en Greenberg corresponde a un tipo de estructura postulado considerándose los enunciados reales de la lengua, por tanto esa estructura hace del dominio empírico."

Posteriormente, o autor enfatiza que as características desta língua trazem problemas, pois, das 30 línguas analisadas, somente o Guarani e o Songhai são línguas V_2 , N_2 ⁴⁹ e posposicional, acrescentando, ainda, que *And the unpredicted V aux order of Guarani is an exception to any predictions for N" complements of V.*

Lehmann (1983) entende que as línguas podem ser caracterizadas tipologicamente de acordo com as possibilidades de ordenação entre o objeto e o verbo: "Among syntactic constructions, that of the verb with regard to its object is most fundamental. Since two orders of V and O are possible, there are two types of language, VO like English, and OV like Turkish.

Dryer (1997) propõe um parâmetro tipológico para ordem dos constituintes sentenciais:

The purpose of this paper is to present arguments in favour of an alternative to this six-way typology, one based on two separate 2-way typological parameters: OV vs. VO, and SV vs. VS. Together these two parameters define four types: VS & VO, SV & VO, SV & OV, and VS & OV. The first of these, VS & VO, which I will refer to as verb-initial, corresponds roughly to the two traditional types VSO and VOS; SV & VO corresponds roughly to SVO; SV & OV, which I will refer to as verb-final, corresponds to the two types SOV and OSV; and VS & OV corresponds to the rare type OVS. (DRYER, 1997 p.69)

Em Cardoso (2001), amparados teoricamente nos autores citados (entre outros), analisamos os dados da língua Kaiowá e propusemos que os valores paramétricos para o SN-sujeito e para o SN-objeto, seguem os dois caminhos paramétricos: SV vs VS e VO vs OV, propostos por Dryer (1997). Assim sendo, tem-se, em Kaiowá, as possibilidades de ordem: SV & VO, e SV & OV, que definem dois tipos tradicionais de ordem: SVO e SOV. Contudo, concluímos que os parâmetros fixados pelos falantes Kaiowá produzem, basicamente, uma língua de ordem SVO ou SOV.

⁴⁹ Para Hawkins (1981) " V_2 = verb-second (SVOX)" e "Postp & N Adj & N Rel & Gen N = N_2 ".

Entendemos ser de fundamental importância o exame do tipo de núcleo que preenche os SNs-objetos, uma vez que esses, sendo preenchidos por núcleos nominais, tendem a obedecer à ordem V-O e os preenchidos por núcleos pronominais, à ordem O-V.

Ressaltamos, por fim, que tal descrição é constatada por Greenberg (1966) em relação ao Guaraní (do Paraguai), entre outras línguas: “In Italian, Greek, Guaraní and Swahili, the rule holds that the pronominal object always precedes the verbs, where as the nominal object follows.”

Por fim, acrescentamos, no presente trabalho, que a ordem dos constituintes, em Kaiowá, também pode ser **livre**, desde que, o SN em função de (O) esteja marcado para o **caso acusativo**, por meio dos morfemas {-*pe*} ou {-*jupe*}.

O capítulo que segue traz breves considerações a respeito da identificação e constituição de sentenças complexas em Kaiowá.

6 MORFOSSINTAXE DA SENTENÇA

No presente capítulo, buscamos descrever aspectos elementares da morfossintaxe de sentenças da língua Kaiowá. Nosso intuito é o de apresentar uma descrição e classificação dos tipos oracionais independentes e dependentes que, até então, pudemos identificar junto aos dados que dispomos. Neste capítulo, não abordaremos aspectos relativos à marcação de caso e voz.

Ao tratamos de aspectos da morfossintaxe da sentença Kaiowá, tomamos como aparato teórico os trabalhos de: Payne (1985), Noonan (1985), Keenan (1985), Thompson (1985) e Comrie (1989).

6.1 Orações Independentes

Kaiowá tem os seguintes tipos de orações independentes: declarativas (afirmativas e negativas); interrogativas (polares, com partículas e com palavras interrogativas) e imperativas (afirmativas e negativas).

6.1.1 Orações Declarativas

As orações declarativas subdividem-se em afirmativas e negativas, como se seguem.

6.1.1.1 Orações Declarativas Afirmativas

As orações declarativas afirmativas diferem das negativas, morfossintaticamente, por aquelas não possuírem o morfema descontínuo de negação {**na-** ... **-i**}, ou seja, as orações declarativas afirmativas são as não-marcadas na língua Kaiowá.

Apresentamos abaixo alguns exemplos desse tipo oracional, tendo como núcleo do predicado: um verbo transitivo, um intransitivo ativo, um intransitivo inativo, uma cópula e, por fim, um predicado não-verbal.

Orações declarativas afirmativas:**(193) com predicado verbal transitivo**

[haʔε'kwεrɪ pẽnderε'ʃa]

haʔε-kwεrɪ pẽne- r- eʃa

ele -pl 2ªpl(O)-rel- ver

'eles vêem vocês'

(194) com predicado verbal intransitivo ativo

[haʔε'kwεrɪ opɔra'hej]

haʔε-kwεrɪ o- porahej

3ª. -plural 3ª-(Sa)-cantar

'eles cantam'

(195) com predicado verbal intransitivo inativo

[ʃe ʃepõ'rã]

ʃe ʃe- ø- porã

eu 1ª.sg(So)-rel-bom

'eu sou bom'

(196) com predicado copulativo

[õĩdzagwarε'te 'maʃo tuvi'ʃa õĩ dzagwarε'te ku'ɲã'ave]

o-ĩ ɲaɲwarete maʃo tuwiʃa o-ĩ ɲaɲwarete kũɲã awe

3ª.-ter onça macho grande 3ª.-ter onça fêmea/mulher Ptc

'tem onça macho grande (e) tem onça fêmea também'

(197) com predicado não-verbal

[ʃe ʃe'rɔga]

ʃe ʃe- r- oɲa

eu 1ª.sg-rel-casa

'eu (tenho) minha casa'

6.1.1.2 Orações Declarativas Negativas

As orações declarativas são negadas por meio do morfema descontínuo {**na- ... -i**} que possui escopo toda a oração. Esse morfema de negação é usado para negar todos os tipos de predicados do Kaiowá, verbal ou não-verbal.

Orações declarativas negativas:

(198) com predicado verbal transitivo

[haʔe ndodʒuʔkai dʒagwareʔte ʔmaʃo]

haʔe n- o- ø- ɲuka -i ɲaɲwarete maʃo

ele neg-3^a.(A)-rel-matar-neg onça macho

‘ele não matou a onça macho’

(199) com predicado verbal intransitivo ativo

[ʔʃẽ ndawĩ ʔai]

ʃe n- a- wĩʔa-i

eu neg-1^a.sg(Sa)-alegre-neg

‘eu não estou alegre’

(200) com predicado verbal intransitivo inativo

[haʔe dahoʔai iwĩ ʔra gwĩ]

haʔe da- h- oʔa -i iwĩra ɲwĩ

ele neg-3^a.rel(So)-cair-neg árvore Alat

‘ele não caiu da árvore’

(201) com predicado copulativo

[ʔʃe daikomõ ʔãĩ mboʔe ʔharĩ]

ʃe n- a- iko-mõʔã -i moʔe-ha -rĩ

eu neg-1^a.sg- ser-Fut rem -neg ensinar-Nom-Fut

‘eu não serei professor’

(201) **com predicado não-verbal**

[ha'ʔεkwe'ra ndaho'gai]

haʔe kwera na- h- oŋa -i

ele pl. neg- rel- casa -neg

'ele não tem casa'

6.1.2 Orações Interrogativas

O Kaiowá emprega duas estratégias para expressar a interrogação. As orações interrogativas podem ocorrer por meio de pronomes, advérbios ou partículas interrogativa.

As orações interrogativas são expressas por meio de pronomes interrogativos que podem exercer a função nuclear de um argumento (A, O, OI ou S (Sa ou So)), como já foi mencionado no capítulo (4). Apresentamos os seguintes dados:

(203) **pronome interrogando o constituinte em função de (A).**

[mawapa odzu'ka 'mboj]

māwa-pa o- ŋuka moŋ

quem-Inter 3^a.-matar cobra

'quem matou a cobra?'

(204) **pronome interrogando o constituinte em função de (S).**

[kɛva'ʔε tɛ'pɔ oho'ta kɔ'ʔɛ rãmõ]

kɛ -waʔe tɛ'po o-ho-ta koʔeramõ

quem-Nom Inter 3^a.ir-Fut amanhã

'quem (que) irá amanhã?'

(205) **pronome interrogando o constituinte em função de (O).**

[kɛva'ʔεpe tɛ'pɔ 'mboj oisu'ʔu]

kɛ -waʔe- pe tɛ'po moŋ o- i- suʔu

quem-Nom-Acus Inter cobra 3^a.-dir-picar

'quem a cobra picou?'

Em (205), o pronome interrogativo {kɛwaʔe}, além de ser acompanhado pela partícula interrogativa {tɛ'po}, recebe o morfema sufixal codificador de caso acusativo

{pe}, o que denota ser um SN em função de (O) o elemento interrogado e não um SN em função de (S), como no exemplo (204), ou ainda, em função de (A) (cf. 203).

Martins (2003) toma o morfema {pe}, do Mbýa, como uma posposição e não um morfema indicador de caso acusativo e assume que tal “posposição *pe* é usada como dispositivo desambiguador”.

A autora apresenta outras ocorrências desta posposição junto a palavras interrogativas, o que nos leva a crer na possibilidade desta posposição também marcar morfologicamente o caso acusativo em Mbýa. Transcrevemos os dados de Martins abaixo:

(206)

a) maua'e pa *pe* Maria o-ø-exa
quem Q Posp Maria 3-3Rel-ver
“quem Maria viu?”

b) maua'e pa Maria *pe* o-ø-exa
quem Q Maria Posp 3-3Rel-ver
“quem viu Maria?”
(MARTINS, 2003 p.150)

Quanto aos argumentos em função periférica, esses são expressos por advérbios interrogativos. Os itens lexicais interrogativos da classe dos advérbios expressam tempo, lugar, modo e causa. Reapresentamos os dados:

(207) [araka'ʔe tî'pɔ oho'ta pî'elo pî]

arakaʔe tîpo o- ho-ta pîelo pî

quando Inter 3^a.(A)-ir-Fut cidade Posp

‘quando ele irá para a cidade?’

(208) [kî'pî tî'pɔ re'hota redʒo'ʔo iwîwî kwa]

kîpî tîpo re- ho-ta re -noʔo iwî ŋwî kwa

onde Inter 2^a.sg(A)-ir-Fut 2^a.sg(A)-cavar terra-Alat buraco

‘onde você irá cavar o buraco?’

(209) [mã'mõ tî'po o'ho ñãnde'ru]

mãmõ tîpo o- ho ñãnde-ru

para onde Inter 3^a.(Sa)-ir nosso-pai

‘para onde foi a Nhanderu?’

(210) [baʔeʃãnde rewã'hěta]

maʔeʃa ne re -ŋwãhě-ta

como você 2a.sg(Sa)-chega -Fut

‘como você irá chegar?’

(211) [mã'ʔẽrã tĩ'pɔ odʒu'ka ka'ʔi]

maʔerã tĩpo o- ɲuka kaʔi

por que Inter 3^a.(A)-matar macaco

‘por quê ele matou o macaco?’

Em Kaiowá, a partícula interrogativa {tĩpo} é também usada para expressar perguntas polares (ou perguntas ‘sim-não’), vindo à topicalizar e marcar o constituinte interrogado. Em (212), o constituinte interrogado exerce a função de (So) e, em (213), o constituintes interrogado tem a função de (Sa).

(212) [kũnũ'mĩ tĩ'pɔ ha'sĩ]

kunũmĩ tĩpo h- asĩ

menino Interr 3^a./rel(So)-doente

‘o menino está doente?’

(213) [ˈdɛtĩ'pɔ reka'ruse]

ne tĩpo re- karu-se

você Interr 2^a.sg(Sa)-comer-Desid

‘você quer comer?’

As orações acima ocorrem sem alteração entonacional. Este e outros aspectos da prosódia do Kaiowá deverão ser objeto de análises futuras.

6.1.3 Orações Imperativas

Como já mencionamos em (4.2.4.1.2), em Kaiowá há dois tipos de modo verbal imperativo: o imperativo (propriamente dito) e o exortativo. As orações imperativas marcam diferentemente a pessoa do ato da fala, determinando ao ouvinte o desempenho de alguma ação.

As orações com verbos no modo imperativo propriamente dito apresentam apenas prefixos pessoais para as segundas pessoas: {ere- ~ e-} ‘2^a. sg’; {pe-} ‘2^a. pl’ e são negadas por meio da partícula de negação {añ}. Reapresentamos os exemplos:

(214) [epura’hejmi]

e-poraheɲ-mĩ

2^a.sg imp.-cantar-Aten

‘cante’

(215) [ere’seka ndε’pĩ]

ere- seka ne -pĩ

2^a.sg-imp- secar 2a.sg-pé

‘sequem seus pés’

(216) [pepura’hejmi]

pe- poraheɲ-mĩ

2^a.pl imp- cantar -Aten

‘cantai’

(217) [añĩ ērã’sẽ]

añĩ e-rasẽ

añĩ 2a.sg imp-chorar

‘não chore’

Como os exemplos (214 e 216) demonstram, os verbos no modo imperativo podem ser marcados pelo sufixo indicador de aspecto atenuativo {mĩ} que cumprem a função de amenizar a ordem expressa pelo verbo no modo indicativo propriamente dito.

6.2.1 Completivas

Em Kaiowá, as orações são completizadas por meio do morfema nominalizador {**ha**} que pode co-ocorrer com a categoria de tempo nominal, o que sugere uma estratégia de complementização por nominalização.

(221) [aikwa'ama ku'ri ʃe ʃemē'mbɨ ota'ha ʃēndi've]

a- i- kwaa-mã kuri ʃe ʃe-mēmbɨ o- ta-**ha** -∅ ʃē=niwe
 1^a.sg(A)-dir-saber -Pont Pass Eu 1^a.sg-filho 3^a.(Sa)-ir-Nom-Pres 1^a.sg-Comit
V A [S(a) V SP]
 ‘eu já sei que meu filho vem comigo’

(222) [ɨta'ku ʔmɔ'ʔi 'odʒa pe okosinahã 'ŋwã]

ɨ t -aku o- mɔ'ʔi oɲa pe o- kosi'na -**ha** -**ŋwã**
 água ind-quente 3^a.(A)-colocar panela Loc 3^a.(A)-cozinhar-Nom-Fut
O (A) V SP [(A)(O)V]
 ‘coloca água quente na panela para (ela) cozinhar logo’

(223) [kaʔitɨ'tɨkwe odʒa'po hãŋgwe dodʒa'poi]

kaʔitɨ -kwe o- ɲapo **ha-ŋgwe** n- o- ɲapo-i
 farinha-Pass 3^a.(A)-fazer Nom.Pass neg-3^a.(A)-fazer-neg
[O (A) V] (A) V (O)
 ‘farinha de que faziam, não fazem [mais]’

Nas sentenças completivas, o argumento único de verbos intransitivos (cf. 221) (ativos e inativos) é marcado pelas mesmas séries pronominais que codificam as funções desse argumento junto ao predicado verbal das sentenças independentes.

Em (222), temos uma sentença completiva, em que o SN em função de (A) e o SN em função de (O) estão omitidos e o verbo ‘kosina’ (decorrente de empréstimo do Português) está codificando a função de (A) na oração dependente.

Em (223), o SN em função de (A) está omitido, mas essa função está codificada no predicado verbal [o-ŋapo] ‘faz(em)’ da sentença dependente, já o SN em função de (O) está preenchido com o nominal {kaʔi} ‘farinha’ e ocupa a posição imediatamente antes do radical verbal nominalizado por [haŋwe].

Por fim, enfatizamos que, em (221), o morfema {-∅} indica a noção de presente (nominal); em (222), a nominalização de verbos transitivos ativos pelo morfema {ha} dá-se com a co-ocorrência do sufixo {-ŋwã}, indicador de futuro (próximo) e (em 223), o tempo pretérito é indicado pelos sufixos de tempo nominal {-re/ -ŋwe ~ kwe}.

6.2.2 Relativas

A relativização é dada pela partícula {waʔe}, que é nominalizadora. Os sufixos indicadores de tempo nominal também ocorrem com verbos nominalizados por essa partícula.

Apresentamos alguns poucos exemplos de relativas em Kaiowá:

6.2.2.1 relativização de (S)

(224) [ōwāhē pētēʔi kũnũmĩ ko oʔ ho waʔe kwe mboʔeroʔgwĩ]

o- ŋwāhē peteʔi kunũmĩ ko o- ho waʔe-kwe moʔero-ŋwĩ

3^a.(Sa)-chegar um menino este 3^a.(Sa)-ir Nom-Pass escola -Loc

V S(a) [(Sa) V obl]

‘chegou o menino que foi para a escola’

Em (224), a posição relativizada corresponde a (Sa), o prefixo {o-}, indicador da 3^a. pessoa (ativa), afixa ao verbo {ho} ‘ir’ que é nominalizado por {waʔe(kwe)}.

Necessitamos de novas pesquisas lingüísticas de campo para que possamos verificar, também, a relativização de (So).

6.2.2.2 relativização de (A)

(225) [kuĩmbaʔe ɔĩnũ ʔã odʒuʔka mbojpe oisuʔu vaʔe kwe kũnú ʔmĩpe]

kũɲmaʔe o- i- nũpã o- ø-ɲuka moɲ-pe o- i- suʔu waʔe-kwe kũnúmĩ-pe
 homem 3^a.(A)-dir-bater 3^a.(A)-dir-matar cobra-Acus 3^a.(A)-dir-picar Nom-Pass menino-Acus
A V O [(A) V O]
 ‘o homem bateu e matou a cobra que mordeu o menino’

Em (225), a posição relativizada corresponde a (A), o verbo transitivo {suʔu} ‘picar’ vem sufixado com o nominalizador {waʔe(kwe)}.

6.2.2.3 relativização de (O)

(226) [dʒagwareʔte raʔi aipĩ ʔhĩ vaʔe kwe okã ɲã]

ɲaɲwarete raʔi a- i- pĩhĩ waʔe-kwe o-kaɲã
 onça filho 1^a.sg(A)-dir-agarrar Nom-Pass 3^a.(Sa)-fugiu
Sa [(A) V (O)] V
 ‘o filhote de onça, que eu agarrei, fugiu’

Em (226), a posição relativizada corresponde a (O), o verbo transitivo {pĩhĩ} ‘agarrar’ vem sufixado com o nominalizador {waʔe(kwe)}.

6.2.2.4 relativização de Oblíquo

(227) [ʔe ahe ʔa pe kũjmbaʔe kĩvaʔe ndiʔvẽ nde rẽ-ɲẽʔẽ]

ʔe a- h- eʔa pe kuɲmaʔe kĩ -waʔe niwe ne rẽ-ɲẽʔẽ
 eu 1^a.sg-dir-ver este homem quem-Nom Comit você 2^a.sg(Sa)-falar
A V O [obl Sa V]
 ‘eu vi o homem com quem você falou’

Em (227), a posição relativizada corresponde a oblíqua (Obl) e a relativização ocorre sem núcleo verbal, sendo o nominalizador {waʔe} precedido do pronome interrogativo {kĩ} e seguindo pela posposição indicadora do caso semântico comitativo.

Como mencionamos, em Kaiowá, as orações relativas apresentam a partícula wa(ʔe), que pode co-ocorrer com a categoria de tempo “nominal”, resultando em {wa(ʔe)-∅} para o presente, {waʔe-kwe} para o passado e {waʔe-rã} para o futuro.

6.2.3 Adverbiais

A partícula {ramõ}, além de marcar o modo subjuntivo, caracteriza sentenças adverbiais de semântica temporal, causal ou condicional.

6.2.3.1 Temporais

As orações adverbiais temporais podem ser identificadas pela partícula {ramõ} ou pelo advérbio {nawe}, este, porém, não leva os verbos para o modo subjuntivo.

(228) [oheʔa ʔpedrupe oʔsẽmã rãmõ]

o- h-eʔa Pedro -pe o- ∅-sẽ -mã ramõ
3^a.(A)-dir-ver Pedro Acus 3^a.(A)-dir-sair- Asp Subj

‘(ele) viu Pedro quando saiu’

(229) [ʔãĩ ruʔi raʔmõ odʒepoʔta rãmõ mĩtã kũʔnã kwerĩ-rehe]

aĩ ruʔi ramõ o- nepota ramõ mĩtã kũʔnã kwerĩ-rehe
agora Posp Subj 3^a.(A)-‘encarnar’ Subj criança mulher/fêmea pl. posp

‘de hoje em diante, se a onça encarnar nas meninas (moças)...’

(230) [ʃe aka'ru ete'rej ʃẽmĩ'tã dʒa've]

ʃe a- karu eterej ʃe= mitã **ɲawe**
 eu 1sg(A)-comer Intes 1ª.sg(So)-criança Adv

‘eu comi muito quando eu (era) criança’

Como podemos observar em (230), a forma adverbial {**ɲawe**} ‘quando, no momento que’ pode exercer a mesma função inter-clausal da forma {**ramõ**} em orações dependentes adverbiais, trazendo ainda noções temporais.

A forma {**riɾe**} também é usada para marcar uma sentença adverbial de semântica temporal.

(231) [ha'ʔe ɲã'nde dʒa'pi ri'ɾe oɾipa'ra]

ha'ʔe ɲãne= ɲapi **riɾe** o-ɾipara
 ele 1ª.pl(incl)(O)=acertar Cons 3ª.(Sa)-correr

‘depois (que) ele nos acertou, correu’

6.2.3.2 Causais

Exemplo de sentença adverbial causal com {**ramõ**}

(232) [ma'ria o'homã rã'mõ 'dʒuã'ẽ ha'sẽ e'terej]

maria o- h- o-mã **ramõ** ɲuão h= asẽ eterej
 Maria 3ª.(A)-dir-ir-Pont Subj João 3ª./rel(So)=chorar Intes

‘porque Maria saiu, João chorou muito’

6.2.3.3 Condicionais

Em Kaiowá, as sentenças condicionais são marcadas pela partícula {*rire*} ‘depois de, depois que’ que indica o modo consecutivo, da mesma maneira que a forma {*ramõ*} indica o modo subjuntivo.

(233) [nãnde teʔiɲ kwɛra he'ta ave dʒare'ko ri'riɛ i'wi dʒawi'ʔave a'rã mo'ʔã]

nãne teʔiɲ kwera heta awe na- re- ko *rire* iwi na-wiʔa-we arã moʔã

nós índio pl muito também 1^a.pl-caus comit-ter Cons terra 1^a.pl-feliz -Int Fut hip Fut rem

‘somos muitos índios também, se fizéssemos estar (se ficássemos) com a terra, seríamos mais felizes’

(‘somos muitos índios também, se tivéssemos a terra, seríamos mais felizes’)

6.2.4 Coordenadas

Em Kaiowá, a coordenação ocorre por justaposição de orações (parataxe) e de constituintes sintagmáticos em uma sentença, ou pela ocorrência de elemento coordenativo {*ha*}.

6.2.4 1 por justaposição (parataxe)

(234) [ʔe āwã'hẽ aha'ta nẽndi've]

ʔe a- ɲwãhẽ a- ha-ta ne-nive

eu 1^a.sg(Sa)-chegar 1^a.sg(Sa)-ir -Fut 2^a.comit

‘eu cheguei (e) vou com você’

6.2.4 2 por partícula coordenativa {*ha*}

(235) [ʔe akaru'se ha ake'se]

ʔe a- karu-se **ha** a- ke -se

eu 1^a.sg(Sa)-comer-querer Ptc 1^a.sg(Sa)-dormir-querer

‘eu quero comer e quero dormir’

(236) [ha'ʔε odʒu'ka dʒagwaira'pe ha odʒu'ka borεvi'pe ave]

haʔε o- ɲuka ɲaɲwaira-pe **ha** o- ɲuka morewi-pe awe
 ele 3^a.(A)-matar jacaré -Acus Ptc 3^a.(A)-matar anta -Acus também
 'ele matou jacaré e matou anta também'

Em Kaiowá, podemos identificar a coordenação, que se dá por meio da partícula coordenativa {ha}, como sendo conjuntiva ou disjuntiva.

6.2.4.2.1 Conjuntiva

(237) [kūnũ'mĩ osapu'kai ha dʒa'gwa oisu'ʔu iʃu'pe]

kunũmĩ o- sapukai **ha** dʒagwa o- i- suʔu i-ʃupe
 menino 3^a.(Sa)-gritar Ptc cachorro 3^a.(A)-dir-morder 3^a./rel-Acus
 'o menino gritou e o cachorro mordeu ele'

6.2.4.2.2 Disjuntiva

(238) [ʃẽnda'ui borε'wi ha ta'tu ave]

ʃe n- a- u -i morewi **ha** tatu awe
 eu neg-1^a.sg(A)-comer-neg anta Ptc tatu Ptc
 'eu não como anta e nem tatu'

6.2.4.2.3 Coordenação de Constituintes

Por fim, exemplificamos a coordenação de constituintes em Kaiowá:

(239) [borε'vi ha dʒagware'te-i omari'ka]

morewi **ha** ɲaɲwarete o- marika
 anta Ptc onça 3^a.(Sa)-caçar
 'anta e onça (ele) caçou'

Tendo apresentado, brevemente, as estratégias de formação de sentenças independentes e dependentes do Kaiowá, passamos à apresentação de nossa análise da marcação de caso e de voz, para a língua em questão.

7 CISÕES NA MARCAÇÃO DE CASO E INVERSÃO SEMÂNTICA

No presente capítulo, apresentamos uma proposta de análise da marcação de caso e suas cisões. O sistema de marcação de caso aponta para dois níveis diferentes de análise: no primeiro, consideramos a oposição entre predicados bi-argumentais e predicados monoargumentais e, no segundo nível, consideramos as estratégias de codificação de caso relativas aos aspectos morfossintáticos intra-clausais do Kaiowá (cf. Dixon 1994).

Buscamos, ainda neste capítulo, analisar as formas e funções da categoria de voz codificadas na morfologia verbal transitiva, por meio de prefixos relacionais, o qual opera na língua segundo a hierarquia de pessoa $1 > 2 > 3$, apontando para um sistema de inversão semântica (Payne, 1994 e Givon, 1994).

7.1 Sistema Ativo/Inativo, *Split-S*, Ativo/Agentivo

Dixon (1994, p.39) expõe que a ergatividade morfológica (ou intra-clausal) distingue, basicamente, as três possibilidades:

1. S=O (absolutivo), A diferente (ergativo) – um sistema ergativo;
2. S=A (nominativo), O diferente (acusativo) – um sistema acusativo e
3. A, S e O diferentes – um sistema “tripartite”.

Entretanto, algumas línguas, segundo o autor, empregam uma mistura de estratégias acusativo e ergativo para marcação intra-clausal das funções sintáticas. A mistura de diferentes fatores condicionam estas cisões (split). A Cisão Intransitiva (*Split-S*) é condicionada pela natureza semântica do verbo. Em línguas com esse tipo de sistema: S identifica-se com A = (Sa) e outro (S) identifica-se com (O)= (So).⁵⁰

O Sistema de marcação de caso cujos sujeitos de alguns verbos intransitivos se assemelham aos sujeitos dos verbos transitivos, enquanto que os sujeitos de outros verbos intransitivos são tratados de modo semelhante aos objetos dos verbos transitivos, têm

⁵⁰ Sa = sujeito intransitivo semanticamente similar a A e So = sujeito intransitivo semanticamente similar a O (cf. Dixon, 1994 p.70).

atraído bastante atenção na literatura (Mithun 1991, Dixon 1979 e 1994, Klimov 1974, entre outros).

Tamanha quantidade de denominações já sugere quão controversos são sistemas deste tipo. Uma preocupação terminológica e conceptual a respeito da expressão “Sistema de Caso Ativo/Inativo” leva-nos a reportar ao texto de Mithun:

Grammatical systems in which the arguments of some intransitive verbs are categorized with transitive agents and the arguments of others with transitive patients have been designated by a variety of labels, among them active, including active-neutral, active-inactive, active-static, or stative-active (e. g. Uhlenbeck 1917, Sapir 1917, Klimov 1973, 1974); agentive or agent-patient (e. g. Chafe 1970a-b, Dahlstrom 1983); split-S (e. g. Dixon 1979); split intransitive (e. g. Merlan 1985, Van Valin 1987, 1990). The plethora of labels is no accident. (MITHUN, 1991p.511)

Considerando esta diversidade terminológica do fenômeno da cisão entre verbos intransitivos e suas distintas categorizações, achamos por bem identificar formalmente tal fenômeno por meio do que define Dixon (1994):

We noted that there is a semantic basis to the assignment of A and O to semantic roles in a transitive clause. S, in contrast, simply marks the sole core NP in an intransitive clause. Since each grammar must include semantically contrastive marking for A and O, this can usefully be applied also to S - those S which are semantically similar to A (exerting control over the activity) will be Sa' marked like A, and those S which are semantically similar to O (being affected by the activity) will be So' marked like O. (DIXON, 1994 p.70)

Klimov (1974), ao caracterizar aspectos de línguas de Tipologia Ativa (terminologia do autor), considera o “princípio de oposição léxica de verbos”, não de acordo com a transitividade-intransitividade de ação comunicada, mas de acordo com suas características de *atividade-inatividade*. Além de propor que, ao invés de uma oposição entre verbos transitivos e intransitivos, as línguas de Tipologia Ativa apresentam a oposição verbal *Ativa vs. Estativa*. Verbos ativos conferem várias atividades, movimentos, eventos, etc, por outro lado, os verbos estativos expressam um pouco de estado ou qualidade.

Mithun (1991) apresenta o Guaraní como sendo uma língua de caso marcado Ativo/Agentivo, propondo que o tipo de motivação semântica deste sistema seja baseado, principalmente, na “distinção de aspecto lexical” (ou *Aktionsart*), e deste modo, pode ser precisamente identificado como ativo-estativo. A autora, sumariamente, explica que os argumentos de acontecimentos/eventos (como levantando, pegando coisas, caindo, etc) manifestam-se em um caso, enquanto argumentos de estados (como adoecidos, mesquinhos, fortes) manifestam-se em outro.

Se entendermos a cisão entre duas classes de verbos intransitivos, como sendo uma oposição semântica entre agente-paciente, assumimos que a transitividade e sua manifestação prototípica de oposição sujeito e objeto são irrelevantes para este tipo de língua. Segundo Velazquez-Castillo (2003), as relações gramaticais são realmente direcionadas semanticamente e não são correlatas com sujeito e objeto na língua Guaraní (Paraguai). A autora mostra que a semântica ampara-se na distinção ativo-inativo, nesta língua.

Nosso propósito neste capítulo é discutir aspectos da morfossintaxe intra-clausal relacionados ao sistema de marcação de caso e suas cisões. No que concerne à categoria de voz e à possibilidade de analisar o Kaiowá como uma língua de sistema inverso (Payne, 1994; Givon 1994), discutiremos aqui sua ocorrência em predicados transitivos de orações independentes.

7.2 Marcação de caso entre predicados bi e monoargumentais em Kaiowá

Com relação à marcação de caso entre predicados bi-argumentais e monoargumentais, assumimos que o Kaiowá, assim como o Kamaiurá (Seki, 2000), é uma língua de Sistema Ativo/Inativo (Cisão Intransitiva, para Dixon (1994)), por marcar (Sa) da mesma forma que (A), e (So) da mesma forma que (O).

Dixon (1994) considerando a descrição do Guaraní Paraguaio feita por Gregores e Suárez (1967, apud Dixon, 1994), o analisa como uma língua que marca uma Cisão Intransitiva (*Split-S*):

Guaraní, a Tupi-Guarani language from Paraguay, provides a further example of split-S marking. Gregores and Suarez (1967) distinguish three classes of verb. ‘Transitive verbs’ (e.g. ‘give’, ‘steal’, ‘know’, ‘order’, ‘suspect’, ‘like’) take prefixes from both subject and object paradigms (i.e. A and O). ‘Intransitive verbs’ (‘go’, ‘remain’, ‘continue’, ‘follow’, ‘fall’) take subject prefixes (i.e. Sa). Both of these classes can occur in imperative inflection, unlike the third class, which Gregores and Suárez call ‘quality verbs’; these take prefixes (So) which are almost identical to object prefixes on transitive verbs. Most quality verbs would correspond to adjectives in other languages, although the class does contain ‘remember’, ‘forget’, ‘tell a lie’ and ‘weep’. (DIXON, 1994 p.73)

Mithun (1991), também considera a descrição do Guaraní realizada por Gregores & Suárez (1967), e passa a tratar este como uma língua de caso marcado Ativo/Agentivo, analisando-o a partir de suas motivações semânticas. Segundo a autora (op. cit, p. 512), “... case is distinguished in Guaraní by pronominal prefixes on verbs”.

Klimov caracteriza as línguas da família Tupi-Guarani (Tupi, Siriono, Kamaiurá, Guaraní), entre outras como sendo línguas de tipologia Ativa. Seki seguindo esta caracterização tipológica proposta por Klimov, analisa fatos do Kamaiurá e observa entre outros aspectos que:

Os verbos ativos de um argumento ocorrem somente com os prefixos da série ativa. Os verbos de dois argumentos podem se combinar com prefixos de uma ou de outra série, e também com os prefixos oro- e opo- para exprimir o sujeito e o objeto- ou o actante ativo e o inativo, na terminologia utilizada para a caracterização da estrutura ativa. Apenas um marcador ocorre no verbo (...). (SEKI, 1987 p.20)

Pensar o Kaiowá do ponto de vista de seu sistema de marcação de caso e tomá-lo como uma língua que apresenta uma cisão na classe de verbos intransitivos, é possível, se considerarmos outras análises realizadas para a língua Guaraní e outras da família Tupi-Guarani, todas descritas como línguas de Sistema Ativo/Inativo que, genericamente, marcam Sa no mesmo caminho que A e So no mesmo caminho que O.

Nos termos de Dixon, o Kaiowá apresenta a Cisão Intransitiva, ou seja, identifica (S) no mesmo caminho que (A), sendo codificados por prefixos marcadores de pessoa da

série I (cf quadro 22), rotulado (Sa) e quando (S) se comporta como (O), sendo marcado com clíticos pronominais da série II, é identificado por (So).

Quadro 22. Marcadores de pessoa no predicado

Pessoa e número	Série I (A=Sa)	Série II (O=So)
1sg	<i>a-</i>	<i>ʃe-</i>
1pl (excl)	<i>ro-</i>	<i>ore-</i>
1pl (incl)	<i>na-</i>	<i>ñãne</i>
2sg	<i>re-</i>	<i>ne-</i>
2pl	<i>pe-</i>	<i>pẽne-</i>
3	<i>o-</i>	<i>i- ~ h-⁵¹</i>

(240) **prefixo da série I – marcando (A)**

[ʃe ainũ'pa iʃu'pe]

ʃe a- i- nũpã i-ʃupe

eu 1^a.sg(A)-dir-bater 3^a./rel-Acus

‘eu bato [n](ele)’

(241) **prefixo da série I – marcando (Sa)**

[ʃe ãŋwãhẽmã]

ʃe a- ŋwãhẽ-mã

eu 1^a.sg(Sa)-chegar-Pont

‘eu já cheguei’

(242) **prefixo da série II – marcando (O)**

[deʃere'ʃa ave]

ne ʃe= r-eʃa awe

você 1^a.sg(O)=inv-ver Ptc

‘você me vê também’

(243) **prefixo da série II – marcando (So)**

[ʃe ʃekĩ'ra ete'rej]

ʃe ʃe= kĩra eterej

eu 1^a.sg(So)=gordo intes

‘eu engordei muito mesmo’

⁵¹ Como já foi mencionado, o prefixo relacional { i- ~ h- } identifica a 3^a. pessoa (não-pessoa) somente junto aos predicados intransitivos inativos (So), pois, a função de (O) nunca é codificada na morfologia verbal transitiva considerando que (O) é marcado apenas quando é, hierarquicamente, mais alto que (A), sendo de 1^a. ou 2^a. pessoa.

Considerando apenas os prefixos das séries I e II como marcadores de pessoa em verbos independentes num arranjo entre os participantes (A), (O), (Sa) e (So) e analisamos que (Sa) de verbos intransitivos marcados com a série I possui co-referência no mesmo caminho que (A) e (So) de verbos intransitivos marcados com a série II, co-referem-se a (O) de verbos transitivos, podemos, então, situar as regras de co-referência cruzada operando sobre o Sistema Ativo/Inativo ou Split-S, em verbos independentes da língua Kaiowá.

Considerando que o Kaiowá apresenta uma outra série de prefixos marcadores de pessoa, a série III, que só ocorrem com verbos transitivos. Passemos a levar em conta, além da concordância, as outras estratégias de codificação de caso: a ordem dos constituintes e os marcadores de caso nos SNs.

7.3 Marcação de Caso Intra-clausal

Conforme Dixon (1994), a função de um SN na sentença pode ser marcada por um mecanismo (estratégia) ou pela combinação deles: (a) flexões de caso: as formas em que o caso é marcado num SN pode variar; (b) partículas separadas ou pré/posposições marcam função sintática e (c) o verbo ou um auxiliar pode incluir alguma indicação de pessoa, número, gênero etc. em acordo com SNs em certas funções sintáticas.

No capítulo 5 (seção 5.2.1), identificamos os argumentos (SNs) em função nuclear de A, O, Sa e So e, neste momento, rerepresentamos um quadro sumário da marcação de pessoa e caso.

Quadro 23. Séries de marcadores de pessoa e caso

Pessoa/ Número	Prefixos da Série I Caso Nominativo (A e Sa)	Clíticos da Série II Caso Absolutivo (O e So)
1 sg	[a-]	[ʃe-]
2 sg	[re-]	[nde- ~ nẽ-]
1 pl (incl)	[dʒa-]	[nãnde- ~ nãñẽ-]
1 pl (excl)	[ro-]	[ore-]
2 pl	[pe-]	[pẽnde- ~ pẽñẽ-]
3	[o-]	[i- ~ h-]

No capítulo 5, tratamos os SNs:

i) em função de (A) **ergativo**, como sendo aqueles que não possuem caso morfológico marcado, não concordam em pessoa e número com o predicado verbal transitivo;

ii) em função de (A) e (Sa) **nominativo**, como sendo aqueles que concordam com o predicado verbal em número e pessoa por meio da série I;

iii) em função de (O) **acusativo**, aqueles que ocorrem marcados morfológicamente em núcleos nominais de SNs, por meio do morfema {-pe}, ou de núcleos pronominais com {i}upe⁵²;

iv) em função de (O) e (So) **absolutivo**, como sendo aqueles que são codificados na estrutura morfológica verbal por meio de clíticos pronominais da série II, não havendo um SN na posição sintática de (O) em predicados transitivos; e

v) em função simultânea de (A/O), caso (?), tem-se a marcação por meio da série III.

Como mencionamos, acreditamos que os prefixos da série III entendidos como *Portmanteau* nos afastam da possibilidade destes marcadores indicarem caso do mesmo modo como indicar as outras séries de marcadores pessoais, uma vez que estariam indicando caso duplo: nominativo/absolutivo, ou ainda nenhum destes, pois o conjunto de prefixos da série III, é distinto do conjunto da série I (nominativo) e da série II (absolutivo), além de não ocorrer com predicados intransitivos.

Levamos em conta a identificação dos padrões de alinhamento em Guaraní Antigo, realizado por Grannier, e que foi retomado e acrescido por Cabral (2001a, p.246):

⁵² Lembramos que é opcional o uso do sufixo marcador de caso acusativo {-pe} quando essas orações transitivas obedecem a ordem SVO ou SOV, postuladas como preferências em Kaiowá e que os prefixos relacionais seguem esses pronomes clíticos (série II), bem como os prefixos pessoais da série I, na estrutural morfológica verbal transitiva.

Quadro 24. Alinhamento em Guarani Antigo

(1)	Estrutura nominativa/absolutiva Agente = 1, 2 ou 3 – Paciente = 3 ou	(2)	Estrutura absoluta Agente = 3 – Paciente = 1 ou 2
(1a.)	Estrutura nominativa Agente = 1, 2, ou 3 – Paciente = 3		
(3)	Estrutura (nominativa)/acusativa Agente = 1 – Paciente = 2	(4)	Estrutura absoluta/ergativa Agente = 2 – Paciente = 1 (Grannier, 1977)

A identificação dos padrões de alinhamento para o Guarani Antigo, proposta por Cabral (op.cit) e aqui transcrita na quadro (24), difere ao que propusemos na quadro (23), tendo em vista, que nesta interpretamos: a série I como marcadora de caso nominativo e não nominativo/absolutivo ou nominativo (1 ou 1a, do quadro (24)) e também por não termos ainda interpretado o caso marcado pela série III. Entretanto, ambos quadros são similares ao que se refere à marcação do caso absoluto pela série II (2 e 4, do quadro (24)). Contudo, apontaremos aqui para o item (3) do quadro acima, que trata mais especificamente de interpretar o uso dos marcadores, aqui denominados prefixos de série III (*portmanteau*), como sendo marca de uma estrutura (nominativa)/acusativa.

Se consideramos a mesma interpretação para os dados do Kaiowá, a série III como marcadora de caso (nominativo)/acusativo, e considerarmos que o SN em função de (A) nominativo é também identificado por concordar com o predicado verbal e que o SN acusativo é identificado pela marcação morfológica de caso, temos que levantar outras hipóteses. Propomos, então, tratar esses prefixos da série III ponderando aspectos outros que envolve o uso ou não desses.

7.3.1 Aspectos morfossintáticos dos prefixos da série III

A série III é constituída dos seguintes prefixos em Kaiowá:

Quadro 25. Portmanteau

Pessoa/ Número	Prefixos da Série III
1 ^a . sg/pl -2 ^a . sg	[oro- ~ ro-]
1 ^a . sg/pl -2 ^a . pl	[opo- ~ po-]

Observemos novamente os dados em que os Kaiowá fazem uso dos prefixos da série III (*portmanteau*):

(244) [ʃe poĩnú pãta]

ʃe po- i- núpã -ta

1^a.sg 1^a/2^apl(A/O)- (?) - bater -Pres

‘eu bato [em] vocês’

(245) [ʔrodʒa pi ita pe]

oro- ø-napi ita pe

1^a./2^a.sg(A/O)- (?) - acertar pedra Posp

‘eu acertei uma pedra em você’

(246) [ʔore pöhẽ nduma]

ore po- h- ãnu -mã

nós (excl) 1^a/2^apl(A/O)- (?) - escutar-Pont

‘nós já escutamos vocês’

A Estrutura nominativa/absolutiva (item (1) do quadro (24)), segundo Cabral (2001a, p.247), “é encontrada em línguas dos ramos I (Guaraní Antigo, Guaraní Paraguaio, Mbyá, Kaiwá, Nandeva, Xetá e Chiriguano), II (Guarayo, Sirióno) e III (Tupinambá e Tupi de São Vicente)”. Nessas línguas, ainda conforme a autora, o relacional { -i ~ h } indica o determinante como sendo um paciente de terceira (pessoa), vindo a marcar o caso absoluto. Esse relacional co-ocorre com os prefixos pessoais da série I, que marcam o agente (nominativo) em núcleos de predicados transitivos.

Em Kaiowá, as construções transitivas que ocorrem com a série I, realmente, co-ocorrem com relacionais, no entanto, nossa proposta é de interpretarmos tais relacionais como sendo marcadores de propriedades relacionadas à categoria de voz. (cf. 7.4)

Para o momento, devemos nos deter à co-ocorrência de prefixo relacional { i- ~h- ~ ø-} também com os prefixos *portmanteau* da série III, como mostram os dados de (244 a 246).

Se considerarmos que a função de (O) é indicada por meio do prefixo relacional { i-}, vindo a marcar o caso absolutivo junto às estruturas morfológicas verbais que marcam a função de (A), por meio da série I de caso nominativo, resultando em uma estrutura nomimativa/absolutiva (cf. item (1), do quadro (24)), a co-ocorrência do relacional com um prefixo *portmanteau* resultaria na seguinte configuração verbal: <marcador das funções (A/O)+marcador de (O) + raiz verbal>.

Como já mencionamos em (5.2.1.1), o Kaiowá codifica o argumento em função de (A), junto a verbos transitivos de sentenças independentes, por meio dos prefixos da série I, seguido do relacional { i-}, quando (A) é hierarquicamente, mais alto que o argumento interno (O), e codifica o argumento em função de (O) nestas sentenças, por meio dos clíticos pronominais da série II, seguido do prefixo relacional {-r}, tido como marcador de **voz inversa** (Payne, 1994) e quando as construções são marcadas com a série I/i-, assumimos que sejam construções **diretas**, sendo o relacional { i-} o marcador de voz **direta**.

Propomos, deste modo, que os prefixos relacionais que ocorrem afixados aos predicados transitivos de orações independentes sejam interpretados como propriedades denotadoras da categoria de voz, uma vez que tal proposta parece solucionar também a problemática da co-ocorrência desses “relacionais” com os prefixos da série III.

Em suma, tomamos os prefixos da série III (*portmanteau*) como marcadores simultâneos das função A/O e a presença do prefixo {-i}, como sendo denotadora de voz direta. Resta-nos, então, interpretar qual a marca de caso os prefixos *portmanteau* codificam em predicados transitivos de orações independentes do Kaiowá.

7.3.2 Cisão acusativa e o caso marcado pela série III

Os prefixos da série III são, aqui, considerados como marcadores simultâneos das funções de (A/O), como propõe Seki (1990) para o Kamaiurá. Segundo a autora, as funções de (A/O) do prefixo *portmanteau* devem ser analisadas separadamente. Citamos a autora:

(65) a. [+person] vs. [+person], [+Ego]

	A	Sa	So	O
A. 1 sg. vs. 2pl.	opo-	a-	je	je
B. 1 sg. vs. 2 sg.	oro	a-	je	je
C. 1 excl. vs. 2 pl.	opo	oro	ore	ore
D. 1 excl. vs. 2 sg.	oro	oro-	ore	ore
(...)				

(65) b. [+person] vs. [+person], [+Tu]

A. 2 sg.	∅	ere-	ne	oro-
B. 2 pl.	∅	pe-	pe	opo-
(...)				

It should be noted that the portmanteau prefixes *oro-* and *opo-* were analysed into separate forms and were included in 65a as A form and in 65b as O forms. This is in disagreement with Dixon (1979:14) who states that portmanteau prefixes ‘cannot be analysed into separate A and O forms and cannot be related to S affixes.’ However, even if we analyse the Kamaiurá portmanteau prefixes only as O forms, the system for first person in 65a rows A through C will remain tripartite since in this case we would have a zero A form, distinct from the Sa form. (SEKI, 1990, p.386)

Por ora, remetemos à nossa proposta de que a série I codifica a marcação nominativa junto à estrutura morfológica verbal transitiva, além da estratégia de concordância com o SN em função de (A), para enfatizar que os marcadores de pessoa desta série para a 1ª. pessoa do singular é feita pelo prefixo {**a-**} e para a 1ª. pessoa do plural é feita por meio dos prefixos {**ro-**} (excl) e {**pa-**} (incl) (cf. 247 a 249) e não os prefixos da série III, o que parece inviabilizar a interpretação de caso nominativo para a

função de (A) de predicados marcados com os prefixos *portmanteau*. Assim sendo, tomamos preliminarmente que tal função (A) seja especificada para o **caso ergativo**.⁵³

(247) **Nominativo/Acusativo**

a) [ʃe ahaj'hu ma'riape]

ʃe a- h- aɾhu maria-pe

eu 1^a.sg(A)-dir-amar maria-Acus

‘eu amo Maria’

(248) [ore rohajhu ʃupe]

ore ro- h-aɾhu i-ʃupe

nós 1^a.pl (excl)(A)-dir-amar 3^a./rel-Acus

‘nós amamos ele’

(249) [nãnde 'kwεrɪ nãɾũ'pãma iʃupe]

nãne kwεrɪ nã- ø- nũpã-ma i-ʃupe

nós pl 1^a.pl (incl)(A)-dir-bater-Asp 3^a./rel-Acus

‘nós já batemos [n]ele’

O SN em função de (A) com caso ergativo é identificado pela não concordância com a série II, que marca o caso absolutivo (O), resultando em um alinhamento ergativo/absolutivo. Já com a série III, o SN em função de (A) concorda como os prefixos *portmanteau*, que codificam a 1^a. pessoa (sg ou pl) por meio de dos prefixos {oro- ~ ro-} e {opo- ~ po-}.

Portmanteau

(250) [ʃe orohaj'ru ete'rej]

ʃe oro- h- aɾru ete- rej

eu 1^a.sg/2^a.sg(A/O)-dir-amar muito-mesmo

‘eu amo mesmo você’

⁵³ O fato de o caso ergativo ser marcado por prefixos *portmanteau*, em Kaiowá, pode ser compreendido pelo que expõe Dixon: *The one difficulty we do have is what ‘case name’ to used for A and O in a split-S language.* (DIXON, 1994, p.78)

(251) [o.ɾe poĩnũ 'pãmbata]

o.ɾe	po-	i-	nupã-pa	-ta	
nós (excl)	1 ^a ./2 ^a .pl(A/O)-dir-	bater-compl-Fut			'nós bateremos tudo [em] vocês' (‘nós batemos em todos vocês’)

Quanto à função de (O) da série III (2^a. sg ou 2^a. pl), acreditamos que interpretá-la como marcadora de caso absolutivo não é viável, uma vez que a função de (O) de 2^a. pessoa do singular absolutiva é marcada pelo pronome clítico da série II {ne-} e a 2^a. pessoa do plural pelo clítico {pẽne-} (cf. 252).

Ergativo/Absolutivo

(252) [haʔe nẽnũpã o'pɔ ɾupi]

haʔe	ne-	∅-	nupã	o-po	ɾupi	
ele	2 ^a .sg(O)-inv-bater	3 ^a .refl-mão Instr				'ele bate [em] você com a própria mão'

Deste modo, tomamos a função de (O) da série III marca o caso acusativo (cf. 250 e 251), num alinhamento – **ergativo/acusativo**.

Como já mencionamos, o SN em função de (O) acusativo é codificado pela marcação morfológica de caso, por meio do morfema causativo {-pe}. Propomos, então, que o Kaiowá possua duas estratégias diferentes para marcar a função de (O) de caso acusativo, havendo uma cisão, aqui denominada, cisão acusativa entre os predicados transitivos de orações independentes.

É importante refletirmos sobre qual(is) o(s) aspecto(s) lingüístico(s) que motiva(m) tal cisão acusativa.

Sugerimos, aqui, que haja dois tipos de motivação: uma morfossintática e outra de cunho pragmático.

A motivação morfossintática que resulta numa cisão acusativa em Kaiowá é promovida pelo tipo de marcação de (O), se este for marcado na **estrutura morfológica verbal** (de modo similar ao caso absolutivo) identifica-se o caso acusativo, por meio da

série III, e se (O) ocorrer **sintaticamente preenchido por um SN marcado com caso morfológico**.

A motivação denominada pragmática, leva em conta a “**correlação de personalidade**, que opõe as pessoas *eu/tu* à não-pessoa *ele*” (BENVENISTE, 1991 p. 258). Segundo o autor, os participantes de 1ª e 2ª pessoas já estão, simplesmente, no ato de fala e são, inerentemente, mais tópicos que a 3ª pessoa.

Nas condições sociais nas quais a língua se exerce, os atos denotados por esses verbos são olhados como constrangedores. Ora, aqui a diferença entre a enunciação “subjativa” e a enunciação “não subjativa” aparece em plena luz, desde que se tenha percebido a natureza da oposição entre as “pessoas” do verbo. É preciso ter no espírito que a “terceira pessoa” é a forma do paradigma verbal (ou pronominal) que **não** remete a nenhuma pessoa, porque se refere a um objeto colocado fora da alocação. Entretanto existe e só se caracteriza por oposição à pessoa **eu** do locutor que, enunciando-a, a situa como “não-pessoa”. Esse é o **status**. A forma **ele...** tira o seu valor do fato de que faz necessariamente parte de um discurso enunciado por “eu”. (BENVENISTE, 1991 p.292)

Em suma, os SNs em função de (O) acusativo que, sintaticamente, ocorrem marcados por núcleos nominais, morfológicamente, marcados por caso acusativo, também codificam a não-pessoa do discurso. Já a função de (O) acusativo que vem codificada na morfológica verbal transitiva e não por meio de SNs, essas envolvem as pessoas do discurso (1ª. e 2ª.), marcadas cumulativamente pelos prefixos da série III.

Por fim, assumimos que os prefixos da série III codificam simultaneamente as funções de (A/O), sendo essas compostas por pessoas do discurso, resultando num alinhamento ergativo/acusativo.

7.3.3 Estratégias de marcação de caso intra-clausal

Neste subtópico, nos dedicamos a sumarizar os aspectos relativos à marcação de caso tratados neste capítulo.

7.3.3.1 Marcadores de pessoa e caso

No quadro abaixo expomos os marcadores de pessoa e caso em predicados transitivos de orações independentes em Kaiowá:

Quadro 26. Marcadores de caso

Pessoa/ Número	Nominativo (série I)	Absolutivo (série II)	Acusativo (série III)
1 sg	[a-]	[ʃe-]	-
2 sg	[re-]	[nde- ~ nẽ-]	[oro- ~ ro]
1 pl (incl)	[dʒa-]	[nãnde-]	-
1 pl (excl)	[ro-]	[ore-]	-
2 pl	[pe-]	[pẽnde-]	[opo- ~ po-]
3	[o-]	[i- ~ h-]	-

Ressaltamos que a série III – marcadora de caso acusativo – não ocorre com verbos intransitivos, por isso, não é considerada ao postularmos que o Kaiowá possui um sistema Ativo/Inativo (ou *split-S*), em que (A) é codificado no mesmo caminho que (Sa) e (O) no mesmo caminho que (So). Portanto, podemos deduzir que (A) e (Sa) marcam o nominativo e (O) e (So) o absoluto, resultando em um alinhamento Nominativo/Absolutivo.

7.3.3.2 Cisões no caso morfológico

No quadro abaixo considerando as estratégias (mecanismos) de marcação de caso em predicados transitivos de orações independentes do Kaiowá, além as cisões ocorridas nestas orações:

Quadro 27. Estratégias de codificação de caso

CASO	Hierarquia de pessoa	Marcadores de pessoa	Estratégias de codificação			Cisão Acusativa
			Concordância	SN marcado	Ordem dos constituintes	
<i>Nominativo/Acusativo</i>	A > O (1,2) (3) (3) (3)	Série I	A	O {-pe}	Livre/SVO	Com não-pessoas do discurso
<i>Ergativo/Acusativo</i>	A / O (1) (2)	Série III	A/O	∅	SOV	Com pessoas do discurso
<i>Ergativo/Absolutivo</i>	A < O (2) (1) (3) (2)	Série II	O	∅	SOV	-

Em síntese, a marcação de caso intra-clausal em Kaiowá apresenta cisões.

O **Nominativo/Acusativo** ocorre quando: (A) é hierarquicamente maior que (O), sendo este uma não-pessoa do discurso. As estratégias de codificação usadas para identificar tais casos são: (A) por meio da concordância (nominativa) entre SN e a série I, marcada no predicado transitivo; e (O) por meio da marcação morfológica de caso acusativo no SN. A ordem dos constituintes é livre, quando há marcação de caso acusativo junto ao SN (O). Sendo a marcação morfológica de caso acusativo opcional, a não marcação de caso no SN força a mudança de estratégia de codificação, passando a configurar a ordem dos constituintes, que preferencialmente é SVO.

(253) **com não-pessoa do discurso - Nominativo/Acusativo – série I**

[ore roĩnũ'pã iʃu'pe kwera]

ore ro- i- nupã i -ʃu -pe kwera

nós 1ªpl(excl)-dir-bater n/pd-posp-Acus pl

‘nós batemos neles’

O **Ergativo/Acusativo** ocorre quando: (A) e (O) são, simultaneamente, marcados na morfologia verbal, sendo ambos pessoas do discurso. As estratégias de codificação usadas para identificar o caso são: (A) por meio da concordância (ergativa) entre SN e a série III, marcada apenas em predicados transitivos; e (O) pela concordância (acusativa) e pela ordem SOV.

(254) -com pessoas do discurso – **Ergativo/Acusativo** (série III)

[ʃe poĩnú´pãta]

ʃe po- i- nupã -ta

eu 1^a/2^apl-dir-bater-Fut

‘eu baterei [em] vocês’

O **Ergativo/Absolutivo** ocorre quando: (A) é hierarquicamente menor que (O), sendo este um paciente mais tópico. As estratégias de codificação usadas para identificar tais casos são: (A) por meio da concordância (ergativa) não-marcada, entre SN e a série II; e (O) por meio dos pronomes (série III) afixados na morfologia verbal, bem como pela não ocorrência de um SN (O) pleno, regendo a ordem SOV.

(255) **Ergativo/Absolutivo** – série II

[pẽ´ẽ ore-re´ʃa]

pẽẽ ore- r- eʃa

vocês 1^apl (excl)(O)= inv- ver

‘vocês nos vêm’

Considerando as cisões na marcação de caso, aqui, descritas e analisadas para a língua Kaiowá, passamos à analisar a codificação da categoria de voz para cada tipo de marcação de caso em orações independentes da língua em questão.

7.4 Inversão Semântica em Kaiowá

Neste subtópico, passamos a analisar o Kaiowá como uma língua que possui **Inversão Semântica**, nos ancorando nos estudos de Payne (1994), Givon (1994) e Gildea (1994).

Payne, em seu texto intitulado “The Tupi-Guaraní Inverse” (1994), propõe que as línguas Tupi-Guarani que apresentam construções com pronomes marcadores de pessoa da série II, seguindo do prefixo relacional {r-}, ou nos termos da autora, construção Conjunto 2/r-, são línguas que possuem um Sistema Inverso. Nestas línguas, a mudança de uma construção direta para uma construção **inversa** é completamente gramaticalizada em termos da Hierarquia de Pessoa (1>2>3), e quando estão envolvidas duas 3^{as} pessoas, a construção é gramaticalizada como **direta**, sendo marcada invariavelmente com o conjunto 1 e não marcada com o morfema indicador de inverso **r-**.

A proposta de Payne é confirmada por Givon (1994) e assumida como parte de seus pressupostos teóricos apresentados em “Voice and Inversion”. Nas palavras do autor:

D. Payne (1990), in her description of the Tupi-Guaraní inverse, has suggested another potential diachronic source for a pronominal-morphological inverse. Briefly, in Tupi-Guaraní languages two sets of pronominal verb-prefixes are used in semantically-transitive clauses. Both types agree with the agent. Set I pronouns are used in the direct-active clause, where the agent is more topical and no violation of the semantic hierarchy “speaker > hearer > 3rd person” occurs. Set II pronouns are used in the **semantics inverse** clause, which is also marked with the prefix – r-. (GIVON, 1994 p. 35)

Segundo Givon (op. cit), uma língua possui semântica inversa’ se o agente exceder em importância o paciente sobre a hierarquia de tópico, a cláusula “direta-ativa” é usada, se ocorre o contrário, então, usa-se a cláusula inversa.

Nas palavras de Gildea:

In an inverse system, when Speech Act Participants (the interlocutors, first and second person – hereafter SAPS) are eight subject (A) or direct object (O) of a transitive verb, direct/inverse morphology is grammatically determined. When A is first or second person and O is third person (1A/2A → 3O), the clause must take **direct** morphology. In contrast, when A is third person and O is first or second person (3A → 1O/2O), the clause takes **inverse** morphology. (Gildea, 1994 p.187-188)

Conforme Givon, as línguas podem apresentar inversão do tipo semântica ou pragmática. O que é único para as línguas que possuem um ou outro tipo de inversão é:

- a. Pragmatic inverse: “If the agent is more topical than the patient (...), the direct-active clause is used. If norm (...) is reversed and the patient is more topical, the inverse clause is used”.
- b. Semantic inverse: “If the agent outranks the patient on the relevant generic topic hierarchy (...), the direct-active clause is used. If the relevant norm is reversed and the patient outranks the agent on the relevant hierarchy, the inverse clause is used”. (GIVON, 1994, p.23).

O que está considerado nos parágrafos anteriores, nos permite as interpretações da língua Kaiowá que seguem.

Em (5.2.1.1.1), mencionamos que o Kaiowá codifica (A), junto a verbos transitivos de sentenças independentes, por meio dos prefixos da série I, seguido do morfema {i- ~ h-} marcador de voz direta (256 e 257), quando (A) é, hierarquicamente, mais alto que o argumento interno (O), e quando este é codificado por meio dos clíticos pronominais da série II, seguido do marcador de voz inversa {r-} (258), pois (O) é, hierarquicamente, mais alto que (A).

(256) **marca-se caso nominativo/acusativo e voz direta com { i- ~ h- }**

a) 1 A → 3 O

ore ro- i-nupã i-ʃupe kwera

nós 1^apl(excl)(A)-dir-bater 3^a/rel-Acus pl

‘nós batemos [n]eles’

b) 2 A → 3 O

peẽ pe- h- eʃa i- ʃupe kwera

Vocês 2^apl(A)-dir-ver 3^a/rel-Acus pl

‘vocês vêem eles’

c) 3 A → 3 O

ɲaŋwa o- i-suʔu kunũmĩ-pe

cachorro 3^a.(A)-dir-morder menino-Acus

‘o cachorro mordeu o menino’

(257) marca-se caso ergativo/acusativo e voz direta com { i- ~ h- }

a) 1 A → 2sg O

ʃe ro- h- aŋhu

eu 1^a/2^asg(A/O)-dir-amar

‘eu te amo’

b) 1 A → 2 pl O

ʃe po- i- nupã-ta

eu 1^a/2^apl(A/O)-dir-bater-Fut

‘eu baterei [em] vocês’

(258) marca-se caso ergativo/absolutivo e voz inversa com { r- ~ ø- }

a) 2 A → 1 O

ne-tĩpo ʃe- r- eʃa woŋ

você-inter 1^a.sg(O)-inv-ver mesmo

‘você me viu mesmo?’

b) 3 A → 1 O

haʔe ʃe- r-aŋhu

ele 1^a.sg(O)-inv-amar

‘ele me ama’

c) 3 A → 2 O

haʔe ne- ø- nupã

ele 2^asg(O)- inv-bater

‘ele te bate’

A marcação das funções (A) e (O), junto aos verbos transitivos, opera segundo a hierarquia de pessoa 1>2>3. Observemos, resumidamente, como se dá a codificação destas função em Kaiowá:

Quadro 28: Codificação de (A) e (O)

	A	O	MARCAÇÃO
(a)	1 ^a	2 ^a	<i>Série III (portmanteau)/ i-</i>
(b)	1 ^a	3 ^a	Série I/ i-
(c)	2 ^a	3 ^a	Série I/ i-
(d)	3 ^a	3 ^a	Série I/ i-
(e)	2 ^a	1 ^a	Série II/ r-
(f)	3 ^a	1 ^a	Série II/ r-
(g)	3 ^a	2 ^a	Série II/ r-

Sumariamente, em Kaiowá, a codificação de (A) ocorre quando este é hierarquicamente mais alto que (O), sendo marcado com a série I ou III, seguido do morfema indicador de voz direta { **i-**}, como em (b), (c) e (d). Sendo (O), hierarquicamente, mais alto, marca-se o (O) com a série II, seguido do morfema marcador de voz inversa { **r-**}, como em (e), (f) e (g).

Vale ressaltar que, em (7.3.2), assumimos que os prefixos da série III codificam simultaneamente as funções de (A/O), sendo essas compostas por pessoas do discurso, resultando num alinhamento ergativo/acusativo. E, neste momento, firmamos nossa proposta de que predicados transitivos que codificam pessoa e caso por meio dos prefixos da série III, também, identificam a voz direta por meio de prefixo { **i-**}.

Segundo Payne (1994), quando estão envolvidas duas 3^{as} pessoas (cf. quadro 28(d)), a construção é gramaticalizada como **direta**, sendo marcada invariavelmente com o conjunto 1 e não marcada com o morfema indicador de inverso **r-**. Martins (2003), ao analisar o Mbyá (Guarani), defende que a proposta de sistema inverso, feita por Payne para as línguas Tupi-Guarani, não se sustenta porque “não explica a distribuição do prefixo de 3^a., entendido como um pronome inativo, em construções diretas, já que, segundo ela, o sistema pronominal dividido em ativo/inativo também orienta o sistema direto/inverso.” (MARTINS, 2003, p84).

Contudo, assumimos para o Kaiowá, que quando estão envolvidas duas 3^{as}.pessoas, como em (256c) rerepresentado em (259), o prefixo {o-} marca (A) e o relacional {i-} marca a voz direta e não o pronome inativo codificador de (O), uma vez que, em Kaiowá, o morfema {i-} co-ocorre com os prefixos *portmanteau*, que codifica A e O simultaneamente.

(259) 3 A → 3 O

naŋwa o- i-suʔu kunũmĩ-pe

cachorro 3^a.(A)-dir-morder menino-Acus

‘o cachorro mordeu o menino’

Fazemos referência à Givon que, ao tratar de aspectos relativos à línguas ergativas que exibem contrastes semântico-hierárquico, enfatiza: “When the agente is higher on the relevant topicality hierarchy, the transitive clause is coded as *nominative*. When it is lower, it is coded as *ergative*” (GIVON, 1984, p.167).

De tal modo, apresentamos um quadro resumo, contendo nossa proposta de análise da marcação de caso e voz na morfologia intra-clausal da língua Kaiowá:

Quadro 29. Cisão de caso e inversão semântica em Kaiowá

A	O	Hierarquia	CASO	VOZ
1	- 3	A > O	NOMINATIVO/ACUSATIVO	DIRETA
2	- 3			
3	- 3			
1	- 2	A/O	ERGATIVO/ACUSATIVO	DIRETA
2	- 1	A < O	ERGATIVO/ABSOLUTIVO	INVERSA
3	- 1			
3	- 2			

Considerando o quadro síntese acima, assumimos, para o Kaiowá, que as construções marcadas com a série II/r-, são tidas como construções **inversas**, tendo o morfema {r-} como marcador de voz **inversa** (como propôs Payne), e quanto as construções são marcadas com a série I/i- ou com a série III/i, propomos que sejam

construções **diretas-ativas** (como enfatizou Givon), tendo o morfema { **i-** } como marcador de voz **direta**, resultando em uma língua de **Inversão Semântica**.

8 CONSIDERAÇÕES CONCLUSIVAS

A tese “Aspectos Morfossintáticos da Língua Kaiowá (Guarani)” apresentou um trabalho de descrição e análise da gramática desta língua, sobretudo aqueles envolvendo: i) classes de palavras; ii) morfossintaxe intra-clausal; iii) morfossintaxe da sentença; iv) marcação de caso e inversão semântica e v) alguns aspectos da fonologia relacionados ao processo de nasalização (em apêndice).

Mostramos que a língua conta com as seguintes classes de palavras: o nome, o verbo, o advérbio, o pronome, a posposição e a partícula. Dentre as classes abertas estão o nome, o verbo e o advérbio, as demais classes constituem a classe fechada da língua, que pode conter outras classes de palavras, como interjeição e ideofone, ainda necessitam de novas investigações. O critério utilizado para a definição das classes foram as propriedades estruturais e as propriedades distribucionais a elas associadas.

Foram identificados predicados verbais e não-verbais; os SNs e suas funções gramaticais nucleares e periféricas, co-relacionadas às funções semânticas e pragmáticas.

Buscamos apresentar, ainda, uma análise elementar de sentenças independentes e dependentes da língua em questão. Aspectos morfossintáticos inter-clausais apontaram para a existência de morfemas nominalizadores e de partículas que incidem em orações subordinadas e/ou coordenadas. A estratégia de formação de sentenças completivas ocorre por meio do processo de nominalização do predicado da sentença dependente, com o morfema {-ha}. A estratégia de formação da sentença relativa dá-se por meio da partícula nominalizadora {waʔe}, que em Kaiowá, pode ser acrescida por morfemas indicadores de tempo nominal. As sentenças adverbiais são formadas pelas partículas {ramõ} e {rire}, que ocorrem após predicados de sentenças dependentes, com semântica temporal, causal e condicional.

Inicialmente propusemos uma interpretação da marcação de caso, levando em conta as funções gramaticais nucleares (e periféricas) dos SNs e da morfossintaxe intra-clausal dos predicados. Para isso, enfocamos as propriedades formais mais diretamente ligadas às funções gramaticais dos SNs que são: a marcação de caso; a concordância e a ordem de

constituintes, o que resultou na proposta de análise dos prefixos verbais da série I, como marcadores de caso nominativo, em concordância com SNs em função de (A) e (Sa) e os pronomes clíticos da série II, como codificadores de caso absolutivo em concordância com os SNs em função de (O) e (So). Apresentamos também o morfema sufixal {-pe} que se afixa ao núcleo de SNs em função de (O), codificando o caso acusativo. Ressaltamos que a marcação de caso em Kaiowá, assim como em outras línguas da família Tupi-Guarani, é condicionada pela hierarquia de pessoa $1 > 2 > 3$.

A análise da marcação de caso e suas cisões aponta para dois níveis diferentes de análise: no primeiro, foi considerado a oposição entre predicados bi-argumentais e predicados monoargumentais e, no segundo nível, foram consideradas as estratégias de codificação de caso relativas aos aspectos morfossintáticos intra-clausais do Kaiowá. Além da marcação de caso, analisamos o sistema de inversão semântica, codificado na morfologia verbal transitiva por meio de prefixos relacionais, o qual opera na língua segundo a hierarquia de pessoa $1 > 2 > 3$.

No que se refere à marcação de caso entre predicados bi-argumentais e monoargumentais, assumimos que o Kaiowá, assim como o Kamaiurá (Seki, 2000), é uma língua de Sistema Ativo/Inativo (Cisão Intransitiva, para Dixon (1994)), por marcar (S) no mesmo caminho que (A), com prefixos pessoais da série I, rotulado (Sa) e quando (S) se comporta como (O), sendo marcado com clíticos pronominais da série II, é identificado por (So). Em suma, o Kaiowá marca (Sa) no mesmo caminho que (A) e (So) no mesmo caminho que (O).

Ao considerarmos a outra série de prefixos marcadores de pessoa, os da série III (*portmanteau*) que só ocorrem com verbos transitivos, passamos a propor uma análise das estratégias de codificação de caso num nível intra-clausal (morfológico intra-clausal, para Dixon (1994)). Mostramos que o prefixo relacional { i- }, marcador de voz direta dentre os predicados transitivos, ocorre posposto aos prefixos da série III, em Kaiowá, e propomos que os prefixos dessa série fossem analisados separadamente (de acordo com Seki, 1990).

Desse modo, nos remetemos à nossa proposta de que a série I codifica a marcação nominativa junto à estrutura morfológica verbal transitiva, além da estratégia de concordância com o SN em função de (A), para enfatizar que os marcadores de pessoa

desta série para a 1ª. pessoa do singular é feita pelo prefixo {a-} e para a 1ª. pessoa do plural é feita por meio dos prefixos {ro-} (excl) e {na-} (incl) e não os prefixos da série III, o que inviabiliza a interpretação de caso nominativo para a função de (A) de predicados marcados com os prefixos *portmanteau*. Assim sendo, assumimos que tal função (A) codifique o **caso ergativo**.

Quanto à função de (O) dos prefixos *portmanteau*, mostramos que interpretá-la como marcadora de caso absolutivo não é viável, uma vez que a função de (O) de 2ª. pessoa do singular absolutiva é marcada pelo pronome clítico da série II {ne-} e a 2ª. pessoa do plural pelo clítico {pñe-} e não por prefixos *portmanteau*, que marcam o caso acusativo, num alinhamento – **ergativo/acusativo**. Entretanto, o SN em função de (O) acusativo também é codificado pela marcação morfológica de caso, por meio do morfema causativo {-pe}. Assim sendo, propusemos que o Kaiowá possua duas estratégias diferentes para marcar a função de (O) de caso acusativo, havendo uma cisão, aqui denominada, cisão acusativa entre os predicados transitivos de orações independentes.

Foi sugerido que haja dois tipos de motivação: uma morfossintática e outra de cunho pragmático: i) a motivação morfossintática, que resulta numa cisão acusativa em Kaiowá, é promovida pelo tipo de marcação de (O), se este for marcado na **estrutura morfológica verbal** (de modo similar ao caso absolutivo) identifica-se o caso acusativo, por meio da série III, e se (O) ocorrer **sintaticamente preenchido por um SN marcado com caso morfológico**; ii) a motivação denominada pragmática, leva em conta a **correlação de personalidade** (Benveniste, 1991), que opõe as pessoas *eu/tu* à não-pessoa *ele*, visto que os participantes de 1ª e 2ª pessoas já estão, simplesmente, no ato de fala e são, inerentemente, mais tópico que a 3ª pessoa.

Em síntese, propusemos que a marcação de caso intra-clausal em Kaiowá apresenta cisões: i) **Nominativo/Acusativo** ocorre quando: (A) é hierarquicamente maior que (O), sendo este uma não-pessoa do discurso. As estratégias de codificação usadas para identificar tais casos são: (A) por meio da concordância (nominativa) entre SN e a série I, marcada no predicado transitivo; e (O) por meio da marcação morfológica de caso acusativo no SN. A ordem dos constituintes é livre, quando há marcação de caso acusativo

junto ao SN (O). Sendo a marcação morfológica de caso acusativo opcional, a não marcação de caso no SN força a mudança de estratégia de codificação, passando a configurar a ordem dos constituintes, que preferencialmente é SVO; ii) **Ergativo/Acusativo** ocorre quando: (A) é também hierarquicamente maior que (O), sendo ambos pessoas do discurso. As estratégias de codificação usadas para identificar o caso são: (A) por meio da concordância (ergativa) entre SN e a série III, marcada apenas em predicados transitivos; e (O) pela concordância (acusativa) e pela ordem SOV e, iii) **Ergativo/Absolutivo** ocorre quando: (A) é hierarquicamente menor que (O), sendo este um paciente mais tópico. As estratégias de codificação usadas para identificar tais casos são: (A) por meio da concordância (ergativa) não-marcada, entre SN e a série II; e (O) por meio dos pronomes (série III) afixados na morfologia verbal, bem como pela não ocorrência de um SN (O) pleno, incidindo a ordem SOV.

Por fim, passamos a analisar as ocorrências dos prefixos marcadores da categoria de voz, conforme Payne (1994), e suas co-ocorrências com as prefixos e clíticos pessoais das séries I, II e III junto aos predicados de orações independentes do Kaiowá e concluímos que a codificação de (A) ocorre quando esse é hierarquicamente mais alto que (O), sendo marcado com a série I ou III, seguido do morfema indicador de **voz direta** { i- } e que sendo (O), hierarquicamente, mais alto, codificado por meio da série II, marca-se a **voz inversa**, com o morfema { r- }. Em síntese, assumimos, para o Kaiowá, que as construções marcadas com a série II/r-, são tidas como construções **inversas**, tendo o morfema { r- } como marcador de voz **inversa**, e quanto as construções são marcadas com a série I/i- ou com a série III/i, propusemos que são construções **diretas-ativas** (como propôs Givon, 1994), tendo o morfema { i- } como marcador de voz **direta**, resultando em uma língua de **Inversão Semântica**.

REFERÊNCIAS

- ANDREWS, A. The major functions of the noun phrase. In: Shopen, T., ed. **Language Typology and Syntactic Description**. Vol.I. Cambridge: Cambridge University Press, 1985.
- ANDERSON, S. R. Inflectional morphology. In: Shopen, T. (ed). **Language typology and syntactic description**. Vol. III. Cambridge: Cambridge University Press, 1985.
- BENVENISTE, E. **Problemas de lingüística geral I**. Campinas, SP. Pontes Editora, 1991.
- BORGES, M. V. **Aspectos fonológicos e morfossintáticos da língua Ava-Canoeiro (Tupi-Guarani)**, Tese (Doutorado), Universidade Estadual de Campinas, 2006.
- BORGES, P. H. P. **Ymã, ano mil e quinhentos: relatos e memórias indígenas sobre a conquista**. Campinas: Mercados das Letras; Paraná: Unipar, 2000.
- BOUQUIAUX, L. **Studying and Describing Unwritten language**. Dalas: SIL, 1992.
- BRAND, A. **Quando chegou esses que são nossos contrários: a ocupação espacial e o processo de confinamento dos Kaiowá/Guarani no Mato Grosso do Sul**. In: *Multitemas*. Campo Grande: Ed. UCDB, 1998.
- _____. **O impacto da perda da terra sobre a tradição Kaiowá/Guarani: os difíceis caminhos da palavra**. Porto Alegre. Tese (Doutorado) - PUC/RS, 1997.
- BRASIL. **Despacho FUNAI nº 76**, de 12 de Agosto de 2004. Aprova o relatório circunstanciado de identificação e delimitação da Terra Indígena em que se refere. Diário Oficial da União, Brasília nº __, p.40, 13 de Agosto de 2004. Seção 1.
- BRIDGEMAN, L. I. **A note on stress in Kaiwá**. Arquivo Linguístico nº 225. Brasília-DF: Summer Institute of Linguistic, 1960.
- _____. **Kaiwa (Guarani) phonology**. International Journal of American Linguistics, 27, 1961, p. 329-334.
- _____. (1981). **O parágrafo na fala dos Kaiwá-Guarani**. Brasília-DF: Summer Institute of Linguistics.
- CABRAL, A. S. A. C. **Flexão relacional na Família Tupi-Guarani**. In: Boletim da Associação Brasileira de Lingüística, ed. 25, Fortaleza, 2001a, p. 233-284.

_____. O desenvolvimento da marca de objeto de segunda pessoa plural em Tupí-Guaraní. In: **Estudos sobre Línguas Indígenas**, e d. by A.S. Cabral & A.D. Rodrigues. Belém: Universidade Federal do Pará, 2001b.

_____. Prefixos Relacionais no Asurini do Tocantins. In: **MOARA** n. 8. Revista dos Cursos de Pós-Graduação em Letras da UFPA. Belém, 1997, p. 07-24.

CANDIDO, G. V. **Descrição morfossintática da língua Shanenawa**. Tese (Doutorado), Universidade Estadual de Campinas, 2004.

CARDOSO, V. F. **Um estudo de categorias sintagmáticas da língua Kaiowá/Guarani**. Dissertação (Mestre), Centro Universitário de Três Lagoas, UFMS, Três Lagoas –MS, p. 115, 2001.

_____. Categorias sintagmáticas lexicais da língua Kaiowá/Guarani. In: Baronas, R. L. **Identidade Cultura e Linguagem**. Cáceres, MT: Unemat Editora; Campinas, SP: Pontes Editores, 2005a.

_____. Estudo Preliminar da Morfossintaxe verbal da língua Kaiowá/Guarani. In: **Grupos de Estudos Lingüísticos (GEL)**-, 2005b (<http://gel.org.br/4publica-estudos-2005/4publica-estudos-2005-pdfs/estudo-preliminar-da-morfossintaxe-1216.pdf>)

_____. Sistematização da Fonologia Kaiowá: nasalização e/ou oralização. In: **Caderno de Qualificações**. IEL – UNICAMP. (aceito para publicação em 06/11/2007).

CHOMSKY, N. **Knowledge of language: Its nature, origin and use**. Praeger, New York, 1986.

COMRIE, B. **Language universals & linguistic typology**. Chicago: Chicago University Press, 1989.

COMRIE, B & SMITH, N. Lingua descriptive series: questionnaire. **Lingua** 42, 1977, p. 42-72.

COSTA, C. P. G. **Nhandewa Aywu**. Dissertação de mestrado- Universidade Estadual de Campinas, SP, 2003a.

_____. Fonologia do Nhandewa-Guarani Paulista-Paranaense. **Revista Liames 3**: Editora da Unicamp, 2003b.

CROFT, W. **Syntactic categories and grammatical relations**. Chicago: Chicago University Press, 1991.

DIXON, R. M. W. Ergativity.in: **Language**. 55. 1979, p. 37-138.

_____. **Ergativity**. Cambridge: Cambridge University Press, 1994.

_____. **Adjective classes**. Austrália: Research Centre for Linguistic Typology/La Trobe University, 2002 (<http://www.latrobe.edu.au/rclt/workshops/2002>).

DOOLEY, R. A. Options in the pragmatic structuring of guarani sentences. **Arquivo Lingüístico**: CEDAE-UNICAMP, SIL, 1982a.

_____. **Vocabulário do Guarani: vocabulário básico do Guarani contemporâneo** (dialeto Mbüá do Brasil). Brasília, DF. SIL, 1982b.

_____. A double-verb construction in Mbyá Guarani. In: **Working Papers of the SIL**. vol. 197. Dakota: Dooley & Quakenbush, 1991a.

_____. Apontamentos Preliminares sobre Ñandéva Guarani Contemporâneo. **Arquivo Lingüístico nº 197**. Brasília, D.F. SIL, 1991b.

_____. **Semantic Roles and Syntactic Functions: The Semantic Basic for a Tylogoly**. In: *CLS* 35, pp.323-341. University of Chicago. 1999.

DOURADO, L. G. **Aspectos Morfossintáticos da Língua Panará (Jê)**. Tese (Doutorado), Universidade Estadual de Campinas, 2001.

DRYER, M. S. On the six-way word order typology. **Studies in language** 21 (1), 1997, p. 69-103.

FAUSTO, C. *Se Deus fosse jaguar: canibalismo e cristianismo entre os Guarani (séculos XVI-XX)*. **Mana**, 2005, vol.11, n. 2.

GARCIA, W. G., (org). **Nhande Rembypy: Nossas origens**. São Paulo: Editora Unesp, 2003.

_____. **Kayova Médico Renonde-pe** - Termos Médicos Kayová (Kayová-Português; Português-Kayova); Frases e expressões mais utilizadas para o exame médico (Português-Kayová; Kayová-Português), 2000 (manuscrito).

GILDEA, S. Semantic and pragmatic inverse: 'Inverse alignment' and 'Inverse voice' in Carib og Surinam. In: **Voice and Inversion**. Amsterdam: Jonh Benjamins, 1994.

GIVÓN, T. **Syntax: a functional-typological introduction**. Vol. I. Amsterdam/Philadelphia, 1984.

_____. **Syntax: a functional-typological introduction**. Vol. II. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins, 1990.

_____. **Voice and inversion**. Amsterdam: John Benjamins, 1994.

GONSALVES, et. al. **Upéicha rohai: ore kuation ñe'ê peteicha**. Dourados-Campo Grande, CIMI e SEE, 1993.

GRANNIER, D. **Aspectos da Morfossintaxe do Guarani Antigo**. Maceió: UFAL. Tese de Doutorado, 2002

GRANNIER-RODRIGUES, D. **Fonologia do Guarani Antigo**. Campinas: Ed. UNICAMP, 1990.

GREENBERG, J. H. Some universals of grammar with particular reference to the order of meaningful elements. In: J. H. Greenberg, ed. **Universals of Language**. Cambridge, Mass.: MIT Press, 1966, p. 73-113.

GRESSLER, L. A. **Aspectos históricos do povoamento e da colonização do Estado de Mato Grosso do Sul : destaque especial ao município de Dourados**. Dourados: CIP, 1988.

GUASCH, A. S. J. **El idioma Guarani: gramática y antología de prosa y verso**. Assunción: CEPAG, 1996.

GUASCH, A. S. J. & ORTIZ, D. S. J. **Diccionario castellano-guarani guarani-castellano: sintáctico-fraseológico-ideológico**. Assunción: Litocolor, 1991.

GUEDES, M. **Subsídios para uma análise fonológica do Mbyá**. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 1991.

HARRISON, C. H. Verb prominence, verb initialness, ergativity and typological disharmony in Guajajara. In: Derbyshire and Pullum (eds). **Handbook of Amazonian language**. V. 1. Berlin: Mouton de Gruyter, 1986.

HARRISON, C. H. e J. M. TAYLOR. **Nasalization in Kaiwá**. In: D. Bendor-Samuel (ed.) *Tupi Studies 1*, University of Oklahoma, Norman, 1971, p. 15-20.

_____. **Kaiwá phonemes and syllable structure**. Summer Institute of Linguistics, 1958.

HAWKINS, J. A. Cross-category Harmony, X-bar and the predictions of markedness. In: **Journal of Linguistics**, nº18, 1982, p. 1-35.

ISA - INSTITUTO SOCIOAMBIENTAL. **Povos Indígenas no Brasil, 1996-2000**. São Paulo: ISA, 2000.

JENSEN, C. Comparative Study: Tupí-Guaraní. In: D. Derbyshire & G. K. Pullum (orgs). **Handbook of Amazonian Languages**. Vol. 4, Berlin: Mouton de Gruyter, 1998.

JOSE FILHO, A. **A performatividade na linguagem da resistência kaiowá/guarani**. Tese (doutorado), Universidade Estadual de Campinas, 2005.

KEENAN, E. L. Relative clauses. In: Shopen, T. **Language typology and syntactic description**. Vol II. Cambridge: Cambridge University Press, 1985.

KIBRIK, A. E. **The Methodology of Field Investigations in Linguistic** (Setting up the Problem). Mouton. The Hague, Paris, 1977.

KLIMOV, G. A. On the character of language of active typology. **Linguistics**. 131, 1974, pp.11-25.

_____. The methodology of field investigation. **Linguistics**. Paris: Mouton, 1977.

LEHMANN, W. P. The great underlying ground-plans. In: LEHMANN (org) **Syntactic Typology: Studies in the Phenomenology of Language**. Texas, 1983, p.3-55.

MARTINS, M. F. **Descrição e análise de aspectos da gramática do Guarani Mbyá**. Campinas, Tese de Doutorado – UNICAMP, 2003.

_____. **Incorporação Nominal no Guarani Mbyá**. Dissertação (Mestre). Universidade Federal de Santa Catarina-SC, 1996.

MELATTI, J. C. **Índios do Brasil**. São Paulo: Hucitec, 1983.

MELIÁ, B. **La lengua Guaraní del Paraguay**. Madrid: Editorial Mapfre, 1992.

_____. **El Guaraní a su alcance**. Asuncion, Ediciones Loyola; 1981.

_____. **Educação Indígena e Alfabetização**. São Paulo, Loyola; 1979.

MITHUM, M (1991). Active/agentive case marking and its motivation. **Language** 67, 1991, p. 510-546.

MORI, A.H. C. **Fonologia e gramática do Aguaruna (Jívaro)**. Tese (Doutorado), Universidade Estadual de Campinas, 1994

- _____. Característica morfosintáticas del Aguaruna. **Caderno de Estudos Lingüísticos**, Campinas, nº 34, 1998, p.157-168.
- NOONAN, M. Complementation. In: Shopen, T. **Language typology and syntactic description**. Vol II. Cambridge: Cambridge University Press, 1985.
- ORTIZ, D. **Hablemos el guarani**. Vol. 1-3, Assunción, CEPAG, 1994.
- PACHÊCO, F. B. **Morfossintaxe do verbo Ikpeng (Karib)**. Tese (Doutorado), Universidade Estadual de Campinas, 2001
- PALMER, F. R. **Grammatical roles and relations**. Cambridge University Press, 1994.
- PAYNE, D. The Tupi-Guaraní Inverse. In: Bárbara Fox and Paul J. Hopper. (eds.) **Voice: Form and Function**. Amsterdam and Philadelphia, John Benjamins. 1994, p 131-40.
- PAYNE, T. **Describing morphosyntax: a guide for field linguistics**. Cambridge: Cambridge University Press, 1997.
- _____. Complex phrases and complex sentences. In: Shopen, T. **Language typology and syntactic description**. Vol II. Cambridge: Cambridge University Press, 1985.
- PERALTA, et. al. **Tesai ome'ê vy'a: saúde dá alegria**. Campo Grande: UCDB - Fundação Nacional de Saúde, 1998.
- PEREIRA, A. A. **Aspectos morfológicos da língua Asurini do Xingu**. Dissertação (Mestre). Universidade Federal do Pará, Belém, 2004.
- PEREIRA, L. M. **Parentesco e organização social Kaiowá**. Campinas. Dissertação (Mestrado) – UNICAMP, 1999.
- RODRIGUES, A. D. **Línguas brasileiras: para o conhecimento das línguas indígenas**. São Paulo: Loyola, 1994.
- _____. **Nasalização e fronteira de palavra em Maxakalí**. (manuscrito), 1980.
- _____. **Relações internas na família lingüística Tupí-Guaraní**. Revista de Antropologia. São Paulo, nº 27/28, 1984/5a.
- _____. **Flexão relacional no tronco lingüístico Macro-Jê** in: Boletim da Associação Brasileira de Lingüística, 25, 2000, p. 219-231.

_____. Sobre a natureza do caso argumentativo. In: Queixalós, F (ed.). **Des noms te des verbes em Tupi-Guarani: état de la question**. Muechen: Lincon Europa, Lincon, Studies in Native American Linguistics 37, 2001, p. 103-114.

_____. Argumento e predicado em Tupinambá. In: **Boletim da ABRALIN** n. 1996, p. 57-66.

_____. You and I = neither you nor I: the personal system of Tupinambá (Tupi-Guarani). In: Payne, D. (ed). **Amazonian Linguistics. Studies in Lowland American Languages**. Austin, 1990, p. 393-406.

SAMARIN, W. J.(1967), **Field linguistics: A Guide to Linguistic Field Work**, Hold, Rinechart and Winston. New York.

SANDALO, F. **A Grammar of Kadiweu – with special reference to the polysynthesis parameter**. MIT Occasional papers in linguistics, number 11, 1997.

_____. Syntactic ergativity and person hierarchy in Kadiwéu. **Revista da Abralín** vol. 3, n. 1 e 2, 2004, p. 177-194.

SANTOS, M. G. **Gramática do Wapixana (Aruák): aspectos da fonologia, da morfologia e da sintaxe**. Tese (Doutorado), Universidade Estadual de Campinas, 2006.

SCHACHTER, P. Parts-of-speech systems. In: Shopen, T. (ed). **Language typology and syntactic description**. Grammatical categories and the lexicon. Cambridge: Cambridge University Press, Vol I, 1985, p. 150-201.

SCHADEN, E. **Aspectos fundamentais da cultura guarani**. São Paulo: Edusp, 1974.

SEKI, L. **Gramática do Kamaiurá: língua Tupi-Guarani do Alto Xingu**. Campinas/São Paulo: Editora da UNICAMP/Imprensa Oficial, 2000.

_____. **Para uma Tipologia Ativa do Kamaiurá**. Cadernos lingüísticos 12. UNICAMP, 1987, p. 15-24.

_____. Kamaiurá (Tupi-Guarani) as na active-stative language. In: Payne, D. **Amazonian Linguistics: Studies in Lowland South American Languages**. Austin: University of Texas Press, 1990, p. 367-92.

_____. **Línguas da América do Sul: Histórico e Perspectivas** – coord. Comissão de Lingüística Ameríndia I e II, 2003.

SHOPEN, T. **Language Typology and Syntactic Description**. Vol I, II, III. Cambridge: Cambridge University Press, 1985

SILVA, R. G. P. **Estudo Fonológico da Língua Satere-Mawe**. Dissertação (Mestre), Universidade Estadual de Campinas, 2005.

SOUZA, I. **Koenukunoe emo'ú: A língua dos Kinikinau**. Tese (Doutorado), Universidade Estadual de Campinas, 2008.

STOWELL, T. Subjects, specifics and X-bar theory. In: M.R. Batin & A. S. Kroch (eds.) **Alternative conceptions of phrase structure**. Chicago: The University of Chicago Press, 1989.

SUÁREZ, J & GREGORES, E. **A description of colloquial guarani**. Paris: Mouton & CO, 1967.

TAYLOR, J. M. **Marcação temporal na língua kaiwá**. In: R. A. Dooley (ed.), Estudos sobre línguas tupí do Brasil, 37-121. Série Lingüística, 11. Brasília: Summer Institute of Linguistics, 1984a.

_____. **A interrogação na língua kaiwá**. In R. A. Dooley (ed.), Estudos sobre línguas tupí do Brasil, 123-56. Série Lingüística, 11. Brasília: Summer Institute of Linguistics, 1984b.

_____. **O papel das aves na cosmovisão do povo indígena Kaiwá**. Brasília-DF, (manuscrito), 1997, p. 7

TAYLOR, J. & TAYLOR, A. Statement of Kaiwá grammar from clause to morpheme level. **Arquivo Lingüístico 44**: Dourados, MS. SIL, 1966a, p. 1-30.

_____. Nove contos contados pelos kaiwás e guaranis. In: **Revista de Antropologia 14**, 1966b, p. 81-104.

TEODORO, A. J. Investigação, caracterização e avaliação da situação ambiental do entorno da Reserva Indígena de Caarapó-MS – estudo preliminar. In: **Multitemas**, Campo Grande-MS, n. 12, 1998.

THOMPSON, S. A. Adverbial clauses. In: Shopen, T. **Language typology and syntactic description**. Vol II. Cambridge: Cambridge University Press, 1985.

VELAZQUEZ-CASTILLO, M. **The Grammar of possession: inalienability, incorporation, and ascension in Guaraní**. Amsterdam/Philadelphia. John Benjamins, 1996.

_____. Grammatical relations in active systems: the case of Guaraní. In: McGregor, Willian B. (ed.) **The interaction of Data, Description and Theory in Linguistic: Functional perspective**. vol. Iv. Jonh Benjamins, 2003.

VIETTA, K. Programa Kaiowá/Guarani: algumas reflexões sobre a antropologia e práticas indígenas. In: **Multitemas**. Campo Grande- MS, n.4, 1997.

_____. “Não tem quem orienta, a pessoa sozinha é que nem uma folha que vai com o vento”: Análise sobre alguns impasses presentes entre os Kaiowá/Guarani. In: **Multitemas**. Campo Grande – MS, n. 12, 1998.

VIETTA, K. & BRAND, A. Programa Kaiowá/guarani: a pesquisa científica a serviço da comunidade. In: **Multitemas**. Campo Grande – MS, n. 12, 1998.

APÊNDICE

SISTEMATIZAÇÃO DA FONOLOGIA KAIOWÁ: nasalização e/ou oralização¹

Valéria Faria CARDOSO
(Unemat/ PG-Unicamp)

RESUMO *O presente estudo propõe uma sistematização da Fonologia Kaiowá (Guarani) a partir da interpretação e análise do fenômeno de nasalização. Dentre diferentes abordagens teóricas e modelos de análises que apresentamos, pautamo-nos em Storto (1999) ao considerarmos que o processo da nasalização em Kaiowá se dá por meio de espalhamento do traço [+ nasal] à esquerda e o processo de oralização, por meio de espalhamento do traço [- nasal] à direita e que se ambos processos incidirem em uma mesma palavra, tais processos são interpretados segundo o critério de ordenação de regras.*

ABSTRACT *This study has a goal to show a systematization of Kaiowá (Guarani) Phonology from the interpretation and analysis of the nasalization phenomenon. Among different theoretical approaches and different analysis models that we have presented in the paper; Storto's theory (1999) helped us to consider that the Kaiowá nasalization process happens through out the trace spreading [+ nasal] to the left and the oralization process through out the trace spreading [- nasal] to the right. We also can say that if the both process had occurred in the same word, both of them must be analyzed according to the rules ordenation criterions.*

PALAVRAS-CHAVE

fonologia, nasalização, língua indígena, Kaiowá Guarani.

KEYWORDS

phonology, nasalization, indigenous language, Guarani Kaiowá.

INTRODUÇÃO

O presente trabalho é um estudo sobre a fonologia do dialeto Kaiowá (Guarani), falado por comunidades indígenas de Mato Grosso do Sul. Buscamos, através da interpretação e análise do fenômeno de nasalização, propor a sistematização fonológica deste dialeto Guarani.

¹ Texto resultante da Qualificação na área de Fonologia apresentado ao Curso de Doutorado em Linguística do Instituto de Estudos da Linguagem, da Unicamp, em novembro de 2007, sob a orientação da Prof^ª. Dr^ª. Maria Bernadete Marques Abaurre.

Para tanto, levamos em conta o modelo de análise proposto por Storto (1999), no qual, os processos de nasalidade e de oralidade estão associados ao traço binário [± nasal], característico dos segmentos vocálicos [- consonantal].

De tal modo, defendemos que o funcionamento do sistema fonológico consonantal dá-se, principalmente, na oposição **obstruintes orais** vs. **sonorantes nasais** e que os fonemas contínuos opõem-se aos demais por possuírem o **traço [+ contínuo]**. Quanto ao inventário fonológico vocálico, apresentamos seis vogais que possuem traços [+ nasal], em oposição às respectivas vogais com traços [- nasal]. Do qual resulta a principal oposição vocálica **oral** vs. **nasal**.

1. CONSIDERAÇÕES INICIAIS

Nossa pesquisa lingüística sobre o Kaiowá², dialeto Guarani, vem sendo realizada junto às comunidades indígenas Jaguapiru e Bororó, ambas aldeias circunvizinhas ao município de Dourados. O povo Kaiowá vive em 22 comunidades indígenas na Região da Grande Dourados, Estado de Mato Grosso do Sul (Brasil). Segundo informações prestadas pela FUNAI (2007)³, a população Kaiowá no Brasil gira em torno de 20.000 indivíduos.

Atualmente, as comunidades indígenas da região da Grande Dourados, em suas escolas de ensino bilíngüe, utilizam a Convenção Ortográfica Guarani adotada pelo Ministério de Educação do Paraguai (oficializada neste país na década de 50), além de tomarem gramáticas oriundas desta língua⁴ como modelo no processo ensino aprendizagem, o que evidencia a necessidade de se consolidar um estudo sistemático do dialeto Kaiowá que busque fundamentar a preservação da identidade cultural deste povo.

² Rodrigues (1986:36-38) classifica Kaiowá, Ñandeva e Mbyá como dialetos da língua Guarani, pertencentes ao subgrupo I da família Tupi-Guarani, juntamente com as línguas Xetá, Guarani Antigo, Guarani do Paraguai, Guayabí, Tapieté, Chiriguano e Izoceño.

³ Informação sobre a população indígena Kaiowá (Guarani) deu-se por e-mail: indios@funai.gov.br

⁴ Citamos algumas destas Gramáticas do Guarani do Paraguai: Guasch (1996); Ortiz (1994) e Guasch & Ortiz (1991).

Os estudos lingüísticos sobre o Kaiowá, de modo geral, são poucos. Os principais materiais existentes foram escritos por membros do SIL (Summer Institute of Linguistics). Da literatura que aborda os aspectos fonético-fonológicos do Kaiowá, citaremos: Bridgeman (1960, 1961 e 1981) e Harrison & Taylor (1971).

Bridgeman escreveu os artigos intitulados: “*Kaiwá (Guarani) phonology*” (1961) e “*A Note on Sress in Kaiwá*” (1960). Naquele, a autora trata de vários aspectos da estrutura fonológica, tais como: os fonemas com atestação, descrição, especificação inter-fonêmica, aspectos da prosódia, fatores paralingüísticos, acento, ritmo, entre outros; neste, Bridgeman discute a tensão entre *acento “lexical”* e *acento “sentencial”* de discursos (textos) em Kaiowá.

No artigo “*Nasalization in Kaiwá*” (1971), Harrison & Taylor, fazem referência ao processo de *retrocesso de nasalização* em Kaiowá, isto é, às vogais orais que antecedem uma vogal nasal tônica se nasalizam. Para estes autores, nasalidade é tida um traço pertencente aos morfemas, tidos como unidades super-segmentais. Citemo-los:

A hypothesis which attributes intrinsic nasality to certain whole morphemes in the language turns out to be the most fruitful, although certain other qualification must be added in order to develop a truly comprehensive descriptive system for nasalization in Kaiwá. (HARRISON & TAYLOR, op. cit., p. 16).

Ressaltamos que a descrição proposta por Bridgeman (1961) sobre o sistema fonológico do Kaiowá terá um tratamento mais arraigado, no presente trabalho. (cf. tópico (3)).

O fenômeno de nasalização em Guarani tem provocado muita discussão entre fonólogos e foneticistas. Portanto, buscamos abordar diferentes interpretações para o tema, derivadas de distintas abordagens teóricas. Para tanto, tomamos os trabalhos de Barrat (1980), Goldsmith (1976), Piggott (1992 e 1996); Kiparsky (1985) e Storto (1999). Todos tratam do fenômeno de nasalização em Guarani, exceto Storto, que trabalha com o Karitiana, outra língua ameríndia, também do Troco Tupi.

Se o fenômeno da nasalidade tem provocado tantas discussões, o nosso objetivo é fomentar esse debate, ou seja, propomos uma outra sistematização fonológica⁵ para o Kaiowá, esta pautada na análise deste fenômeno de nasalização, e que difere da proposta de Bridgeman (1961).

2. INVENTÁRIO FONOLÓGICO

2.1 Vogais

O Kaiowá tem um sistema de seis vogais que podem ser orais ou nasais (cf. quadro 1):

Quadro 1. Vogais

VOGAIS ORAIS				VOGAIS NASAIS			
	Anterior	Central	Posterior		Anterior	Central	Posterior
Fechada	i	ɨ	u	Fechada	ĩ	ɨ̃	ũ
Aberta	e	a	o	Aberta	ẽ	ã	õ

2.2 Consoantes

O sistema fonológico consonantal do dialeto em questão é constituído de quinze fonemas, sendo: cinco obstruíntes, cinco sonorantes e outros cinco fonemas contínuos. Apresentamos o lugar de articulação de cada fonema no quadro (2) abaixo:

⁵ Ressaltamos que este estudo vale-se de dados do Kaiowá, recentemente, coletados em pesquisa lingüística de campo.

Quadro 2. Consoantes

	Bilabial	Alveolar	Palato-alveolar	Palatal	Velar	Lábio-velar	Glotal
Obstruínte	p	t			k	kw	ʔ
Sonorante	m	n		ɲ	ŋ	ŋw	
Contínuo	w	s r	ʃ				h

Ressaltamos que o presente trabalho não visa diferenciar todos os segmentos fonológicos mediante uma série de traços distintivos. Contudo, o emprego desses, auxilia-nos, principalmente, na interpretação do processo de nasalização. Assim, associamos os traços [+ - nasal] e [+ - contínuo] para descrevemos: i) as consoantes obstruíntes por [- contínuo] e [- nasal]; ii) as consoantes sonorantes por [- contínuo] e [+ nasal] e iii) as contínuas por [+ contínuo] e [- nasal]. Quanto ao processo de nasalização entre as vogais, assumimos a princípio que há traços [± nasal].

3. DUAS PROPOSTAS DE SISTEMATIZAÇÃO FONOLÓGICA PARA O KAIOWÁ

A partir da sistematização fonológica das consoantes e vogais do Kaiowá proposta por Bridgeman (1961 e 1981⁶), apresentamos os quadros (3 e 4) abaixo:

Quadro 3 – Fonemas Vocálicos - por Bridgeman

	Anterior <i>oral</i>	Central <i>Oral</i>	Posterior <i>oral</i>
Alta	i	ɨ	u
Média	e		o
Baixa		a	

⁶ Citamos o trabalho de Bridgeman (1981) porque é nele que a autora acrescenta o fonema labializado velar [kw] ao sistema fonológico consonantal do Kaiowá.

Quadro 4 – Fonemas Consonantais - por Bridgeman

	Bilabial	Lábio-dental	Alveolar	Pós-Alveolar	Velar	Lábio-velar	Uvular	Glotal
Oclusiva	p b		t d		k g	kw	q	ʔ
Flap			ɾ					
Fricativa		v	s	ʃ j				h

Ao compararmos a nossa proposta de sistematização de fonemas consonantais (quadro (2)) e vocálicos (quadro (1)) para Kaiowá à proposta feita por Bridgeman, podemos observar que o afastamento existente entre ambas as propostas incide, basicamente, no que diz respeito à interpretação do fenômeno de nasalização no Kaiowá.

Se se observarem os quadros (1) e (3), nota-se que, no quadro (1), a nasalidade está associada às vogais, subjacentemente, nasais e que, no quadro (3), a nasalidade não está descrita, ou mais especificamente, os fonemas vocálicos não exibem o traço nasal.

No que se refere, especificamente, ao sistema consonantal do Kaiowá, Bridgeman (1961) propõe duas séries de oclusivas (cf. quadro (4)):

- i. a primeira composta de segmentos desvozeados: / p /, / t /, / q /, / k /, / kw / e / ʔ /;
- ii. a segunda: / b /, / d /, / g / é composta de segmentos vozeados que têm como alofones os respectivos segmentos: [mb] e [m], [nd] e [n], [ŋg] e [g];

em (i.), podemos observar que a referida autora inclui o segmento uvular / q /, como representante do segmento lábio-velar [gw]. Entretanto, tal interpretação nos parece injustificável pelo fato de o segmento [gw] ser um segmento vozeado e segmento / q / ser desvozeado, além do mais, não encontramos nenhum vestígio fonético de um segmento de natureza uvular, pelo menos nos dados que coletamos em pesquisa de campo;

em (ii.), a autora interpreta como representantes dos alofones nasais e pré-nasalizados, os fonemas oclusivos, mesmo sem faz menção à ocorrência, ao menos, fonética de segmentos destes segmentos oclusivos. Para ilustrar, citamos a definição da autora:

Bilabial, alveolar and velar complex stops are pre-nasalized. The first two have nasal continuant allophones at the same points of articulation. Continuant allophone of nasalization and preceding the occurrence of a pre-nasalized allophone within the same word: (BRIDGEMAN, 1961, p.331).

Os fonemas contínuos / w /, / s /, / r /, / ʃ / e / h /, aqui propostos, são representados por Bridgeman como fonemas fricativos / v /, / s /, / ʃ / e / h /. A autora inclui a esta série, o fonema / j / como sendo o fonema dos seguintes alofones: [dʒ] ~ [dy], [ɲ] e [j]. Considerando os nossos dados, ressaltamos que não foi possível identificarmos a variante fonética de [dʒ], o segmento [dy]. Também, esclarecemos que o fonema / ɲ /, por nós selecionado para representar os alofones [dʒ], [ɲ], [j] e [j̃], é sonorante e nasal.

Bridgeman elucida que as sílabas do Kaiowá são de dois tipos: (C)V e V. Entretanto, em nossa análise, sugerimos a existência de codas silábicas compostas por glides. Assumimos, aqui, que os fonemas / w / e / ɲ /, além de ocorrerem em onset silábico, através dos segmentos [v] e [dʒ e ɲ], ocorrem também em coda e, geralmente, em posição final de morfema ou palavra, como [w] e [j e j̃]. De tal modo, propomos os seguintes tipos silábicos (C)V(G) e V(G) para o Kaiowá.

Por fim, citamos a definição de *fonema de nasalização*, segundo Bridgeman (1961, p.333) “The phoneme of nasalization occurs with the grammatical word. (...) Nasalization is most prominent on the stressed syllable and freely fluctuates with the lack of nasalization on the vowel of weak stressed syllables.”

A motivação que nos leva a rejeitar o fenômeno de nasalização em Kaiowá como resultante de um fonema prosódico é, *a princípio*, a importante redundância manifesta na ocorrência de somente fonemas orais, junto ao inventário fonológico sistematizado pela referida autora, onde as vogais são todas orais: / a /, / e /, / i /, / ɨ /, / o / e / u / e as consoantes opõe-se em oclusivas vozeadas: / b /, / d /, / g / e / q / verso oclusivas

desvozeadas: / p /, / t /, / k /, / kw / e / ʔ /. Em seguida, rejeitamos a análise da nasalidade como resultante de um fonema prosódico, tendo em vista, que Bridgeman não especifica o contexto em que a tonicidade manifesta ou não manifesta a nasalidade em Kaiowá.

Assim, a sistematização fonológica associada à interpretação da nasalidade em Kaiowá, entendida, por Bridgeman, como sendo resultado de um fonema prosódico (i.é, derivada de *vogais nasais tônicas*), é diferentemente entendida em nossa proposta de sistematização fonológica, pois, optamos por identificar a nasalidade em questão, como sendo resultante de espalhamento que se dá por intermédio de traços [± nasal] associados aos segmentos vocálicos.

4. DESCRIÇÃO DO FENÔMENO DA NASALIZAÇÃO ENTRE OS DIALETOS GUARANI

Levando em conta as diferentes descrições do fenômeno de nasalização do Kaiowá, principalmente, no que se refere à escolha dos fonemas que representam os alofones nasais vozeados, buscamos neste tópico, apresentar sumariamente as diferentes análises feitas para os outros dois dialetos Guarani: o Mbyá, por Guedes (1991) e por Martins (2003) e o Nhandewa, por Costa (2003 a-b).

Para o Mbyá, os fones [b], [d] e [g] ocorrem exclusivamente após [m], [n] e [ŋ], constituindo segmentos unitários [mb], [nd] e [ŋg], que estão em distribuição complementar com [m], [n] e [ŋ]. Estes são considerados, por Guedes (1991), bem como Martins (2003), como fonemas nasais homorgânicos / m /, / n / e / ŋ / que se opõe aos fonemas / p /, / t / e / k /. Quanto aos alofones [g̃], [ŋ̃], [ŋg̃], Guedes os representa por meio do fonema / ŋ^w / e os alofones [ɲ̃], [ñ̃] e [ɺ̃] pelo fonema / n^y /.

Para o dialeto Nhandewa, Costa (2003b) identifica como fonemas as consoantes pré-nasalizadas / mb / e / nd /. Deste modo, os fones [m] e [n] são tidos como realizações dos fonemas / mb / e / nd / em ambiente nasal. A autora explica que “A eleição de / mb / e

/ nd / - e não de [m] e [n] – como fonemas é mais produtiva para nossa análise, por derivar realizações [m] e [n] de / mb / e / nd / , por espalhamento de nasal.” (COSTA, op. cit, p.88).

Costa (2003a) interpreta para o Nhandewa o segmento / j / como fonema do grupo [dʒ], [ɲ] e [j] e analisa o fone [gw] como variante do fonema aproximante / w / e o fone [ŋgw] como realização fonética do fonema / kw /. A autora também considera a oposição oral vs. nasal entre as vogais do Nhandewa como sendo subjacente e fundamental.

Quadro 5. Fonemas Consonantais - representantes dos alofones “nasais vozeados”

Kaiwá -por Bridgeman	b	d	j	g	kw
Mbyá - por Guedes e Martins	m	n	n^y	ŋ	ŋ^w
Nhandewa - por Costa	mb	nd	j	w	kw

Guedes (1991), de modo análogo a Bridgeman, considera que a nasalidade do Mbyá está fortemente ligada ao acento de intensidade e, por isso, só é distintiva em sílaba acentuada. Assim, a autora propõe que a nasalidade do Mbyá seja decorrente da nasalidade do acento e que a propriedade [+ - nasal] seja atribuída unicamente ao acento e não a cada uma das vogais. Deste modo, a fonte de nasalidade do dialeto Mbyá decorre de um elemento supra-segmental: o acento tônico. A sílaba tônica espalha nasalidade à esquerda para as sílabas não acentuadas. Segundo Guedes (1991, p. 23) “aparentemente, o véu palatino apresenta menor baixamento nas sílabas mais distantes da acentuada e maior baixamento nesta.”

Para o Nhandewa, Costa assume as vogais nasais e os segmentos pré-nasalizados como fontes de nasalidade. O espalhamento nasal proveniente das consoantes pré-nasalizadas se direciona à esquerda e o proveniente das vogais nasais se espalha nas duas direções. Os alvos do espalhamento nasal são as vogais não acentuadas e outras soantes. As

oclusivas surdas, como no Guarani, são transparentes ao espalhamento nasal, não havendo segmentos opacos a este espalhamento, que tem como domínio o *grupo de acento*. (cf. Costa, 2003a, p. 85).

Considerando a descrição do sistema fonológico aqui proposto para o Kaiowá (cf. na seção anterior), apresentamos abaixo um quadro que sumariza as realizações alofônicas das consoantes nasais.

Quadro 6. Alofones das Consoantes Nasais

Kaiowá	/ m /	/ n /	/ ɲ /	/ ɲ /	/ ɲw /
[- nasal]	[mb] [b]	[nd] [d]	[dʒ] [j]	[ɲg] [g]	[ɲgw] [gw]
[+ nasal]	[m]	[n]	[ɲ] [ŋ]	[ɲ]	[ɲw] [w̃]

A presente proposta de sistematização fonológica do Kaiowá toma como consoantes derivadas dos “alofones nasais vozeados”, os fonemas *sonorantes nasais* - de modo análogo à escolha feita por Guedes, para o Mbyá – e não as oclusivas orais como fez Bridgeman e, nem mesmo, as pré-nasalizadas como fez Costa para o dialeto Nhandewa. Entretanto, a interpretação da nasalidade do Kaiowá e do Mbyá difere, principalmente, no que respeita a fonte de espalhamento e o tipo de espalhamento.

Nossa interpretação da nasalidade do dialeto Kaiowá traz como proposição a existência de dois tipos de espalhamentos: um oral e outro nasal, ambos provenientes de vogais acentuadas ou não.

Deste modo, passemos a considerar diferentes abordagens teóricas que expõe sobre o processo fonológico de nasalização, com intuito de encontrarmos uma modelagem que nos possibilite melhor interpretar os fatos lingüísticos do Kaiowá.

5. NASALIDADE: DIFERENTES ABORDAGENS TEÓRICAS

Analisando o fenômeno de nasalização no corpo de dados que coletamos junto aos Kaiowá do Mato Grosso do Sul, objetivamos, neste tópico, verificar em que medida são aplicáveis algumas das sugestões feitas por diferentes autores que trabalha(ra)m com esta

questão, observando se elas se mostram suficientes também para a interpretação dos fatos encontrados neste dialeto.

Tem-se conhecimento de um rol de interpretações teóricas para a nasalidade no Guarani, com as mais diversas abordagens. O estudo de Alberto Rivas (1974); a análise de Gregores e Suárez (1967); o trabalho de Barratt (1980); o de Goldsmith (1976), de Dooley (1984); de Kiparsky (1985), os de Piggott (1992 e 1996), entre outros.

Neste estudo, trataremos de alguns destes trabalhos sobre o Guarani, incluindo ainda o trabalho de Storto que, diferente dos demais autores, trabalha com dados da língua Karitiana, da família Arikém (Tronco Tupi).

Seguem as diferentes abordagens a serem aqui tratadas:

- i. uma abordagem Segmental: por Barratt;
- ii. uma abordagem Autossegmental: por Goldsmith e por Piggott;
- iii. uma abordagem da Fonologia Lexical: por Kiparsky e
- iv. uma abordagem da Fonologia Cíclica: por Storto.

5.1 Abordagem Segmental

Barratt (1980) propõe uma análise do fenômeno de nasalização para o Guarani, numa abordagem teórica Gerativa Padrão (Chomsky e Halle, 1968), com base em regras fundamentadas na alternância entre segmentos Desvozeado-Oral / Vozeado-Nasal. A autora busca explicar a nasalidade do Guarani por meio de duas regras: (i) *Rightward Spreading* (Espalhamento à Direita) e (ii) *Leftward Spreading* (Espalhamento à Esquerda). A primeira regra, que é obrigatória, postula que as vogais tônicas espalham nasalidade à direita e, a segunda regra (opcional), postula que vogais tônicas e as oclusivas pré-nasalizadas espalham nasalidade à esquerda. Vejamos as regras: (Barratt, 1980, p.9):

(i) *Rightward Spreading* (Espalhamento à Direita)

$$\begin{array}{c} \text{V} \\ \text{[-acento]} \end{array} \longrightarrow \begin{array}{c} \text{V} \\ [\alpha \text{ nas}] / [\alpha \text{ nas}] \text{C}_o \end{array} \text{ ____}$$

(ii) *Leftward Spreading* (Espalhamento à Esquerda)

$$\begin{array}{c} \text{V} \\ \text{[-acento]} \end{array} \longrightarrow \begin{array}{c} \text{C} \\ [\alpha \text{ nas}] / \text{____} \end{array} \text{[- nas]}_o [\alpha \text{ nas}]$$

Exemplo da aplicação das regras:

/no-ro-nupã-i/

o u ã regra (i)
õ õ ã regra (ii)

resulta em: [nõrõnũpãĩ]

Barratt (op.cit., p.10) interpreta as oclusivas pré-nasalizadas como consoantes nasais (/ m / e / n /) que antecedem uma vogal nasal e precedem uma vogal oral. Tal descrição é, por fim, capturada pela regra abaixo:

Pré-Nasalização

$$\left[\begin{array}{l} + \text{ nas} \\ + \text{ voz} \\ + \text{ cnt} \end{array} \right] \longrightarrow [\alpha \text{ nas}]^7 / \text{____} \begin{array}{c} \text{V} \\ \text{[- nas]} \end{array}$$

Regra aplicada:

/petĩ-nĩ/

pẽtĩ -nĩ ([α nas])

[pẽtĩ-ndĩ] (pré-nasalização)

“plantação de tabaco”

Quanto à vogal, a autora descreve que vogal acentuada é [+ nasal] ou [- nasal] e que a vogal não acentuada é [- nasal].

Observemos a aplicação das regras de espalhamento à direita (i) e à esquerda (ii) proposta por Barratt, para o Guarani, quando aplicados a alguns outros dados do Kaiowá:

⁷ [2nas] remete a regra de espalhamento de nasalidade à esquerda (regra (ii)).

5.2 Abordagem Autossegmental

5.2.1 Por Goldsmith

Segundo Abaurre e Wetzels (1992), em “The Sound Pattern of English”, Chomsky e Halle (1968) não ofereciam nenhuma formalização para a representação das propriedades prosódicas. Cito os autores:

A teoria auto-segmental de Goldsmith (1976) é basicamente uma versão enriquecida da fonologia gerativa clássica, porque abole a restrição de bijetividade. Nesse modelo, propões-se que: 1) alguns traços têm, cada um, seu próprio nível de “segmentação” (...); 2) o número de auto-segmentos não corresponde necessariamente ao número de fonemas presentes em uma determinada seqüência; e, 3) os auto-segmentos estão ligados a suas unidades segmentais por meio de linhas de associação. (...). (ABAURRE E WETZELS, 1992, p.6).

De modo geral, as propostas de Barratt (1980) e Goldsmith (1976) para explicar a nasalidade do Guarani, resumem as duas tendências de análise do processo de nasalização: (i) uma, num nível segmental e (ii) outra, num nível autossegmental.

Atentemo-nos, também, ao fato de que Bridgeman (1961), mesmo baseada em uma teoria estruturalista, já previa a existência de nasalidade fora do nível segmental. Entretanto, é a partir dos trabalhos de Goldsmith (já na década de setenta) que a nasalidade do Guarani passa a ser teoricamente tratada em um modelo firmado na Fonologia como sendo Autossegmental.

Para o Guarani, Goldsmith assume que a nasalidade é proveniente de um fenômeno autossegmental que resulta na pós-oralização das consoantes, inerentemente, nasais / m / e / n /.

Goldsmith (1976, pp.50-53), ao argumentar a favor de um modelo autossegmental, propõe que a nasalidade do Guarani seja um fenômeno autossegmental. Abaixo apresentamos sua sistematização:

C V C V # - nível segmental

N O - nível autossegmental

Goldsmith interpreta as consoantes oclusivas pré-nasalizadas do Guarani como sendo derivadas de uma regra de pós-oralização específica na língua. Vejamos a regra:

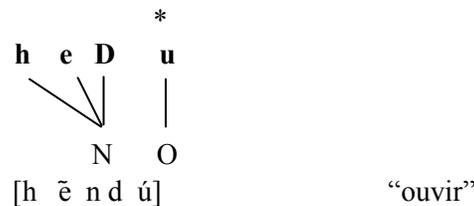
Regra de Pós-Oralização em Guarani (p.51)



O que resulta em:



Regra aplicada:



Esta regra adiciona a uma linha de associação (a linha pontilhada acima – restrição - não podem cruzar⁹) sempre que há uma consoante nasal seguida por uma vogal oral formando, deste modo, um fone pré-nasalizado.

Segundo Goldsmith, em línguas onde oclusivas pré-nasalizadas devem ser analisadas como segmentos únicos, a Teoria Gerativa Padrão falha em dar uma análise adequada, já que os traços relevantes ([+ - nasal]) podem somente produzir um contraste de dois modos : um entre oclusivas que são completamente orais: [b] e [d] e outro entre aquelas que são completamente nasais: [m] e [n]. O autor afirma ainda que, nesta abordagem, não há nenhum mecanismo disponível que permita a um traço de especificação mudar de caminho até um segmento único, ou seja, mudar de [+ nasal] para [- nasal].

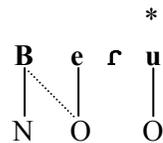
A aplicação da regra de Pós-oralização, proposta por Goldsmith, para o Guarani, restringe-se à boa formação no nível superficial de segmentos pré-nasalizados em ambiente ∇ _____V, mas não explica a ocorrência da variação destes segmentos com segmentos

⁸ C é constituído de uma consoante nasal, segundo o exemplo: [n].

⁹ Goldsmith (op. cit) estabelece a Condição de Não-Cruzamento de Linha de Associação que restringe: As linhas de associação não podem cruzar.

totalmente orais [b] e [d], em ambiente # # _____ V, como ocorre no exemplo abaixo, coletado entre os dados do Kaiowá:

Regra de Pós-oralização aplicada à palavra /meru/ → [mberu] ~ [beru]:



resulta em: [mberú]

“mosca”

mas não em: [beru]

Acreditamos que a variação entre segmentos pré-nasalizados e oclusivos vozeados que ocorre em fronteira inicial de palavras, em Kaiowá, possa ser esclarecida por Rodrigues (1980), citamos o autor:

Em diversas línguas indígenas sul-americanas a ocorrência de segmentos com traço [+ nasal] é mais naturalmente explicada se admitirmos que as fronteiras de palavras comportam o traço [+ nasal] como propriedade intrínseca (decorrente do abaixamento do véu palatino durante pausas silenciosas). (RODRIGUES, 1980, p.1).

Rodrigues, ao tratar da nasalização e fronteira de palavra em Maxacalí, esclarece que o fonema consonantal nasal, quando contínuo à vogal oral, é completamente oral ou só parcialmente nasal (pré-nasalizado), mas isto só em início de palavra e em variação livre com o alofone plenamente oral.

Assim sendo, acreditamos que a variação existente entre pré-nasalizadas e oclusivas sonoras, em início de palavra, que ocorre em Kaiowá, pode também ser explicada pela regra abaixo, formulada por Rodrigues (op. cit, p.3);

$$\begin{array}{ccc}
 [+ \text{voz}] \rightarrow & ([+ \text{nas} / - \text{nas}]) & / \# \text{ ______ } [- \text{nas}] \\
 \text{C} & & \text{V}
 \end{array}$$

A formalização, acima apresentada, estabelece a nasalização inicial, que é atribuída à fronteira inicial de palavra, como sendo uma regra aplicada opcionalmente.

5.2.2 Por Piggott

O tratamento autossegmental, elaborado por Piggott (1992), relativo ao processo de nasalização do Guarani, dá-se por meio de *princípios* que governam a condição de espalhamento nasal e por *parâmetros* que apontam para os mecanismos de propagação deste espalhamento.

De modo geral, operações de espalhamento são governadas por uma condição de localidade estrita que previne saltos de posições a serem afetadas pelo processo. Piggott (1992) expressa tais princípios de espalhamento como seguem:

Princípio do Espalhamento

- (a) Um elemento X será espalhado somente para uma posição não especificada para X.
- (b) O espalhamento de um elemento X pode ser detido somente por uma posição específica para X.

O primeiro princípio assegura que o traço não se espalha para um segmento que já esteja especificado para tal traço, enquanto que o segundo, limita a definição de um segmento opaco que carrega em si a especificação para o traço de espalhamento.

Inicialmente, Piggott (1996) apresenta dois parâmetros de projeção do espalhamento junto ao mecanismo de espalhamento do traço [Nasal]. Seguem os parâmetros:

Parâmetro da Projeção

- (a) Espalhamento do traço [Nasal] em direção à direita.
- (b) Espalhamento do traço [Nasal] em direção à esquerda.

Posteriormente, o autor, em seu artigo intitulado “Variability in Feature Dependency: the Case of Nasality” de 1992, afirma que há diferenças entre os segmentos transparentes, opacos e alvos e que estes dão origem a duas formas como o traço [Nasal] pode estar organizado nos sistemas fonológicos. Na primeira forma - no **Tipo A** - deve

haver um conjunto de obstruintes não-contínuas que bloqueiam o processo de espalhamento do traço [Nasal]. Na segunda – no **Tipo B** – verifica-se que não há segmentos opacos, já que todas obstruintes são transparentes e todas soantes são alvos do traço [Nasal].

Em línguas do **Tipo A**, o nó **SP** (*Soft Palate*) é tido como um atributo exclusivo das obstruintes. Piggott adverte para a existência de línguas em que o espalhamento da nasalidade ocorre de uma maneira alternativa e, por isso, requereria um outro nó que também possa subordinar o traço de nasalidade, exclusivamente, para as soantes. Assim, o autor propõe para línguas do **Tipo B** o nó **SV** (*Spontaneous Voicing/ Voz Soante*).

A proposta deste autor para a nasalização do Guarani (**Tipo B**) leva em consideração duas formas variantes de espalhamento de nasalidade: uma primeira proveniente de uma consoante nasal, presente segmentalmente na palavra e, uma segunda, que espalha a nasalidade por meio de um “morfema nasal flutuante”, que se ampara no nó **SV**.

Na análise fonológica do dialeto Nhandewa (Guarani), feita por Costa (2003a), intitulada “Nhandewa Aywu”, a autora, após considerar a abordagem Autossegmental de Piggott, expondo as parcelas de contribuição deste trabalho para sua análise sobre Harmonia Nasal em Nhandewa, faz a seguinte observação: “Piggott, porém, não consegue explicar convincentemente por que o morfema nasal flutuante não se aloca na vogal da sílaba acentuada em [nõĩõhẽndui], como em [nõĩõĩũ’pãĩ]”. (Costa, 2003a, p. 79).

Como já mencionamos, a aplicação da regra de Pós-oralização, proposta por Goldsmith, para o Guarani, resulta na boa formação no nível superficial de segmentos pré-nasalizados em ambiente ∇ _____ V, como ocorre em [nõĩõhẽndui].

Piggott também sugere outro tratamento para as oclusivas pré-nasalizadas, considerando-as segmentos nasais que sofreram um contorno oral por *influência da vogal oral com que formam sílaba*.

O autor, no artigo intitulado “Implications of Consonant Nasalization for Theory of Harmony” de 1996, rejeita a concepção de que a harmonia deve, necessariamente, ser descrita como uma relação entre segmentos do mesmo nível e propõe uma outra concepção de harmonia que caracteriza o fenômeno como uma relação que pode ser entre segmentos

ou entre sílabas ou, entre unidades supra-segmentais. (Piggott, 1996:143). Assim, o autor sugere três tipos de Harmonia (Piggott, op.cit, p.150):

Uma Tipologia de Harmonia

- (a) Harmonia Segmental (= relação de segmento para segmento)
- (b) Harmonia Silábica (= relação de sílaba para sílaba)
- (c) Harmonia entre Pés (= relação de pé para pé)

Considerando a sugestão de Piggott a respeito da possibilidade das oclusivas pré-nasalizadas do Guarani serem descritas como segmentos nasais que sofrem um contorno oral por influência da vogal oral com que formam sílaba. E a proposta, deste autor, para a descrição dos tipos harmônicos por meio de uma Tipologia Harmônica, admitimos, por ora, a possibilidade do Kaiowá ser tratado segundo uma associação harmônica entre sílabas e não entre segmentos. No entanto, tal análise requer outros estudos mais aprofundados do sistema silábico, deste dialeto, conciliados à análise já realizada por Harrison & Taylor (1958), no texto intitulado “*Kaiwá phonemes and syllable structure*”.

5.3 Abordagem da Fonologia Lexical

Kiparsky (1985), em seu artigo intitulado “Some Consequences of Lexical Phonology”, trata fatos da língua Guarani, propondo para os problemas referentes à sua harmonia nasal, uma solução natural, a partir de uma análise fonológica lexical, num modelo teórico, também conhecido como Fonologia Lexical.

O autor segue a análise autosegmental de fatos lingüísticos do Guarani proposta por Rivas (1974, apud Kiparsky 1985), que estabelece os seguintes aspectos, aqui, apresentados sumariamente:

- i. todos os segmentos vozeados – oclusivos, contínuos sonoros e vogais – têm uma variante oral e nasal definida pelo espalhamento do traço nasal;
- ii. as oclusivas desvozeadas são sempre orais e são transparentes para a harmonia nasal;

iii. as oclusivas vozeadas são inerentemente nasais e são pré-nasalizadas quando uma vogal acentuada [-nasal] ocorre a sua direita;

iv. as pré-nasalizadas espalham nasalidade para a esquerda;

v. as vogais acentuadas [+ nasal] espalham nasalidade em ambas direções – bidirecional, e

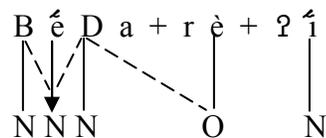
vi. há duas regras de espalhamento do autosegmento nasal – uma regra de Espalhamento Profundo e outra de Espalhamento de Superfície.

Para Rivas (1974, apud Kiparsky 1985), o Espalhamento Profundo é aquele em que o espalhamento nasal ocorre em oclusivas vozeadas e o Espalhamento de Superfície, que se aplica após o Profundo, aponta graus de nasalização para sonorantes, diminuindo sua distância com segmentos nasalizados no espalhamento profundo.

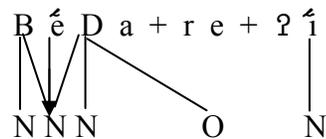
Esse mecanismo de dois estágios da nasalização é adotado por Rivas para possibilitar que um espalhamento seja categórico e outro gradiente. O Espalhamento Profundo só ocorre intra-palavras, enquanto o Espalhamento de Superfície ocorre inter-palavras. Este mecanismo é o que Rivas denomina de “Escapamento de Nasalidade”. E o que separa o primeiro do segundo estágio é a aplicação de uma regra de apagamento de acento secundário (*Destressing*).

Apresentamos um exemplo de derivação de Rivas para ilustrar o trabalho:

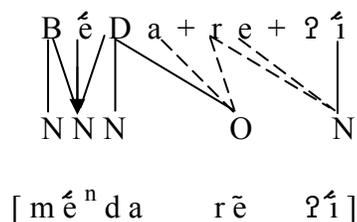
Espalhamento Profundo



Destressing



Espalhamento de Superfície



Kiparsky julga que Rivas, ao considerar que a harmonia nasal do Guarani possui dois processos de espalhamento, efetua uma solução de duplicação não satisfatória e, então, questiona: (nossa tradução): “Por que teríamos dois processos de harmonia nasal em uma língua?” (Kiparsky, 1985, p.129).

Neste momento, Kiparsky, embasado na Fonologia Lexical, assume os dois processos como uma regra harmônica unitária. Para o autor, a nasalidade não pode ser especificada em nenhum estágio em segmentos não vozeados [- vozeado] e que lexicalmente esta pode ser especificada apenas em oclusivas vozeadas e vogais acentuadas, pois entende que estes segmentos possam estar associados com o autossegmento [α Nasal] no léxico, o que requer a seguinte regra: Espalha [α Nasal]. Segundo o autor:

(...) Rule spreads [- nasal] (O) and [+ nasal] (N) to the only available landing sites, the nasal spot (here we have to specify that multiple association of [+ nasal] on C – slots is permitted, in order to allow for prenasalised consonants). Thus, a nasal stop with a stressed [- nasal] vowel to its right will be linked to the [- nasal] feature and surface as prenasalised. (KIPARSKY, op. cit, p.130).

O autor considera que as oclusivas nasais são associadas a [+ nasal] e [+ vozeada] e outras obstruintes ao traço [- vozeado] somente. Deste modo, garante que segmentos [- vozeados] não podem ser associados a [+ nasal].

Em suma, Kiparsky assume uma regra harmônica unitária que se aplica em dois momentos diferentes: um lexical, ocorrendo com os componentes - oclusivas vozeadas e vogais acentuadas – associados ao autossegmento [α Nasal], e outro pós-lexical, no qual ocorre espalhamento superficial (fonético) de nasalidade.

Storto assume o traço binário [± nasal] como característica das vogais Karitiana e o considera crucial para sua fonologia. As vogais podem ser apresentadas pelo traço [+ nasal] ou [- nasal], desde que ambos os valores do traço sejam participantes do processo de espalhamento. Assim, todo espalhamento [± nasal], em Karitiana, tem origem em segmentos [- consonantal].

A autora propõe a Hipótese de Oralização de consoantes nasais, tido como um processo fonológico de espalhamento local do traço negativo [- nasal] de vogais orais para oclusivas nasais vizinhas, resultando em suas pré e/ou pós-oralizações. Este processo é descrito com uma Regra de *Assimilação Local*.

Segue a **Regra de Assimilação Local** - proposta por Storto (op.cit, p.34):

Regra de Assimilação Local: *Espraiamento [nasal] de uma vogal sobre A_{max} “acessível” dentro da mesma sílaba*¹⁰.

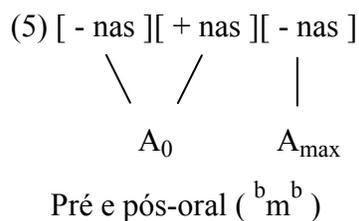
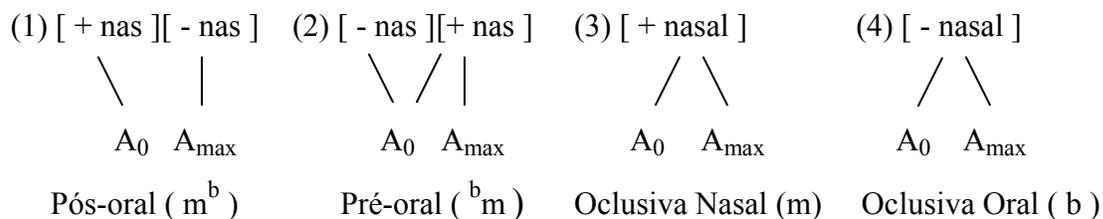
O processo de Espalhamento (ou Espraiamento) à Longa Distância é analisado como assimilação de um traço [+ nasal] à esquerda, partindo de uma vogal para segmentos consonantais [+ sonorante]. Neste tipo de regra de espalhamento também pode ocorrer a assimilação de traço [+ nasal] para outras vogais subseqüentes. Entretanto, esta regra de espalhamento nasal é bloqueada por segmentos [- sonorantes], em Karitiana.

Segundo a autora, a **Regra de Espalhamento à Longa Distância** aponta para um tipo de espalhamento nasal que se dá por intermédio de vogais com traço [+ nasal] para segmentos [+ sonorantes] que as antecedem.

Apresentamos, por fim, os diagramas¹¹ que esquematizam os segmentos alofônicos das oclusivas nasais do Karitiana, propostos por Storto (op cit, p.33), a partir dos diagramas propostos por Steriade (1993, apud Storto, op. cit, pp. 32-33).

¹⁰ Tradução nossa de: *Local Assimilation rule: Spread [nasal] from a vowel onto A_{max} releases within the same syllable.*

¹¹ Por A₀ entende-se fechamento (*closure*) e por A_{max}, “aberto”, “acessível” (*release*).

Diagramas:

Os diagramas acima são apresentados como representantes dos segmentos alofônicos das oclusivas nasais do Karitiana que, segundo Storto, não puderam ser representados pelos diagramas propostos como parte da gramática universal, por Steriade (1993, apud Storto, op. cit, pp.32-33).

Para representar os segmentos pré e pós-oralizados do Karitiana, Storto propõe o quinto diagrama e toma-o como evidência de que a dupla ligação entre A₀ e o traço nasal binário devem fazer parte da gramática universal, contanto que o comportamento da oclusiva nasal, em Karitiana, é para ser assim explicado.

Considerando que os *alofones dos segmentos oclusivos nasais* do Kaiowá são compostos de segmentos: oclusivos orais, pré-nasalizados (ou pós-oralizados), e nasais, semelhantemente aos que ocorrem em Karitina e, principalmente, que a proposta de Storto apresenta-se econômica e natural, no que respeita ao processo de espalhamento nasal provindo do traço vocálico binário [± nasal], assumimos, enfim, que adotaremos esta proposta para analisarmos o fenômeno de “oralização/nasalização” dos fatos lingüísticos do Kaiowá. Segue o tópico com a descrição e análise de dados.

6. A NASALIDADE DO KAIOWÁ REPRESENTADA POR TRAÇOS BINÁRIOS

Em nota, Storto observa que:

Other Brazilian languages which have pre and post-oralized nasals are Kaingang (...) and Apinaye (...). Since these languages are not genetically related to Karitiana (...), the process of local spreading of [- nasal] from oral vowels to nasal stops can arguably be described as an areal linguistic trait. (STORTO, 1999, p.25)

Considerando que a autora pensa ser possível tomarmos a Regra de Espalhamento Local de [- nasal], como um argumento para descrições de diferentes línguas indígenas do Brasil, adotamos sua proposta e aplicamos aos fatos lingüísticos do Kaiowá (Guarani), com o intuito também de podermos contribuir para o conhecimento da lingüística tipológica.

Em suma, para Storto (1999) há dois tipos de espalhamento provocado por segmentos vocálicos [- consonantal]. O primeiro tipo espalha oralidade, provinda de vogal [- nasal] e o segundo tipo espalha nasalidade provinda de vogal [+ nasal].

Antes de analisarmos a aplicabilidade dos processos de espalhamento propostos por Storto, acreditamos ser importante remetermos às principais regras propostas por esta autora:

- i. Regra de Espalhamento Local;
- ii. Regra de *Lenition* e
- iii. Regra de Espalhamento à Longa Distância.

O presente tópico subdivide-se em dois diferentes subtópicos: o primeiro, intitulado: “*As sonorantes nasais e o traço vocálico binário [± nasal]*”, em que descrevemos os ambientes de ocorrência dos alofones das consoantes sonorantes e analisamos cada conjunto alofônico a partir das regras propostas por Storto e, o segundo, “*Aspectos da Sistematização da Fonologia Kaiowá*”, tratamos de aspectos de nossa interpretação sobre o funcionamento do sistema fonológico do Kaiowá. Seguem os subtópicos.

6.1 As Sonorantes Nasais e o traço vocálico binário [\pm nasal]

Tomamos os alofones das consoantes sonorantes nasais do Kaiowá, como resultantes da aplicação do traço vocálico binário [\pm nasal]. Descrevemos cada um destes alofones por meio dos ambientes em que ocorrem.

Ambientes de ocorrência:

(i) ambiente V_____V

/surumi/ →	[surubi]	‘surubim’
/seranupe/ →	[seradupe]	‘no serrado’
/aṇaka/ →	[adʒaka]	‘cesto’
/oŋa/ →	[oŋa]	‘casa’
/haŋwe/ →	[hagwe]	‘pêlo’

(ii) ambiente # # _____ V

/mopiri/ →	[bopiri] ~ [mbopiri]	‘morcego’
/ne/ →	[de] ~ [nde]	‘você, 2ª sing.’
/neti/ →	[dʒeti]	‘batata’
/ŋaʔu/ →	[gaʔu]	‘desejo’
/ŋwaʔa/ →	[gwaʔa]	‘arara’

(iii) ambiente ∇ _____ ∇

/kūnūmĩ/ →	[kunūmĩ]	‘menino’
/ʃiṛĩnõ/ →	[ʃĩṛĩnõ]	‘beija-flor’
/kũṇã/ →	[kũṇã]	‘mulher, fêmea’
/hiʔãṇwĩ/ →	[hĩʔãwĩ]	‘perto, ali’
*/ŋ/		

(iv) ambiente # # _____ ▽

/mĩʃĩ/ →	[mĩʃĩ]	‘pequeno, menor’
/nāmi/ →	[nāmbi]	‘orelha’
/ɲānu/ →	[ɲāndu]	‘aranha’
/ɲwāhẽ/ →	[wāhe]	‘chegar’
*/ɲ/		

(v) ambiente V _____ ▽

/omẽʔẽ/ →	[õmẽʔẽ] ~ [omẽʔẽ]	‘dá’
/ināmu/ →	[ināmbu] ~ [ināmbu]	‘nambu’
/oɲwāhẽ/ →	[owāhe]	‘chega’
*/ɲ/		
*/ɲ/		

(vi) ambiente ▽ _____ V

/tukūmo/ →	[tukūmbɔ]	‘corda’
/māniɲu/ →	[māndɪdʒu]	‘algodão’
/tūɲusu/ →	[tūɲgusu]	‘pulga’
/itĩɲwara/ →	[itĩɲgwara]	‘narina’
*/ɲ/		

(vii) ambiente V _____ # #

/moɲ/ →	[boj] ~ [mboj]	‘cobra’
/parakaw/ →	[paɾakaw]	‘papagaio’

(viii) ambiente ∇ _____ # #

/mokõŋ/ → [mõkõŋ] ‘dois’
 */w/

Aplicação das regras de espalhamento de oralidade e/ou nasalidade para os alofones oclusivos orais [b], [d], [dʒ], [g] e [gw] (cf. A), os nasais [m], [n], [ɲ], [ŋ] e [ŋw] (cf. B) e os pós-oralizados [mb], [nd], [ŋg] e [ŋgw] (cf. C), resultam em consoantes sonorantes nasais / m /, / n /, / ɲ /, / ŋ / e / ŋw / do Kaiowá.

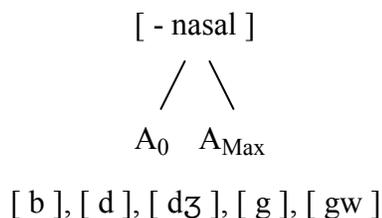
A interpretação destas ocorrências é aqui ilustrada por meio dos Diagramas propostos por Storto (1999, p.33), seguidos de suas respectivas análises.

A. Alofones Oclusivos Orais

Os segmentos oclusivos orais: bilabial [b], alveolar [d], palatal [dʒ], velar [g] e lábio-velar [gw] são realizações superficiais dos fonemas sonorantes nasais /m /, / n /, / ɲ /, / ŋ / e / ŋw / que ocupam estes mesmos pontos de articulação. Os dados descritos como realizáveis em ambiente (i) e (ii) são exemplos de ocorrência destes segmentos oclusivos vozeados.

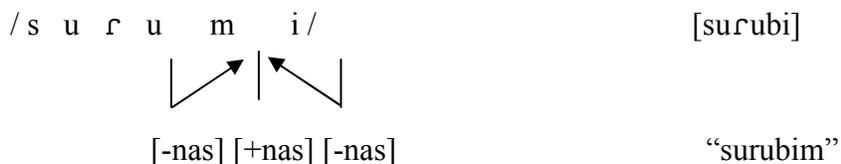
Do ambiente (i) → V _____ V

Os dados em (i), descritos em ambiente V _____ V, estão aqui representados pelo diagrama (4), proposto por Storto (cf. tópico 5.4).

Oclusivos orais:

A assimilação do traço [- nasal] pelos alofones oclusivos orais é tida como resultante do processo de Espalhamento Local, pelo qual os segmentos [- consonantais], contíguos aos oclusivos, espalham o traço [- nasal] em ambas as direções, oralizando seus respectivos fonemas sonorantes nasais, na superfície.

Por exemplo, o dado lingüístico [surubi] (ambiente (i)) resulta do processo de oralização completa da sonorante nasal / m /.



A assimilação do traço [- nasal] pela oclusiva bilabial vozeada [b] dá-se pelo Espalhamento Local deste traço provenientes das vogais orais contíguas ao fonema bilabial nasal / m /.

Em Karitiana, os dados descritos para ocorrer em ambiente V ___ V, como em (i), resultam em segmentos nasais pré e pós- oralizados: [bmb], [dnd] e [gŋg]. (cf. Storto, p.25). Este fenômeno é analisado por Storto de acordo com o Processo de Oralização dos segmentos nasais contíguas às vogais orais. Lembramos que este fenômeno é o que leva a autora a afastar-se da proposta Tipológica dos diagramas de Steriade.

pós-oralizados. Como já foi mencionado, a idade também é o fato condicionante da variação alofônica existente nos fonemas / m / e / n / do Karitiana.

As variantes fonéticas [mbopiri] ~ [bopiri] e [de] ~ [nde], dos respectivos fonemas / m / e / n /, são representadas, respectivamente pelos diagramas (1) (cf. o sub-tópico sobre pós-oralizadas) e o (4).

Quanto ao segundo grupo de fonemas que ocorrem em ambiente (ii), o palatal / ɲ /, o velar / ŋ / e o labio-velar / ŋw /, concluímos que também podem ser representados do mesmo modo em que foram apresentados no ambiente (i), por meio do diagrama (4).

Storto, além de postular dois tipos de Espalhamento de traços, postula também a Regra de ‘Lenition’ que se aplica obrigatoriamente ao fonema nasal palato-alveolar / ɲ /, definido como [+ coronal, - anterior], em ambiente intervocálico na língua Karitiana.

Segundo Storto (op.cit, p.27), o espalhamento de traços binários por vogais para oclusiva nasal palato-alveolar deve ocorrer antes da aplicação desta regra de ‘Lenition’, formalizada da seguinte maneira pela autora:

Em Karitiana:

[- cont, + cor, - ant] → [+ cont, + voz] V ____ V

Em Kaiowá, o fonema sonorante nasal palatal / ɲ / também poderia ser analisado sob aplicação da Regra de ‘Lenition’, se o ambiente de ocorrência deste fonema fosse, apenas, o intervocálico, semelhante ao que ocorre em Karitiana. Entretanto, neste dialeto Guarani, o fonema / ɲ / também ocorre em início de palavra, como exposto em ambiente (ii) # # ____ V, o que torna a aplicação desta regra inadequada, pois este é um ambiente de fortalecimento consonantal e não de enfraquecimento (“Lenition”).

Assim sendo, propomos que o segmento sonorante nasal palatal seja o fonema /ɲ/ representante dos alofones: [ɲ], [dʒ], [j] e [ʃ], levando-se em conta a simetria expressa em relação aos outros fonemas do quadro fonológico consonantal do Kaiowá (cf. quadro

(2)). Ressaltamos a necessidade de este fenômeno receber estudos mais aprofundados em trabalhos subseqüentes.

Por ora, antecipamos a análise dos ambientes (vii) e (viii) pelo fato de dados neles expostos fazerem parte deste tópico de análise:

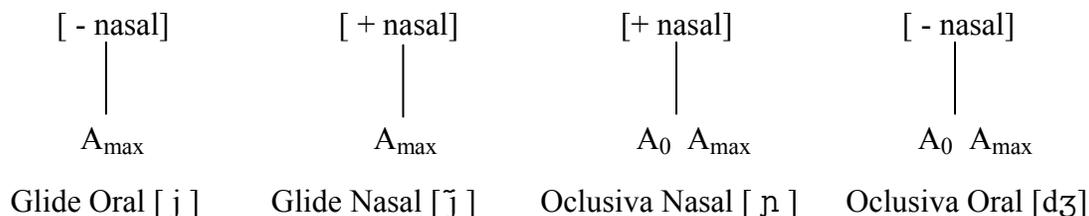
Do ambiente (vii) → V _____ # #

Do ambiente (viii) → ∇ _____ # #

O fonema palatal /ɲ / além de ocorrer em ataque silábico, também ocorre em posição de coda. Em ambiente (vii), este fonema ocorre como um glide oral [j] e em ambiente (viii), ocorre como um glide nasal [ɲ̃].

A variação alofônica do fonema sonorante nasal palatal, bem como as das outras consoantes sonorantes nasais do Kaiowá, pode ser representada de acordo com o modelo bifásico proposto por Storto. Mostramos, então, as representações propostas pela autora, aqui adaptadas ao Kaiowá:

Alofones do fonema sonorante nasal palatal



De modo geral, este modelo bifásico ilustra que o fonema sonorante nasal palatal / ɲ / só se liga a um dos valores do traço nasal [+ nasal] ou [- nasal]. Portanto, em ambiente oral [- nasal], o fonema / ɲ / ocorre como o alofone [dʒ] em ataque e o como alofone [j] em coda, e em ambiente nasal [+ nasal], este fonema ocorre como o alofone [ɲ] em ataque e como o alofone [ɲ̃] em coda.

Em Kaiowá, a posição de glide pode ser ocupada por outra segmento aproximante, o segmento bilabial vozeado [w], que de acordo com nossos dados ocupa apenas o ambiente descrito em (vii) e não o ambiente em (viii). Assim sendo, [w] é um alofone que ocupa a posição de coda silábica somente em ambiente oral, bem como ocorre com os outros alofones do fonema / w /, que, em posição de ataque silábico, variam livremente entre [w] e [v], ambos em ambiente oral.

B. Alofones Nasais

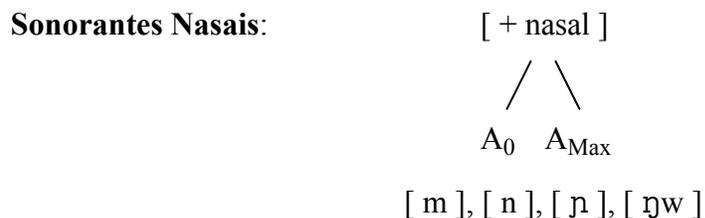
Considerando parte do processo de espalhamento como a assimilação do traço de nasalidade negativo [-nasal] da vogal oral por sonorantes nasais vizinhas a estas, resultantes de segmentos pré e/ou pós-oralizados, podemos concluir que a outra parte deste processo, aquela que assimila traço de nasalidade positiva [+ nasal] da vogal nasal, resulta na realização fonética dos segmentos sonorantes nasais.

Os segmentos alofônicos sonorantes nasais: bilabial [m], alveolar [n], palatal [ɲ] e lábio-velar [ŋw] realizam-se tipicamente em ambientes (iii) e (iv). Entretanto, os segmentos [m], [n] e [ŋw], mesmo que raramente, também ocorrem em ambiente (v), ainda que em variação com o ambiente (iii).

Do ambiente (iii) → ▽ _____ ▽

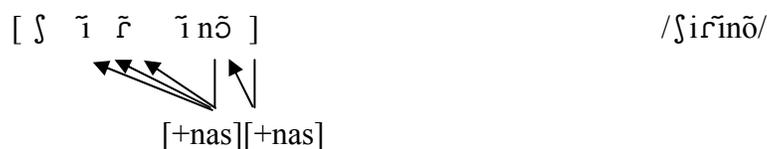
Do ambiente (iv) → ## _____ ▽

Os dados transcritos nos ambientes (iii) e (iv) estão aqui representados pelo diagrama (3), proposto por Storto (cf. tópico 5.4).



Os segmentos sonorantes nasais, por fim, são resultantes do tipo de espalhamento nasal que se dá por intermédio de vogais com traço [+ nasal] para segmentos [+ sonorantes] que as antecedem. É sabido que este processo segue a regra de Espalhamento à Longa Distância.

Por intermédio do dado lingüístico [ʃĩrĩnõ] (ambiente (iii)), exemplificamos, abaixo, a ocorrência do processo Espalhamento de Nasalidade à Longa Distância.



No exemplo, a sonorante alveolar nasal [n] assimilar o traço [+ nasal] das vogais contíguas. Segundo a regra de Espalhamento à Longa Distância, também são afetados pelo espalhamento de nasalidade outros segmentos com traço [+ vozeado] que ocorrem à esquerda da vogal nasal, como é o caso do fonema consonantal contínuo alveolar vozeado [r] e do fonema vocálico anterior alto oral [i] precedente, em que o traço nasal percorre maior distância, entretanto sua realização é superficial, fonética. Quanto ao fonema contínuo palato-alveolar / ʃ /, o espalhamento do traço [+ nasal] à longa distância não é alvo deste espalhamento por ser um segmento [- vozeado].

Com relação ao alofone sonorante velar nasal [ŋ], ainda não referido neste tópico do trabalho por não ocorrer no ambiente (iii) e nem mesmo no ambiente (iv), acreditamos que o espalhamento do traço [+ nasal] não se aplica a segmentos cujo ponto de articulação é velar, pois o segmento nasal velar [ŋ] e o lábio-velar [ŋw] não ocorrem

antecedidos à vogal nasal (fonte de nasalidade que espalha à esquerda), nem Kaiowá e nem Nhãndewa (Costa, 2003b).

A incoerência do segmento nasal velar [η], ou ainda, da “fase” velar do segmento nasal lábio-velar [ηw], em Kaiowá, é analisada por uma regra fonológica de cancelamento de segmento, abaixo, proposta como Regra de Restrição Velar:

Regra de Restrição Velar

[- cont, + velar, + nasal] \longrightarrow \emptyset / _____ ∇

Esta regra aplica-se a segmento nasal velar (ou a nasal lábio-velar) que se antepõe a vogal nasal. Portanto, os segmentos velares só se ligam ao traço [- nasal] dos segmentos vocálicos.

Considerando que esta Regra de Restrição Velar impossibilita o espalhamento de traço [+ nasal], o do tipo Espalhamento à Longa Distância, propomos então o seguinte critério de ordenação de regras:

- 1º - Aplicação da Regra de Espalhamento Local;
- 2º - Aplicação da Regra de Restrição Velar e
- 3º - Aplicação da Regra de Espalhamento à Longa Distância.

A Regra de Espalhamento à Longa Distância, por não se aplicar às nasais velares, ocorre apenas à aplicação da Regra de Restrição Velar e ambas as regras só podem ocorrer após a Regra de Espalhamento Local.

Do ambiente (v) \longrightarrow V _____ ∇

O processo de Espalhamento à Longa Distância é tido como a assimilação de um traço [+ nasal] à esquerda, partindo de uma vogal para segmentos consonantais [+ sonorante]. Neste tipo de regra de espalhamento também pode ocorrer a assimilação de traço [+ nasal] por outras vogais subseqüentes.

A Regra de Espalhamento à Longa Distância é opcional, por isso, nos dados expostos no ambiente (v), os prefixos orais ligados a raízes nasais, resultam em prefixos cujos segmentos variam entre ocorrer totalmente oral ou nasalizado. Exemplo abaixo:

/omẽʔẽ/

o -mẽʔẽ

3ª -dar ‘dá’

realizações fonéticas: [õmẽʔẽ] ~ [ɔmẽʔẽ]

Em Kaiowá, não há ocorrência de dados neste ambiente V ____ Ṽ, quando não há uma relação inter-morfêmica. No dado acima, o prefixo pronominal de 3ª pessoa (o-), opcionalmente, é nasalizado pelas vogais nasais da raiz do morfema verbal (-mẽʔẽ) “dar”. Portanto, não há ocorrência de dados em ambiente (v) com apenas relações intra-morfêmicas.

Supomos que a assimilação do traço [+ nasal] à longa distância, em Kaiowá, não ocorra apenas em vogais subsequentes, mas também em consoantes nasais subsequentes, por intermédio do mesmo processo morfofonológico acima descrito. Vejamos o dado abaixo:

/nemẽmbĩ/

ne -mẽmbĩ

2ªsg - filho ‘teu filho’

realização fonética: [nẽmẽmbĩ] e não [nde mẽmbĩ]

Por fim, vale mencionar que a assimilação do traço de nasalidade é bloqueada por segmentos [- sonorantes] em Karitiana e é transparente em Kaiowá. Segundo a classificação proposta por Piggott (1992), o Karitiana é uma língua do **Tipo A** e o Kaiowá, do **Tipo B** (cf. tópico 5.2.2).

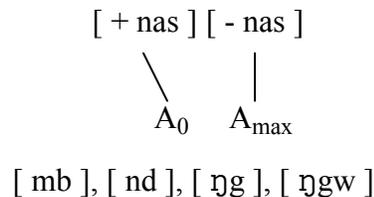
C. Alofones Pós-oralizados

Os segmentos pós-oralizados: bilabial [mb], alveolar [nd], velar [ŋg] e lábio-velar [ŋgw] são realizações superficiais dos fonemas sonorantes nasais / m /, / n /, / ŋ / e / ŋw / que ocupam estes mesmos pontos de articulação. Os dados descritos como realizáveis em ambiente (vi) são exemplos de ocorrência destes segmentos pós-oralizados.

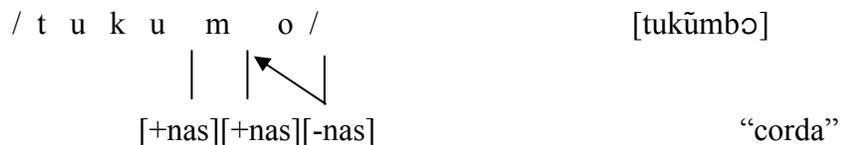
Do ambiente (vi) → ∇ _____ V

Os dados em (vi), descritos em ambiente ∇ _____ V, estão aqui representados pelo diagrama (1).

Pós-Oralizadas:



O dado lingüístico [tukũmbɔ] (ambiente (vi)) resulta do processo de oralização parcial da sonorante nasal /m/.



No exemplo acima, podemos notar que o traço [+ nasal] da vogal é incapaz de espalhar à direita, ao longo da nasal vizinha. O modo como a nasalização interage com a oralização local indica que a pós-oralização de uma nasal realmente cria uma oclusão parcial com a obstruinte, que, sendo [- sonorante], evita o espalhamento de traço de uma vogal prévia.

O Karitiana apresenta nasais pré e pós-oralizadas. Este processo é tratado por Storto como um fenômeno de Oralização de segmentos nasais contíguos a vogais orais. Deste modo, os fonemas / m /, / n /, / ñ / e / ŋ / do Karitiana, cujos traços são [- cont, + nas], são parcialmente pré e/ou pós-oralizados, quando são precedidos e/ou seguidos por vogal orais.

Diferentemente do Karitiana, em Kaiowá, a pré-oralização e a pré e pós-oralização não ocorre. Segundo Storto, um mesmo falante pode pronunciar a mesma palavra em dois ou três caminhos diferentes. Observemos os exemplos abaixo:

Karitiana:

<i>e^gɲ^gɛ̃, ẽɲ^gɛ̃, egɛ̃</i>	‘to vomit’ (Walter Karitiana)
<i>pẽn^dot, pẽ^dn^dot</i>	‘wide’ (Lindalva Karitiana)
<i>ãm^bi,abi</i>	‘house’ (Luiz Francisco Karitiana)
<i>kĩn^da, kida</i>	‘thing’ (Luiz Francisco Karitiana)
<i>ãm^bi,a^bm^bi</i>	‘house’ (Cizino Karitiana)
<i>kida, ki^dn^da</i>	‘thing’ (Cizino Karitiana) (STORTO, 1999, p.30)

De acordo com Storto, a variação existente entre os segmentos pré e/ou pós-oralizados, em Karitiana, implica na forma subjacente de cada palavra, uma vez que a vogal oral nunca ocorre contígua às consoantes nasais sem causar oralização, e vogais nasais nunca ocorrem contíguas às ‘porções’ oralizadas de consoantes nasais. Por fim, Storto conclui que:

However, when the language is analysed as a whole, it is possible to see that the tendency towards oralization is stronger than the tendency towards nasalization in the distribution of the allophones of the nasal consoantes. (STORTO, 1999, p.30).

Por outro lado, levando em conta aspectos sociolingüísticos, a variação existente entre os segmentos [b] ~ [mb] e [d] ~ [nd], em fronteira inicial de palavra, é motivada pelo fator extralingüístico - a faixa etária, pois, a exemplo do que ocorre com o Karitiana (Storto, 1999, p.20), os jovens falantes do Kaiowá tendem a pronunciar os fones simples

[b] e [d], enquanto que os falantes adultos e, principalmente, os idosos preferem pronunciar as palavras com fones complexos [mb] e [nd].

6.2 Aspectos da Sistematização da Fonologia Kaiowá

6.2.1 Vogais

Os fonemas vocálicos possuem traços binário [± nasal]. São eles: / a /, / e /, / i /, / ĩ /, / o /, / u / e / ã /, / ê /, / ĩ /, / ĩ /, / ĩ /, / õ /, / ũ /. Todos são fontes de espalhamento de traço, aqueles oral e estes nasal. Quando possuem o traço [+ nasal] espalham este traço à esquerda para consoantes [+ sonorantes] e para outros segmentos vocálicos mais distantes e quando possuem o traço [- nasal] espalham oralidade para consoantes em ambas as direções.

Diferentemente das análises aqui citadas para o Nhãndeva, o Mbyá, ou ainda, para o Guarani (do Paraguai), analisamos o processo de nasalidade e/ou oralidade do Kaiowá sem considerar a tonicidade das vogais, pois, nesta análise, tanto as vogais tônicas como as átonas são fontes de espalhamento do traço binário [± nasal].

6.2.2 Consoantes

6.2.2.1 As *Obstruintes Oraís*

Os segmentos com traços [- contínuo] e [- nasal] são aqui classificados como constituintes fonológicos de uma série de oclusivas. Estes segmentos não apresentam nenhuma restrição de ocorrência com vogais, antecedendo tanto as vogais orais quanto as nasais.

A bilabial / p /, a alveolar / t /, a velar / k /, a lábio-velar / kw / e a glotal / ʔ / são fonemas que só ocorrem em ataque silábico e são transparentes ao espalhamento de nasalidade provinda de segmentos vocálicos.

No que se refere à transparência destes fonemas ao espalhamento nasal, cito aos interessados em aprofundar-se neste assunto, a tese de Walker, “Nasalization, neutral segments, and opacity effects” (1998), que dedica um de seus capítulos ao estudo fonético (acústico) do Guarani, em particular, ao estudo das oclusivas desvozeadas intervocálicas em contexto oral e nasal.

6.2.2.2 As Sonorantes Nasais

Os segmentos que apresentam foneticamente os traços: [-contínuo] e [+ nasal] são: os pós-oralizados (pré-nasalizados)¹² [mb], [nd], [ŋg], [ŋgw], os segmentos oclusivos vozeados [b], [d], [dʒ], [g], [gw] e os nasais [m], [n], [ɲ], [ŋ], [ŋw] e todos são tidos como *alofones dos segmentos nasais vozeados*, ou ainda, *sonorantes nasais*, que são, respectivamente, / m /, / n /, / ɲ /, / ŋ / e / ŋw /. No quadro (7), apresentamos os *alofones dos fonemas sonorantes nasais*.

Quadro 7. Alofones dos fonemas Sonorantes Nasais

	/ m /	/ n /	/ ɲ /	/ ŋ /	/ ŋw /
[+obstruinte] [- nasal]	[b]	[d]	[dʒ]	[g]	[gw]
[+obstruinte] [+ nasal]	[mb]	[nd]	-	[ŋg]	[ŋgw]
[-obstruinte] [+ nasal]	[m]	[n]	[ɲ]	[ŋ]	[ŋw]/[w̃]

¹² Os segmentos fonéticos pós-oralizados com contorno nasal são tratados, na literatura em geral, como oclusivos pré-nasalizados.

A consoante nasal palatal / ɲ / é o único fonema que ocorre tanto em ataque silábico, por intermédio dos alofones [ɲ] e [dʒ], quanto em coda silábica, pelos alofones [j] e [ỹ].

Em coda silábica, este fonema representa a aproximante palatal [j], que segue uma vogal [- nasal], e sua correspondente nasalizada [ỹ], que segue um vogal [+ nasal].

Em posição de ataque silábico e em ambiente nasal, o fonema sonorante nasal lábio-velar / ŋw /, superficialmente, ocorre com a aproximante bilabial nasal [w̃], levando em conta a Regra de Restrição Velar.

6.2.2.3 Os Contínuos

Os segmentos fonéticos com traços: [+ contínuo] e [- nasal] são classificados como contínuos.

A alveolar desvozeada / s /, a alveolar vozeada / r /, a alvéolo-palatal desvozeada / ʃ / e a glotal desvozeada / h / são fonemas que só ocorrem em ataque silábico. Já a aproximante bilabial vozeada / w / ocorre em ataque silábico, em variação livre com o alofone lábio-dental [v], e em coda silábica como [w].¹³

Os segmentos contínuos: / w / e / r /, por possuírem o traço [+ sonorantes], são alvos do espalhamento de nasalidade em Kaiowá, já os segmentos contínuos: / s /, / ʃ / e / h /, com traço [- sonorantes], assim como os fonemas oclusivos orais, são transparentes a este processo de espalhamento.

¹³ A aproximante bilabial nasal ou nasalizada [w̃], em posição específica de coda silábica, não foi identificada nos dados com os quais trabalhamos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Neste estudo, levamos em conta diferentes processos fonológicos do Kaiowá (Guarani) e discutimos o funcionamento de seu sistema, o que nos possibilitou apresentar um inventário fonológico composto por quinze segmentos consonantais e doze vocálicos.

Dentre os fonemas consonantais propomos cinco obstruintes, que se opõem aos outros cinco fonemas sonorantes, além de outros cinco fonemas contínuos. Estas consoantes foram descritas do seguinte modo: os fonemas oclusivos, com os traços [- contínuo] e [- nasal], os fonemas sonorantes, com traços [- contínuo] e [+ nasal] e, por fim, os fonemas contínuos, com traços [+ contínuo] e [- nasal].

De tal modo, propomos que o funcionamento do sistema fonológico consonantal do Kaiowá consista, principalmente, na oposição *obstruintes orais* vs. *sonorantes nasais*. Quanto aos fonemas contínuos, esses se opõem aos demais por possuírem o *traço [+ contínuo]*.

Quanto ao inventário fonológico vocálico, apresentamos seis vogais que possuem traços [+ nasal], em oposição às respectivas vogais com traços [- nasal]. Assim sendo, a oposição principal entre as vogais é *oral* vs. *nasal*.

Em “Sistematização da Fonologia Kaiowá: nasalização e/ou oralização”, buscamos tratar a fonologia Kaiowá (Guarani) levando em conta o modelo de análise proposto por Storto (1999), no qual, os processos de nasalidade e de oralidade estão associados ao traço binário [± nasal], característico dos segmentos vocálicos [- consonantal].

Em suma, o processo da nasalização dá-se por meio de espalhamento do traço [+ nasal] à esquerda e o processo de oralização, por meio de espalhamento do traço [- nasal] à direita. Se ambos processos incidirem em uma mesma palavra, tais processos são interpretados segundo o critério de ordenação de regras.

Por fim, buscamos, através da interpretação e análise do fenômeno de nasalização, propor uma sistematização da fonologia dos dados Kaiowá. Contudo, estamos conscientes que esta análise é uma tentativa de sistematização, e que ainda necessita ser melhor trabalhada em estudos subseqüentes

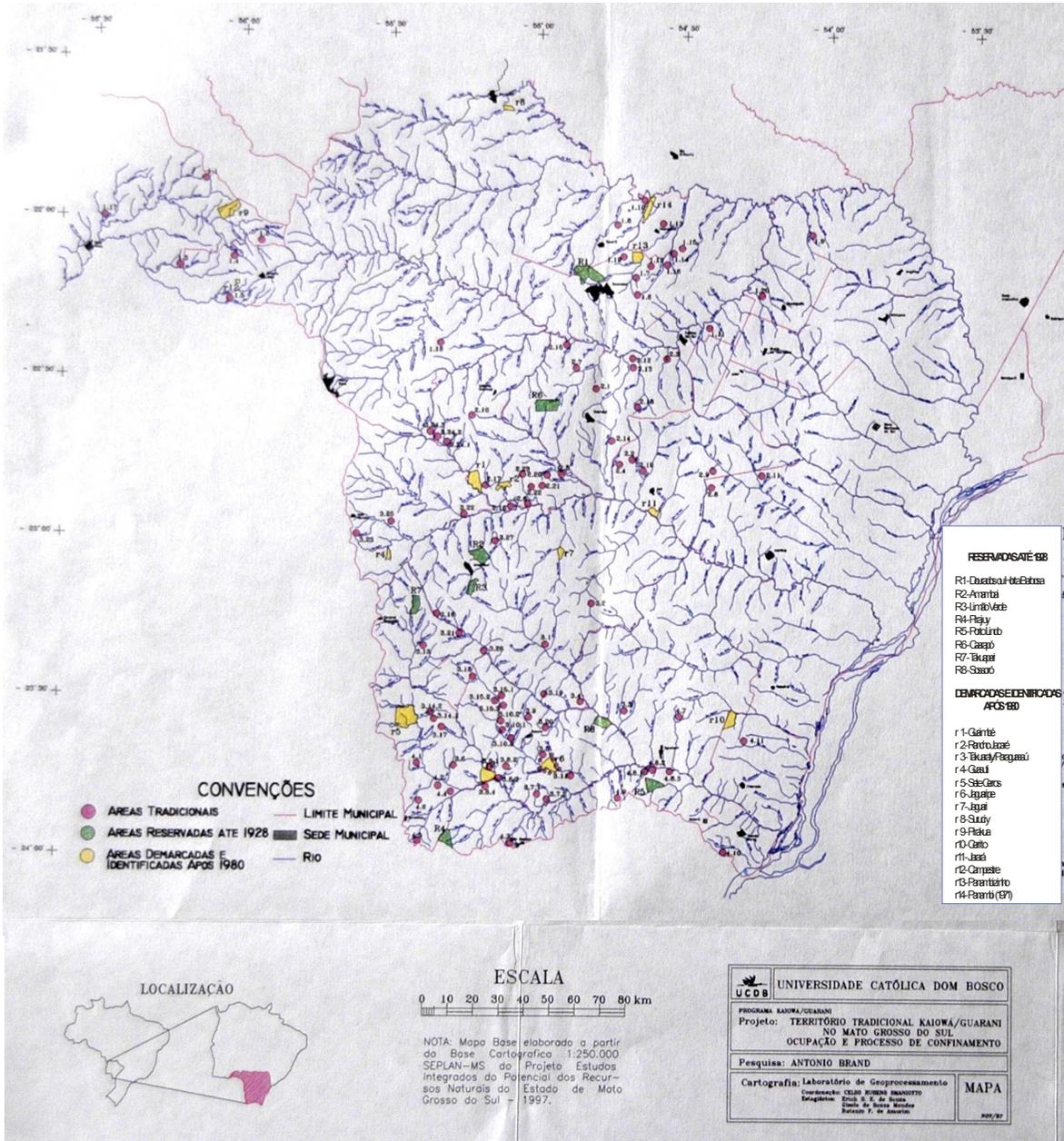
REFERÊNCIAS

- ABAURRE, B. e L. WETZELS (1992). Sobre a Estrutura da Gramática Fonológica. **Caderno de Estudos Lingüísticos** (23): 5-18. Campinas - SP.
- BARRATT, L. (1980). Pré-nasalized stops in Guaraní- where the autosegment fails. In: **Linguistic Analysis**, vol. 7, nº 2. pp. 187-202.
- BRIDGEMAN, L. I. (1960). **A note on stress in Kaiwá**. Arquivo Linguístico nº 225. Brasília-DF: Summer Institute of Linguistic.
- _____. (1961). **Kaiwa (Guarani) phonology**. International Journal of American Linguistics, 27:329-334.
- _____. (1981). **O parágrafo na fala dos Kaiwá-Guarani**. Brasília-DF: Summer Institute of Linguistics.
- CHOMSKY, N. e M. HALLE (1968). **The sound pattern of English**. N. Y.: Harper & Row.
- COSTA, C. P. G. (2003a). **Nhandewa Aywu**. Dissertação de mestrado- Universidade Estadual de Campinas, SP.
- _____. (2003b). Fonologia do Nhandewa-Guarani Paulista-Paranaense. **Revista Liames 3**: Editora da Unicamp.
- DOOLEY, R. A. (1984). Nasalização na Língua Guaraní. In: **Estudos sobre línguas tupi do Brasil**. (org) DOOLEY, R. A. Brasília-DF: Summer Institute of Linguistic. p. 7-35.
- FUNAI (2007). Disponível em: <<http://www.funai.gov.br/>>. Acesso em 15 out. 2007.
- GOLDSMITH, J. (1976). **Autosegmental Phonology**. Doctoral Dissertation, MIT.
- GUEDES, M. (1991). **Subsídios para uma análise fonológica do Mbyá**. Campinas, SP: Editora da Unicamp.
- GUASCH, A. S. J. e D. S. J. ORTIZ (1991). **Diccionario castellano-guarani guarani-castellano: sintáctico-fraseológico-ideológico**. Assunção: Litocolor.
- GUASCH, A. S. J. (1996). **El idioma guarani: gramática y antología de prosa y verso**. Assunção: CEPAG.
- HARRISON, C. H. e J. M. TAYLOR (1971). **Nasalization in Kaiwá**. In: D. Bendor-Samuel (ed.) *Tupi Studies* 1, 15-20. University of Oklahoma, Norman.

- _____ (1958). **Kaiwá phonemes and syllable structure**.
Summer Institute of Linguistics.
- KIPARSKY, P. (1985). Some consequences of lexical phonology. **Phonology Yearbook**.
2. p. 85-138.
- MARTINS, M. F. (2003). **Descrição e análise de aspectos da gramática do Guarani Mbyá**. Campinas, Tese de Doutorado - UNICAMP.
- MELIÁ, B. **La lengua Guaraní del Paraguay**. Madrid: Editorial Mapfre, 1992.
- _____. **El Guaraní a su alcance**. Asuncion, Ediciones Loyola; 1981.
- ORTIZ, D. (1994). **Hablemos el guarani**. Vol. 1-3, Assunção, CEPAG.
- PIGGOTT, G. L. (1992). **Variability in feature dependency: the case of nasality**. *Natural Language and Linguistic Theory*, 10:33-77.
- _____ (1996). Implications of consonant nasalization for a Theory of
Harmony. **Canadian Journal of Linguistics** 2:141-74.
- RODRIGUES, A. D. (1980). **Nasalização e fronteira de palavra em Maxakalí**.
(manuscrito).
- _____ (1994). **Línguas brasileiras: para o conhecimento das línguas
indígenas**. São Paulo: Loyola.
- STORTO, L. R. (1999). **Aspects of a Karitiana Grammar**. Doctoral Dissertation, MIT.
- WALKER, R. L. (1989). **Nasalization, Neutral Segments, and Opacity Effects**. Doctoral
Dissertation, University of California – Santa Cruz.

ANEXOS

Anexo A: LOCALIZAÇÃO DAS ÁREAS KAIOWÁ/GUARANI NO MS (BRAND, 1989, p.49)



Edição de imagem: Wéilton Cardoso

ÁREAS KAIOWÁ/GUARANI

TRADICIONAIS DESTRUÍDAS



REGIÃO 01 - Dourados/Panambi/Pirakua Cerro Marangatu e Lima Campo

1. 1 - Bakaiuva
1. 2 - Kokuel
1. 3 - Cabeceira Comprida
1. 4 - Suvirando
1. 5 - Cerro Marangatu
1. 6 - Guapuku (CAN - Col. Agric. De Dourados)
1. 7 - Jatei Kue ou Yasori (CAN)
1. 8 - Juiu/Barrero/Picadinha (CAN)
1. 9 - Piraveve/Kabareta (CAN)
- 1.10 - Ponte do Segredo ou Itako'a (CAN)
- 1.11 - Porto Juty ou Karaja Kokue (CAN)
- 1.12 - Syvirandoty (CAN)
- 1.13 - Toro Pire (CAN)
- 1.14 - Tujukua, Iguasu (CAN)
- 1.15 - 15 de Agosto (CAN)
- 1.16 - Guavira'y (CAN)
- 1.17 - Machorra ou Chorro (CAN)
- 1.18 - Lima Campo
- 1.19 - Karupaity, ypehu, Barro Preto (CAN)
- 1.20 - Potrero Guasu

REGIÃO 02 - Caarapó/Juti/Rancho Jacaré

2. 1 - Ava Tovilho
2. 2 - Buena Vista
2. 3 - Karaku
2. 4 - Che Ru Pai Kue
2. 5 - Aldeia São Pedro
2. 6 - Gua'a'y
2. 7 - Guajave'y
2. 8 - Javeryry (São Lucas)
2. 9 - Kurupi
- 2.10 - Javorái, Ibikui e Campo Seco
- 2.11 - Kurupa'y Voka
- 2.12 - Lagoa de Ouro
- 2.13 - Lucero ou Po'ikue
- 2.14 - Nopuku
- 2.15 - Porto Desseado
- 2.16 - Rancho Lima
- 2.17 - Santa Cruz ou Quinino Kue
- 2.18 - Ypitá
- 2.19 - Takuára
- 2.20 - Yvype
- 2.21 - Ka'aka'kue
- 2.22 - Km 20
- 2.23 - Barrero Guasu ou Piroka

REGIÃO 03 - Samakuã/Sete Cerros/Sossoro/ Jaguaripe/Paraguassu e Amambai

3. 1 - Jety'a'i e Mboiveve
3. 2 - Mbaraka'y
3. 3 - Pueblito Kue/Y. Sau
3. 4 - Kamba rembe ou Yvyhukue
3. 5 - Arivado Guasu, Yun, Yrykuty, Ykue'l, Vakaremi, Avate'ermi Nopoi, Kabesera, Jovari, Ka'aguakue, Itajeguaba (Jaquaribe)
3. 6 - Arroio Cora
3. 7.1- Botelha'i
3. 7.2- Botelha Guasu
3. 8.1- Itapoã
3. 8.2- Takuaremboi'y
3. 8.3- Kapi'irapo
3. 8.4- Mitikue
3. 9 - Jopara
- 3.10.1- Tangara'y
- 3.10.3- Karaguata'y
- 3.10.3- Kururu'y
3. 11 - Takuru memby
3. 12 - Valiente Kue (ñ. Loc.)
3. 13 - Cerro Peron
- 3.14.1- Karaja Yvy
- 3.14.2- Canta Galo
- 3.15.1- Laguna Vera
- 3.15.2- Mboreguari
- 3.15.3- Mbarakaya
3. 16 - Mbarigui
3. 17 - Lucero
3. 18 - Samakuã
3. 19 - Três Barras
3. 20 - Jepopete
3. 21 - Kurusu Amba
3. 22 - Ouro Verde
3. 23 - Ka'ipuka
3. 24 - Tatara
- 3.24.2- Xahã
- 3.24.3- Jukeri
3. 25 - Tujurugua
3. 26 - Ka'ajavi
3. 27 - Mbarakaja Para

REGIÃO 04 - Aldeias Guarani

4. 1 - Ypo'i e Triunfo
4. 2 - Espadin
4. 3 - Garcete kue
4. 4 - Potrerito
4. 5 - Potrero Guasu
4. 6 - Tapesu'aty (abelha)
4. 7 - Mbokaja
- 4.8.1- Alpé e Laranjaty
- 4.8.2- Potreirito
- 4.8.3- Arroyo'i
4. 9 - Sombrerito
- 4.10- Vito'ikue
- 4.11- Laguna Peru

Anexo B:

TEXTO KAIOWÁ

Texto: **Mitã kupã ha paŋwarete** - “a Menima (moça) e a Onça”

Narradora (INF.): Floriza de Souza Filho (*Nhãndesy*)

Documentadora (DOC.): Valéria Faria Cardoso

[aĩ ave oĩ ha?e: mitã kũpã oŋẽmõndĩ ?a wa?ekwε]

aĩ ave o-ĩ ha?e: mitã kupã o-ŋẽ -mõndĩ ?a wa?e-kwe
agora também 3º-ter ela criança fem 3º-refl. -formar Non-pass.
“atualmete, (tem) a menina que se forma (menstrua)”

[ndaikatuirĩ õsẽ osẽ nẽ]

na-i -kату -i -rĩ õ-sẽ o-sẽ reŋ
neg-3ª.- poder-neg -neg 3º-sair 3ª-sair – à toa
“não pode sair, sair à toa”

[odʒepota wa?erã rese kwεrĩ pitũmõrĩ]

o- ŋe-pota wa?e-rã rese kwεrĩ pitũmõrĩ
3º-refl-encontrar Nom-fut. Posp pl. espírito da noite
“que se encanará nela o espírito da noite (meia noite)”

[upe rupi ha?e kwεra ou ho?a heũ?ãũ?ã he?i mõ?ã]

upe rupi ha?e kwεra o-u h-o?a h-eõ?ãõ?ã h-e?i mõ?ã
isso Posp ela pl. 3ª-vir 3ª./rel-cair 3ª./rel-acesso 3ª./rel-diz fut rem
“por isso, elas vem e caem em acesso (desmaiam), (eles) dirão”

[upeva?e aĩ niko nẽ meɖziko dokurai bo?e ŋupe kwεra]

upe wa?e aĩ nĩko nẽ meɖziko n-o -kura-i mo?e i-ŋupe kwεra
isso-Nom agora dúvida nem médico neg-3ª.-curar-neg ? 3ª.-Acus pl
“que isso, agora (nem) o médico não cura elas”

[dzagwarete orɨ dzagwarete orɨ]

naŋwarete orɨ naŋwarete orɨ

onça dono onça dono

“o dono da onça, dono da onça”

[ko iwɨra roŋwe gwɨpɨ]

ko iwɨra r-onŋwe ŋwɨ-pɨ

esta árvore rel-folha Posp-Posp

“em baixo desta folha de árvore”

[ētāw dzagwarete upevaʔe odzɛpotata ɨtēi pe mitā kuŋā]

ētāw naŋwarete upe waʔe o- nepota -ta itēɨ pe mītā kuŋā

então onça isso Nom 3°-refl- encarnar-Fut e tem aquela criança fem

“Então, que a onça vai encarnar-se naquelas meninas (moças)”

[oŋēmōndɨʔa waʔe kwɛrɨ nāipōrāi]

o -ŋe -mōndɨʔa waʔe kwɛrɨ na -i -porā-i

3° -refl. -forma Nom pl. neg-3^a.=bom-neg

“que se formam (menstruam), não é bom.”

[āɨ rupi ramō odzɛpota ramō mitā kuŋā kwɛrɨ rehe]

aɨ: rupi ramō o- ŋe -pota ramō mītā kuŋā kwɛrɨ rehe

agora Posp Subj 3°-refl.-encarnar Subj criança fem pl. Posp

“de hoje em diante, se encarnar nas meninas (moças)”

[mītā kūjmbaʔe iporā arā odzɛkwaa iʃupe kwɛrɨ]

mītā kuŋmaʔe i -porā arā o-ŋe-kwaa i -ʃupe kwɛrɨ

criança masc 3^a.=bonito Fut hip 3^a-refl.-manifestar 3^a.=Posp pl

“e se manifestam como moço bonito para elas”

[ha mĩtã kupã upeva?εre ohoi ipotĩ ipodzai mō?ã]

ha mĩtã kupã upe wa?e-re o -hoi i -potĩ: i -pojai-mō?ã

e criança fem. isso Nom-? 3^a-vai 3^a.-gostar 3^a.-engana – Fut rem

“e isso que as meninas irão gostar, irá enganá-las”

[ε kũ dzagwarete *que fica namorada do dzagwraεte*]

é com ñawwarete que fica namorada do ñawwarete

é com onça que fica namorada da onça

“É com onça que ela fica namorada - da onça”

INF.: aquela as moças ... aparece pra gente é muito bonito bonito demais

INF.: aquele lá ... as moça vai namora, ele num presta

DOC: ela não tem que ficar fechada?

INF: não

DOC: dias

INF.: quando?

DOC: depois de formar

INF.: é quando menina se forma né tem que deixa, e para nós tem que...

[ohedza okĩpĩpĩ okĩpĩpĩ]

o -h-εna o- kĩpĩ pĩ o -kĩpĩ pĩ

3^o-rel. deixar refl-quarto Loc refl-quarto Loc

“deixa no seu próprio quarto, no seu próprio quarto”

INF.: tem que fechar num quarto e deixar ali

[ãĩ upe ha?e ko tĩpĩ oĩ dzave daikatui ho?u so?o]

ãĩ upe ha?e ko t-ĩpĩ o-ĩ ñawe na -i -katu -i h- o?u so?o

agora isso cop este rel-quarto 3^a.-ter quando neg-3^a.-poder-neg 3^a./rel-comer carne

“agora, quando ela está no quarto, não pode comer carne”

[soʔo daikatui.r̥ɛ̃]

soʔo na -i -katu -i -r̥ɛ̃

carne neg- 3^a.-poder-neg-neg

“carne não pode não”

[haʔe ʔɪnãndɛ̃ ʔɪnãndɛ̃ ʔɪnãndɛ̃]

haʔe ʔɪnãndɛ̃ ʔɪnãndɛ̃ ʔɪnãndɛ̃

ela 3^a-óleo 3^a-óleo 3^o-óleo

“ela é óleo, é óleo, é óleo”

INF.: *é óleo né ... banha*

[haʔe ʔɪnãndɛ̃ ɔĩ ɔĩ haʔe ʔɪnãndɛ̃ gwi]

haʔe ʔɪnãndɛ̃ ɔĩ ɔĩ haʔe ʔɪnãndɛ̃ ŋwi

ela 3^a-óleo 3^o-ter 3^a-ter ela 3^a-óleo Posp

“ela é óleo, ela tem de óleo”

[upe nakatui toʔu mĩtã kuɲã]

upe na-katu-i t-oʔu mĩtã kuɲã

isso-1^a.sg-poder rel.comer criança fem.

“isso, a menina não pode comer”

[dodʒapoi vaʔe.rã aĩ pe mĩtã kuɲã ɲẽmõndɛ̃?a kwɛni]

n- o -ɲapo -i vaʔe.rã aĩ pe mĩtã kuɲã ɲẽ-mõndɛ̃?a kwe-ni

neg-3^a.-fazer-neg Nom-Fut agora aquela criança fem. refl. formar pass-?

“que não farão (bem), agora aquelas meninas (que) se formaram”

INF.: *pra nois ɲemõndɛ̃?a ni-foɾmá, pre .. primeru*

[ɔɲẽmõndɛ̃?a reheve]

o -ɲẽ -mõndɛ̃?a rehewe

3^o-refl.-formar Posp

“por se formar”

INF.: *ai vem segunda, ai...*

[ehedza katu bohapɛ̃ dia nēmēmbɛ̃]

e -h -ɛpa katu mohapɛ̃ dia ne-mēmɛ̃
 imp-rel –deixa Ptc três dia sua-filha
 “pode deixar sua filha três dias”

INF.: *três dias, deixa lá*

[upeɪ ɔsēw̃ɛ̃ mĩtã kuɲã ɲĩmõndeʔakwe]

upeɪ o -sē ɲw̃ɛ̃ mĩtã kuɲã ɲẽ-mõneʔa kwe
 depois 3º-sair Posp criança fem. refl.-formar pass
 “depois de sair, formadas”

INF.: *tira pouquinho*

[oikɛ̃fɪ arã hiʔãw̃ɛ̃ ha ha koʔapɛ̃ mĩʃĩmĩ ɔĩkɛ̃fɪ]

o -i -kɛ̃fɪ arã h-iʔãw̃ɛ̃ ha ha koʔa-pɛ̃ mĩʃĩ -mĩ o -i -kɛ̃fɪ
 3ª-dir-cortar fut hip 3ª./rel-cabelo e e... este-em pequeno-dim 3º-dir-cortar
 “cortará o cabelo delas e aqui (na frente) corta pouquíssimo”

[upevaʔe aɛ katu ʃupe doikoi arã mbaʔɛve]

upe waʔe haʔe katu i-ʃupe n -o -iko -i arã maʔe we
 isso Nom ela Ptc 3ª.-Posp neg-3º-ter- neg fut hip coisa Posp
 “isso que ela pode, não acontecerá coisa (alguma) com ela”

[upevaʔe ore kwɛrɛ̃pe ãĩ gwa opama]

upe waʔe ore kwɛrɛ̃pe ãĩ -ɲwa o-pa mã
 isso Nom nós (excl) pl Posp agora-? 3º-acabar Asp

“isso que, hoje em dia, em nós já acabou”

[orehegwi oĩva]

ore heḡwi o -ĩ -wa

1^a.pl(excl) Posp 3^o-ter Nom

“que tinha entre nós”

[oḡmōmbeʔuvēimã orewĩ]

o-ḡo -mōmeʔu -we-i mã ore ḡwĩ

3^a.rec-contar/narrar-ʔ -neg Asp 1^a.pl(excl) Posp

“já conta uns para os outros, de nós”

[ha upe rūpi oikwaasē rãmō *aluno* kwεrĩ]

ha upe rūpi o -i -kwaa -se rãmō aluno kwεrĩ

e isso Posp 3^o-dir-saber -desid Subj aluno pl.

“e por isso, os alunos querem saber”

[ĩpõrã ave haʔekwεrĩ ou oikwaa orehegwi upe]

i-porã ave haʔekwεrĩ o-u o -i -kwaa ore heḡwĩ upe

3^a-bom Ptc ele pl 3^o-vir 3^o-dir-saber 1^a.pl(excl) Posp isso

“E bom também eles vir a saber de nós isso”

Anexo C:

FOTOS KAIOWÁ



Foto 1: Casa do Programa Kaiowá/Guarani (Caarapó-MS) (por Valéria Faria Cardoso, 1998)



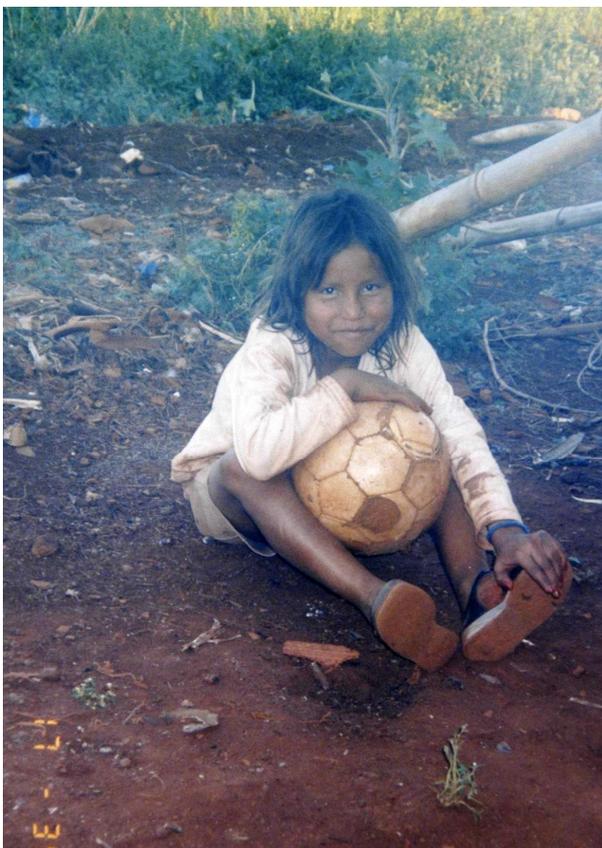
Foto 2: Casas da Reserva de Caarapó (por Valéria Faria Cardoso, 1998)

Aldeia Jaguapiru (Dourados-MS)



Fotos 3 e 4: Família de D.Floriza (Nhãndesy- acima e em pé) (por Valéria Faria Cardoso, 2006)





Fotos 5 e 6: Crianças da Aldeia Jaguapiru (por Valéria Faria Cardoso, 2006)





Foto 7: D. Floriza (Nhãndesy) em frente à ‘cabana grande’ [tapɛ̃ ʔi gwasu] (por Valéria Faria Cardoso, 2006)



Foto 8: Filhas e netas de D. Floriza, com Sofia e João Vitor (por Valéria Faria Cardoso, 2006)



Foto 9: D. Floriza (Nhãndesy) e seu Hélio (Nhãnderu), Luana (filha do casal), eu e meus filhos: Sofia e João Vitor, no interior da ‘cabana grande’ (foto de: Valéria Faria Cardoso, 2006).



Foto 10: Nhãndesy e Nhañderu, com Valeria na ‘cabana grande’ (por: Sofia Cardoso Göergen)

Aldeia Bororó (Dourados-MS)



Foto 11: Ernesto Ortiz, professor da Escola 'Ava Porã' (por Valéria Faria Cardoso, 2005)

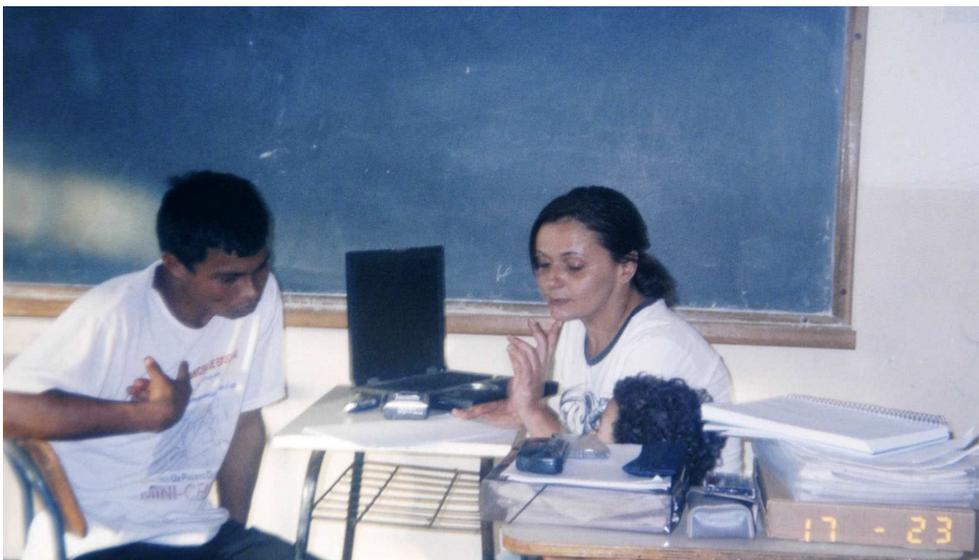


Foto 12: Ernesto, com Valéria (foto de Valéria Faria Cardoso, 2005)



Foto 13: Ernesto Ortiz e Família (por Valéria Faria Cardoso, 2006)



Foto 14: Aniversário de Douglas e Débora, filho e irmã do Ernesto (por Valéria Faria Cardoso, 2006)

Aldeia Amambai (Amambai-MS)



Foto 15: Membros da Aldeia Amambai (MS) (foto de Valéria Faria Cardoso, 2005)



Fotos 16 e 17: À direita índio Kaiowá segurando um quati e, à esquerda, Elda Aquino da Aldeia de Amabai (por Valéria Faria Cardoso, 2005).

Aldeia Caarapó (Caarapó-MS)



Foto 18: Eliel Benites e Alécio Martins, na escola 'Nhandejara' (por Valéria Faria Cardoso, 1998)

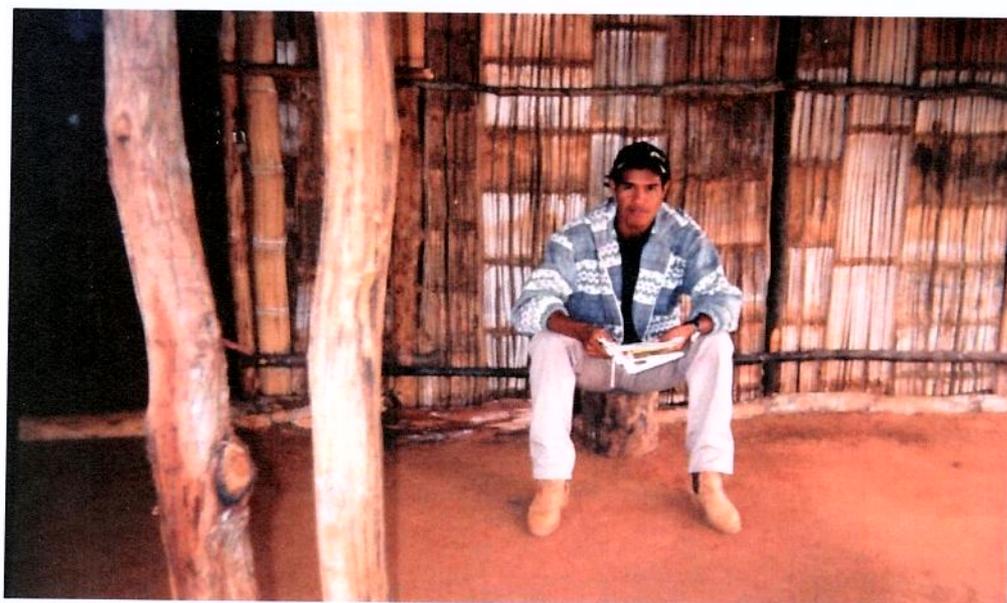


Foto 19: Rogério Mota, professor na Reserva de Caarapó (por Valéria Faria Cardoso, 2000).